

UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO

MARCELO ALVES DOS SANTOS JUNIOR

**VAI PRA CUBA!!!
A REDE ANTIPETISTA NA ELEIÇÃO DE 2014**

Niterói

2016

MARCELO ALVES DOS SANTOS JUNIOR

**VAI PRA CUBA!!!
A REDE ANTIPETISTA NA ELEIÇÃO DE 2014**

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação Comunicação da Universidade Federal Fluminense como parte dos requisitos para a obtenção do título de Mestre em Comunicação.

ORIENTADOR: Prof. Dr. Afonso de Albuquerque

Niterói

2016

S237 Santos Junior, Marcelo Alves dos.

Vai pra Cuba!!! A Rede Antipetista na eleição de 2014 /
Marcelo Alves dos Santos Junior. – 2016.

197 f. ; il.

Orientador: Afonso de Albuquerque.

Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Universidade Federal Fluminense, Instituto de Arte e Comunicação Social, 2016.

Bibliografia: f. 168-181.

1. Comunicação. 2. Política. 3. Eleição. 4. Partido dos Trabalhadores (Brasil). 5. Direita (Ciência política). 5. Facebook (Recurso eletrônico).
I. Albuquerque, Afonso de. II. Universidade Federal Fluminense. Instituto de Arte e Comunicação Social. III. Título.

MARCELO ALVES DOS SANTOS JUNIOR

VAI PRA CUBA!!!
A REDE ANTIPETISTA NA ELEIÇÃO DE 2014

Esta dissertação foi julgada adequada para a obtenção do título de Mestre em Comunicação e aprovada em sua forma final pelo Orientador e pela Banca Examinadora.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Afonso de Albuquerque - Orientador
Universidade Federal Fluminense (UFF)

Prof. Dr. Marco Roxo
Universidade Federal Fluminense (UFF)

Prof. Dr. Diógenes Lycarião
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Prof. Dr. Fábio Vasconcellos
Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ)

Niterói, Fevereiro de 2016.

DEDICATÓRIA

À Alessandra Vanessa Miranda

AGRADECIMENTOS

A lista de agradecimentos é muito especial. Em primeiro lugar, gostaria de enfatizar o imenso apreço pelo meu orientador, Afonso Albuquerque. Quando cheguei na UFF, estava procurando um novo desafio e encontrei uma pessoa obstinada, perfeccionista e engajada para me guiar. Nunca vou me esquecer das conversas que entravam a madrugada sobre argumentos e leituras. Uma delas, em especial, por volta de 04 horas da manhã do dia 27 de outubro de 2014, quando avaliávamos, ainda na euforia, os resultados da eleição e escrevíamos um abstract para *paper* a ser apresentado em Washington. O brilhantismo de Afonso e paixão pelo trabalho foram essenciais para a elaboração deste texto. Devo ressaltar o financiamento da pesquisa via bolsa de mestrado do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), também de suma importância para custear estadia, viagens, livros e cursos.

O Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal Fluminense (PPGCOM/UFF), certamente, está no meu coração. Tenho muito orgulho de dizer que passei por uma instituição de pesquisa tão qualificada. Estendo os cumprimentos a todos os professores que contribuíram com discussões e ideias, em especial, Bia Polivanov (a quem devo parte da reformulação do projeto de pesquisa) e Marco Roxo (pelas instigantes conversas e sugestões na qualificação). Minha participação no Laboratório de Mídia e Democracia (Lamide) também trouxe colaborações muito importantes para a dissertação. O convívio de intenso aprendizado com Diógenes Lycarião durante seu estágio de pós-doutorado na UFF, foi decisivo para grande parte das análises aqui desenvolvidas. Em Diógenes, encontrei um amigo de grande perspicácia e comprometimento com o engrandecimento da ciência brasileira. Foi um prazer ter dividido uma disciplina, assistido às suas aulas e participado das reuniões do Lamide com ele. Hoje, é um grande exemplo pessoal e profissional para minha carreira acadêmica. Beerstatistics for the win!

Há uma imensa lista de amigos que devem ser lembrados aqui. Da minha saudosa São João del-Rei, agradeço alguns irmãos que fiz pelo caminho. Da Old School: Marcelo Bambirra, Rodrigo Afonso Nogueira Santos, Samuel Araújo e Victor Ximpaz; da Diretoria: André Azevedo, André Salmerón, Carol Gouvêa, Daniel Gouvêa, Fabiano Porto, João Eurico, Leo Rigotto, Marina Vieira, Pedro Carozzi, Régis Melo, Thiago Morandi e Thiago Longatti; da República Pinga NiMIM: Marcelo Augusto (grande popozão!), Fernando Chaves (bruto de coração mole!), Bruno Santos, Denílson Daher, Bruno Amante, Tuffy Resgalla, João Paulo e

todos os calouros do mióh lugar do mundo! Sério, vocês me ouviram falar deste texto em muitas conversas madrugadas a dentro. De um jeito muito especial, cada um deu sua contribuição! Um grande abraço, também para todos os professores e amigos da UFSJ, sobretudo o mestre, Luiz Ademir, que despertou meu interesse pela pesquisa e me incentivou muito desde cedo. Em Niterói, encontrei pessoas especiais que dividiram muitas das angústias da dissertação. A Divisão de Mídias Sociais da UFF se tornou uma segunda casa, onde pude aprender muito. Agradeço demais à Maria Teresa pelas conversas, conselhos e ensinamentos. Além dos amigos, Melina Meimaridis, Eleonora Magalhães, Juliana Gagliardi, Krystal Cortez, Fabro Steibel, Milena Pereira e Thaianne Oliveira.

Last, but not least, um grande beijo a todos da minha família!

RESUMO

Nesta dissertação, demonstramos que o antipetismo surge em meio a diversos processos sociopolíticos que se entrelaçam e que ganham formato e substância peculiares de acordo com os acontecimentos políticos contemporâneos. A abordagem proposta evidencia as relações entre aspectos institucionais do sistema político, características atitudinais e recursos comunicativos nas mídias sociais. Argumentamos que o antipetismo não se limita à negação do PT ou o voto útil no adversário. A oposição hostil ao partido é o fator que catalisa uma diversa gama de discursos políticos de modo heterogêneo e não linear. Assim, defendemos a hipótese de que o antipetismo nas mídias sociais em 2014 tem uma característica fundamental que chamamos de assimetria histórica, que produz alguns pontos cegos quanto à análise da imagem do partido e da própria política brasileira. Para lançar luz sobre o pano de fundo que compõe a Rede Antipetista, oferecemos uma chave de leitura que enfatiza três pontos referenciais antagônicos: o antipartidarismo, o antiesquerdismo e o antiestablishment. O gatilho da tríade do antipetismo é o clima de ansiedade da população, provocado pela queda na avaliação retrospectiva do governo federal, situando um cenário de crise econômica e de escândalos de corrupção. As chaves de leitura elaboradas são essenciais para a compreensão de fenômenos recentes e de grande complexidade da comunicação política, além de parte da conjuntura da política nacional, como o papel da oposição e os protestos pelo impeachment da presidente, Dilma Rousseff. Discutiremos os principais resultados e elaboraremos problematizações sobre os desafios suscitados para pesquisas posteriores.

Palavras-chaves: Comunicação Política. Eleição. Antipetismo. Direita. Facebook.

ABSTRACT

This master's dissertation sheds light on the affordances of antipetism amongst several intertwined sociopolitical processes shaped in its form and content by contemporary political events. The purposed approach emphasizes the relationships among institutional aspects of the Brazilian political system, attitudinal citizen's characteristics and communicative patterns on social media. We argue the antipetism goes beyond the rejection of PT; or the tactical/protest voting. The hostile opposition against the party is the catalyzer of heterogeneous political discourses that perform different roles. In order to understand that, we defend the hypotheses that the social media antipetism in 2014 has a fundamental characteristic, i.e. the historical asymmetry, which conveys an array of blind spots regarding the analysis of the party or the domestic and international political events. To further the academic comprehension of such a complex phenomenon, we provide a multidimensional analytic perspective with three references: anti-partyism, anti-leftyism, and antiestablishment. The hereby-called antipetism tryad is activated by the anxiety climate widespread in the population, provoked by the plummeting of the federal government performance ratings, the economic crises and the corruption scandals at the public administration. The elaborated theoretical framework is essential to understanding recent phenomena of the political communication, the domestic political conjuncture and the role performed by the opposition and the demonstrations for the impeachment of president. Rousseff. We discuss the main results and provide challenges for further research.

Keywords: Political Communication. Elections. Antipetism. Right. Facebook

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 Curtidas totais TV Revolta X Aécio Neves	30
Figura 2 Curtidas por dia Aécio Neves X TV Revolta.....	31
Figura 3 Rede da TV Revolta em segundo grau.....	33
Figura 4 Cartografia da Rede Antipetista no Facebook	36
Figura 5 Top 10 páginas da Rede Antipetista	38
Figura 6 Localização dos Clusters da Rede Antipetista	41
Figura 7 Cluster Miscelânea de Direita	42
Figura 8 Cluster Anticomunista.....	43
Figura 9 Cluster Anticorrupção	45
Figura 10 Cluster Institucional	46
Figura 11 Cluster Intervencionista	48
Figura 12 Cluster Trolls.....	49
Figura 13 Cluster Não-Institucional (branco) vs. Cluster Institucional (preto).....	50
Figura 14 Identidade partidária no Brasil entre 2002 e 2010	86
Figura 15 Esquema de Schedler (1996) dos modelos de oposição partidária	102
Figura 16 Felipe Moura Brasil com faixa Olavo tem Razão em protesto por impeachment no Rio de Janeiro em 15 de março de 2015	114
Figura 17 Olavo de Carvalho e Beatriz Kicis do Revoltados Online	129
Figura 18 Capa e descrição da página Canal da Direita	131
Figura 19 Postagem Canal da Direita	132
Figura 20 Postagem do Revoltados Online	134
Figura 21 Capa e descrição da página Bolsonaro Zuero	136
Figura 22 Assédio contra Jean Wyllys, página Movimento Brasil Consciente; e culto a Jair Bolsonaro, página Fora PT	137
Figura 23 Variação de Curtidas	140
Figura 24 João Revolta, reprodução Youtube	141
Figura 25 Rede de Compartilhamentos	142
Figura 26 Rede de Links.....	144
Figura 27 Rede de Hashtags	145
Figura 28 Montagens contra o PT na Rede Antipetista.....	147
Figura 29 Olavo de Carvalho – Ilegalidade do PT	148
Figura 30 Postagens de Olavo de Carvalho.....	152
Figura 31 Montagens antiestablishment na Rede Antipetista	153
Figura 32 Postagem Revoltados Online	154
Figura 33 Postagem do Movimento Brasil Consciente sobre a fraude eleitoral	156
Figura 34 Postagens Fraude nas Urnas e Pesquisas	157
Figura 35 Canal da Direita denuncia fraude eleitoral.....	158
Figura 36 Organização de Combate à Corrupção e Olavo sobre o PSDB	160
Figura 37 FHC na Rede Antipetista	161
Figura 38 Rede Antipetista.....	199

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 Top 10 Métricas Quantitativas.....37
Tabela 2 Top 10 Grau de Entrada.....37

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	13
CAPÍTULO I FORA PT! MAPEAMENTO DA REDE ANTIPETISTA	20
1.1 COMUNICAÇÃO POLÍTICA CONTEMPORÂNEA: CONVIVÊNCIA ENTRE MEIOS TRADICIONAIS E DIGITAIS	20
1.2 CAMPANHA NAS MÍDIAS SOCIAIS: DO INSTITUCIONAL AO CONTEÚDO GERADO POR USUÁRIO	22
1.3 A REDE ANTIPETISTA: FORMAÇÃO, CARTOGRAFIA E AGENTES	26
<i>1.3.1 ANTIPETISMO NA INTERNET E A FORMAÇÃO DA REDE ANTIPETISTA</i>	28
<i>1.3.2 MAPEANDO O ANTIPETISMO NO FACEBOOK</i>	31
<i>1.3.3 CLUSTERS DO ANTIPETISMO: SUBGRUPOS E CONTROVÉRSIAS</i>	39
1.4 DISCUSSÃO: GUERRILHA ANTIPETISTA NA CAMPANHA DE 2014	51
1.5 APONTAMENTOS	57
CAPÍTULO II DE PARTIDO ANTISSISTEMA A PRESIDÊNCIA: A TRAJETÓRIA DO PT E A EVOLUÇÃO DO ANTIPETISMO	59
2.1 RESTRINGINDO O CAMINHO – A REDEMOCRATIZAÇÃO BRASILEIRA E O PT COMO PARTIDO DE OPOSIÇÃO	62
2.2 O DESENVOLVIMENTO DO PETISMO – MODERAÇÃO IDEOLÓGICA E PRESERVAÇÃO ORGANIZACIONAL	66
2.3 O PREÇO DO PODER NA ERA LULA – PROSPERIDADE ECONÔMICA, ESCÂNDALOS E AFASTAMENTO DA BASE	70
2.4 PREPARANDO TERRENO – AS ELEIÇÕES DE 2010, MANIFESTAÇÕES DE JUNHO E O MANDATO DE DILMA ROUSSEFF	74
2.5 APONTAMENTOS	79
CAPÍTULO III A TRÍADE DO ANTIPETISMO: ANTIPARTIDO, ANTIESQUERDA E ANTIESTABLISHMENT	82
3.1 “MANDAR O PT PARA O QUINTO DOS INFERNOS”: REFERÊNCIA PARTIDÁRIA CENTRADA NO PT	85
<i>3.1.1 O ANTIPARTIDARISMO BRASILEIRO</i>	88
3.2 A DIREITA SAI DO ARMÁRIO: ANTIESQUERDISMO E INTERNET	92
<i>3.2.1 VIRADA À ESQUERDA NA AMÉRICA LATINA</i>	93
<i>3.2.2 ANTIESQUERDISMO: OU REAÇÃO DA DIREITA PÓS-VIRADA À ESQUERDA</i>	94
<i>3.2.3 A DIREITA CONTEMPORÂNEA SAI DO ARMÁRIO NA INTERNET</i>	98
3.3 O ANTIESTABLISHMENT: CORRUPÇÃO E DESCONFIANÇA DAS INSTITUIÇÕES	101
3.4 APONTAMENTOS	104
CAPÍTULO 4 A TRÍADE NO ANTIPETISMO EM FUNCIONAMENTO NA ELEIÇÃO DE 2014	108
4.1 ANTIPETISMO COMO CHAVE PARA ENTENDER A CAMPANHA ELEITORAL DE 2014	110
4.2 OS AGENTES ANTIPETISTAS: ATUAÇÃO, ESTILOS E FUNÇÕES	113
<i>4.2.1 #OLAVOTEMRAZÃO: OLAVO DE CARVALHO, O FILÓSOFO DO ANTIPETISMO</i>	113
<i>4.2.1.1 TRAJETÓRIA E AÇÃO MUDIÁTICA</i>	114
<i>4.2.1.2 PRINCIPAIS IDEIAS E POSICIONAMENTOS</i>	117
<i>4.2.1.3 A MILITÂNCIA ANTIESQUERDISTA</i>	121
<i>4.2.1.4 SEGUIDORES, APROPRIAÇÕES E CRÍTICAS</i>	125
<i>4.2.2 CANAL DA DIREITA – UMA CONSTRUÇÃO IDEOLÓGICA</i>	130
<i>4.2.3 REVOLTADOS ONLINE – AÇÃO PASSIONAL NAS RUAS</i>	133
<i>4.2.4 BOLSONARO ZUERO – A VERSÃO TROLL DO ANTIPETISMO</i>	135

4.2.5 TV REVOLTA – A MÁQUINA DE GUERRA.....	139
4.3 ANÁLISE DE ESTRUTURAS RELACIONAIS ASSOCIATIVAS.....	141
4.4 A TRÍADE DO ANTIPETISMO EM ATUAÇÃO.....	145
4.4.1 ANTIPARTIDARISMO: A TEORIA DA ILEGALIDADE DO PT.....	146
4.4.2 VAI PRA CUBA! ANTIESQUERDISMO E CONTROLE BOLIVARIANISTA NA AMÉRICA LATINA	149
4.4.3 ANTIESTABLISHMENT: RADICALISMO CONTRA O AUTORITARISMO PETISTA	152
4.4.4 TEORIA DA CONSPIRAÇÃO – FRAUDE ELEITORAL.....	155
4.4.5 PSDB COMO UM MAL MENOR: AÉCIO NEVES, FHC E XICO GRAZIANO.....	159
4.5 APONTAMENTOS.....	162
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	165
REFERÊNCIAS	171
ANEXO 1 LISTA DE PÁGINAS DA REDE ANTIPETISTA	185
ANEXO II A REDE ANTIPETISTA	199

INTRODUÇÃO

Durante a eleição presidencial de 2014, diversos discursos de negação e de hostilização do Partido dos Trabalhadores (PT) ganharam grande visibilidade nas mídias sociais. O antipetismo foi protagonizado por agentes, muitas vezes caricatos e messiânicos, que se situaram à margem do sistema midiático e combateram o sistema político nacional. Suas pautas despertaram estranheza da imprensa tradicional e dos movimentos políticos de esquerda. Entre elas, podemos destacar: a extinção do PT; o controle ideológico esquerdista da América Latina por meio do Foro de São Paulo; a conspiração para a implantação de uma ditadura comunista no Brasil e a fraude das urnas eleitorais. Além disso, estes agentes defenderam agendas representantes de setores ideológicos direitistas, como a redução da maioria penal, revogação do estatuto do desarmamento, pena de morte, definição tradicional da família, proteção dos valores conservadores, redução da influência do estado na economia e oposição à “ideologia de gênero”. Logo, eles foram interpretados ora como representantes do discurso de ódio, ora como a emergência de movimentos fascistas. Esta dissertação pretende ir além destas tipificações reducionistas de um fenômeno tão complexo, a partir da análise do antipetismo em perspectivas históricas, politicamente multidimensionais e midiáticas. Nosso trabalho se dedica a investigar e explicar o processo de surgimento deste discurso, organização nas mídias sociais, seus atributos antipartidário, antiesquerdista e antiestablishment, bem como os principais influenciadores, temas e métodos de atuação.

Estudar o antipetismo por meio do olhar da comunicação política nos permite lançar luz sobre aspectos ainda pouco analisados pela literatura especializada da área. Isso porque, as mídias sociais dão visibilidade a um grande universo de atores com pouca inserção nos meios institucionais. Eles realizaram campanhas de desconstrução do PT, carregaram panos de fundo ideológicos e interpretações peculiares dos acontecimentos políticos. Chamamos nesta dissertação de Rede Antipetista um conjunto multifacetado de canais existentes no Facebook que produziu conteúdos contrários à reeleição de Dilma Rousseff em 2014. Entretanto, os antipetistas não são necessariamente peessedebistas. Pelo contrário, eles atuaram com ambivalência em relação ao principal candidato opositor, Aécio Neves, na medida em que uma parte genuinamente o apoiou, chegando a pedir votos para o tucano; contudo, a maior parte o elegeu no segundo turno como um mal menor em relação ao PT, abandonando-o logo depois de sua derrota, devido a discrepâncias irreconciliáveis de agenda.

Um olhar mais atento nota que estes canais estabelecem relações de conflito com as instituições políticas tradicionais, como os três poderes, partidos, sindicatos e movimentos sociais; e de crítica à imprensa de massa, apontada como governista e esquerdista. Assim, o antipetismo tal qual abordado neste trabalho não se limita apenas à rejeição do PT. Este antagonismo é um quadro de ação política geral que, em 2014, agrupou contra o partido diversos atores com pautas diferentes e bem particulares. Indo mais a fundo, a Rede Antipetista traz à tona problematizações de suma importância para compreender a política contemporânea brasileira, o papel da oposição, os movimentos direitistas emergentes e, em segundo plano, as manifestações pelo impeachment em 2015.

O pleito eleitoral de 2014 é singular para o escopo analítico desta dissertação por diversos fatores. Em primeiro lugar, foi a disputa mais acirrada da história recente da política nacional. O PT chegou à campanha desgastado pelos 12 anos consecutivos no governo federal, escândalos de corrupção, esgotamento do modelo econômico, falta de habilidade política na condução das alianças e pouco carisma de Dilma Rousseff. Em paralelo, a oposição voltou a se organizar, por vezes, de modo intransigente, afoito e truculento. No meio disso tudo, havia um componente novo no que se refere à comunicação: foi a eleição com maior tráfego de dados da história do Facebook. As pessoas utilizaram em larga escala suas contas e *fan-pages* para comentar os debates e o desempenho dos candidatos, bem como para discutir entre si e criticar oponentes.

O resultado da eleição foi de pequena vantagem para Dilma Rousseff no Executivo Federal e de maior representação, desde 1964, de direitistas, conservadores e liberais no Congresso Nacional. A Rede Antipetista não aceitou a vitória do PT e seus agentes afirmaram que as urnas teriam sido fraudadas e a eleição deveria ser cancelada. Em seguida, o PSDB apresentou uma ação oficial de auditoria dos votos junto ao Tribunal Superior Eleitoral (TSE), fundamentando-se no clima de desconfiança alimentado na internet. Com isso, foi inaugurado um terceiro turno na política nacional, com protestos convocados pela internet já a partir de novembro de 2014, reivindicando anulação das eleições, impeachment e, até mesmo, intervenção militar. Em 2015, manifestações com centenas de milhares de pessoas tomaram as principais capitais do país contra a corrupção e o mandato da presidente Dilma. Sem quadros de ação coletiva, capilaridade ou organização partidária, estas demonstrações se embasaram em insatisfações individualizadas e difusas, unificadas pelo grito “Fora PT”.

Para compreender esta conjuntura e a atuação da Rede Antipetista, realizamos uma abordagem multidisciplinar, com a finalidade de contornar os desafios de análise de dados

provenientes de mídias sociais e elucidar aspectos referentes à ciência política. Os capítulos estão organizados em uma ordem pouco convencional. Optamos por dividir o objeto em duas partes. Na primeira seção, introduzimos o que é a Rede Antipetista, com foco em sua estrutura. Depois disso, elaboramos dois capítulos de articulação analítica teórica, fundamentando nossos pontos de vista de acordo com processos históricos e uma abordagem multidimensional. No final, retomamos empiricamente as discussões sobre a Rede Antipetista, indo além de seu caráter estrutural ao nos debruçarmos sobre a agência comunicativa e política de seus principais personagens, características expressivas e construções temáticas.

Do ponto de vista da política, grosso modo, oferecemos uma chave de leitura que entende o antipetismo como um processo histórico que pode ser estudado a partir de dois recortes. O primeiro, mais pontual, diz respeito ao desgaste da imagem petista no governo federal desde o escândalo do Mensalão em 2005, arrefecido no segundo mandato Lula, mas acentuado a partir de 2012 com o enfraquecimento da economia, julgamento do Mensalão, protestos de Junho de 2013 e a Operação Lava Jato. A segunda perspectiva analítica dá conta de problemas estruturais do sistema institucional, contextualização internacional e traços enraizados da cultura política brasileira, focando na centralização do poder no Executivo, a representação do sistema partidário condicionada pelo PT, a virada à esquerda na América Latina, a resiliência dos políticos direitistas nas esferas de influência e o descontentamento dos cidadãos com as instituições democráticas.

Do ponto de vista da comunicação, a Rede Antipetista aponta para um ecossistema que existe nas mídias sociais no qual convivem e disputam espaço agentes com diferentes lógicas. De um lado, políticos, partidos, sindicatos, movimentos sociais, veículos da imprensa e jornalistas criam canais para ampliar o alcance de suas mensagens, geralmente com alguma profissionalização produtiva. De outro, uma extensa gama de personagens não oficiais e amadores ocupam esta arena para comentar a política nacional. Esse processo de complexificação do ambiente da comunicação política na internet começou com o Orkut e os blogs em meados dos anos 2000 e se intensificou com o Twitter em 2010. Contudo, somente com o Facebook e a popularização dos notebooks e *smartphones* e do acesso à internet de banda larga que a criação do conteúdo gerado pelos usuários se disseminou em larga escala. Assim, surgem personagens, muitas vezes anônimos, e que atuam em referência ao campo institucional, ou seja, não há como elucidar sua ação sem analisar os procedimentos pelos quais eles buscam se diferenciar dos sistemas político e midiático. Em 2014, temos um cenário robusto e dinâmico, no qual agentes de lógicas institucionais e não institucionais se

relacionam com múltiplos objetivos. Nesse sentido, os comitês de campanha investiram na articulação de canais artificiais e de robôs para propagar rumores, propaganda negativa e para inflar *hashtags* sem contaminar a comunicação oficial partidária. Para além disso, personagens que ganham reconhecimento na internet, como os Revoltados Online, atuam com ligações frágeis em relação ao establishment político-midiático, partilhando algumas metas como a derrota do PT, mas seguindo majoritariamente agendas próprias, como o combate ao Foro de São Paulo.

No capítulo 1, apresentaremos o objeto e sua relação com os trabalhos mais recentes na área de Internet e Política. Alguns pesquisadores do campo estão voltando seus estudos para fenômenos que vão além do institucional. A partir de uma compreensão do hibridismo dos sistemas midiáticos – nos quais estão em interface diversas lógicas de comunicação e agentes políticos distintos – deslocamos nossa atenção para objetos que atuam nas periferias por meio da recirculação, apropriação, interpretação e contestação dos conteúdos gerados pela imprensa e pelos partidos. Nesse sentido, introduzimos o termo Rede Antipetista como relações estruturadas entre cerca de 500 canais no Facebook que produzem cadeias interpretativas similares acerca dos acontecimentos políticos, por via da referência negativa ao PT. Para isso, realizamos procedimentos metodológicos da Análise de Redes Sociais, fazendo o monitoramento e o mapeamento das conexões entre as *fan-pages* durante os meses de março e novembro de 2014. As coletas de dados foram orientadas no sentido de desvendar como as páginas se referenciam umas às outras, elucidar as hierarquias e os subgrupos existentes entre os antipetistas.

Ademais, detalharemos quem são os personagens antipetistas principais, como atuam e suas métricas de alcance que, no total, atingiram um público em torno de 10 milhões de pessoas. Pela estatística de modularidade, particionamos a rede com a finalidade de encontrar subgrupos que se diferenciam pelos temas e pelos estilos expressivos dentro do quadro mais amplo do antipetismo. Assim, destacamos seis *clusters*: miscelânea, liberal, anticorrupção, institucional, intervencionista e *trolls*. Com isso, mostramos que a Rede Antipetista age pela lógica de laços fracos, com pactos informais de produção de conteúdo contra a campanha de Dilma Rousseff, mas se constitui pela heterogeneidade ideológica que transita no campo das direitas. Além disso, problematizamos as diferentes relações dos canais com o meio da política institucional, identificando agentes que são cooptados, robôs artificialmente controlados e atores que possuem postura de enfrentamento contra o establishment. O resultado é um ecossistema comunicacional dinâmico que dá visibilidade a múltiplos métodos de ação.

No capítulo 2, realizaremos uma abordagem histórica da política recente, contextualizando o nascimento e a incorporação do Partido dos Trabalhadores com o processo de amadurecimento e consolidação do sistema político. Nesta seção, o objetivo é compreender como o partido evoluiu de sua fundação socialista, sectária, antissistema e oposicionista para a organização governnista, pragmática e *catchall* contemporânea. Assim, lançamos as bases para elucidar o petismo em suas características positivas para, depois, analisar como os antipetistas operam projeções e exclusões identitárias para se afastar do partido. A investigação está focada em três épocas: criação, incorporação e presidência, indicando como, em cada uma delas, o PT moderou sua ação programática, cedendo à força centrípeta do sistema político nacional. Apesar disso, esta guinada ao centro não foi suficiente para desfazer as desconfianças dos antipetistas.

Assim, defendemos a hipótese de que o antipetismo nas mídias sociais em 2014 tem uma característica fundamental que chamamos de assimetria histórica, que produz alguns pontos cegos quanto à análise da imagem do partido e da própria política brasileira. Grosso modo, há dois momentos históricos distintos que moldam o antipetismo (1) o antagonismo ideológico da época do PT socialista, que defendia políticas antimercado divergentes dos interesses dos grandes conglomerados midiáticos; e (2) o antagonismo contemporâneo orientado por um discurso moralizante da política e por uma desconfiança resiliente das origens sociais e ideológicas do partido.¹ Argumentamos que o antipetismo entrelaça estes dois momentos, por meio de imagens de “fantasmas do passado”, articulados de acordo com características da conjuntura política contemporânea de virada à esquerda na América Latina. Ou seja, mescla diferentes sedimentos das duas almas do PT (Singer, 2011): a socialista e sectária de sua fundação, com a governnista, *catchall*, desgastada por escândalos e instalada no establishment político. Mas ignora os desenvolvimentos institucionais do partido. Essa dupla via de interpretação é composta em relação a uma visão revisionista peculiar, guiada pelo entendimento de que está em implantação um plano secreto de controle ideológico esquerdista operado pelo Foro de São Paulo – inspirado no modelo comunista soviético – nos países da América Latina.

No terceiro capítulo, desenvolveremos os fundamentos teóricos do conceito de tríade do antipetismo como uma perspectiva analítica multidimensional que opera a partir de três referências negativas: antipartidarismo, antiesquerdismo e antiestablishment. Cada um dos vieses colabora com a elucidação de um fenômeno complexo e multifacetado, que mistura

diversos discursos de modo ambivalente e pouco sofisticado. Nesse sentido, o antipetismo estudado aqui vai além do voto útil contra o PT. A tríade do antipetismo carrega elementos que condicionam uma forma de interpretação particular e, por vezes, radical, dos acontecimentos políticos, que entrelaça os três componentes. O antipartidarismo é o antagonismo direcionado ao sistema partidário nacional que, de certa forma, é organizado em torno da representação do PT, fazendo gravitar acerca do partido sentimentos divergentes de apoiadores e de contestadores. Considerando a disposição do sistema partidário brasileiro, entendemos que nenhum outro partido consegue mobilizar as insatisfações contra o PT, levando à elaboração de uma oposição personalizada. Exemplo do antipartidarismo são os gritos “Fora PT” e “Sem Partidos” nos protestos de 2014. A segunda característica é o antiesquerdismo, entendido como a projeção e a diferenciação de identidades políticas de esquerda. Assim, contextualizamos este processo internacionalmente, analisando como a resiliência de traços conservadores na população brasileira reage ao esgotamento do modelo político-econômico que conduziu o país entre 2003 e 2014, alinhado com a virada à esquerda na América Latina. Isso produz a mobilização, até então inexistente em grande escala, de coletivos heterogêneos de direita que combatem as políticas do governo federal petista. Exemplo do antiesquerdismo são os gritos “Vai pra Cuba” e “Sem Bolivarianismo”. O elemento final que compõe o antipetismo é o antiestablishment. Este fator diz respeito a duas características: (1) relacional: posição marginal dos agentes da Rede Antipetista, tangenciando os sistemas político e midiático; e (2) ideológica: maior inclinação para ignorar as regras do jogo democrático por meio de ataques à legitimidade do regime. É parte de um sentimento crônico da cultura política nacional de descrença nas instituições democráticas e que constrói um *modus operandi* de militância similar às extremas-esquerdas, na medida em que se coloca na periferia e contesta o sistema, entendido como totalitário, corrupto e autocentrado. Por isso, a Rede Antipetista atua contra os desvios, por meio de ações de protesto e de hostilidade que funcionam como “choques corretivos”, um método de ação que releva os meios antidemocráticos em função do objetivo final de eliminar o PT. O antiestablishment está representado no mote “Ditadura Comunista do PT”.

No capítulo final, voltaremos a investigar empiricamente a Rede Antipetista. Partido do mapeamento estrutural, elegemos cinco canais para análise durante a campanha de 2014: Olavo de Carvalho, Canal da Direita, Revoltados Online, Bolsonaro Zuero e TV Revolta. Nesse sentido, realizamos coletas de suas postagens durante os meses de agosto e de

¹ Para descrições mais detalhadas sobre estes dois momentos históricos do antipetismo, ver: Azevedo, 2011

novembro, além de reunir notícias publicadas na imprensa e dados auxiliares. Demonstramos como os agentes se apropriam de diversas maneiras da tríade do antipetismo. Olavo de Carvalho é personagem central para compreender o antipetismo, pois assume posição de influenciador das ideias que são assimiladas e debatidas pelos demais atores. Por isso, realizamos uma investigação de sua trajetória, de suas ideias e seguidores, com a finalidade de situar seus posicionamentos e raio de influência ideológica entre os antipetistas. A partir da compreensão de Olavo, situamos o Canal da Direita como um espaço de repercussão de seu pensamento; o Revoltados Online como o braço de mobilização passional; o Bolsonaro Zuero como o representante da retórica humorística que idolatra a família Bolsonaro, ao mesmo tempo em que persegue adversários como Jean Wyllys; e, por fim, a TV Revolta, como o representante automatizado e descoordenado. Depois dessa elucidação sobre os principais antipetistas atuantes no Facebook em 2014, a análise demonstra como os elementos antipartidarismo, antiesquerdismo e antiestablishment estão conectados empiricamente, com variados graus de ênfase dependendo do autor e do contexto. Nosso objeto possui um pano de fundo que gravita em torno de um conjunto de crenças originalmente propostas por Olavo de Carvalho, que produz interpretações peculiares como a conspiração para a implantação de uma ditadura comunista do PT, o papel conspiratório e secreto do Foro de São Paulo e o controle do establishment e da cultura política por uma ideologia latino-americana de esquerda. Mostramos como a tríade do antipetismo é refletida nas ideias da Rede Antipetista a partir de cinco pontos: (1) teoria da ilegalidade do PT, (2) Vai pra Cuba; (3) ditadura comunista do PT; (4) fraude eleitoral; e (5) ambivalência quanto ao PSDB. Buscamos ir além da estranheza inicial e explicar o surgimento e a contextualização de cada um destes temas com relação ao escopo teórico levantado.

CAPÍTULO I FORA PT! MAPEAMENTO DA REDE ANTIPETISTA

Em 2014, multiplicaram-se no Facebook *fan-pages* com alcance substancial que debateram e comentaram a corrida eleitoral e os acontecimentos em pauta na agenda pública nacional. Estes agentes se inseriram em um ambiente de fluxo caótico de mensagens, com lógicas e práticas diametralmente diferentes, no qual disputam espaço candidatos e partidos, imprensa tradicional, blogueiros, coletivos de eleitores simpatizantes ou detratores, colunistas anônimos, *fakes*, *bots*, veículos de divulgação de informações não oficiais, centros de propagação de calúnias ou defesa de conteúdo ideológico sectário, teorias da conspiração, entre muitos outros. Sejam canais espontâneos de Conteúdo Gerado por Usuários (CGU) ou veículos não oficialmente contratados por campanhas para terceirizar a propaganda negativa, as plataformas de redes sociais dão visibilidade a novos *players* de comunicação político-eleitoral. Em meio ao amplo e distinto universo de *fan-pages* que produziram conteúdo, um conjunto de agentes surgiu com relevância nas mídias sociais: o fenômeno denominado neste trabalho de Rede Antipetista é um agregado multifacetado de mais de 500 páginas que ganhou popularidade e se tornou reconhecido no Facebook pelo discurso hostil contra o Partido dos Trabalhadores (PT), com um público total em torno de 10 milhões de seguidores.

O primeiro capítulo desta dissertação se preocupa em definir e descrever a Rede Antipetista. A princípio, procura-se responder: (1) O que é a Rede Antipetista? (2) Como surgiu? (3) Quem são seus atores com maior alcance? (4) Como estão conectados? (5) Quais são as subdivisões internas? Para isso, este capítulo faz um breve recorte da literatura nacional e internacional sobre campanhas e Internet, indicando o que motivou o movimento de nosso estudo, que joga luz para além dos espaços de campanha oficial, em função de canais não institucionais, constituindo um espaço comunicacional marginal que ganha organicidade o suficiente para chamar a atenção da mídia tradicional e atravessar outros subgrupos. Em seguida, preocupa-se em descrever detalhadamente a Rede Antipetista em seu caráter agregado de *fan-pages*. Na terceira parte, são apontadas as subdivisões e os conflitos existentes na rede, sugerindo como o discurso antipetista adota formatos capazes de se adaptar a multifacetadas linhas de pensamento político. Por fim, elencam-se apontamentos e problemas que serão desenvolvidos nos capítulos subsequentes.

1.1 Comunicação política contemporânea: convivência entre meios tradicionais e digitais

O cenário contemporâneo da comunicação política vem sofrendo rápidas mudanças. É um ecossistema midiático que está em permanente ajuste e negociação. Prior (2013) descreve as alterações na relação entre a política e a mídia, provocadas pelo surgimento e pela consolidação da tevê a cabo e das tecnologias digitais de comunicação, como a fragmentação dos públicos, produção de conteúdo em rede, saturação de informações e pluralização de nichos ideológicos midiáticos. Por um lado, os meios massivos continuam sendo elementos centrais na condução da disputa política e no agendamento do debate público (MCCOMBS, 2009). Por outro, o avanço tecnológico complexifica a paisagem, à medida que se torna crescente o acesso e o uso da internet, de mídias sociais e de aplicativos para *smartphones*. Enquanto autores enfatizam elementos da atual conjuntura que apontam para um momento de crise e de queda na confiança nos políticos e na mídia (GUREVITCH; COLEMAN; BLUMLER, 2009), outros apontam uma oportunidade de renovação e de oxigenação nas possibilidades de pesquisa em comunicação política (MOY *et al.*, 2012). Com isso, entendemos que os partidos devem se adaptar às características dos fluxos comunicacionais nos Sites de Redes Sociais (SRSs). Nesta seção, exploramos brevemente alguns dos desdobramentos, rupturas e continuidades desta conjuntura.

Estudando neste primeiro momento o cenário a partir do enfoque tecnocultural e midiático, compreendemos que a emergência das novas mídias digitais significou um redesenho da hegemonia das empresas de comunicação tradicionais. Isso porque, se pesquisas mostram padrões de continuidade, sendo que algumas organizações midiáticas deslocaram sua influência também para a Internet (CURRAN, 2012; HINDMAN, 2008), parece indiscutível que este processo representou o enfraquecimento do modelo massivo *blockbuster* em função da transição para uma economia midiática baseada na segmentação dos mercados, flexibilidade, consumo por demanda e pluralização de nichos (PRIOR, 2007; STROUD, 2010). Assim, entendemos que há um *contiuum* midiático que envolve a adaptação, adequação e convergência das dinâmicas massivas às lógicas de rede. Desse modo, o ecossistema midiático contemporâneo é formado pela sedimentação e relacionamento de diferentes práticas, na medida em que televisão, rádio e jornais continuam sendo *players* relevantes, sobretudo quando está em jogo a credibilidade das mensagens; embora as ferramentas da Internet complementem e, em determinados casos, tangenciem ou enfrentem as empresas tradicionais (NEGRINE, PAPATHANASSOPOULOS, 2011). Tais arranjos se rearticulam de acordo com os usos das tecnologias na comunicação política.

Como consequência destes desdobramentos, está em processo um fenômeno de fragmentação das mídias e segmentação das audiências, que acompanham transformações

gerais da sociedade, no qual “organizações políticas são menos capazes de gerir e afetar a arena política, deixando espaço para novas formas de agregações sociais estritamente dependentes das novas estruturas de comunicação” (MANCINI, 2013, p. 45). Em paralelo, Mancini (2013) demonstra tendências globais de enfraquecimento das redações jornalísticas e a indefinição da identidade profissional, com consequências no enfraquecimento do papel de *watchdog*, em função do *infotainment* ou de postura advocatícia. Esse processo aponta para a intensificação da exposição seletiva das notícias e das opiniões na internet – seja pelo viés partidário ou ideológico (STROUD, 2011) – estimulando eventuais predisposições sociopolíticas de polarização da opinião pública, em última instância, até o extremismo (BAUM, GROELING, 2008; SUNSTEIN, 2009).

Por exemplo, blogs e páginas nas mídias sociais foram os veículos de disseminação e convocação de manifestações iniciais do Tea Party, a partir disso o movimento foi engrossado pela cobertura da imprensa conservadora, como a Fox News (WILLIAMSON, SKOCPOL, COGGIN, 2011) Raynauld (2013) aponta que tais dinâmicas sociais e tecnológicas levam ao modelo que ele chama de *Online Politicking 3.0*, isto é, a descentralização e hiperfragmentação das iniciativas de atividade digital das bases sociais partidárias. Focando a análise no Tea Party:

O conceito de incontrolável descentralização *bottom-up* pode ser definido como a difusão da iniciativa, execução e controle da comunicação política digital, mobilização e organização das elites formais para um crescente número de indivíduos e organizações com diversas preferências, interesses e objetivos (RAYNAULD, 2013, p. 88).

Chadwick (2007) explica que a internet promove a emergência de organizações híbridas com dinâmicas complexas entre práticas *offline* e *online*. De um lado, as instituições tradicionais se apropriam das novas tecnologias e se adaptam às mudanças contextuais e, de outro, organizações com modelos híbridos ganham espaço “criando formas convergentes de ativismo online, ganhando credibilidade entre grupos cidadãos horizontais, fundindo discursos políticos e subculturais e criando redes sedimentárias online” (CHADWICK, 2007, p. 287).

1.2 Campanha nas mídias sociais: do institucional ao Conteúdo Gerado por Usuário

Estudar a incorporação das novas tecnologias da comunicação pela sociedade e pelas organizações políticas é uma tarefa extremamente desafiadora, pois lida com um cenário de evolução constante. Por outro lado, as possibilidades empíricas de investigação se mostram

inesgotáveis e animadoras. Grande parte das pesquisas tem realizado avanços importantes e lançado bases sólidas para a compreensão de como as ferramentas da Internet foram apropriadas pelas instituições políticas tradicionais, oferecendo novas possibilidades de participação, mobilização e *accountability* (BIMBER, 2003; FARRELL, 2012; GIBSON, NIXON, WARD, 2003). Há crescente discussão acerca da organização de partidos em rede, apropriando-se das tecnologias digitais, como os ciberpartidos (MARGETTS, 2001), o Movimento Cinco Estrelas na Itália (BENTIVEGNA, 2014), partidos anti-elitistas como o Partido Pirata Alemão (HARTLEB, 2013) e o caso do Podemos na Espanha. Partindo destas contribuições, este trabalho incide em um campo de investigação que tem recebido cada vez mais atenção: o conteúdo político não-institucional gerado por usuários nas mídias sociais durante as campanhas eleitorais. Para compreender o que motivou o deslocamento do olhar no âmbito da pesquisa de comunicação política online das organizações para discursos comunicacionais periféricos formados por canais não oficiais e, muitas vezes, anônimos no Facebook, é preciso revisitar os desdobramentos das pesquisas recentes da área.

O arcabouço teórico-metodológico da subárea de Internet e Política está em rápido crescimento. Davis e colegas (2009) segmentam a produção em três períodos: (1) Descoberta, quando os comitês começaram a explorar as listas de e-mail e websites para se comunicar com o eleitorado; (2) Maturação, depois de 2000 as ferramentas já não eram novidades e os candidatos desenvolveram técnicas mais sofisticadas de mobilização, arrecadação e divulgação – com destaque para a campanha presidencial de Howard Dean em 2004; e (3) Pós-Maturação, que reconhece as limitações dos métodos antigos e investe na segmentação de conteúdo e no relacionamento com outros agentes em um ambiente complexo e multifacetado, como os blogs políticos e, mais recentemente, as mídias sociais, como Youtube, Facebook, Instagram e Twitter, com destaque para Obama, quando “a campanha de 2008 se tornou única por ser a primeira na qual a mídia tradicional, como televisão, rádio e jornais, ficou na sombra das novas mídias e da internet” (HENDRICKS, DENTON JR., 2010, p. XI).

No Brasil, Gomes *et al.* (2009) organizam as campanhas eleitorais em três estágios, também de acordo com a assimilação e o uso das técnicas disponíveis: *protoweb*, *web* e *pós-web*. O pleito de 2010 se tornou um marco nacional na adoção da internet, pois “apresenta um cenário diferenciado, permitindo afirmar que as ferramentas digitais, por conta de sua difusão junto ao eleitorado, assumem uma importância, de certa forma, inédita” (MARQUES, SAMPAIO, 2011, p. 210). Em resumo, de práticas altamente centralizadas e que careciam que o usuário buscasse as informações no website oficial e usavam as novas ferramentas

como se fossem veículos massivos, as campanhas digitais foram distribuindo suas estratégias de criação e de difusão digitais. No estágio atual, os comitês enfrentam a dispersão e descentralização da produção de conteúdo, também realizada por outros agentes como blogueiros e líderes de opinião, mais recentemente desenvolvendo estratégias de interação com os seguidores, ainda que com limitações. “Finalmente, candidatos e partidos parecem não mais evitar a interação que evitavam há alguns anos, e o contexto brasileiro reforça essa suposição” (AGGIO, 2015, p. 18).

Após um período de ceticismo, experimentação e lenta aceitação, os sites de redes sociais foram robustamente incorporados pelos partidos. O Facebook tornou-se a principal plataforma online de propaganda política, circulação de informações, de mobilização e de debates (BRAGA, ROCHA, CARLOMAGNO, 2015). Além disso, avanços e políticas públicas na área de telecomunicação e tecnologia possibilitaram a redução de preços e, conseqüentemente, a popularização de computadores, *tablets*, *smartphones* e do acesso à banda larga. São 85,9 milhões de internautas no Brasil, mais da metade da população do país, dos quais 68,5% tem conta no Facebook, de acordo com levantamento feito pela Pesquisa Brasileira da Mídia em 2014. Na mesma pesquisa, o Facebook foi o site mais indicado como fonte/agregador de informação por 30,8% dos respondentes, superando o acesso direto a veículos tradicionais de imprensa².

No período chamado de pós-web ou de pós-maturação, a academia vem aprofundando os questionamentos acerca das estratégias utilizadas pelos candidatos e as funções das mídias sociais durante a campanha eleitoral. No entanto, para além das ações oficiais de comunicação política, a internet e, sobretudo, as mídias sociais oferecem um rico universo de objetos acadêmicos. Especialmente os Sites de Redes Sociais (SRSs) se mostram frutíferos porque são plataformas de uso popularizado e inseridas nas práticas cotidianas de milhões de pessoas, disponibilizando um vasto arquivo digital sobre usuários, instituições e temas (BOYD, ELLISON, 2007; BEER, 2008). Gibson (2015) explica que os partidos e lideranças políticas convivem com variada gama de atores nas mídias sociais e investem na Campanha Iniciada pelo Cidadão (CIC) para engajar sua base de simpatizantes na busca de votos, compartilhamento e produção de mensagens partidárias e arrecadação de fundos.

² Este dado da Pesquisa Brasileira de Mídia deve ser relativizado. Ele interpreta todos os sites como fontes de informação, colocando lado a lado plataformas que representam organizações diferentes, com diferentes modos de produção de conteúdo. Uma plataforma de redes sociais é, por definição, um espaço de conteúdo gerado por usuários. Logo, não possui nenhum conteúdo próprio. Quanto ao consumo de informação jornalística, grande parte das notícias lidas no Facebook é produzida, inicialmente, pelos grandes veículos de imprensa.

Em paralelo, os procedimentos de coleta de dados que circulam nas mídias sociais abrem linhas de investigação fundamentais na compreensão da disseminação e repercussão de informações políticas, organização de movimentos sociais, mapeamento e identificação de conexões entre grupos, análise de grande quantidade de dados e estudos sobre manifestações da cultura política. Este conjunto de dados, portanto, é um robusto “indicador de sentimentos, comportamento ou difusão em relação a um tópico particular em um tempo definido [...] agora acessível a análises sistemáticas e em tempo real” (SHAH, CAPELLA, NEUMAN, 2015, p. 10). Os sites de redes sociais são laboratórios abertos para a coleta de bancos de dados públicos e testes empíricos a partir de diversas metodologias, ainda que com restrições técnicas (GIGLIETTO, ROSSI, BENNATO, 2012).

Nesse sentido, as mídias sociais possuem lógica própria que envolve quatro elementos: (1) Programabilidade – a estimulação dos processos criativos dos usuários; (2) Popularidade – condicionamento do alcance por meio de algoritmos e componentes socioeconômicos; (3) Conectividade – relações sociotécnicas entre conteúdos, usuários e plataformas; e (4) Dataficação – renderização de dados detalhados sobre as atividades dos perfis (VAN DIJCK, POELL, 2013). Klinger e Svensson (2014) desenvolvem um conceito que chamam de lógica midiática da comunicação política em rede, delineando três fatores: (1) Produção: conteúdo gerado com baixo custo por usuários; (2) Distribuição: fluxos de mensagens mediados pela ação de usuários em corrente; e (3) Uso: interação altamente seletiva entre perfis com interesses similares.

Assim, esta dissertação se debruça sobre o conceito de Conteúdo Gerado por Usuário (CGU), com a finalidade de elucidar o engajamento da audiência na disseminação e na viralização das informações pelas redes. Van Djick (2009) define CGU como a ação de usuários que realizam trabalho criativo fora das instâncias profissionais de geração e de distribuição de mensagens, com seis níveis: criadores ativos; avaliadores; colecionadores; seguidores; espectadores passivos e inativos. Seguindo esta linha, Dylko e McCluskey (2012) conceituam CGU em termos políticos como: peças informativas publicadas e disponíveis online sobre algum assunto político significativamente moldadas pela ação dos usuários de forma voluntária e fora de rotinas ou de práticas profissionalizadas.

Os blogs foram uma das primeiras plataformas de CGU a serem popularizadas e rivalizar o controle da agenda pública com a mídia *mainstream*. “Cidadãos comuns estão crescentemente utilizando blogs como uma forma de expressão política e – possivelmente – uma forma de participação política” (WALLSTEIN, 2005). Pesquisas já demonstraram a forma polarizada, enviesada e a função de *echo chambers* (ressoando mensagens das elites

políticas) que alguns blogs assumem (ADAMIC, GLANCE, 2005; BENKLER, SHAW, 2010; NORRIS, 2003). Por outro lado, os blogs também constituem arenas que tangenciam e contestam as empresas de comunicação e oferecem a oportunidade de contestar o governo e a imprensa (FARRELL, DREZNER, 2008; MEYERS, 2012). Gibson *et al.* (2013) indicam que blogs não oficiais são fontes relevantes de informação para simpatizantes partidários, pois promovem uma alternativa à comunicação política institucional. No Brasil, a Blogosfera Progressista surge como um espaço de crítica da mídia “oposicionista” tradicional, chamada de Partido da Imprensa Golpista (PIG), repercutindo valores compartilhados de atividade política de esquerda pela democratização da comunicação pública (MAGALHÃES, ALBUQUERQUE, 2014). Mais recentemente, autores têm enfatizado a prática de *micro-blogging* em mídias sociais durante eleições como uma extensão e modificação das dinâmicas dos blogs (LARSSON, MOE, 2011; VERGEER, HERMANS, 2013).

Em suma, as mídias sociais se tornam arenas singulares para a construção, disseminação e debate de temas da atualidade em canais interligados que representam instituições diversas como órgãos de imprensa, governo, partidos e movimentos sociais; além de em blogs de jornalistas, de colunistas e de ativistas políticos. Em paralelo, o complexo ecossistema ainda possui lógicas distintas, mobilizadas por páginas não institucionais, com fundação, financiamento e objetivos diversos. Elas atuam como produtoras de conteúdos, alimentando-se de informações da imprensa e de fontes alternativas em um contexto bastante particular de reconfiguração, fazendo circular mensagens por vias periféricas. Desde o Orkut, as comunidades online são invadidas por milhares de perfis para debate de temas políticos, especialmente para atacar ou defender candidatos, tais como Eu amo Serra; Eu odeio o PSDB; Eu odeio Lula; São Paulo odeia Paulo Maluf; Odeio Marta Suplicy e José Serra – Deus me livre, Amigos de Maluf; Força Maluf; Eu amo Marta Suplicy (CHAIA, 2007). A rede é “um novo ‘campo de batalha’ comunicativo, no qual mais do que o ‘discurso’ é preciso levar em conta a dinâmica própria dos grandes grupos midiáticos [...] e sua elaboração/reelaboração entre os diversos formatos de ‘mídia social’” (COUTINHO, SAFATLE, 2009, p. 120).

1.3 A Rede Antipetista: formação, cartografia e agentes

A Rede Antipetista é um agregado de *fan-pages* no Facebook com a função de produzir conteúdo panfletário antipetista, antiesquerdista e antiestablishment fortemente orientado contra as elites políticas e os meios de massa. São agentes não institucionais de

práticas e dinâmicas diferentes, pois atuam como células autônomas e descoordenadas que atacam em ondas breves, com pouca colaboração entre si, mas visando um objetivo comum que é a desconstrução do PT. Assumem a postura de comentaristas dos temas políticos e da campanha eleitoral, desafiando o *establishment* e propagando valores conservadores, liberais e direitistas. A Rede Antipetista constitui um espaço comunicacional periférico, que, embora ideologicamente heterogêneo, define o PT como um inimigo comum a partir da retórica hostil e intransigente³. Os canais atuam por meio de práticas de guerrilha comunicacional, como: *flaming*⁴, *hoaxes*⁵ e *hate speech* (GARRETT, 2011; O’SULLIVAN, FLANAGIN, 2003; PFEFFER, ZORBACH, CARLEY, 2013). Durante a campanha presidencial de 2014, encontramos um conjunto robusto de mais de 500 canais de conteúdo gerado por usuário que se articula contra o PT no Facebook, atingindo um público estimado de 10 milhões de seguidores.

Pela própria natureza não institucional do objeto, que não se orienta em função da legitimação de um discurso político construtivo e coeso, mas pelo antagonismo referente a valores e ideias políticas vagamente referentes a elementos petistas, esquerdistas e institucionais, é difícil encontrar elementos comuns que apontem para a formação de uma identidade coletiva uniforme e coerente para além do antipetismo. Ainda assim, podemos ressaltar tons que se combinam com diferentes matizes na proposição de uma agenda ideológica, liberal, conservadora, moralista e de direita. Além disso, a articulação de um adversário em comum fortalece a formação de identidades coletivas, sobretudo quando desafia os interesses das elites governantes (SOON, KLUVER, 2014).

Certamente, estes espaços podem ser apropriados tanto por culturas políticas de esquerda como de direita para a circulação de suas pautas ideológicas: “a internet é, portanto, um terreno contestado, usado pela esquerda, direita e centro de culturas dominantes e subculturas para promover suas próprias agendas e interesses” (KAHN, KELLNER, 2006, p. 720). No entanto, o estudo de Benkler e Shaw (2010) demonstra que esquerda e direita acionam as tecnologias de modo diametralmente diferente, que refletem variações na estrutura organizacional subjacentes ao ambiente digital. Segundo o estudo dos autores, em

³ Optamos pelas ideias de polarização das comunidades em torno de padrões interpretativos ideológicos por compreender que a Rede Antipetista extrapola a função de *echo chamber*, ou seja, apesar de possuir um caráter de pregar para convertidos, não se limita à reprodução de posicionamentos das elites políticas, mesmo aqueles de direita. Por isso, se configura um espaço de contestação do governo e dos meios de comunicação. Estes aspectos serão explorados nos demais capítulos.

⁴ *Flaming* é o termo empregado na bibliografia estrangeira para tratar os xingamentos e as acusações dirigidas a personalidades na Internet.

⁵ *Hoaxes* são paratextos, *spams* ou propagandas contendo rumores e boatos espalhados sobre candidatos, geralmente, por e-mails e circulares.

geral, redes políticas organizadas em torno de espectros ideológicos de direita possuem maior tendência em apresentar características individualistas e hierárquicas, enquanto que grupos de esquerda se apropriam das ferramentas de internet com foco em aspectos como participação, horizontalidade, igualdade e coletividade. Iremos demonstrar como esta característica se apresenta na constituição da Rede Antipetista como um coletivo não sistematizado de atores que adota estratégia de atuação política antagônica similar, como um pacto informal contra o PT na eleição de 2014.

1.3.1 Antipetismo na internet e a formação da Rede Antipetista

Podemos organizar um lastro histórico de manifestações antipetistas convocadas na internet remetendo às repercussões do Mensalão em 2005. Chaia (2007) encontrou comunidades antipetistas no Orkut em 2006, como “Eu odeio o Lula” e “Eu não acredito no Lula”. Uma das primeiras tentativas de organizar um coletivo de agentes antipetistas online foi o Movimento Cansei⁶ em 2007, proposto por um grupo de empresários paulistas “notórios críticos do governo Lula e pró-PSDB” (PENTEADO *et al.*, 2009). A articulação utilizava, além da mídia impressa, Orkut, blogs, divulgação em site e no Youtube para convocar os protestos contra a classe política em geral, mas focadas no governo petista, como ilustrado pelo grito “Fora Lula”. Contudo, não foi um movimento surgido no ambiente digital, como o objeto deste trabalho, mas que apenas utilizava destas ferramentas como repertórios de ação para ampliar o alcance de suas mensagens e das convocatórias para os protestos de rua. Outro aspecto importante dos discursos antipetistas nas mídias sociais é a atuação de Olavo de Carvalho. Desde meados dos anos 2000, o articulista utiliza diversas plataformas na internet para expor suas ideias, ganhando milhares de seguidores. O autor possui influência central no retalho de posicionamentos multifacetados que embasam o antipetismo, como mostraremos no capítulo 4.

Mais recentemente, o fenômeno de chamamos de Rede Antipetista começou a se formar de modo ainda embrionário e desconexo entre 2011 e 2012 no Facebook. Um primeiro passo foi a criação da TV Revolta em 2011. Ela retrata o personagem João Revolta, interpretado pelo radialista João Almeida Lima e se dedica a opinar acerca dos temas políticos de modo intempestivo e impaciente, utilizando linguagem informal, xingamentos e perpetuando teorias da conspiração que permeiam o senso comum do eleitorado. “A página nunca apoiou nenhum partido, mas é evidente que estamos fazendo uma campanha contra o

PT nesse momento já que 99,9% do nosso público apoia e quer a derrota do PT nas próximas eleições. A insatisfação do povo faz com que tomemos essas ações” (JOÃO REVOLTA, 2014)⁷. As mensagens adotam estratégia nós/eles com a finalidade de caracterizar as lideranças petistas como inimigos que devem ser derrotados. Utilizando-se de memes e de piadas ácidas, o canal recorre à retórica hostil para minar a legitimidade das instituições democráticas representativas através de vieses antipartidário, antiesquerdista e antiestablishment. Outra página que atingiu mais de um milhão de seguidores em 2014, o Movimento Contra a Corrupção, foi fundada em São Paulo na época da eleição municipal de 2012⁸.

Os protestos de Junho de 2013 e o ambiente de insurgência e de descontentamento com as elites políticas governantes, aliados aos seguidos escândalos de corrupção divulgados pela mídia desde o Mensalão em 2005, funcionaram como uma espécie de catalisador, despertando e organizando agentes antipetistas nas mídias sociais. Parte das páginas estudadas neste trabalho foi criada nos meses subsequentes às manifestações, aproveitando-se do clima de insatisfação difusa, crítica aos serviços públicos e discurso moralizante da política. O despertar da mobilização antipetista nas mídias sociais, com traços conservadores e liberais, foi chamado em artigos da imprensa de “face-ativismo de direita”: “Grupos que atuam nas redes sociais recuperaram slogans do Golpe de 1964. Até a ameaça comunista voltou a aglutinar o faceativismo”⁹.

A Rede Antipetista se consolidou de modo robusto antes do pleito presidencial, entre abril e maio de 2014, quando a TV Revolta chamou a atenção de grande número de usuários, tendo em vista o rápido crescimento de sua audiência e o teor fundamentalista das mensagens. Somente neste período foram registradas em torno de dois milhões de curtidas, chegando a ter 13 mil por hora e 27 milhões de pessoas falando sobre, algo absolutamente fora do comum sem o investimento de propaganda paga. Utilizamos o Quintly¹⁰, software online de métricas de mídias sociais, com a finalidade de comparar a diferença de novos seguidores entre a página da TV Revolta e do candidato peessedebista, Aécio Neves, no Facebook em maio.

⁶ <http://noticias.terra.com.br/brasil/acidentecongonghas/interna/0,,OI1790037-EI10210.00.html>

⁷ <http://www.cartacapital.com.br/revista/801/a-artilharia-politica-no-facebook-4520.html>

⁸ <http://www.contracorrupcao.org/2013/05/por-que-lutar-contra-corrupcao.html>

⁹ <http://cultura.estadao.com.br/blogs/marcelorubenspaiva/ofaceativismodedireitadespertou/>

¹⁰ <https://www.quintly.com/>

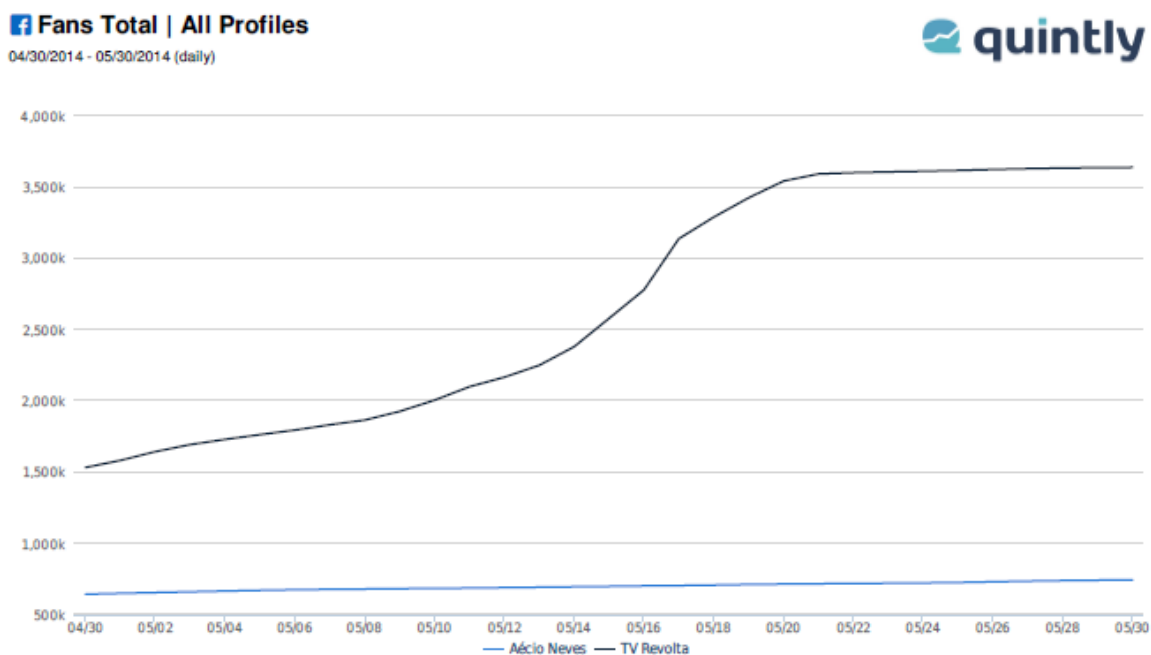


Figura 1 Curtidas totais TV Revolta X Aécio Neves

Novamente, os dados da Figura 01 apresentam uma discrepância fora do comum entre a performance do tucano e do canal, que teve, somente no dia 17 de maio de 2014, um crescimento de mais de 350 mil curtidas. Os dados indicam investimento na compra de curtidas antes das eleições para a TV Revolta, com a finalidade de inflar sua popularidade com vistas à eleição. Os próprios profissionais que atuaram no marketing político da campanha de 2014 enfatizaram que robôs e a inflação artificial dos perfis foram estratégias amplamente empregadas. Em entrevista ao jornal Folha de São Paulo, o especialista em direito eletrônico, Walter Capanema afirmou que: “Não vão ser os partidos que brigarão. O jogo sujo será feito por terceiros, que podem receber [dos partidos que os apoiam] através de ONGs e associações” (CAMPANEMA, 2014)¹¹.

¹¹<http://www1.folha.uol.com.br/poder/2014/05/1461068-com-ataques-a-dilma-tv-revolta-ganhou-seguidores.shtml>

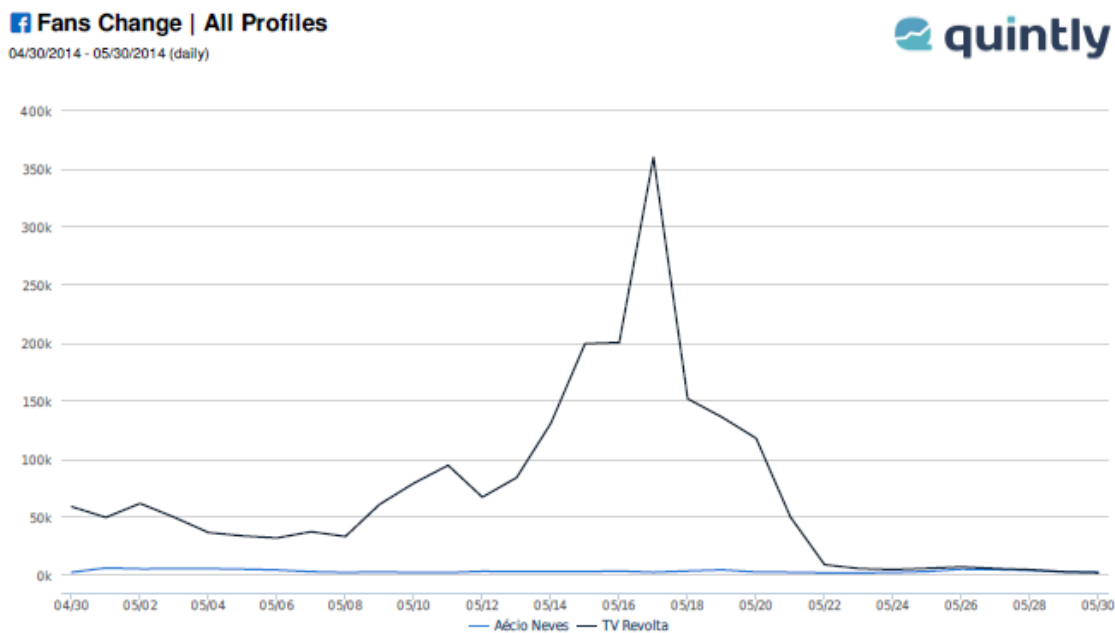


Figura 2 Curtidas por dia Aécio Neves X TV Revolta

O aumento repentino e substancial de popularidade da TV Revolta gerou uma grande onda de compartilhamentos no Facebook, capaz de superar seu aspecto polarizado, atingir a imprensa tradicional e atravessar *timelines* de usuários que não compactuam com os pontos de vista da página, tornando evidente a visibilidade e o alcance do discurso antipetista. O crescimento do canal chamou a atenção, também, de veículos de esquerda que o acusaram de financiamento escuso e estímulo por robôs (perfis falsos).¹² A *fan-page* adquiriu reconhecimento como fonte agregadora de ataques antipetistas dirigidos às lideranças nacionais da sigla e estendidos a toda a sua base aliada. Contudo, apesar de ser o canal da Rede Antipetista com maior número de seguidores, não pode ser considerado como o mais importante, na medida em que teve um crescimento artificial e concentrado antes do período eleitoral. Durante a campanha, a TV Revolta continuou com grande atividade de produção de conteúdo, mas nem de longe repetiu os índices do curto intervalo entre abril e maio. Ao contrário, até o pleito a página passou por um processo de estagnação e queda, enquanto que outras páginas surgiram com mais força, como os Revoltados Online.

1.3.2 Mapeando o antipetismo no Facebook

¹² <http://www.revistaforum.com.br/blog/2014/05/tv-revolta-serra-e-direita-financiada/>

A vertiginosa e incomum expansão do público da TV Revolta e o aparecimento de outras páginas levantaram os questionamentos: qual é o alcance da retórica antipetista no Facebook? Quem são estes atores? Quais estratégias de visibilidade empregam? Como se conectam? Para começar a responder a estas perguntas, utilizamos técnicas da Análise de Redes Sociais online para mapear o universo de canais que antipetistas no Facebook¹³. Esta etapa do desenho metodológico foi adaptada de pesquisas recentes que vêm abrindo caminho para a cartografia das mídias sociais (FERNANDEZ, 2014; RECUERO, 2015; ROGERS, 2013).

A questão que se apresentou de início era: como definir os parâmetros para determinar os pontos de partida da mineração de dados? Para compreender e modelar os critérios que rastrearam os agentes da Rede Antipetista, iniciamos em abril de 2014 a observação do comportamento e dos fluxos de mensagens hostis contra o PT no Facebook. Tal etapa foi feita manualmente e por meio de buscas na função de procura do Facebook. Neste período, partimos da TV Revolta para procurar páginas de conteúdo semanticamente e politicamente similar. Percebemos que a TV Revolta compartilhava frequentemente postagens de outras *fan-pages* como o Movimento Contra a Corrupção.

Em sua arquitetura de ligações, o Facebook possui a função de curtir *fan-pages*. Com isso, páginas podem seguir outras páginas, cumprindo função similar ao repositório de links dos *blogs*. Ou seja, cada canal estabelece conexões com outros canais com finalidades diversas, por exemplo, acompanhar o conteúdo, compartilhar ou definir um campo de atuação comum. Na prática de uso cotidiano do Facebook, para seguir outra página o administrador deve acessar a conta de seu canal com sua senha e acionar o botão “curtir” da página desejada. Ou seja, é uma ação que mostra estruturalmente como os canais seguem uns aos outros, a partir de escolhas feitas pelos administradores.

Contudo, como a Rede Antipetista é formada de modo eminentemente não-institucional, estas ligações nem sempre seguem uma lógica definida, levando a canais totalmente diversos que não representam o antipetismo ou não tratam de assuntos políticos. Para fazer um teste do grau de organização da rede, utilizamos a função “Page Like Network” do aplicativo Netvizz (RIEDER, 2013) para extrair as informações de todas as ligações da TV Revolta em dois graus de profundidade, ou seja, as referências imediatas da TV Revolta e as conexões que estas outras páginas estabeleceram no Facebook.

¹³ A delimitação do corpus desta pesquisa em *fan-pages* é uma estratégia para contornar as limitações de privacidade do Facebook e dilemas éticos de pesquisa. Assim, focamos apenas em páginas de caráter público (GIGLIETTO, ROSSI, BENNATO, 2012).

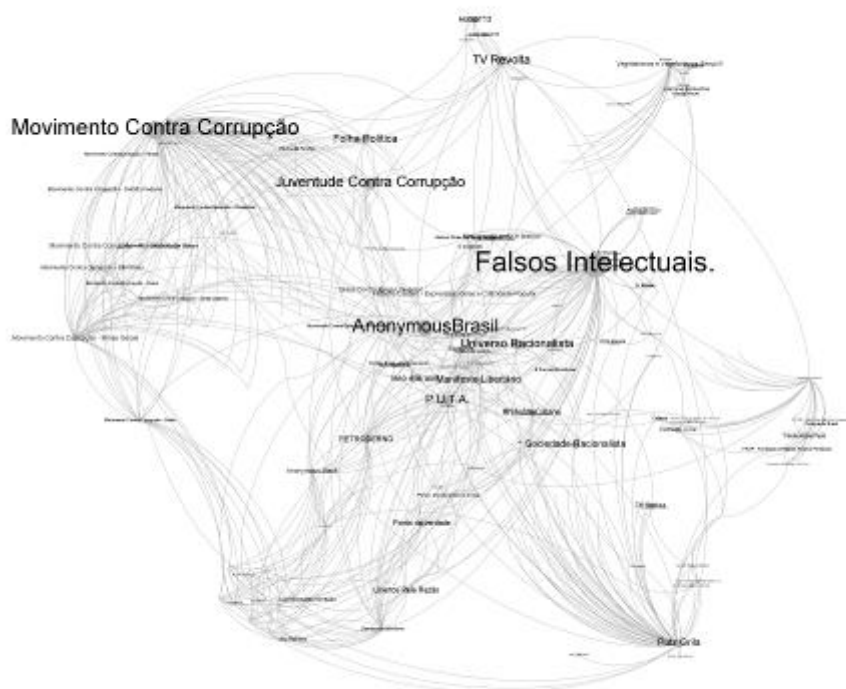


Figura 3 Rede da TV Revolta em segundo grau

O resultado na Figura 03 demonstra que apenas algumas páginas são de orientação antipetista, como o Anonymous Brasil, Juventude Contra a Corrupção, Movimento Contra a Corrupção (e sucursais estaduais), Folha Política e Humor 13. Ainda assim, representa uma visão demasiadamente fragmentada e poluída por canais que não fazem referência ao antipetismo, como Catraca Livre, Putz Grila e TV Cultura. Isso evidencia que a coleta de ligações somente a partir de uma página, ainda que em dois graus de profundidade, é insuficiente para dar conta do grande universo de *fan-pages* do Facebook.

Então, optamos por utilizar a técnica *snowball* (bola de neve), isto é, coleta de pontes a partir de nós sementes que levam a nós vizinhos em um processo de progressão escalar (BENEVENUTO et al., 2012). Para isso, realizamos uma série de extrações de dados das conexões a partir da TV Revolta, registrando as demais páginas antipetistas descobertas em uma tabela. “As técnicas empregadas permitem que os atores nos levem a outros atores e posições [...] em uma rede” (ROGERS, 2004, p. 65). Essa etapa se prolongou durante o período eleitoral, a fim de mapear agentes que surgiam durante a disputa. Na prática, cada rodada de coleta de dados apontava para páginas que eram organizavam redes antes

desconhecidas. Por fim, formamos uma amostra com 40 canais-sementes, ponto no qual as coletas se tornaram saturadas e entraram em *looping*.¹⁴ Isso quer dizer que a técnica de mapeamento por escalabilidade atingiu um patamar satisfatório e parou de encontrar grupos anteriormente desconhecidos significativos.

Estas 40 páginas-sementes foram os pontos de partida da mineração automatizada de dados que construiu a cartografia da Rede Antipetista. Ou seja, a coleta final realizada em 30 de outubro de 2014 foi feita pela função “Page Like Network” do Netvizz com dois graus de profundidade nas 40 páginas-sementes. A amostra resultante, com mais de 1.200 *fan-pages*, foi organizada e filtrada manualmente com o objetivo de excluir todas as entradas que não se relacionavam com o antipetismo. Para isso, visitamos todas as páginas inseridas na amostra e verificamos se tratavam de temas políticos e se produziram algum conteúdo antipetista em suas últimas 10 publicações. Mantivemos, porém, canais que não são antipetistas, mas que fazem parte do conjunto de referência geral da rede, por exemplo: Folha de São Paulo, Senado Federal, Polícia Federal, Exército Brasileiro, entre outros. Ainda assim, devido à natureza dinâmica e orgânica das mídias sociais, ressalva-se que não há como afirmar que a extração resultou em todas as páginas de discurso antipetista. Sobretudo, canais que não se conectam com nenhum outro ponto na rede não poderiam ser encontrados com essa técnica de mapeamento. No entanto, o objetivo inicial não era este. Entendemos que o acompanhamento diário das páginas e o desenho metodológico que envolveu a mineração, organização e apuração dos dados produziu um resultado confiável e representativo da Rede Antipetista no Facebook, revelando quais são os principais agentes e padrões de conexão estabelecidos.

A amostra final que chamamos de Rede Antipetista possui em torno de 500 páginas. Estes dados foram processados na ferramenta de análise de redes Gephi utilizando a medida estatística HITS, que produz um ranking dos canais mais bem conectados, chamados de *hubs* (KLEINBERG, 1999; VALDEZ *et al.*, 2012). Em seguida, utilizou-se o *layout* Force Atlas 2 para gerar a visualização do grafo. O Force Atlas 2 é um modelo de espacialização baseado nas leis da gravidade: os nós produzem força de repulsão entre si, enquanto que as arestas os aproximam (JACOMY *et al.*, 2011). O resultado do processamento está plotado na Figura 04, que demonstra como as páginas estão conectadas na rede. O tamanho dos nós está escalonado de acordo com os principais *hubs* encontrados. Para entender como o programa estuda os dados e monta a rede, devemos compreender que os canais são os pontos, ou nós, e

¹⁴ Lista de páginas contendo nós sementes da coleta em *snowball* está referida no Anexo 1.

as ligações entre eles, as arestas, representam como as *fan-pages* se seguem entre si. Uma página seguir a outra faz com que exista uma ligação entre um nó e outro no grafo. O Gephi interpreta essas informações de modo a gerar um sistema dinâmico, no qual grupos com mais conjuntos de conexões tendem a assumir o centro do espaço, empurrando nós menos conectados e subgrupos distintos para as margens.

Além disso, devemos compreender outra peculiaridade das técnicas de análise de redes para ler o grafo da Rede Antipetista. Esta é uma rede de ligações bidirecionadas. Isso quer dizer que as conexões entre os nós possuem uma função de saída e de entrada. Cada nó possui duas métricas, o grau de saída significa quantas páginas daquele universo ele segue; e o grau de entrada, o número das demais páginas que seguem um nó determinado. Para os fins da investigação deste artigo, grau de saída mostra o papel ativo dos canais em reconhecer seus pares dentro da rede, referenciando outros agentes de oposição antipetista. Já o grau de entrada é uma importante medida de redes que mostra quão bem posicionado um agente está na estrutura da Rede Antipetista e qual sua possibilidade de influenciar as demais páginas. O tamanho dos nós está dimensionado de acordo com a métrica grau de entrada. Com isso, chegamos ao panorama da disposição geral da rede:

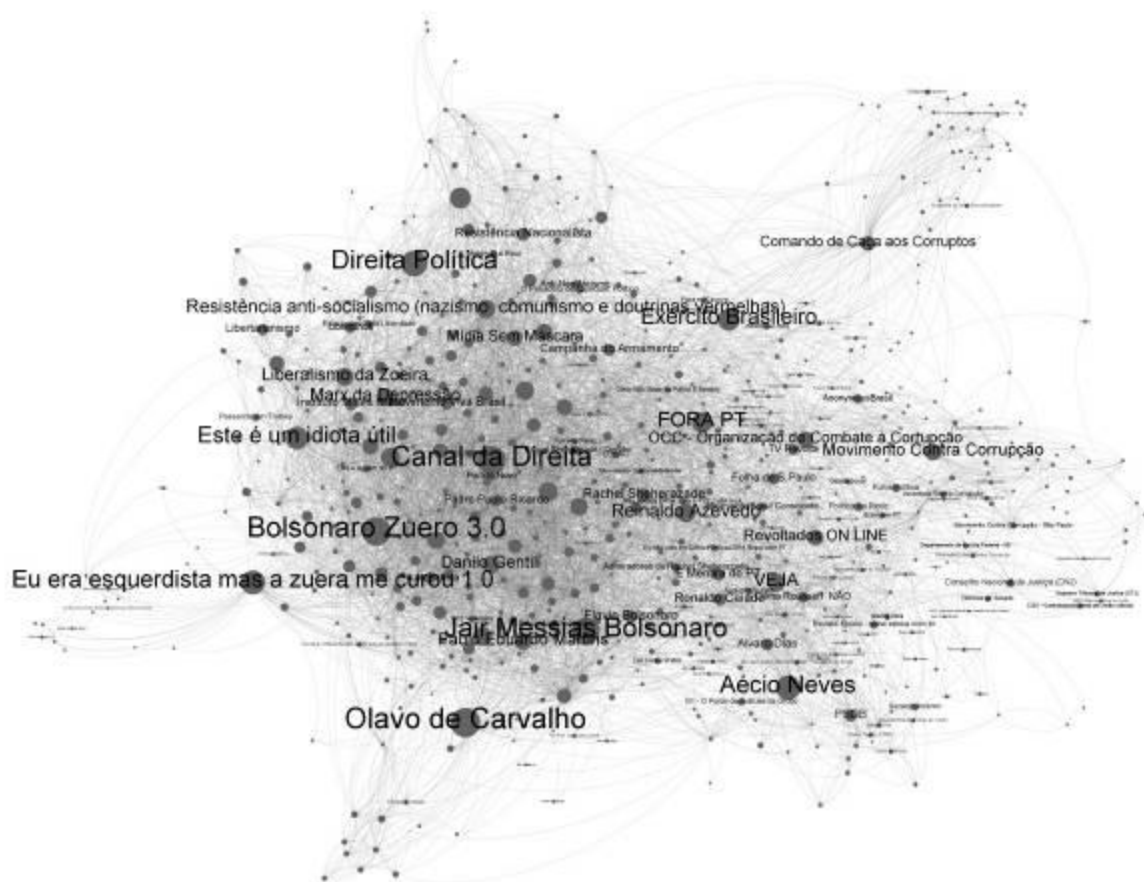


Figura 4 Cartografia da Rede Antipetista no Facebook

O próximo passo, então, é definir os principais agentes da Rede Antipetista no Facebook. A cartografia indica um grande número de páginas. Por isso, elaboramos um ranking das dez principais páginas de acordo com duas métricas quantitativas provenientes do Facebook: (1) Número de Curtidas¹⁵ e (2) Engajamento¹⁶ (pessoas falando sobre). Além disso, não incluímos neste banco de dados as páginas que são passivas (imprensa e outras instituições que fazem parte do universo antipetista, mas não tomam posicionamento abertamente contrário ao partido). O resultado está demonstrado na Tabela 01:

¹⁵ Quantidade total de curtidas das páginas no momento da extração de dados.

¹⁶ Métrica do Facebook sobre quantidade de pessoas que mencionam a página de alguma forma.

	Curtidas	n	Engajamento	n
1	Danilo Gentili	10.434.571	Aécio Neves	1.550.255
2	VEJA	5.660.665	Revoltados ON LINE	977.784
3	Aécio Neves	4.524.538	PSDB	885.859
4	TV Revolta	3.662.407	Danilo Gentili	863.051
5	Marina Silva	2.462.123	VEJA	595.360
6	Politicamente Incorreto	1.453.031	Ronaldo Caiado	515.767
7	AnonymousBrasil	1.448.171	Movimento Contra Corrupção	412.064
8	Movimento Contra Corrupção	1.393.806	Marcos Do Val	369.766
9	Revista Época	1.251.163	Alvaro Dias	332.456
10	PSDB	1.246.386	Rachel Sheherazade	253.415

Tabela 1 Top 10 Métricas Quantitativas

Contudo, pesquisas anteriores demonstraram a limitação destas métricas, na medida em que deixam de lado a lógica de alcance gerida por algoritmos de preferência e de interação: “Demonstramos empiricamente que ter um milhão de seguidores não quer dizer muita coisa” (CHA *et al.*, 2010, p. 11). Por exemplo, isso pode criar uma distorção e mostrar páginas passivas e de posicionamento marginais na Rede Antipetista com destaque pela grande quantidade de curtidas, como a Folha de São Paulo e o Portal G1. Para tentar contornar este problema, elaboramos outro ranking utilizando uma métrica de análise de redes sociais: (3) o Grau de Entrada¹⁷. Ela mostra quais são as páginas mais bem conectadas dentro da rede a partir do levantamento do total de referências que recebem.

Grau de Entrada	n
Olavo de Carvalho	79
Aécio Neves	75
Bolsonaro Zuero 3.0	75
Jair Messias Bolsonaro	73
Canal da Direita	72
Direita Política	68
Eu era esquerdista mas a zuera me curou 1.0	64
FORA PT	57
Este é um idiota útil	54
VEJA	53

Tabela 2 Top 10 Grau de Entrada

O resultado do Grau de Entrada aponta para a influência estrutural central de Olavo de Carvalho. Isso quer dizer que internamente, ou seja, entre o universo antipetista levantado no

Facebook, a sua página é a que possui mais seguidores. Além disso, sete dos 10 canais são de conteúdo gerado por usuário, excetuando Aécio Neves, Jair Messias Bolsonaro e Revista Veja. A partir disso, integramos as variáveis quantitativas e de análise de redes com o SPSS a partir de uma soma ponderada¹⁸. A combinação das três medidas visa a identificar *fan-pages* que possuem maior público; maior engajamento; e que estão bem conectadas dentro da rede. O resultado está visualizado no gráfico de barras da Figura 05.

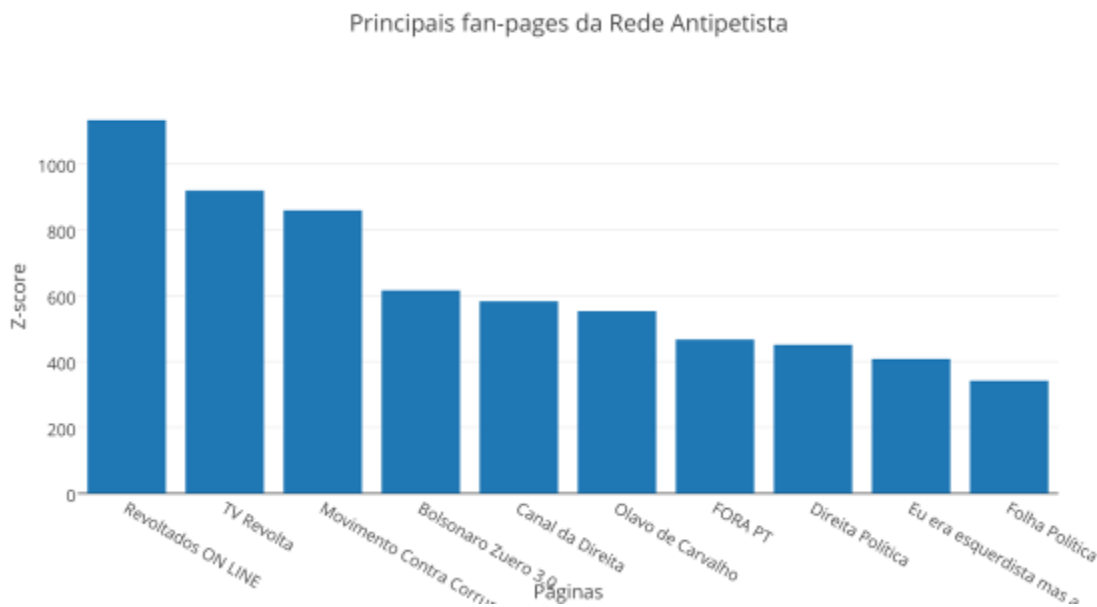


Figura 5 Top 10 páginas da Rede Antipetista

A Rede Antipetista se organiza de forma descentralizada e sem proposta de ação em longo prazo. Em comum, os canais reivindicam um espaço político de oposição com a finalidade hostilizar as lideranças petistas e o governo federal. A retórica do grupo assume tons agressivos, ora apelando para o sentimento de revolta, ora atacando a corrupção, indicando uma política de visibilidade sustentada pelos sentimentos de frustração, afastamento e cinismo.

Ensinar a todos entender e compreenderem a política nas entrelinhas, mostrar a verdade que eles escondem, dar um basta a toda essa podridão, vamos mostrar para esses facínoras ladrões do dinheiro público, verdadeiros criminosos no poder e suas quadrilhas PT, PSOL, CUT, MST, PMDB, PTB, UNE, PCdoB, PCB, PDT, PSDB, Dialogo Interamericano, Foro de São Paulo e outras porcarias Comunistas e

¹⁷ Métrica da Análise de Redes Sociais que indica quantas ligações de entrada o nó possui, ou seja, quantas páginas da amostra o curtem.

¹⁸ A soma ponderada foi escolhida como técnica para trabalhar com métricas de grandezas diferentes, pois a variação entre curtidas, engajamento e grau de entrada é muito significativa para uma operação de adição simples. Sabendo disso, realizamos um ranking relativo à mediana de cada variável e somamos os resultados finais.

socialistas, a verdadeira face dessa Ditadura¹⁹ (ORGANIZAÇÃO DE COMBATE À CORRUPÇÃO, 2014).

Entendemos que esse grupo apresenta um fenômeno de notável relevância na circulação das informações políticas contemporâneas. Isso porque constitui um lócus discursivo que passa ao largo de instituições tradicionais como governo, partidos, sindicatos e associações. Também não faz parte da mídia tradicional, líderes de opinião ou dos recentes blogueiros comentaristas de política. Ao contrário, a Rede Antipetista é reconhecida no Facebook por um público agregado de milhões de seguidores, com postura de enfrentamento e mensagens hostis dirigidas contra agentes de situação do governo federal, petistas, deputados e lideranças consideradas de esquerda. Torna-se, portanto, um espaço de comentário político que segue lógicas e normas particulares, tangenciando a mídia tradicional e os blogueiros progressistas. Assim, nota-se que existem fluxos políticos *anti-establishment* em um ambiente não institucional e caótico, no qual atores anônimos se mobilizam pontualmente na proposição de agendas de ataque ao governo petista, refletindo um ponto de vista que se aproxima do senso comum. Além do ataque ao governo, os canais empreendem críticas que visam à desconstrução das ideias e das propostas identificadas como de esquerda e, hiperbolicamente, consideradas como socialistas, comunistas e bolivarianas.

1.3.3 Clusters do Antipetismo: subgrupos e controvérsias

A cartografia da Rede Antipetista no Facebook representa um retrato estrutural das ligações entre centenas de páginas que têm como objetivo exercer antagonismo contra o governo petista. Entre os canais levantados, todavia, há diferenças relativas à abordagem, aos fundamentos ideológicos e ao tom utilizado no tratamento e na produção das mensagens. Como as páginas, em sua maioria, são administradas por cidadãos comuns, não possuem rotinas institucionais rígidas, nem normas profissionais, frequentemente adotam dinâmicas e práticas multifacetadas. Por isso, os atores da Rede Antipetista acionam distintos pontos de vista e estratégias comunicacionais. Nesta seção, tentamos identificar as disputas e mutações do discurso antipetista. “A identificação destas comunidades é de crucial importância, pois elas podem ajudar a descobrir módulos funcionais antes desconhecidos como tópicos em redes informacionais ou cibercomunidades em redes sociais” (BLONDEL *et al.*, 2008, p.02).

Aplicamos o algoritmo de detecção heurística de comunidades do Gephi²⁰ para levantar indicativos com a finalidade de orientar os passos posteriores da análise da atuação

¹⁹ <https://www.facebook.com/organizacaoodecombateacorrupcao/info>

dos canais. Com isso, encontramos as subdivisões estruturais na rede de acordo com a proximidade de ligações. Na prática, a ideia é que conexões densas formam subcomunidades de nós, chamadas de *clusters*. “Quanto mais densas as interconexões entre um determinado grupo de nós, maiores as chances de eles constituírem um módulo na rede. Ela tende a separar clusters de nós dentro da rede” (RECUERO, 2014, p. 68). Sabendo das limitações desta técnica, na medida em que as inflexões estruturais não se traduzem em composições semântico-políticas (LYCARIÃO, DOS SANTOS, 2015), a segmentação estrutural oferece pistas da proximidade entre subgrupos comuns no interior da Rede Antipetista que serão mais bem investigadas na análise semântica.

Hsu e Park (2011) estudam a sociologia dos hiperlinks na internet e defendem que, mesmo com ligações não orientadas de acordo com critérios burocráticos rígidos, as conexões online apontam para um determinado campo de atuação política e ideológica. Este campo agrega diversos atores em torno de uma estratégia de comunicação similar:

Obviamente, alguns destes links são, algumas vezes, feitos pelas razões mais triviais. Contudo, estes links são frequentemente considerados e refletem escolhas sérias, particularmente em uma rede política. Portanto, ao analisar os padrões de ligações, nós podemos capturar uma perspectiva construída socialmente de relações entre os membros dentro de um grupo online de atores que compartilham o interesse ou uma agenda em uma rede social (HSU & PARK, 2011, p. 357).

Utilizamos a medida de modularidade do Gephi, então, para traçar a proximidade de ligações entre os nós para agrupá-los em comunidades. Com isso, foram identificados seis subgrupos majoritários do antipetismo. Partindo disso, propomos uma tipologia com categorias nomeadas conforme as estratégias de visibilidade empregadas pelo conjunto de *fan-pages* de cada *cluster*. Sobretudo pela falta de organizações institucionais diretamente ligadas a estes canais, as fronteiras entre os grupos se formam de modo tênue. São agrupamentos que enfatizam um determinado aspecto do antipetismo, funcionando como sotaques discursivo-políticos antipetistas mais acentuados e não como rupturas bruscas.

²⁰ Para encontrar estas comunidades, utilizamos o grau de relevância 1,5 da estatística modularidade do Gephi.

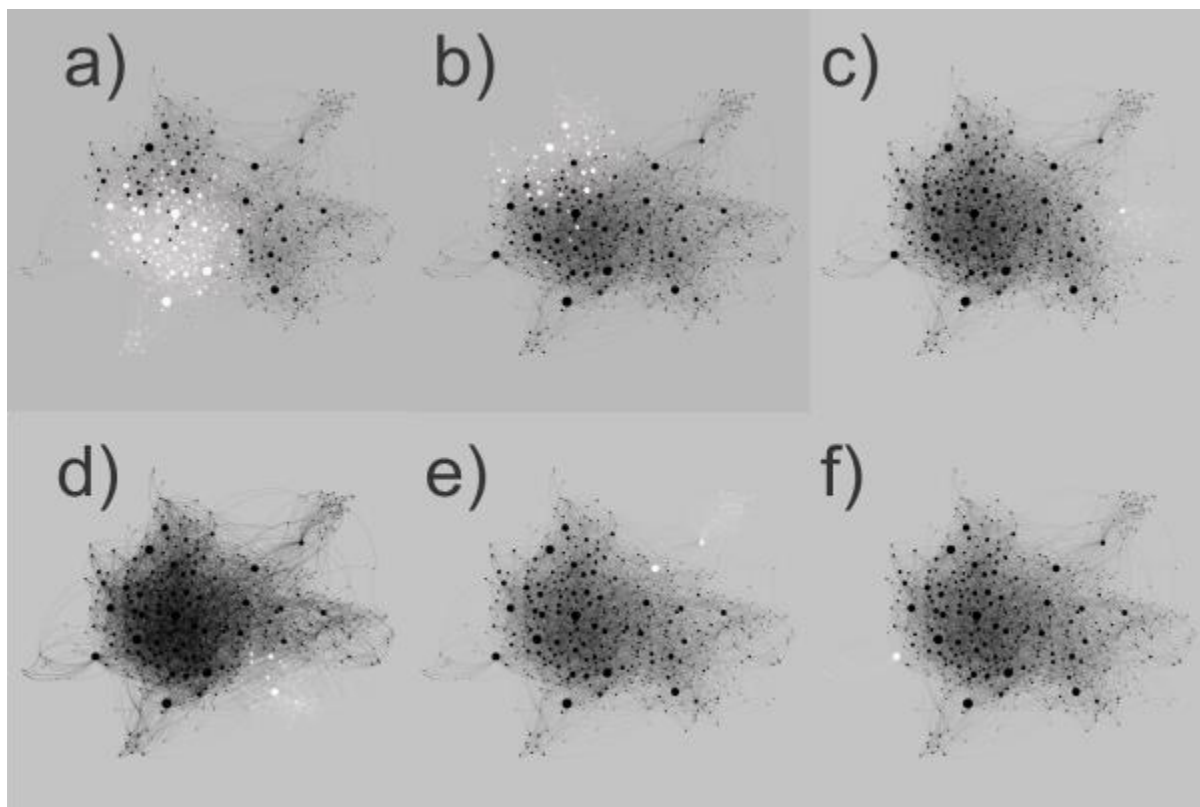


Figura 6 Localização dos Clusters da Rede Antipetista

(a) **Miscelânea de Direita:** *Cluster* de canais que se autodeclaram reacionários de direita, como: Canal da Direita; Direita Já; Direita Política; Jovens de Direita; Direita Realista; O Reacionário; Super Reaçã; Direita Vive; Anti neo-ateísmo; Resistência Nacionalista; Esquadrão Conservador; e Politicamente Irado. É a subrede central, mais densa e robusta do antipetismo. Além disso, há atores que transitam por esferas institucionais, mas que possuem ação disruptiva, como Olavo de Carvalho, o deputado federal, Jair Messias Bolsonaro (PP-RJ), e a jornalista, Rachel Sheherazade. Eles adquirem legitimidade ao falar de política com um posicionamento *outsider*, aproximando-se do senso comum e das opiniões que circulam em torno do cinismo político. Pelo acentuado número de ligações, são canais de considerável impacto entre os nós próximos, até com fãs clubes destinados a repercutir suas mensagens, como apoiadores como Admiradores de Rachel Sheherazade e Musas Olavettes. “Sim, somos reacionários; nossa reação é contra tudo que não presta”²¹ (CANAL DA DIREITA, 2014);

²¹ <https://www.facebook.com/CanalDaDireita/info?tab=overview>

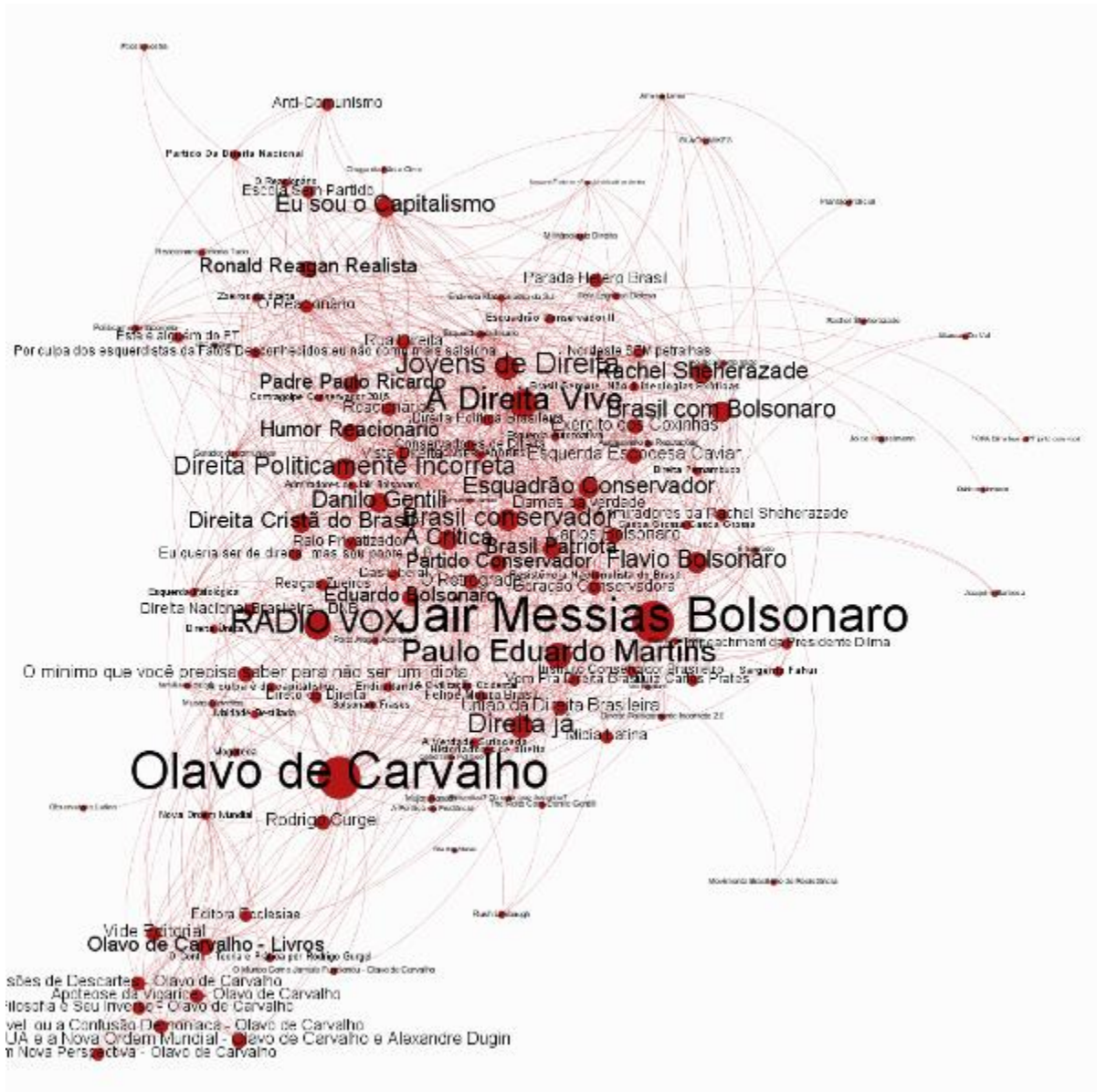


Figura 7 Cluster Miscelânea de Direita

(b) **Liberal anticomunista:** *Cluster* que ressoa os discursos de tradição econômica liberal e anticomunista. Entre as principais *fan-pages* que compõem este conjunto, ressaltam-se: Resistência anti-socialismo (nazismo, comunismo e outras doutrinas vermelhas); Libertarianismo; Instituto Mises; Instituto Liberal; Libertários; Libertroll; Foco Liberal; Marx da Depressão; PT da Depressão; Porco Capitalista; Mulheres Contra o Feminismo; Manifestação Contra o Foro de São Paulo; Comunista de Rolex e Esquerda Caviar. Elas representam uma metamorfose contemporânea e ambivalente do discurso anticomunista, fazendo referências a temas liberais como a crítica ao estado de bem-estar social e às políticas de redistribuição econômica contra a suposta ditadura bolivariana do PT. É um indício que aponta para as reconfigurações do “medo vermelho”, vigente na década de 1960 no Brasil,

a Corrupção, Povo Brasileiro, Chega de Corruptos, Isso é Brasil, Dia do Basta; e Mensaleiros na Cadeia. Mais ao centro estão TV Revolta e Política na Rede. É notável a presença do tema da corrupção, vinculada quase que exclusivamente ao PT, articulando sentimentos de cinismo e de impunidade contra os escândalos extensamente divulgados pela imprensa. Além disso, enfatiza-se que os desvios morais são percebidos majoritariamente na figura do PT, direcionando apelos por justiça e medidas drásticas contra suas lideranças. “Lula está surpreso com o grau de rejeição ao PT e reconheceu que a imagem do partido pode ter desgastado antes do que previa. A imagem do partido desgastou porque é um partido de corruptos!”²³ (MOVIMENTO CONTRA A CORRUPÇÃO, 2014);

²³<https://www.facebook.com/MovimentoContraCorrupcao/photos/a.257980104314265.49913.254329351346007/614409992004606/?type=1&theater>

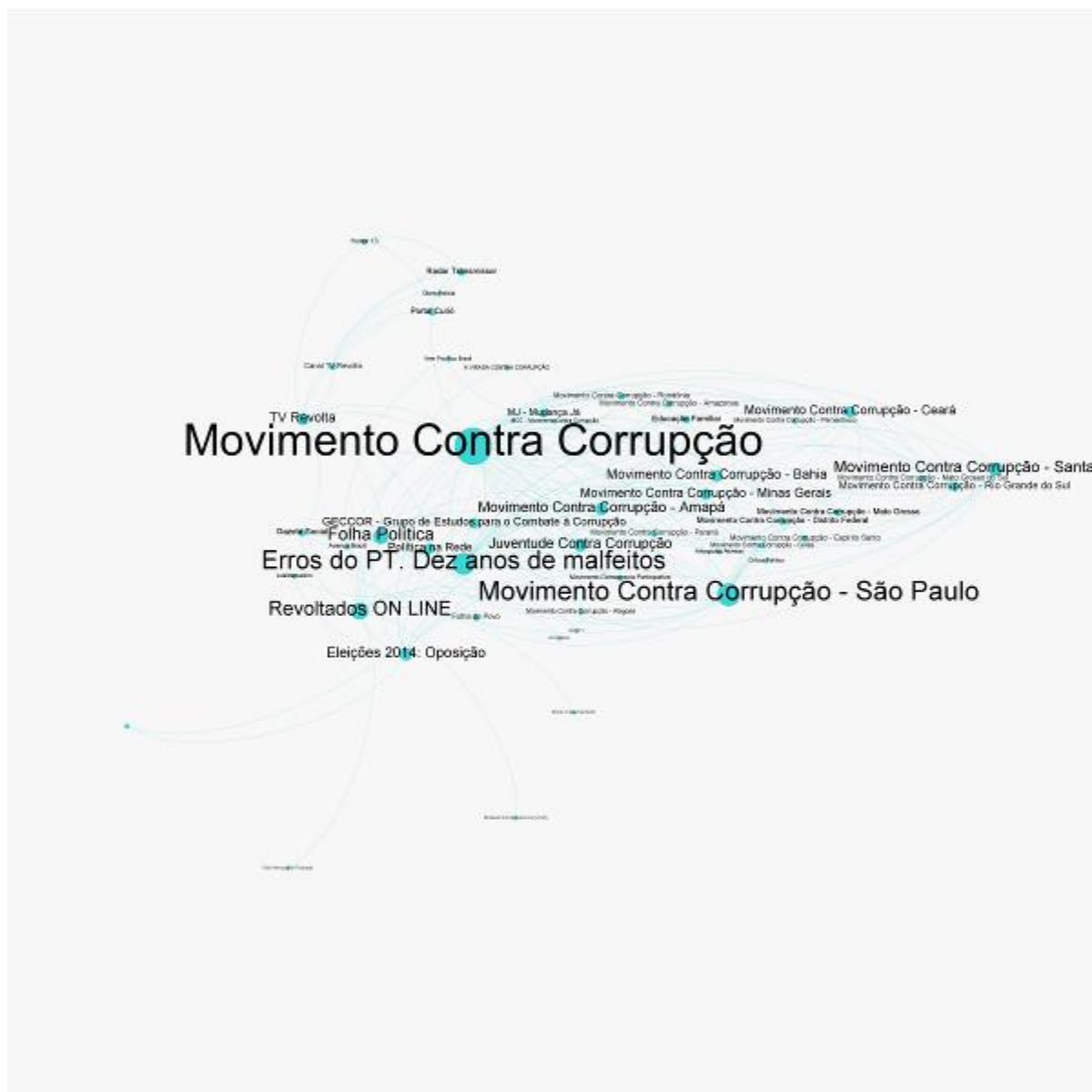


Figura 9 Cluster Anticorrupção

(d) **Institucionais:** Cluster de fan-pages oficiais de meios de comunicação, como: Veja, Estadão, Exame, O Globo e Folha de São Paulo; veículos partidários, como: PSDB, Partido Novo, Geraldo Alckmin, Fernando Henrique Cardoso, Ronaldo Caiado e Aécio Neves; bem como dos colunistas, Reinaldo Azevedo, Ricardo Noblat e Paulo Eduardo Martins, além do humorista, Danilo Gentili. Devemos enfatizar que estes atores institucionais ocupam lugar periférico na rede, indicando que não são fundamentais na construção do antipetismo, com exceção à Revista Veja. Pelo contrário, são acessórios adjacentes que não representam o conteúdo político gerado por usuário que é subjacente ao objeto desta dissertação, porém estão ilustrados no grafo como personagens passivos que fazem parte de um microuniverso de referência dos principais agentes da rede;

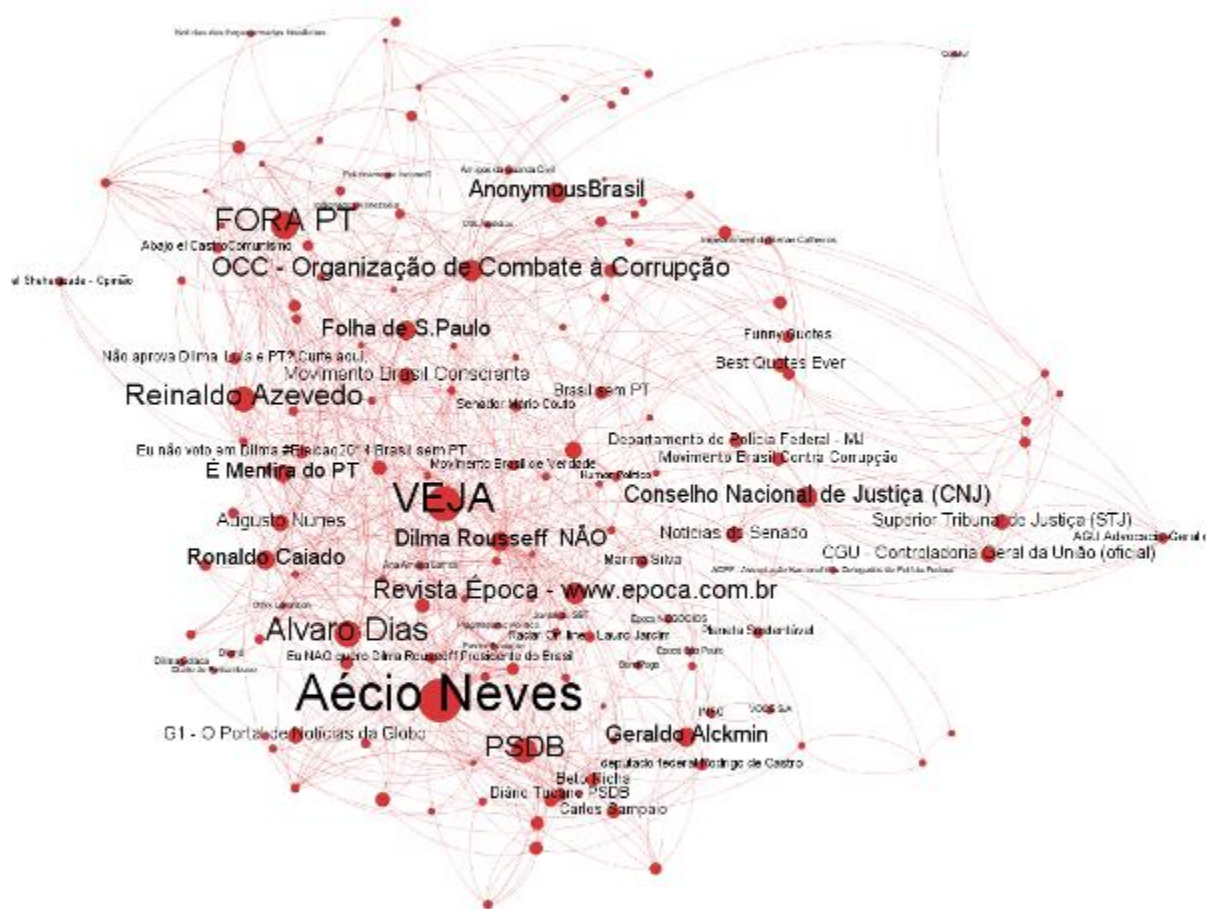


Figura 10 Cluster Institucional

(e) **Intervencionista:** Este *cluster* mescla páginas que compartilham a retórica intervencionista e antidemocrática, ou seja, pedem abertamente a ação dos militares para depor a presidente da república e destituir o Congresso Nacional. Entre elas estão: Comando de Caça aos Corruptos (CCC), que faz referência ao antigo Comando de Caça aos Comunistas, organização paramilitar de extrema direita que atuava na época ditatorial para hostilizar os opositores do regime, inclusive praticando homicídios²⁴; Intervenção Militar Já; Faca na Caveira; Movimento Brasileiro de Resistência; Orgulho de Servir; e Eu sou Caveira. Por outro lado, há muitos pontos de referência da ordem e do status quo relativos ao

²⁴<http://www.cartacapital.com.br/sociedade/marchadafamiliatemcaveiraopeloatorturaecomandodecacaoscorruptos563.html>

Judiciário e às forças armadas (o Exército Brasileiro, por exemplo, aparece como referência deste *cluster*, mesmo não sendo ator participante da rede). Os intervencionistas se dedicam à exaltação da força militar, resgatando temas como a redução da maioria penal, tolerância zero contra criminosos, instauração da ordem e dos valores tradicionais.

Reconheço e denuncio os partidos políticos e demais organizações apoiadoras do governo atual como uma conspiração contra o Brasil, sendo estas forças destrutivas da nação brasileira e traidoras do povo brasileiro. Para tal, autorizo aos interventores civis e às forças armadas a execução das seguintes missões: 1ª - destituir a presidente Dilma Rousseff do cargo de presidente da república 2ª - dissolver o congresso nacional seguindo-se de eleições gerais com plebiscito prévio sobre regime de governo com escolha entre: república presidencialista, república parlamentarista, ou restauração da monarquia constitucional parlamentarista. 3ª - prisão de todos os conspiradores por corrupção e alta traição, ao servirem voluntariamente a interesses estrangeiros contra o Brasil através do foro de São Paulo, que é uma invasão sigilosa do território nacional executada por países estrangeiros liderados pelo regime de Cuba através de agentes infiltrados, também por associação aos narcotraficantes das FARC e pelo desvio das riquezas nacionais para beneficiar outros países. 4ª - dissolução de todos os partidos e organizações integrantes ou apoiadoras do Foro de São Paulo (COMANDO DE CAÇA AOS CORRUPTOS, 2014) ²⁵.

²⁵ https://www.facebook.com/ComandoDeCacaAosCorruptos/info?tab=page_info

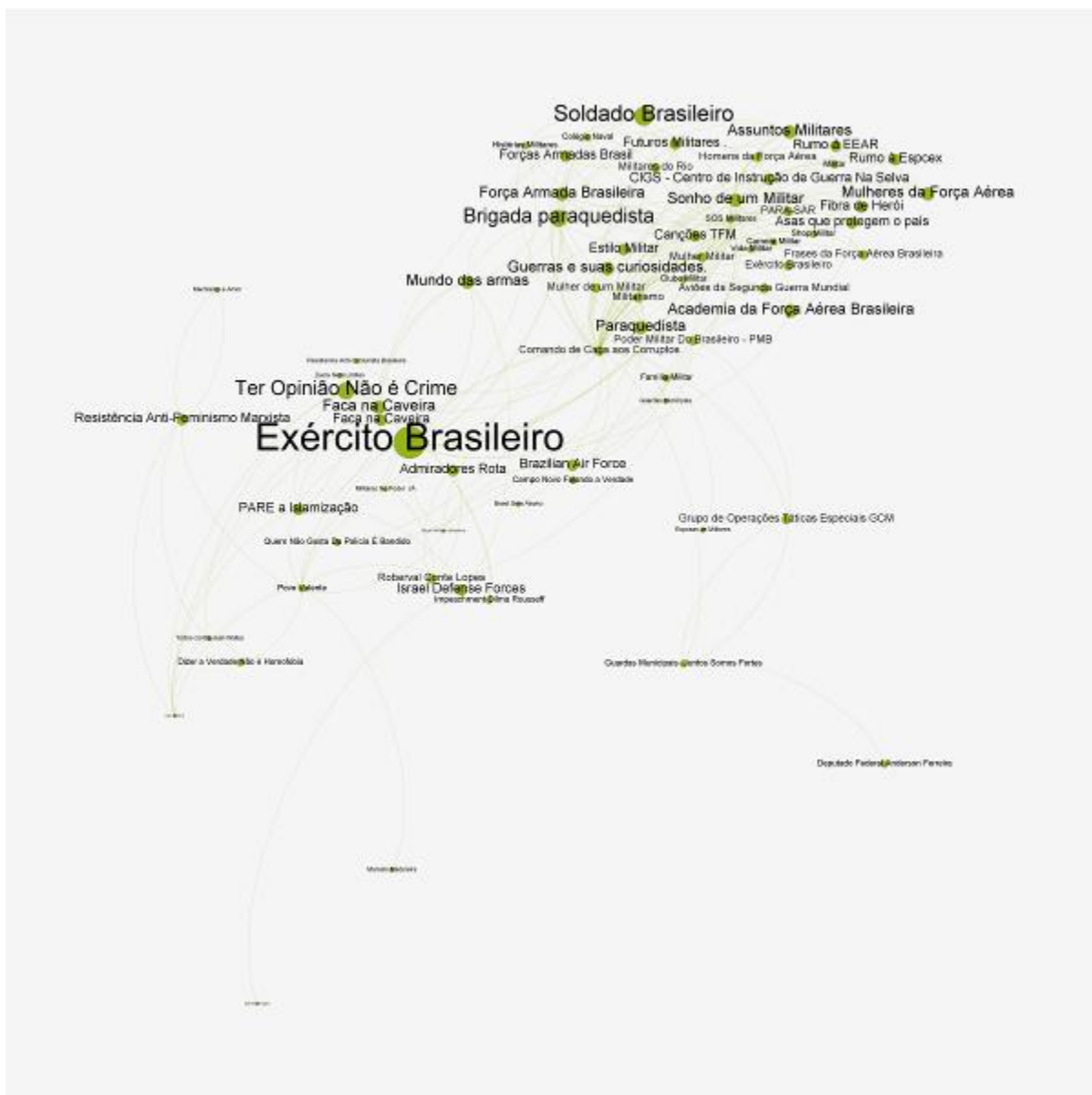


Figura 11 Cluster Intervencionista

(f) **Trolls:** Na rede é perceptível um *cluster* espalhado que se volta ao apelo humorístico, frequentemente utilizando-se de memes e de montagens para disseminar comentários ácidos contra as ideologias e lideranças de esquerda. Chamam a atenção entre eles: Cristão Opreçor, Este é Alguém do PT, Este é um Idiota Útil, Segura o Che, Direita Politicamente Incorreta. É um fenômeno recorrente e sintomático da linguagem das mídias sociais, apropriando-se de temas políticos com abordagens irônicas, chavões e piadas. “Esta é a capa. O PT roubou o que era para estar aqui” (ESTE É ALGUÉM DO PT) ²⁶.

²⁶ https://www.facebook.com/EsteEAlguemDoPT/info?tab=page_info

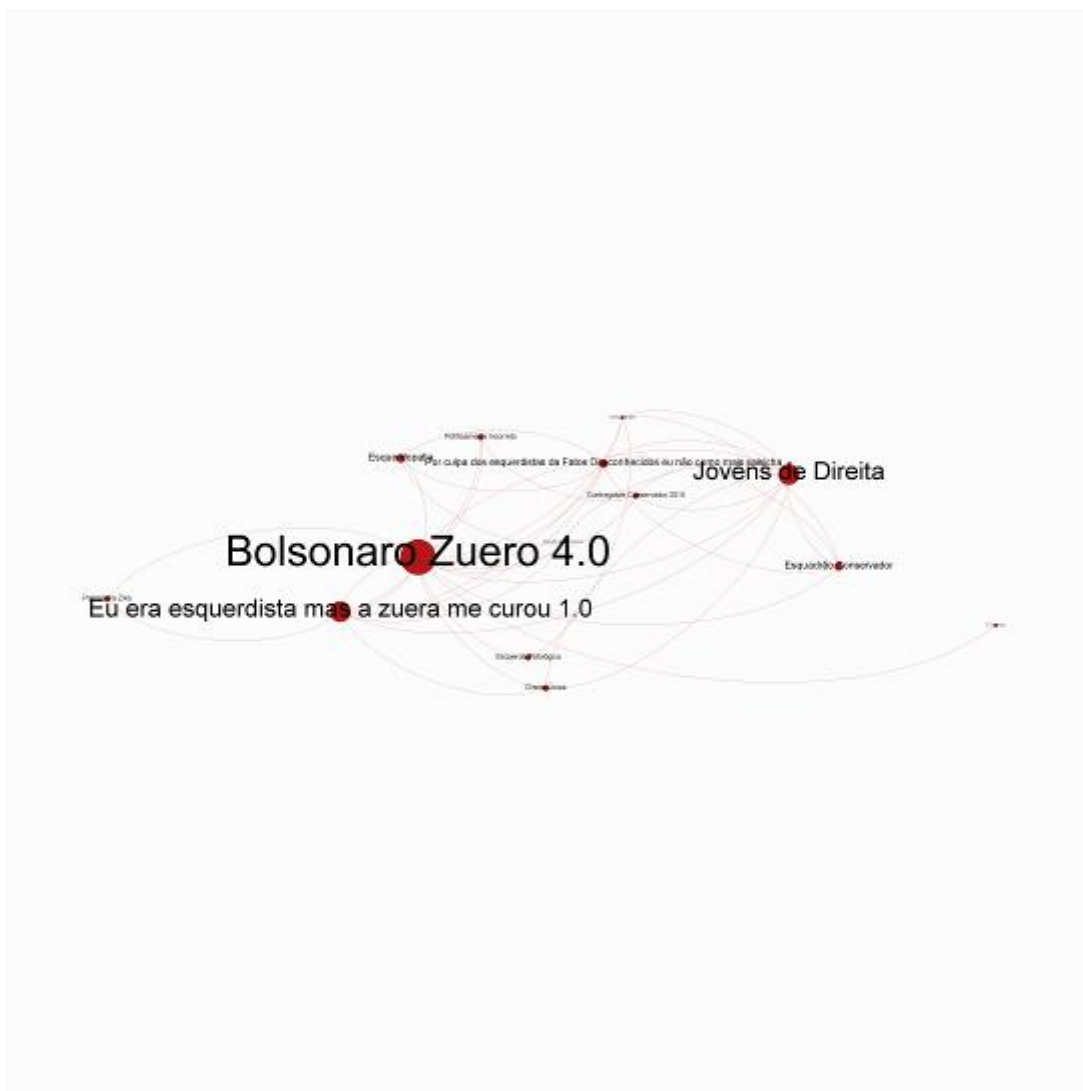


Figura 12 Cluster Trolls

Por fim, identificamos nos clusters, em preto, a localização das páginas institucionais na Figura 13. Na Rede Antipetista instituições existentes fora do ambiente digital desempenham um papel menor e, comparativamente, ocupam lugar marginal. Elas incluem políticos de partidos de oposição, como o PSDB e o DEM, e organizações de mídia tradicional, como – O Globo, Folha de S. Paulo e Veja, entre algumas outras – ou jornalistas, como Reinaldo Azevedo e Ricardo Noblat. Todavia, a atenção que eles recebem é modesta em comparação com a dos demais agentes, os quais desempenham um papel marginal que tangenciam as organizações oficiais.

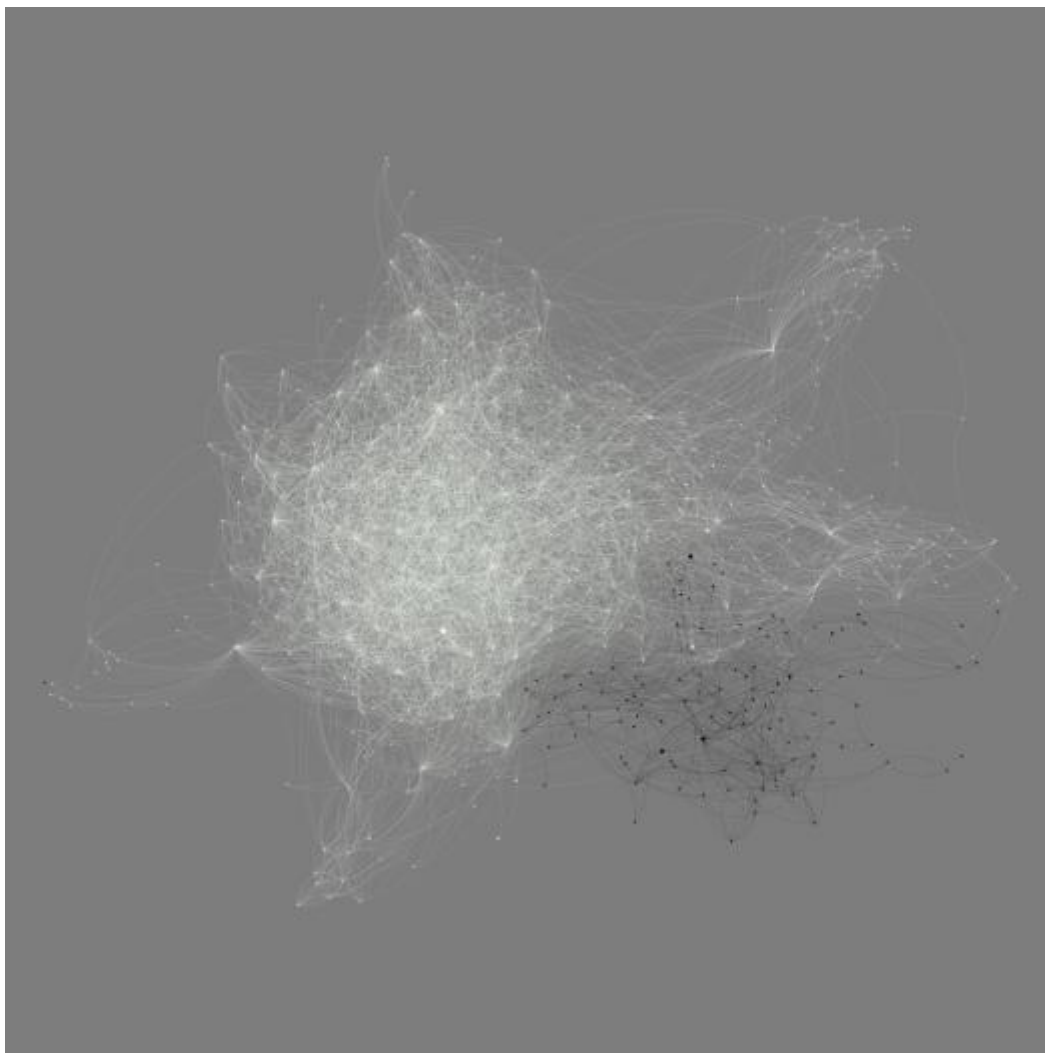


Figura 13 Cluster Não-Institucional (branco) vs. Cluster Institucional (preto)

A Rede Antipetista no Facebook possui centenas canais, alguns com grande alcance, como: Olavo de Carvalho, Revoltados Online, TV Revolta, Movimento Contra a Corrupção, Fora PT, Organização Contra a Corrupção, Movimento Brasil Consciente e o Bolsonaro Zuero 3.0. Outros atendem a um público mais localizado de características diversas. Entendemos que eles representam fluxos políticos de atores híbridos que se mobilizam pontualmente na proposição de agendas de ataque ao governo petista. Tal hipótese pode ser ilustrada e sustentada pelo caráter periférico que a subrede de agentes institucionais (em preto) ocupa no ecossistema antipetista. Partidos opositores tradicionais como o PSDB, PP e o DEM ou veículos de imprensa figuram como personagens passivos, que fazem parte do universo mais amplo e são citados nos canais centrais a partir de lógicas próprias, distorcendo e re-enquadrando o discurso.

1.4 Discussão: guerrilha antipetista na campanha de 2014

As mídias sociais funcionam como um espaço aberto, receptivo a diversas lógicas de comunicação política que se sobrepõem e entram em conflito. A campanha presidencial de 2014 foi um marco de intensidade e de engajamento dos usuários nos debates. Contudo, este ambiente comunicacional envolve vários tipos de atores. Partidos e candidatos ocupam uma parcela, responsável pelo conteúdo oficial e pela mobilização dos simpatizantes, assim como pela recirculação das propagandas de TV. Por outro lado, um grande e multifacetado conjunto de atores tangencia a imprensa e as instituições políticas para influenciar, ainda que com um alcance individual menor, o debate eleitoral. Estes grupos mantêm as mais diferentes relações com o sistema político e midiático. A Rede Antipetista é um agrupamento de ação não sistematizada político-midiática digital que alcançou dezenas de milhões de pessoas com suas mensagens contrárias à candidatura de Dilma Rousseff. Nesta discussão, temos a finalidade de pontuar alguns detalhes de sua composição heterogênea, compreendendo seu lugar na literatura especializada sobre campanhas em meios digitais.

Os antipetistas empregam táticas de guerrilha com o objetivo de criar um ambiente negativo e enfraquecer os petistas, inclusive utilizando-se, em alguns momentos, de retórica antidemocrática que ataca a legitimidade dos representantes eleitos, das instituições e das normas. No entanto, não propõem vias político-institucionais alternativas. A função principal do conjunto é enfraquecer o adversário; e não ocupar o terreno político. Sua ação está associada a culturas políticas de ressentimento e de desencanto com a democracia representativa, acionando elementos do senso comum e da moralização da política para minar a legitimidade do governo federal. O que chamamos aqui de terrorismo midiático é uma interpretação da similaridade entre a Rede Antipetista e as redes de células terroristas chamadas por Mishal e Rosenthal (2005) de *Dune Organization*, do ponto de vista de um conjunto de atores que atuam sem hierarquia rígida, de modo disperso, sem afiliação institucional, pouca negociação com outras organizações e comunicação fragmentada.

Quando ações terroristas são desenvolvidas pela organização e por grupos fracamente associados a ela, são marcadas em intervalos de tempo, em detrimento de uma data pré-estabelecida; e as ações dos grupos afiliados não são necessariamente idênticas em termos do *modus operandi*, mas é atingido o mesmo resultado, é indicativo de que uma *Dune Organization* está funcionando (MISHAL, ROSENTHAL, 2005, p. 21).

Deste modo, a Rede Antipetista pode ser compreendida de modo similar à lógica de ação conectiva de Bennett e Segerberg (2012) como um agrupamento informal de quadros de

ação pessoais, sem liderança única, laços fracos e direcionados contra o sistema político institucionalizado, como: partidos, sindicatos, imprensa e organizações sociais capilarizadas. Com base em contextos de descontentamento político e social, como as conjunturas dos protestos de Junho de 2013 e do Não vai ter Copa, indivíduos se organizam por meio da Ação Digital em Rede a fim de comunicar mensagens simples e facilmente generalizáveis pelo Facebook, com rápida escalabilidade a partir de canais anonimizados e do compartilhamento em *feeds* pessoais, atingindo grande quantidade de usuários. As mídias sociais funcionam, então, como agentes organizativos em rede. “Essas redes podem operar por meio de processos organizacionais das mídias sociais e sua lógica não requer forte controle ou a construção simbólica de um ‘nós’ unificado” (BENNETT & SEGERBERG, 2012, p. 748). Estes aspectos levam a manifestações com identidades coletivas, agendas e ideologias heterogêneas, que representam as políticas de insatisfação pessoal de milhares de pessoas, unificadas pelas palavras de ordem “Fora Dilma” e “Fora PT”. Contudo, a novidade é que esta ação individualizada não requer envolvimento em redes organizacionais partidárias, coletivistas ou ideológicas bem estabelecidas e duradouras, reduzindo as barreiras e custos de participação²⁷.

É necessário um parêntese nesta análise fundamentada nos autores. O modelo de ação comunicativa de Bennett e Segerberg nos parece adequado para explicar as estruturas formais da Rede Antipetista, isto é, suas conexões de laços fracos, atuação periférica das instituições, generalização das pautas e heterogeneidade dos repertórios de ação. Contudo, quanto ao conteúdo político da atuação midiática da Rede Antipetista, o arcabouço teórico dos autores deve ser apropriado com a devida cautela. Isso porque eles partem do contexto eurocêntrico, descrevendo uma conjuntura de progressiva individualização da sociedade como um todo, que leva ao declínio da função representativa de partidos, movimentos sociais e sindicatos. Em seu lugar, surge a ação digital personalista, mediada pelas plataformas da internet. Por ação personalista, Bennett e Segerberg (2012) entendem: quadros de ação comunicativos individualizados que tendem se dedicar a temas pós-materialistas, como: gosto, identidade, gênero, estilos de vida, consumo e meio-ambiente. Nesse sentido, Bennett (2011) deixa claro que o personalismo pressupõe deixar para trás modelos de envolvimento político movidos pela ação coletiva tradicional: “a orientação individualizada do cidadão consumidor reduz o apelo de adotar identificações coletivas com um partido, ideologia ou movimentos

²⁷ Há um embate entre ações coletivas e ações personalizadas no sentido de indivíduos se desqualificarem mutuamente. Isso pode ser ilustrado pelas críticas petistas aos “coxinhas”, relativas à baixa sofisticação político-

convencionais”. Na atuação da Rede Antipetista, porém, é nítida a negação dos repertórios de ação coletiva tradicionais, mas há ressalvas importantes quanto à fundamentação ideológica, que se assemelha a interpretações livres de pensadores e lideranças antiestablishment. Bennett reconhece que a ação personalista também pode carregar “ecos” de atividades ideológicas, como o que chama de ação personalizada de direita do Tea Party: “o lado conservador da política personalizada está cheio de referências à liberdade pessoal e a reações altamente emocionais contra tentativas de ajustar o balanço social em escolas, planos de saúde ou salário, que são vistos como ameaças à liberdade” (BENNETT, 2011, p. 23). A retórica do Tea Party se aproxima da Rede Antipetista, inclusive em sua estrutura híbrida e financiamento escusos e na retórica, como mostra o exemplo de retratar Obama como socialista e nazista: “a direita adotou uma aversão personalista e encrustada ao diálogo e à deliberação” (IDEM, p. 24). Porém, embora utilize diversos quadros de ação personalistas de direita, a Rede Antipetista constrói um espaço altamente ideologizado, ainda que por fora do raio de influência e homogeneidade institucional de partidos ou movimentos sociais. Apesar das similaridades, a sociedade brasileira não fez o percurso europeu que deixa para trás uma conjuntura de grande vínculo partidário em função de ações individualizadas. Estes processos se dão de modo mais complexos e sobrepostos, mesmo em objetos que negam o sistema político tradicional.

Nesse sentido, a Rede Antipetista não apresenta as características da lógica partidária de campanha eleitoral, isto é, centralização das decisões, hierarquia *top-down*, profissionalização, racionalidade organizativa, burocracia, uniformidade e reduzida autonomia dos movimentos de base (GIBSON & WARD, 2009). Por outro lado, as características deste agente comunicativo apontam para um cenário de interfaces que, segundo Kreiss (2012), dialogam e conflitam com o desenvolvimento de estratégias pelas organizações partidárias com a finalidade de se relacionarem com conjuntos de atores, de certa forma, independentes do partido na disputa eleitoral online, focando na “criação, cultivo e manutenção de laços com movimentos aliados que se mobilizam durante as campanhas para propósitos informacionais” (KREISS, 2012, p. 205). Nesse sentido, a Rede Antipetista aponta para um contexto no qual há confusão entre o institucional e o não institucional. Interessante notar que as agências contratadas pelos partidos frequentemente subcontratam estes atores com a finalidade de produzir propaganda ou conteúdo informacional e opinativo em favor de determinado candidato, simulando o efeito de

ideológica; e, por outro lado, pelas críticas dos antipetistas aos incentivos organizacionais dados aos

movimentos de base (WALKER, 2009), como há indícios na TV Revolta. Blogueiros também denunciaram a ligação do PSDB paulista com o canal O Implicante. Pensando nisso, elucidamos as relações tensas entre os antipetistas e os tucanos. Momentaneamente, eles fizeram parte do mesmo time na oposição à candidatura de Dilma Rousseff. Com o fim da eleição, porém, os antipetistas se voltaram contra o PSDB pela falta de contundência do partido acerca do impeachment.

Dialogando com o conceito de redes políticas híbridas de Chadwick (2007), Bennett e Segerberg dividem a ação conectiva em dois tipos: auto-organizadas e institucionalmente estimuladas, considerando o grau de envolvimento de entidades no direcionamento das ações políticas. Embora os dados evidenciem que a Rede Antipetista desloca a importância de atores institucionais para a periferia, não podemos afirmar que os antipetistas tiveram funcionamento completamente orgânico, isto é, desvinculado dos comitês eleitorais, nem que foram construídos como uma estratégia oposicionista/peessedebista de disseminação de propaganda negativa extraoficial. Ambos os coordenadores das campanhas, Xico Graziano do PSDB e Leandro Fortes do PT, afirmaram que a prática de criar robôs para potencializar o compartilhamento de mensagens é comum: “Eu fiquei meio decepcionado. Na campanha de todo mundo, você tinha muito disso, era robô retuitando. De repente você tinha um tuíte, você tinha mil retuites, tava na cara que aquilo lá era falso”²⁸ (GRAZIANO, 2015). É interessante compreender que a atuação da Rede Antipetista atendeu pontualmente a interesses estratégicos do final da corrida eleitoral do PSDB, na medida em que atacou a candidatura petista, sem que o agente da propaganda negativa fosse nítido. Todavia, também é notável como boa parte dos antipetistas manifestava descrença com a força de Aécio Neves e, depois do pleito, total revolta contra o que entenderam como falta de contundência do candidato derrotado na campanha pelo impeachment, como ficou evidente nos ataques a Graziano²⁹. Está claro que os modelos organizacionais são diferentes, um de origem institucional e partidária e outro não institucional; assim como os objetivos, sendo que as agendas políticas só coincidiram nas últimas semanas de campanha. Alguns atores da heterogênea Rede Antipetista se aproximaram da campanha do PSDB mais do que os outros.

O caso da TV Revolta é emblemático, pois ilustra como o maior canal da Rede Antipetista em número de curtidas, algo em torno de 3,6 milhões, inclusive com mais seguidores do que Aécio Neves, durante parte da campanha, não teve atuação orgânica, isto é,

participantes de mobilizações convocadas pelos setores de esquerda.

²⁸ <http://apublica.org/2015/06/todomundousafake/>

crescimento verificado apenas pelo engajamento regular dos usuários. Isso porque a taxa altamente desproporcional concentrada entre março e maio de 2014 não se repetiu durante a eleição, quando todas as demais páginas ativas demonstraram grande flutuação positiva. A TV Revolta não se mostrou capilarizada nem repetiu o índice, mesmo que com margens reduzidas. Sua rotina de postagens, por vezes com publicações a cada 10 minutos, também sugere que houve uma equipe de criação ou a robotização do canal. Inclusive foi um dos atores que não se voltou contra o PSDB depois da campanha. Outro caso que segue este modelo é O Implicante, página com 300 mil seguidores durante a eleição, que recebeu pagamentos por serviços prestados ao candidato a governador, Geraldo Alckmin (PSDB).³⁰ Um último exemplo foi a polêmica da suposta compra do perfil Dilma Bolada por Pedro Guadalupe, dono de agência publicitária com contratos tanto com o PT quanto PSDB. Apesar da negativa de Guadalupe, há no Facebook um canal antipetista com mais de 100 mil curtidas também chamado Dilma Bolada³¹, mas que só compartilha conteúdo negativo. O Movimento Contra a Corrupção e a Folha Política também indicam algum tipo de vínculo com entidades oposicionistas³².

Por outro lado, a rápida disseminação das páginas e as diferenças no conteúdo ideológico impossibilitam que toda a Rede Antipetista tenha sido fabricada. De fato, poucos canais sugerem indícios que tenha havido algum tipo de aparelhamento partidário para atuarem como agentes de oposição. Exemplo disso é o Movimento Brasil Consciente³³ (150 mil curtidas), que cessou suas atividades no final de dezembro. Porém, o caráter anônimo da gestão das páginas dificulta a análise precisa. O ambiente das mídias sociais é propício ao ataque e à criação de centrais de disseminação de propaganda negativa paralelas. No entanto, as agendas políticas cumpridas por parte dos canais dão pistas de seu lugar no contexto político nacional. Isso fica mais claro considerando a revolta manifestada por Olavo de Carvalho contra o PSDB e Aécio Neves depois da derrota. Por isso, a análise de redes elaborada neste capítulo será complementada pela análise semântica dos conteúdos das principais páginas na quarta parte da dissertação.

²⁹ <http://www.cartacapital.com.br/politica/tucano-critica-pedido-de-impeachment-contradilma-e-chamado-de-comunista-5297.html>

³⁰ <http://www1.folha.uol.com.br/poder/2015/04/1618288-blogueiro-antipetista-recebe-pagamentos-do-governo-alckmin.shtml>

³¹ <https://www.facebook.com/aDilmaBolada>

³² <http://www.diariodocentrodomundo.com.br/quemecriadordositededifamacaofolhapoliticaeporqueelesesconde/>

³³ <https://www.facebook.com/MovimentoBrasilConsciente?fref=ts>

O mais influente da Rede Antipetista, Olavo de Carvalho, é um filósofo autodidata de direita, que possuiu alguma visibilidade como colunista na mídia tradicional entre 1990 e começo dos anos 2000. Hoje, ele mantém ativamente canais no Youtube, Facebook e Twitter, por meio dos quais Olavo difunde teorias extremistas. Frequentemente, ele faz uso de retórica conspiratória com tons de escárnio e de hostilidade contra o que ele chama de a “ditadura comunista do PT”. A lista também inclui páginas oficiais de dois personagens políticos: Aécio Neves (PSDB) e Jair Messias Bolsonaro (PP-RJ). Apesar de não ser um membro não oficial da rede, Aécio se tornou um importante referencial para os oponentes do governo petista por sua atuação na corrida presidencial de 2014 e por compartilhar as convocatórias dos atos pró-impeachment entre dezembro de 2014 e abril de 2015. Bolsonaro, por outro lado, foi capitão do Exército Brasileiro, e ferrenho defensor do regime ditatorial, atuando como deputado federal no Congresso Nacional. Ele é um agente central e cultuado na Rede Antipetista, tendo em vista sua militância performática nas mídias sociais contra as políticas petistas e progressistas, alçando-o à categoria de mito entre os demais canais: o “BolsoMito”.

Em paralelo, há inúmeros canais gerados por usuários como *microblogs* para comentar e disseminar opiniões políticas. O Canal da Direita e Direita Política, por exemplo, são duas *fan-pages* não-oficiais que são reconhecidas no Facebook pela militância comunicativa conservadora. Fora-PT é um canal fortemente movimentado durante a eleição de 2014 para compartilhar boatos, *spams* e propaganda negativa contra os candidatos petistas. Bolsonaro Zuero, Eu era esquerdista mas a zuera me curou e Este é um idiota inútil são páginas de humor vexatório e ofensivo, dedicadas à ridicularizar esquerdistas e idolatrar direitistas. Finalmente, a página oficial do Exército Brasileiro, um órgão governamental que não cumpre papel ativo na rede. Contudo, sua presença deriva menos de seu comportamento concreto, do que do desejo manifesto de alguns extremistas de direita por uma intervenção militar na política, a fim de “salvar os brasileiros do comunismo”, com um notável sentimento de nostalgia àquela época.

Os laços que conectam as páginas antipetistas às instituições políticas, midiáticas e movimentos sociais (mesmo os coletivos de direita) são muito frágeis. Embora a imprensa tradicional ofereça considerável espaço para colunistas de direita, como Reinaldo Azevedo, Augusto Nunes, Rachel Sheherazade e Rodrigo Constantino, entre outros – todos incansáveis oponentes do PT – seu impacto entre as *fan-pages* da Rede Antipetista é, de certo modo, limitado. O mesmo acontece com o PSDB, principal partido desafiante das eleições: enquanto que parte dos antipetistas não hesita em apoiar a campanha de seus candidatos, muitos deles consideram o partido insuficientemente alinhado aos seus interesses e brando na oposição ao

PT, sobretudo, no que tange à adoção das teses de “criminalização do PT”; e “ditadura comunista/bolivariana na América Latina”, que serão melhor desenvolvidas no capítulo 4.

Com poucas exceções, os canais antipetistas evitam discursos argumentativos e propositivos, em função de um posicionamento que se assemelha a táticas populistas e agressivas. Muitas de suas postagens promovem o moralismo político com ancoragem no senso comum, opondo o virtuoso “nós” – representados pelo “cidadão comum de bem” – aos corruptos “eles” – representados pelos políticos governistas em geral, focando na figura petista em particular. As referências ideológicas que inspiram estas *fan-pages* são muito diversas: algumas delas adotam a retórica ultraliberal, enquanto que outras assumem o discurso conservador ou de direita radical. O que as unifica de forma geral como um agente político reconhecido e homogêneo é a militância midiática contra um inimigo em comum: o PT e seus aliados.

O resultado é um agregado multifacetado de páginas, grande parte criada e gerenciada por usuários anônimos, que possuem agendas diversas, mas o entendimento comum de que a resolução dos problemas do país passa, necessariamente, pela saída do PT do governo federal. A Rede Antipetista se comporta como uma grande guerrilha de destruição de reputações, com foco principal nos petistas e esquerdistas. Os *clusters* subjacentes indicam como se formam agrupamentos temáticos e disputas referentes aos modos de ação. Um dos exemplos é a disputa entre os que protestam pelo impeachment e pela intervenção, na medida em que os intervencionistas se mostraram radicais em sua postura antidemocrática, defendendo a volta dos militares ao poder, enquanto que o grupo do impeachment adotou posicionamento menos exaltado, ainda que ignorando instrumentos democráticos, como a legitimidade das urnas.

1.5 Apontamentos

O mapeamento da Rede Antipetista representa um conjunto não-institucional diversificado de agentes que se mobilizam no Facebook contra o Partido dos Trabalhadores. Eles atuam por meio de conexões fluidas e método descoordenado, associando todos os problemas do país ao PT. O capítulo se dedicou a descrever detalhadamente aspectos tecnoculturais e midiáticos do objeto desta dissertação, remetendo suas raízes incipientes a 2011 e 2012, com catalisação a partir de Junho de 2013, refletindo o sentimento compartilhado de descontentamento com a classe política institucional. Contudo, a análise realizada até então não responde como se dá a inserção da Rede Antipetista no contexto

sociopolítico recente do Brasil e quais foram os processos históricos que possibilitaram o surgimento, crescimento e consolidação de uma retórica antipetista que gira em torno de um reagrupamento de múltiplas formas derivativas da direita anti-institucional. Isso é importante porque pesquisas indicam que há apropriações tecnológicas diferenciadas dependendo do eixo ideológico: “encontramos evidência de uma associação entre afiliação ideológica, tecnológicas, instituições e práticas de participação em blogs políticos” (BENKLER, SHAW, 2010, p. 02). De fato, se “a prática de *blogging* político é moldada pela afiliação partidária e posições ideológicas sobre individualismo e coletivismo” (ASTROM, KARLSSON, 2013, p. 435), podemos levantar a hipótese de que haverá relação entre pontos ideológicos que são subjacentes nas dinâmicas de produção de sentido político e o antipetismo de usuários nas mídias sociais. Portanto, para além dos aspectos comunicacionais da Rede Antipetista, devemos empreender o esforço teórico-metodológico de situar a análise sob um ponto de vista multidimensional, capaz de delinear aspectos socioeconômicos, ideológicos e políticos que são condicionantes do discurso que circula nas mídias sociais.

CAPÍTULO II DE PARTIDO ANTISSISTEMA A PRESIDÊNCIA: A TRAJETÓRIA DO PT E A EVOLUÇÃO DO ANTIPETISMO

O fenômeno do antipetismo não é novo. Pelo contrário, as raízes do discurso antipetista remetem, em princípio, à massificação do Partido dos Trabalhadores como um ator de posicionamento socialista, antissistema e enraizado em movimentos de base. De modo mais distante, estas raízes também remetem a uma apropriação peculiar de elementos do anticomunismo da década de 1960. Em paralelo, os contornos da retórica antipetista foram se modificando e se desenvolvendo de acordo com aspectos conjunturais e alterações nas relações de força da política nacional. Por isso, para compreender as dinâmicas discursivas do antipetismo contemporâneo, é necessário realizar uma investigação histórica do processo de institucionalização do PT em relação aos constrangimentos impostos pelo amadurecimento progressivo do sistema político-partidário brasileiro, influenciado pela articulação de interesses oligárquicos. Nesse contexto, o PT migrou de um partido programático, socialista e antissistema para uma instituição pragmática, governista e com características *catchall*, suscitando tensão no caminho. Em relação a este processo, o antipetismo na eleição de 2014 é construído de modo ambivalente a partir do antagonismo referente a dois momentos históricos do PT: o passado socialista e o presente instalado no governo federal e incorporado pelo sistema político.

Assim, defendemos a hipótese de que o antipetismo nas mídias sociais em 2014 tem uma característica fundamental que chamamos de assimetria histórica, que produz alguns pontos cegos quanto à análise da imagem do partido e da própria política brasileira. Realizamos uma abordagem do desenvolvimento organizativo do PT, com relação aos ambientes externos, o sistema político e a conjuntura nacional com a finalidade demonstrar como o partido deixou características sectárias, em função de seu processo de evolução organizacional para partido *catchall* ou profissional-eleitoral. Com isso, o PT expandiu seu território de caça para além da base fundadora, socialtrabalhista, aproximando-se de grupos de interesse formados por empresários e, até mesmo, conservadores. Contudo, esta guinada institucional é, em certa medida, minorada pelos antipetistas. O discurso antipetista que vigorou na eleição de 2014 resgata interpretações históricas que remetem à fundação do partido e seu cunho socialista, ignorado as políticas liberais desenvolvidas. Por isso, argumentamos que o antipetismo faz um revisionismo histórico e resgata “fantasmas do passado”, adaptando-os ao contexto político recente.

A chave de leitura da assimetria histórica do antipetismo proposta nesta dissertação pode ser referenciada a uma das funções da ideologia. Thompson (2007, p. 73) elucida que a concepção negativa de ideologia que orienta uma visão de mundo distorcida. “Diferente das concepções neutras, as concepções críticas implicam que o fenômeno caracterizado como ideologia – ou ideológico – é enganador, ilusório ou parcial”. Em sua crítica à concepção de ideologia negativa, ou polemista, ele supera essa definição, argumentando que “não é essencial que as formas simbólicas sejam errôneas e ilusórias para que sejam ideológicas” (IBID, p. 73). Nesse sentido, nos apropriamos desta abordagem para ilustrar como funciona a assimetria histórica do antipetismo, que ignora a moderação ideológica do PT e entrelaça seu passado socialista com o presente instalado no governo e envolvido em escândalos de corrupção.

Para entender a assimetria histórica do antipetismo, é necessário elucidar como o PT construiu sua imagem recente, ocupando um lugar simbólico na esfera federal que aglutina concomitantemente sua figura como partido profissional-eleitoral, instalado no establishment e, em certa medida, esquerdista. O PT passou por um longo e complexo período de incorporação, deixando o papel de oposição de esquerda radical, em função do crescimento eleitoral o que resultou em sua assimilação no jogo político pragmático e consequente acomodação às estruturas de influência do governo. Nesse sentido, há um movimento petista que, uma vez dentro do governo, se aproxima pragmaticamente de grupos de poder tradicionais e do empresariado. Ao mesmo tempo, o partido fora do governo tenta manter uma imagem que oscila entre centro-esquerda e esquerda. Esse duplo fluxo estimula segmentos direitistas a radicalizem o discurso, em busca de diferenciação da identidade política, enfatizando o tom de contestação.

O processo de reformulação dos conteúdos ideológicos, dos métodos de atuação política e consequente desgaste do partido no poder preparou o terreno para a rearticulação do discurso antipetista, que não necessariamente acompanhou as mudanças do petismo, mas se constituiu a partir de lógicas particulares de projeção e de exclusões. O surgimento do PT como uma força política *bottom-up* estabeleceu capilaridade duradoura com movimentos sindicais e eclesiais de base; e lançou os petistas como uma novidade no sistema político. Logo, com a formação de uma estrutura rígida de normas e de valores, o PT obteve identificação entre seus seguidores e se tornou ponto fora da curva no sistema partidário nacional com baixa representatividade social. Com isso, em torno do PT circulam duas lógicas diametralmente distintas: simpatizantes e contestadores. Este trabalho trata dos agentes que se mobilizam nas mídias sociais acionando a lógica de rejeição a um partido que

se perpetuou por 12 anos no poder federal. São atores que justificam sua existência a partir de um discurso antipetista, obtendo relativo sucesso na crítica ao governo, mas falhando em propor soluções partidárias alternativas.

A eleição presidencial de 2002, com a vitória de Luiz Inácio Lula da Silva, torna esse cenário ainda mais conflituoso, na medida em que o governo petista passa por momentos de prosperidade e de otimismo, imbricados a denúncias de corrupção, crise de governabilidade e desgaste da imagem do partido. Os longos 12 anos do PT no governo federal cobraram um alto preço, principalmente sem a figura carismática de Lula no primeiro mandato de Dilma Rousseff, as crises políticas, a desaceleração econômica e a instabilidade na formação de alianças se tornaram mais problemáticas. As manifestações de Junho de 2013 e o movimento contra a realização da Copa do Mundo de Futebol em 2014 foram o estopim recente da insatisfação crônica de significativa parcela da população com o governo, resultando em queda drástica da aprovação do desempenho da presidente. Elaboraremos como estes elementos lançam bases contemporâneas para a formação do antipetismo.

Neste capítulo, seguimos a abordagem traçada por Angelo Panebianco em seu livro *Modelos de partido: Organização e poder nos partidos políticos*. Neste sentido, Panebianco (2005) argumenta que partidos que passam longos períodos de fundação na oposição tendem a fortalecer as estruturas burocráticas de base, na medida em que não podem se fiar no suporte financeiro de partidos governistas. Interessante notar, ainda, que no processo de desenvolvimento organizativo, tais partidos tendem a adaptar-se ao ambiente externo, a fim de expandir seu território de caça.

Um partido, como qualquer organização, é uma estrutura em movimento que sofre evoluções, que se modifica no tempo e que reage às mudanças externas, à modificação dos 'ambientes' nos quais está inserido e atua. É possível afirmar que os fatores de maior incidência na ordem organizativa dos partidos, que explicam sua fisionomia e seu funcionamento, são a sua história organizativa (o seu passado) e as relações que ele estabelece com os seus inconstantes ambientes externos (PANEBIANCO, 2005, p. 91).

O capítulo está organizado do seguinte modo: explica a história recente da democracia no período pós-autoritário e o processo de surgimento e de consolidação do Partido dos Trabalhadores como uma instituição de massa arraigada nos setores sociais e com políticas programáticas definidas. Então, o trabalho se dedica à investigação do período de incorporação até a chegada do PT à presidência, além de enfatizar a forte identificação partidária e as transformações pelas quais o partido passou a fim de obter a governabilidade. A próxima parte descreve os aspectos que levaram ao desgaste da imagem petista, com atenção aos problemas enfrentados no governo, conflitos inter e intrapartidários, desconfiança

histórica da população nos políticos e os escândalos de corrupção envolvendo a administração federal e a base de apoio no Congresso Nacional, sobretudo o Mensalão. Por fim, o trabalho situa como aspectos do primeiro mandato de Dilma Rousseff e as manifestações de Junho de 2013 apresentaram elementos que se tornariam decisivos para moldar a forma do antipetismo em 2014.

2.1 Restringindo o caminho – a redemocratização brasileira e o PT como partido de oposição

O processo de redemocratização da política brasileira foi marcado por um extenso período de transição controlado pelos militares, ainda que contestado por setores dissidentes e oposicionistas. Por isso, a restauração do governo civil não significou um rompimento com a elite dominante. Muito pelo contrário, os representantes da oligarquia se perpetuaram nas novas estruturas de poder, exercendo práticas clientelistas sobre grupos locais e preservando acordos patrimonialistas entre os segmentos privilegiados. O conjunto de circunstâncias que propiciaram a redemocratização brasileira “influenciaram o curso do processo político, a ponto de limitar o leque de opções numa conjuntura futura, e, portanto os cursos de ação possíveis” (KINZO, 2001, p. 03). Dessa forma, parte dos elementos que caracterizaram a política contemporânea remete a esse período de nascimento do petismo, como: resiliência de grupos conservadores na composição governista, sentimento de afastamento da população do sistema político e fortalecimento do poder centralizado do Executivo.

O PT surgiu em 1980, apontado pela literatura como uma novidade – ou uma anomalia, um novo sujeito político diferente das outras legendas – na medida em que foi o primeiro partido de massa de origem extraparlamentar, nascido dos movimentos sindicalistas urbanos, com orientação ideológica de esquerda, complexidade institucional, burocrática e atividades constantes nos diretórios regionais. “A própria existência do PT parecia implicar o colapso dos padrões fortemente enraizados de controle do sistema político das elites” (KECK, 1991, p. 15). Desde a sua fundação, o partido teve mobilização de base, capilaridade social e posição de antagonismo aos poderes tradicionais e oligárquicos (MENEGUELLO, 1989). Essa característica acompanhou o desenvolvimento da sigla como um corpo constituído por vários atores, com interesses, estratégias, metas e atitudes diferentes. Isso porque foi envolto por uma estrutura de capilaridade que se baseava em múltiplos setores da sociedade, nem sempre facilmente convergentes, como os grupos sindicalistas urbanos, movimentos eclesiais de base, organizações marxistas, estudantes e intelectuais.

A Nova República se configurou por estruturas centralizadas e burocráticas de Estado, atravessado por setores privilegiados da elite oligárquica que negociavam seus interesses de modo clientelista e patrimonial, representando a continuidade do *status quo* e do *establishment* que se estabeleceu na política nacional (SOUZA, 1976). O sistema partidário, então, renasceu marcado pela alta fragmentação, estruturas organizacionais frouxas e líderes personalistas. “O lugar central que o Estado ocupa na vida política brasileira faz com que se organize uma oposição entre “os de dentro” e “os de fora”, e não entre organizações que apresentam visões programáticas alternativas” (KINZO, 1991, p. 25).

De acordo com Van Dyck (2014, p. 66) “o PT sobreviveu por causa das adversidades, não a despeito delas”. Isso porque, em suas primeiras décadas o partido não possuía ligações com elites econômicas, tecnocratas, empreiteiras ou bancos. Também não tinha acesso a recursos públicos ou influência junto à imprensa. Face ao cenário adverso, o PT teve de investir em sua rede organizacional interna, desenvolvendo uma subcultura de solidariedade e de voluntarismo, em consonância com forte burocracia e incentivos coletivos. Em sua primeira década, o PT tinha atuação radical, anti-Estado e antissistema, por exemplo, no episódio do boicote ao Colégio Eleitoral e na votação contra a aprovação do texto final da Constituição de 1988 (RIBEIRO, 2003). Os petistas acreditavam que as transformações consideradas essenciais no Brasil só seriam possíveis se realizadas pela sociedade civil, a partir do fortalecimento dos movimentos sociais de base.

Quanto à ideologia, o PT não se identificou com um eixo específico do esquerdismo, preferindo a classificação esquerda social, e definindo-se abertamente como socialista. Seus posicionamentos, por exemplo, eram a favor da reforma agrária, da estatização das riquezas nacionais, da intervenção do estado na economia e, principalmente, da redistribuição financeira contra a desigualdade. Sobretudo até meados de 1990, o partido preservava programas ideológicos sólidos de cunho socialista, com políticas redistributivas, estatismo e combate à desigualdade. O petismo dos primeiros anos se voltava para o desenvolvimento de uma consistente agenda programática de esquerda, ainda que em detrimento da competitividade eleitoral (KECK, 1991; MENEGUELLO, 1989; SAMUELS, 2004b; SINGER, 2001). O PT era visto com desconfiança e temeridade pela imprensa e pelos segmentos conservadores, ainda com reflexos do discurso anticomunista em voga na década de 1960 (AZEVEDO, 2011).

Consolidando seu papel de oposição ao regime ditatorial, a retórica radical do partido nos primeiros anos havia provocado um resultado desapontador nas eleições de 1982, com apenas duas prefeituras, oito deputados federais e 12 estaduais. Desde então,

intensificaram-se os conflitos internos entre as facções radicalistas, trotskistas ou leninistas, remanescentes da luta armada contra a ditadura e os segmentos pragmáticos. Em 1983, foi criada por Lula e outras lideranças a Articulação, tendência interna que se dedicava à meta de viabilizar eleitoralmente o partido, rivalizando forças com setores internos de esquerda. Com o tempo, a Articulação cresceu, centralizando boa parte da tomada de decisões do PT e agregando outros grupos, como a Democracia Radical de José Genoíno. “A Articulação se tornou, pela primeira vez, a força de centro do partido, oscilando entre esquerda e direita” (REIS, 2014, p. 75). Esse movimento interno foi crucial na lenta reformulação do comportamento partidário, tendo em vista que Lula e seus seguidores apostavam no potencial eleitoral do PT.

A primeira eleição direta para presidente, em 1989, foi um estigma da profunda crise de representação e do descontentamento da sociedade com a política. O pleito foi tomado pelos sentimentos de desconfiança e de ceticismo em relação às elites políticas tradicionais, o que beneficiou o desempenho de agentes até então marginais, como Collor e Lula (KECK, 1991). Ainda que seja um herdeiro direto da oligarquia, Fernando Collor foi alçado à cena eleitoral como um *outsider*, com sua imagem de Caçador de Marajás meticulosamente construída pela propaganda e pelos veículos de comunicação. A retórica de campanha expressava um discurso antipolítico e que desviava a atenção para os traços pessoais de Collor. “Ele afirmou que o presidente Sarney era corrupto, que os partidos não representavam o povo e que o estado era colonizado por uma burocracia rica e autocrática” (PANIZZA, 2000, 182). Com estratégia neopopulista e forte votação dos setores de baixa renda, ele foi o primeiro presidente civil eleito nas urnas. Contudo, seu mandato sofreu pelo caráter centralizador e autoritário do presidente, impondo planos econômicos e pacotes anti-inflacionários ineficazes e baseados no confisco de poupanças. Segundo Panizza (2000), a estratégia de Collor de governar sem coalizão presidencial ou alianças partidárias, somada às incoerências financeiras e aos escândalos de corrupção, levaram ao seu isolamento político, à perda de legitimidade e, ultimamente, à pressão das elites e das ruas por seu impeachment.

A pesquisa em ciência política deste período adotou tons pessimistas quanto à viabilidade e à qualidade da democracia brasileira (POWER, 2010). O Brasil era visto como um caso problemático de multipartidarismo presidencialista, com baixo crescimento econômico, hiperinflação e líderes impopulares. Os argumentos apontavam ineficiências como “fragmentação partidária, presidencialismo sem base de apoio, fraqueza interna dos partidos, sistema eleitoral não transparente, federalismo robusto e excesso de agentes de veto” (POWER, 2010b, p. 19). A análise é corroborada pela descrença da população nos

valores democráticos, frustração e desencanto com o mundo da política, manchado por denúncias de desvios de verbas, má gestão das contas públicas e tráfico de influência.

Indo na contramão deste cenário, o Partido dos Trabalhadores – em franca expansão e interiorização – defendia valores éticos que se distanciavam da velha política brasileira. Assim, o PT era reconhecido por sua moral ilibada, quadros partidários confiáveis que, da oposição, denunciavam os desmandos da elite oligárquica que controlava o país. “No dia-a-dia, o PT mostra-se cada vez mais preocupado em realizar governos eficientes, que ampliem a participação direta e que diminuam o grau de exclusão social, sem afastar a classe média e os eleitores despolitizados” (SINGER, 2001, p. 88). Com isso, o petismo pode ser definido, neste período, como o estabelecimento de uma estrutura organizacional rígida e hierárquica, com participação cotidiana dos membros, ligação a movimentos sociais de base, conteúdo programático e ideológico socialistas, atuação legislativa de oposição, valores éticos, além de lealdade e coesão partidária. Sua base de apoio eleitoral se restringia principalmente a jovens, católicos, trabalhadores e classe média urbana das regiões Sul e Sudeste. Quanto à renda e à escolaridade, os petistas se caracterizavam por segmentos com ensino superior completo e grupos assalariados, porém na capital de São Paulo se concentravam consideráveis índices com baixos níveis de escolaridade, ligados ao sindicalismo e ao trabalho fabril (MENEGUELLO, 1989).

O período de 1993 em diante inicia o revisionismo na academia, abordando com otimismo a recuperação do funcionamento das regras e das instituições do multipartidarismo presidencial brasileiro. As razões para essa virada são relativas a recuperação nos índices de desempenho da política doméstica brasileira, ao fortalecimento do Estado na figura do poder Executivo, institucionalização progressiva do sistema partidário e à negociação efetiva com lideranças no Legislativo (POWER, 2010a). A retomada também está relacionada à estabilização econômica promovida com o Plano Real em 1993-94, pelo então ministro da fazenda, Fernando Henrique Cardoso. A ação financeira foi capaz de controlar a inflação galopante que assolava a renda do país e instalar condições macroeconômicas estáveis por meio do ajuste fiscal, câmbio administrado e crescimento moderado, o que alçou Cardoso à presidência em 1994. Sua primeira administração foi marcada pela desregulamentação dos mercados, desestatização e abertura econômica. Além disso, o presidente empregou com eficiência as ferramentas de governabilidade: poderes discricionários do orçamento, distribuição de ministérios e formação de uma grande base aliada no Congresso Nacional a fim de obter maioria para aprovar os projetos do governo (RAILE, PEREIRA, POWER, 2010).

Nesse período, o PT consolidou seu papel de oposição institucionalizada e de liderança na atuação da esquerda no Congresso Nacional contra projetos, emendas e negociações do Executivo. O partido se manifestou veementemente contrário às privatizações da Era FHC e à submissão ao Fundo Monetário Internacional (FMI). Reivindicou a renegociação da dívida pública, expansão do mercado interno, aumento do poder de compra da população, redistribuição de renda e políticas públicas de reformas sociais. Ao mesmo tempo, o PT continuou seu processo de interiorização e de capilarização. A estratégia de diferenciação identitária, coesão partidária e programas ideologicamente definidos “ajudaram fazer do PT um nome central e deu aos brasileiros um sentido claro do que o partido defendia” (HUNTER, 2007, p. 455).

O segundo mandato de Fernando Henrique Cardoso foi ratificado nas urnas pelo bom desempenho do Plano Real no ajuste das contas do governo e no controle inflacionário. Contudo, seu governo sofreu com a crise energética, desaceleração da economia estadunidense e queda da economia argentina. No âmbito político, a administração chegou ao final com a coalizão rachada: o PTB deixou o governo por conta do cenário negativo e o PFL por de atritos entre seu líder, Antônio Carlos Magalhães (PFL-BA), e Jader Barbalho (PMDB-PA) para definir a composição da chapa que concorreria às eleições presidenciais de 2002. “[O] legado dos oito anos de governo também revelou os limites e a fragilidade do PSDB como estrutura partidária autônoma e desvinculada do poder presidencial” (COUTO, ABRUCIO, 2003, p. 289). O desentendimento interno do PSDB acabou por afastar o presidente e seu pequeno grupo de influência, sem nem conseguir escolher seu sucessor para disputar o próximo pleito presidencial. José Serra, seu ex-ministro da saúde, foi o indicado do partido e fez uma campanha que negligenciava o nome de Cardoso.

2.2 O desenvolvimento do petismo – moderação ideológica e preservação organizacional

A ideia de assimetria histórica do antipetismo incorre numa condição de ilusão que promove pontos cegos na análise política. Nesta seção, demonstramos a moderação petista que é ignorada pelos antipetistas que continuam definindo o partido como comunista. As derrotas para Fernando Henrique Cardoso em 1994 e em 1998 impactaram profundamente os integrantes petistas. As novas medidas econômicas e a conjuntura política de recuperação nacional foram alertas para os dirigentes do partido. A maximização da competição eleitoral somada à boa recepção das diretrizes que implantaram a estabilização nas contas públicas, controlaram a inflação e restabeleceram o poder de compra foram motivos cruciais que

fizeram com que o PT enfrentasse o desafio de modular seu discurso socialista a fim de seguir um caminho de crescimento e de institucionalização. De fato, em uma conjuntura pós-queda do Muro de Berlim, a pregação socialista do partido era recebida por parte do público como um elemento retrógrado e divisivo.

A chamada normalização do PT não aconteceu de uma vez. Muito pelo contrário, a alteração do conteúdo ideológico e dos posicionamentos petistas se desenvolveu de modo lento e complexo, refletindo limites e oportunidades apresentados pelo contexto histórico do sistema político nacional da Era Cardoso e, depois, do pleito de 2002. Sobretudo, as mudanças não eliminaram por completo todas as características partidárias anteriores, mas foram adicionadas como novas camadas por meio de um conflituoso processo de negociação com os múltiplos grupos do partido. Embora facções internas tenham resistido em flexibilizar os conteúdos programáticos em função das circunstâncias convencionais da época, o PT foi influenciado decisivamente pela necessidade de se viabilizar eleitoralmente e pelas restrições impostas pela situação econômica do Brasil frente aos investidores internacionais. O sistema político também havia evoluído institucionalmente, apresentando um cenário de um Estado centralizador e regime partidário amadurecido (SANTOS, VILARUOCA, 2009).

O planejamento da mudança remete à formação da Articulação e se intensificou a partir da reavaliação das estratégias partidárias depois da derrota de Lula para Cardoso em 1994. O apoio da opinião pública às políticas de controle da inflação, investimento externo, privatização e ajuste fiscal de Cardoso fez com que os programas socialistas do PT parecessem desatualizados e na contramão da via que o país estava tomando. O partido, então se conformou às reformas de mercado, que tornavam as alternativas radicais de esquerda aparentemente inviáveis. O discurso ideológico que pregava o combate a causas crônicas da miséria e da desigualdade social não era tão atrativo quanto os benefícios materiais imediatos da redução da inflação e aumento do poder de compra. Outra oportunidade aproveitada pelo PT foi a guinada do PSDB à direita, com adoção de programas liberais, táticas clientelistas e aliança com o PFL (SAMUELS, 2004b). Esse movimento deixou um espaço de centro-esquerda no país, que seria ocupado pelos petistas. “Junto com as limitações conhecidas de uma posição de extrema-esquerda, dinâmicas espaciais e a possibilidade de sucesso que se abria, direcionaram o PT para um curso mais *mainstream*” (HUNTER, 2007, p. 459).

Na prática, os desenvolvimentos se tornaram irreversíveis depois da derrota de Lula para Cardoso em 1998. Já em 2001, o PT se torna um dos cinco grandes partidos do Brasil com “cerca de 3 mil membros com mandato no país, entre governadores, deputados federais e estaduais, prefeitos e vereadores” (SINGER, 2001, p. 85). O petismo passou por uma

moderação ideológica com a finalidade de se aproximar de partidos de centro e centro-direita. Com isso, a aliança formada para o pleito presidencial de 2002 foi composta por siglas representantes dos interesses de setores que não eram contemplados pela antiga coalização de esquerda, como o PL, com bases entre empresários e evangélicos, e dissidentes do PMDB. A campanha foi planejada e executada por profissionais de marketing e de comunicação política, usando pesquisas diárias de intenção eleitoral, estratégias publicitárias de construção de imagem e narrativas melodramáticas. As ações deram resultado positivo, tendo em vista que Lula reduziu sua rejeição entre o eleitorado e recebeu votação expressiva em regiões demográficas antes inalcançadas.

Samuels (2004b) investigou como as mudanças foram arquitetadas internamente e como isso aconteceu com muita negociação e conflitos entre as diversas facções petistas. Isso porque o grau de burocratização do PT restringiu e orientou boa parte do deslocamento que o partido viria a sofrer. Nesse sentido, até chegar ao governo, o conjunto de normas e regulações do PT combinava meios formais de contestação com baixa autonomia das lideranças. O que produzia disputas eleitorais entre os múltiplos subgrupos internos. Os militantes radicais fizeram resistência, com votações apertadas e debates acirrados nas convenções petistas. José Dirceu, por exemplo, foi eleito presidente com 54% de apoio em 1995; e reeleito em 1997 com 52,6%. Contudo, os moderados e pragmáticos avançaram, enquanto que as tendências de esquerda se dividiam e perdiam adeptos. Assim, Articulação se fortaleceu em meados da década de 1990, essencialmente pelo crescente sucesso eleitoral de membros petistas nos estados e municípios. Nesse sentido, não apenas as lideranças petistas se aproximaram do centro, mas delegados e ativistas também receberam cargos governistas e se afastaram do discurso socialista, em função da tendência radical democrática emergente no partido. “O sucesso eleitoral aumentou o peso do aparato burocrático extrapartidário relativo à organização do PT” (SAMUELS, 2004b, p. 1016), o que concedeu acesso aos petistas a recursos e redes governamentais de influência.

No plano econômico, mesmo realizando uma campanha com discurso antineoliberalismo, Lula esbarrou em uma conjuntura que restringiu decisivamente o desenvolvimento de quaisquer alternativas e o tornou suscetível a pressões dos mercados estrangeiros (KINGSTONE, PONCE, 2010). Isso induziu o PT a estabelecer alianças com setores da sociedade próestablishment que não partilhavam de sua posição histórica, notadamente partidos de centro-direita e direita, distribuição de cargos em troca de apoio político e articulação com uma multifacetada gama de atores, indo desde movimentos sociais de esquerda e centrais sindicais a representantes da agropecuária e das oligarquias

conservadoras tradicionais. Esse processo complexo de normalização às estruturas governamentais do Estado brasileiro faz com que o petismo se tornasse um fenômeno de múltiplas faces – de ruptura e de continuidade – realizando reformas sociais e populares por dentro das regras econômicas vigentes, ao mesmo tempo em que dialoga com elites conservadoras (HUNTER, 2012; HUNTER, POWER, 2005; HUNTER, SUGIYAMA, 2009; MENEGUELLO).

As pressões financeiras externas, a estrutura histórica da constituição do Estado e do sistema político brasileiro e a necessidade de compor uma coalização majoritária que auferisse governabilidade em um dos parlamentos mais fragmentados do mundo constrangeram as possibilidades de ação do PT, apresentando amarras e dilemas com as quais os agentes partidários têm de lidar (FIGUEIREDO, 2011; BRUERA, 2013). Por outro lado, os petistas aceitaram e se acomodaram com a assimilação da instituição pelo Estado, promovendo um realinhamento em sua base social, aumentando sua viabilidade e competitividade eleitoral e beneficiando-se da influência, de acordos e de verbas provenientes das administrações públicas. O petismo governamental progressivamente se integrou e tem muito menos capacidade de apresentar alternativas políticas inovadoras, pois “estar no poder desencadeia forças compensatórias que podem levar o partido a convergir mais e mais com suas convencionais contrapartes” (HUNTER, 2012, p. 32).

Ainda assim, e nesse fator está guardada a complexidade do imbricado processo de normalização do PT, essas mudanças foram adicionadas como camadas à organização do partido, interagindo de modo não-linear com as características históricas do PT, especialmente com os discursos e posições de petistas antigos ou que estão fora da instância governamental. Esse movimento de idas e vindas produz duas imagens petistas consideravelmente distintas e por vezes sobrepostas: o PT do governo e o PT da base. Singer (2010) chama este fenômeno de “as duas almas do PT”. Segundo ele, há o Espírito do Sion, ligado às ideias de fundação do partido em 1980 – que representava as facções socialistas de raiz – e o Espírito do Anhemi, comprometido com a ordem e as diretrizes capitalistas liberais, como responsabilidade fiscal e estabilidade das contas públicas. O Sion representa o espírito combativo e contestatório petista de raiz; o Anhemi, a parte integrada e estabelecida na rede de influência governista contemporânea.

Ao mesmo tempo, os petistas não perderam a identidade por completo, até porque o desenvolvimento do partido seguiu diversas restrições organizacionais impostas pelo seu alto grau de burocratização. Levando essas variáveis em consideração, conceituar o petismo contemporâneo se torna um grande desafio. Entendemos que o petismo pode ser

caracterizado como uma forma de atuação política que (1) privilegia o engajamento em instâncias de mobilização democrática, (2) promove o desenvolvimento de políticas públicas de ação na sociedade civil e no governo; (3) adota estratégias pragmáticas quanto à competição eleitoral; (4) estabelece alianças com entidades com bases sociais diferentes da sua; (5) apresenta posição ideológica aberta a atravessamentos e debate de diversos segmentos da sociedade; e (6) é predominante no sentido de estruturar o sistema político brasileiro e impactar a formação identitária de movimentos e partidos, seja positiva ou negativamente. Cabe ressaltar que os próprios delegados do PT, embora se definam majoritariamente como sendo de esquerda, localizam o PT e, com índices maiores, o governo Lula como de centro-esquerda, indicando, também, distanciamento das lutas dos movimentos sociais, descaracterização da estratégia política, desfiguração do modo petista de governar e autonomização do grupo governista (MENEGUELLO, AMARAL, 2008).

2.3 O preço do poder na Era Lula – prosperidade econômica, escândalos e afastamento da base

Os oito anos da administração de Lula no governo federal moldaram definitivamente o caminho das evoluções recentes do petismo e do antipetismo. Foi neste período que petismo e governo se aproximaram até, de certa forma, se tornarem uma coisa só, sobretudo na visão dos mais jovens. Os dois mandatos passaram por inúmeros desafios de conciliar pressões, discursos, projetos e posições dissonantes tanto intrapartidários quanto interpartidários. Dessa forma, os primeiros anos deram os sinais da incorporação do governo petista às regras econômicas internacionais. Após um início problemático, com cortes orçamentários, a expansão mundial na exportação de commodities, o crescimento industrial e o aumento do superávit permitiram um ciclo de estabilidade, queda no desemprego, investimento em obras públicas e redistribuição de renda por meio de programas sociais. Lula se beneficiou da avaliação dos ganhos materiais imediatos e da percepção pública de prosperidade econômica, recebendo índices recordes de aprovação de seu desempenho no Executivo. Ao mesmo tempo, o PT estava longe de ser uma unanimidade. Embora tenha obtido sucesso em conquistar diversos setores tradicionais e empresariais, previamente desconfiados com o passado socialista do partido, membros da administração federal foram denunciados em graves escândalos de corrupção, notadamente, o Mensalão, que trouxeram sérias e profundas manchas à histórica imagem da ética petista, resultando no desencantamento de boa parte da classe média urbana com a legenda. Apesar da grande

expectativa e de conjunturas internacionais favoráveis, o governo petista teve perfil moderado, aliou-se estrategicamente às estruturas de poder tradicionais e não desafiou as elites privilegiadas. Ainda assim, realizou importantes avanços em algumas áreas.

O primeiro mandato de Lula começou com altas expectativas e considerável nível de desconfiança do mercado financeiro. As ações de controle macroeconômico, estabilidade e baixa inflação resultaram em crescimento contínuo do PIB, opinião pública positiva e um clima de otimismo em vários setores da sociedade. Com isso, o governo conseguiu reduzir o déficit nas contas públicas, atraindo investimentos estrangeiros. Apesar de ter decepcionado parte dos petistas com a política ortodoxa no plano macroeconômico, a estabilidade do país proporcionou a Lula avanços concretos, principalmente no realocamento de verbas para políticas de assistência social. O Bolsa Família se tornou um projeto central no conjunto de ações do governo para combater a pobreza. O investimento nas políticas sociais e econômicas em um contexto de expansão internacional e otimismo generalizado premiaram Lula com credibilidade e popularidade.

Por outro lado, a denúncia Mensalão foi o choque que gerou um período de crise duradouro para o PT e desconstruiu a imagem ética que o partido possuía desde sua formação. Lula manteve bons níveis de apoio popular, mas não saiu ileso das graves denúncias, na medida em que perdeu grande parte de seu apoio entre classes média e alta do Sul e Sudeste do país. O caso também marca a dificuldade de lidar com o sistema político fragmentado, forças retrógradas e peculiaridades de um partido não totalmente integrado ao jogo político. Isso porque o PT não possuía maioria no Congresso Nacional e precisou estabelecer alianças pragmáticas com outros partidos para aprovar votações. Num primeiro momento, contudo, militantes petistas resistiram ao processo de troca de favores, cessão de ministérios, secretarias e outros cargos a partidos não alinhados ideologicamente. O problema advindo dos diferentes graus de normalização de Lula e do PT fez com que o governo tivesse minoria legislativa. A solução foi negociar suporte político em troca de verbas não declaradas em arrecadações ilegais de caixa dois (POWER, TAYLOR, 2013; SAMUELS, 2004a). Com o escândalo, a erosão da imagem petista foi devastadora e, em certo ponto, resiliente, pois líderes do partido foram envolvidos nas denúncias, como José Dirceu, José Genoíno e João Paulo Cunha. “A mídia foi atrás do PT porque era muito mais fácil de acusá-lo do que o presidente Lula, que foi culpado mais por omissão do que por participação” (HUNTER, POWER, 2007, p. 23).

De fato, o episódio é chave para compreender a relação PT/governo e a relação de Lula com as classes populares. Abusando de sua capacidade retórica e da reputação quase

inatingível, o presidente passou pelo furacão sem grandes perdas, apesar de sofrer com um período de instabilidade e de pressão midiática, mas não conseguiu impedir que o partido fosse arrastado para o centro do escândalo e, por consequência, perdesse considerável parcela de sua base social. Tomando conta do sentimento de impunidade disseminado entre a população, o Mensalão reintroduziu o recorrente discurso moralizante da política, que será parte da retórica antipetista em 2014. Interessante notar, também, como o caso faz parte dos elementos que deslocaram a identificação partidária petista, na medida em que a percepção de corrupção entranhada no governo do PT causou uma flutuação negativa nos índices de preferência partidária (WINTERS, WELTZ-SHAPIRO, 2015); apesar de sua posterior recuperação entre 2006 e 2010 (RIBEIRO, CARREIRÃO, BORBA, 2011).

O impacto das denúncias foi desigual, atingindo essencialmente o eleitorado de classe média/alta urbana com considerável nível de informação política – historicamente parte do eleitorado petista. “Baixos níveis de educação e de consciência política, junto com a prioridade dada pelas pessoas mais pobres às necessidades básicas, sem dúvida ajudaram Lula nas regiões menos desenvolvidas do Brasil” (HUNTER, POWER, 2007, pp. 49). Ao final da campanha de 2006, Lula foi reeleito com 60,63% dos votos válidos, contra 39,17% de Geraldo Alckmin (PSDB) no segundo turno.

Além disso, um governo com conteúdos programáticos de esquerda é incompatível com a conjunção de forças multifacetadas que possuem voto no Congresso Nacional. As alianças e coalizões firmadas por Lula atendiam a interesses de setores divergentes da sociedade. Dar prosseguimento a essas relações requer muita negociação e concessões. Lula, portanto, assumiu postura pragmática e conciliadora, evitando projetos que suscitavam conflitos e, eventualmente, o afastamento de bancadas legislativas, como a reforma da previdência e a votação da Contribuição Provisória sobre a Movimentação ou Transmissão de Valores e de Créditos e Direitos de Natureza Financeira (CPMF). Estes exemplos mostram que o desenvolvimento de reformas estruturais em áreas como a política, impostos, saúde, educação e economia demandariam um custo administrativo muito alto. O presidente, então, adotou medidas paliativas e postergou as reformas. “Até hoje, houve atenção insuficiente para políticas públicas que combatam a raiz do problema com intervenções efetivas em áreas estratégicas, especialmente educação primária e profissional, saúde, saneamento básico, empregos e geração de renda” (SILVA, BRAGA, COSTA, 2010, p. 130).

Alguns programas governistas desagradaram lideranças petistas, criando choques de interesses que terminaram por levar à expulsão da senadora Heloísa Helena e dos deputados federais, Luciana Genro, Raúl Font e João Batista, que se opuseram à reforma das

aposentadorias em 2004 e formaram posteriormente o PSOL. Apesar da fidelidade e coesão partidária, a política de formação de coalizões ideologicamente heterogêneas do governo Lula também contestou os interesses de alas petistas. Por exemplo, na votação para presidente da Câmara em 2005, quando um racha dividiu o PT entre Luiz Eduardo Greenhalgh e Virgílio Guimarães, levando à vitória do opositor independente Severino Cavalcanti (PP-PE). “Ironicamente, alguns dos menos satisfeitos estavam dentro do PT” (HUNTER, POWER, 2005, p. 137). Principalmente em momentos de queda de popularidade ou reprovação pública de medidas impopulares, alas antagonistas do PT tendem a provocar tensionamentos e criticar internamente os direcionamentos do governo, ainda que mantivessem a coesão externa das votações.

Ainda que tenha tido o governo historicamente mais popular da democracia brasileira, Lula não foi uma unanimidade entre todos os setores. Hunter e Power (2007) apontam uma resistência progressiva contra sua administração entre setores de média e de alta renda familiar, mesmo que suas diretrizes econômicas tenham conquistado setores empresariais, agropecuários e industriais. Além disso, a avaliação de seu governo teve quedas significativas em certos momentos, ainda que se mantendo acima da média, sobretudo no segundo semestre de 2005, quando estourou o escândalo do mensalão (SILVA, BRAGA, COSTA, 2010). Um conjunto de fatores contribuiu para o frágil equilíbrio entre o clima de otimismo e a instalação de crises na gestão, a saber: desconfiança nas instituições públicas, manutenção de práticas clientelistas e patrimonialistas anacrônicas, fisiologismo, fragmentação partidária no Congresso, ineficiência de serviços públicos, carga de impostos robusta e desatualizada, entre outros. A convivência da administração de Lula com esses aspectos e a dificuldade para implantar reformas estruturais capazes de arrefecer estes problemas postergaram tais desvios que, na inexistência de um líder personalista e conciliador, se acentuaram e impregnaram o mandato de Dilma Rousseff.

Em 2010, a Era Lula chegou ao final com um cenário de prosperidade e de otimismo. De certa forma, as administrações conseguiram equilibrar pressões de diversos setores da sociedade e cumprir uma agenda de estabilidade econômica, fortalecimento do mercado interno, acréscimo real do salário mínimo e do poder de compra da população, em sintonia com níveis historicamente baixos de desemprego e redistribuição de renda em larga escala, combatendo as condições extremas de pobreza. Lula foi responsável, ainda, pelo aumento das expectativas das classes menos favorecidas, estimulando o protagonismo popular, os direitos básicos e o acesso a bens de consumo (FRENCH, FORTES, 2012). Sob outro prisma, no entanto, o petista enfrentou inúmeros obstáculos para empreender iniciativas de reformas nos

campos político, econômico, fiscal e midiático que tivessem êxito em desafiar problemas crônicos de um sistema ultrapassado que reproduz desigualdades econômicas e protege os privilégios das elites tradicionais. “[A] estrutura política que deixará a seu sucessor (ou sucessora) será anacrônica e absolutamente enrijecida por disfuncionalidades às quais não foram sequer tocadas por seu governo e pela ação política de sua liderança” (MELO, 2009, p. 16).

2.4 Preparando terreno – as eleições de 2010, manifestações de Junho e o mandato de Dilma Rousseff

O terceiro mandato petista no governo federal com Dilma Rousseff teve o objetivo de dar continuidade e de ampliar as políticas públicas implementadas nos oito anos da Era Lula. Contudo, Dilma encontrou um cenário que impôs dificuldades na condução da administração, seja no campo político ou econômico. Além disso, o perfil austero da presidente voltado para funções tecnicistas e pouco habituado às negociações e articulações comuns do exercício do cargo tornou conflituosa a interlocução com os diversos segmentos da sociedade que compõem o governo. Com isso, o terceiro mandato petista começou bem, mas enfrentou instabilidades e turbulências que afetaram sua capacidade de aprofundar políticas redistributivas e de votar reformas estruturais. Ao final do mandato, a presidente progressivamente perdeu grupos aliados e viu a oposição se reorganizar lentamente, apoiando-se na insatisfação crescente da opinião pública. Argumentamos que essa conjuntura preparou o terreno para a organização e o fortalecimento do discurso antipetista, delineando seus traços finais que convergem aspectos históricos, como o anticomunismo e a desconfiança nos políticos, e contemporâneos: petismo estabelecido no governo, denúncias de corrupção, desaceleração da economia e recursos ideológicos que rejeitam os conteúdos programáticos de esquerda.

Dilma foi eleita com a garantia da continuidade das medidas do governo de Lula, tanto pela manutenção dos agentes no bloco de poder, quanto pelos conteúdos programáticos. Mesmo recebendo o legado de Lula, a nova presidente não ficou à sombra de seu predecessor e buscou aplicar características particulares na administração. Logo, ficou evidente, ao menos, as distinções no perfil de Dilma e na sua maneira de administrar, emplacando linha dura, cobrando desempenho de seus ministros até com certa impaciência, centralizando decisões e não aceitando quaisquer resquícios de desonestidade nas pastas. Nos dois primeiros anos, a presidente substituiu 15 dos 37 ministros, por motivos que vão desde

declarações à imprensa consideradas infelizes a denúncias de enriquecimento ilícito (Antonio Palocci), escândalos de corrupção, irregularidades administrativas, esquemas de propina e fraude eleitoral. Ao assumir, Dilma teve postura austera no controle das contas públicas, anunciando um corte de gastos de R\$ 50 milhões de reais do orçamento, acréscimo da taxa de juros e restrição no reajuste do salário mínimo além da meta fixada, o que acirrou as relações com as centrais sindicais, desdobrando em pressões e greves. O crescimento de 1% do PIB e a inflação batendo 6,5% frustraram expectativas depois dos resultados positivos de 2010 (VON BULOW, LASSANCE, 2012). Ainda assim, a popularidade da presidente permanecia alta, com índices de aprovação acima de 70%. Mesmo com prestígio popular e maioria no Congresso, inclusive no Senado Federal, a presidência teve derrotas no legislativo e evitou investir em propostas polêmicas do programa petista, como as reformas política, tributária e midiática; estratégia que visou evitar maior desgaste do governo com setores dissidentes da aliança e da oposição. “É possível que a presidente Dilma, menos hábil nas negociações político-partidárias que seu antecessor e consciente da heterogeneidade de sua base parlamentar, reduziu suas expectativas em relação ao Congresso” (MELO, SANTOS, 2013).

No plano econômico, a administração Dilma enfrentou o agravamento da crise internacional e o esgotamento do modelo de investimento no mercado interno, gerando a estagnação do crescimento. Nestes quatro anos, aumentou o nível de endividamento das famílias, houve desaceleração da atividade industrial, juros altos, queda na exportação e taxas de inflação estiveram acima da variação do PIB. “A política econômica do governo Dilma encerra uma contradição que indica os limites de seu governo e da própria proposta reformista do PT” (CORSI, 2014 p. 272). Ainda assim, o pessimismo dos investidores não contaminou de forma decisiva a opinião pública, sendo que índices de suma importância para o governo se mantiveram controlados, como desemprego, salário mínimo e inflação (CONTRI, 2014).

Durante 2012, um grande espaço da agenda midiática foi tomado pelo processo de julgamento dos réus do Mensalão no Supremo Tribunal Federal (STF). Depois das incessantes denúncias que levaram o PT a perder parte de sua identificação partidária (ainda que tenha restabelecido depois), o caso voltava a ocupar a pauta midiática nacional e a mobilizar a opinião pública, com acompanhamento diário e dramatizado dos acontecimentos no STF. Foi um período de grande desgaste para o governo federal, culminando em 26 culpados, dentre os quais três membros da alta cúpula petista: o ex-ministro da Casa Civil de Lula, José Dirceu, o ex-presidente da Câmara dos Deputados, João Paulo Cunha, e o ex-presidente do partido, José Genoíno. “É possível argumentar que grande parte do desgaste do

PT no escândalo havia sido contabilizado em especial entre os eleitores com maior nível educacional e renda mais elevada” (MELO, SANTOS, 2013, p. 74). Além de ter aumentando a rejeição partidária, o Mensalão impossibilitou o PT de articular um discurso que se sustente pela ética, como em suas primeiras décadas e deu um poderoso argumento aos rivais, na medida em que o PT foi o primeiro partido a ter seus líderes condenados e presos por corrupção ativa.

Cabe ressaltar que boa parte dos veículos de comunicação tradicionais apostou tanto em temas divisivos quanto em uma campanha de reforço de estereótipos e de oposição à presidente. De fato, a relação entre o PT e a mídia é definida por tensões, em alguns momentos com a imprensa fazendo oposição declarada aos petistas. Boa parte da mídia investiu em uma campanha que ressaltou aspectos de Rouseff de forma negativa, como seu passado de resistência armada contra a ditadura, o suposto caráter eleitoreiro ou clientelista do Bolsa Família e o alinhamento com regimes considerados populistas ou autoritários, como a Venezuela, Bolívia e Equador (POWER, 2013).

Em 2013, o governo federal foi pego de surpresa pelas Manifestações de Junho. Convocados inicialmente pelo Movimento Passe Livre (MPL) nas capitais com pauta definida sobre a mobilidade pública, reivindicando principalmente a revisão do aumento de R\$ 0,20 centavos na tarifa, o desdobramento dos protestos foi imprevisto. A série de mobilizações no começo do mês atraiu um público de alguns milhares de engajados na causa do transporte urbano. Parte da imprensa criticou as passeatas por causar transtornos no trânsito da capital paulistana e a ação policial foi contundente. A repressão militar contra os manifestantes foi inegavelmente abusiva, truculenta e desproporcional, disparando balas de borracha e bombas de efeito moral indiscriminadamente contra a multidão. Os vídeos dos ataques se espalharam rapidamente pela internet e pelas mídias sociais, sobretudo quando repórteres da imprensa também foram atingidos.

Logo, a mobilização cresceu para centenas de milhares, agregando diversos grupos e setores desorganizados, chegando a mais de um milhão de pessoas nas capitais e espalhando-se pelo interior de todo o Brasil. Desde as mobilizações em favor do impeachment do presidente Fernando Collor em 1990 que o país não tinha protestos destas proporções. A organização dos atos se tornou descentralizada, assim como sua pauta difusa, embalada com frases vagas como “O gigante acordou” e “Não é só por 20 centavos”. De fato, as Manifestações de Junho de 2013 foram a expressão de um pano de fundo histórico de descontentamento dos cidadãos com os políticos brasileiros, enfatizando essencialmente a insatisfação com os serviços públicos, notadamente, a educação e a saúde, a crise de

representação e as denúncias de corrupção na política. A proximidade da Copa das Confederações, evento teste da Copa do Mundo de Futebol, acirrou os ânimos e as críticas de desvios de dinheiro público, superfaturamento das obras, deslocamentos populacionais e desigualdade (SWEET, 2014).

Junho de 2013 se tornou um marco para a política nacional. São muitos os aspectos que estão sendo estudados dessas manifestações por um crescente aporte de trabalhos. Para os fins desta dissertação, destacam-se três: (1) reaparecimento do antipartidarismo como fenômeno visível e generalizado; (2) distanciamento do PT dos movimentos sociais pelo crescimento da atuação da direita; e (3) representação da histórica crise de insatisfação com a política e a efetividade dos serviços públicos. A combinação entre estes três fatores define parte dos aspectos recentes da retórica antipetista, considerando que os demais elementos são frutos de reconfigurações de características históricas e de apropriações de grupos particulares.

No que tange ao antipartidarismo, os protestos foram notórios pela hostilidade simbólica e física contra as legendas, expulsando todas as pessoas que tentassem se aderir ao bloco com bandeiras de partido. Os gritos de “Nenhum partido me representa”, “Sem partido” e “Não temos partido, nós somos Brasil” foram celebrados entre os manifestantes como uma resposta à estrutura hierarquizada e inatingível da política e dos partidos autocentrados, burocráticos, oportunistas e sectários (MISCHE, 2013). O sentimento antipartidário e anti-institucional teve impacto imediato na queda da preferência partidária petista em 4%, chegando a uma retração de 13,5% na cidade de São Paulo e de 18,6% no município do Rio de Janeiro. A rejeição também se estendeu ao PMDB, que teve diminuição na identificação partidária de 7,4% para 5,5%. Contudo, nenhum outro partido se beneficiou do discurso antipartidarista, pois as tentativas de representar as vozes dos protestos falharam (WINTERS, WELTZ-SHAPIRO, 2014).

Em um segundo aspecto, Junho de 2013 evidenciou a dificuldade dos agentes governistas do PT de compreender as demandas e de dialogar com os movimentos sociais. Se Amaral (2010) defende que mesmo com a aproximação das esferas estatais o partido não deixou de receber atores da sociedade civil, parece inegável que o PT perdeu seu protagonismo em mobilizar as forças antagonistas de base, permitindo a emergência de outros segmentos nessa tarefa. Em muitos momentos durante a Era PT, o governo deixou claro que não atenderia integralmente as reivindicações da sociedade civil organizada, indo de encontro ao interesse de centrais sindicais, movimentos indígenas, pensionistas, aposentados e sem-terra. Neste ponto, a análise de Hochstetler (2012) mostra que o PT foi de

um período inicial de simbiose com a sociedade civil ao progressivo desencantamento e, por fim, o estabelecimento de tensões, com buscas por vias alternativas de pressionar pelas demandas que abriram espaço para lideranças que não são próximas dos petistas. O petismo governista ocupa um território de caça que coloca em cheque a atuação de parte dos movimentos de esquerda, que busca um equilíbrio complexo entre as demandas de suas bases e a defesa do PT contra o avanço das direitas. O partido perdeu a hegemonia de convocar a sociedade civil às ruas e outros agentes ocuparam o vácuo. As direitas assumem protagonismo na convocação de mobilizações e pelas mídias sociais e por grupos pouco institucionalizados, como Vem Pra Rua, Movimento Brasil Livre e Revoltados Online, ainda que se apresentem lideranças sólidas ou proposta alternativa de ação política além do antipetismo.

A última lição dos movimentos de Junho de 2013 para a formação das bases da organização do antipetismo em 2014 foi a expressão da revolta e a participação dos cidadãos em protestos contra elementos sectários do sistema político. Interessante notar que por muito tempo não houve protestos massivos de rua espalhados por todas capitais e pelas cidades interioranas do país. Não que os protestos tenham instalado um regime de vigilância organizada dos cidadãos, mas foram uma expressão, em certa medida, descoordenada da histórica desconfiança dos brasileiros com os políticos (POWER, JAMISON, 2005). Certamente, foi uma representação coletiva da insatisfação cotidiana com a má qualidade de serviços públicos, com a desmoralização da política, seguidos escândalos de corrupção e a latente desigualdade socioeconômica e de gêneros (MATTOS, 2014). O impacto foi agudo contra a avaliação do desempenho de Dilma Rousseff, que teve uma queda de 27 pontos de popularidade³⁴ e não voltou a recuperar os bons índices dos primeiros anos.

O final de mandato da presidente foi de turbulência política. Diversas manifestações, convocadas por grupos organizados nas mídias sociais e concentradas principalmente na cidade de São Paulo, levaram milhares de pessoas às ruas pedindo o impeachment da presidente reeleita. Movimentos paralelos, em menor número, reivindicavam, ainda, a intervenção militar e a volta dos generais ao poder³⁵. Os atos de rua se arrastaram até o final de dezembro, impulsionados pelos depoimentos de Alberto Youssef e de Paulo Roberto Costa na Operação Lava Jato, referentes a escândalos de corrupção envolvendo a Petrobrás, empresas privadas, partidos e governo. Os protestos paulistanos de 2014 foram convocados,

³⁴<http://www1.folha.uol.com.br/poder/2013/06/1303541-popularidade-de-dilma-cai-27-pontos-apos-protestos.shtml>

também, pelos candidatos a presidente e vice-presidente pelo PSDB, Aécio Neves e Aloysio Nunes³⁶, mas só contataram com presença do senador eleito, José Serra. O PSDB também colocou à prova a confiabilidade e a legitimidade da eleição ao protocolar no Tribunal Superior Eleitoral (TSE) um pedido de auditoria e de recotagem dos votos, embasado em denúncias veiculadas nas mídias sociais, grande parte originada na Rede Antipetista, sobre possíveis fraudes e mau funcionamento das urnas³⁷. No final de 2014, a oposição organizada no Congresso obstruiu por várias sessões as votações do relatório final do projeto da Lei de Diretrizes Orçamentárias (LDO) de 2015 (PLN 3/14), que reajustou o teto da meta do superávit primário, argumentando que a peça é “fraudulenta, impositiva e anticonstitucional”³⁸.

Mesmo com a vitória de Dilma Rousseff, os resultados gerais das eleições de 2014 apontaram para a recomposição, o realinhamento e a organização das forças de oposição, principalmente entre os representantes dos setores tradicionais e de direita da sociedade brasileira. De fato, as urnas indicaram uma guinada à direita no Congresso Nacional, que foi considerado o mais conservador da história política nacional desde 1964³⁹. O novo cenário do parlamento ilustra o amadurecimento das forças de oposição, principalmente de segmentos militares, religiosos e ruralistas. A composição sugeria um posicionamento de antagonismo, nas palavras de Aécio Neves, “incansável, inquebrantável e intransigente”⁴⁰. O contexto socioeconômico também se mostrou desafiador, com recessão técnica, ajuste fiscal, corte nos gastos públicos e regras mais rígidas no pagamento de benefícios, tais como seguro-desemprego, abono salarial e pensão por morte⁴¹. No quarto capítulo, iremos investigar como estes elementos contribuem para a criação de uma conjuntura fértil para a disseminação da insatisfação política e descrença no sistema institucional que propiciam a existência de posicionamentos mais radicais e teorias conspiratórias.

2.5 Apontamentos

³⁵<http://www1.folha.uol.com.br/poder/2014/11/1542047-ato-em-sao-paulo-pede-impeachment-de-dilma-e-intervencao-militar.shtml?cmpid=%22facefolha%22>

³⁶<http://g1.globo.com/politica/noticia/2014/12/aecio-e-oposicionistas-fazem-pela-web-convocacao-para-ato-de-protesto.html>

³⁷<http://politica.estadao.com.br/noticias/geral,psdb-de-aecio-neves-pede-auditoria-na-votacao,1585755>

³⁸<http://www.dem.org.br/oposicao-anuncia-obstrucao-total-no-congresso-apos-fraude-em-votacao-de-mudancas-na-ldo/>

³⁹<http://www.valor.com.br/politica/3843910/nova-composicao-do-congresso-e-mais-conservadora-desde-1964>

⁴⁰http://brasil.elpais.com/brasil/2014/11/05/politica/1415218131_581862.html

⁴¹<http://www1.folha.uol.com.br/mercado/2014/12/1568439-governo-muda-regra-de-pagamento-de-beneficios-como-seguro-desemprego.shtml>

Este capítulo se dedicou ao estudo do período da redemocratização brasileira em busca de investigar as características da transição e da constituição da Nova República que propiciaram o surgimento do Partido dos Trabalhadores, ao mesmo tempo em que restringiram sua evolução. Fundado como uma força política enraizada em movimentos de base, de ideologia socialista e posicionamento antissistema, o PT inicia sua trajetória na oposição, contrariando os interesses das elites privilegiadas que se retroalimentam no poder. No entanto, o desenvolvimento organizativo leva à progressiva incorporação do partido pelas normas e valores do estado, a fim de aumentar sua competitividade eleitoral, deixando para trás o radicalismo e assumindo tática pragmática na composição de alianças. Com isso, o PT se torna uma organização profissional-eleitoral, chegando à presidência e retendo alta identificação partidária..

Desde o período de sua fundação, participação eleitoral, enraizamento social e crescimento, o petismo sofreu distensões e flexibilizações que expandiram sua base de apoio e modificaram a formulação de seu conteúdo ideológico e programático. Estes deslocamentos se intensificaram à medida que o partido deixou a oposição e elegeu Lula presidente da república em 2002. O PT de 2014 não é o mesmo de 1980. Muito pelo contrário, se tornou um partido estabelecido nas esferas de influência e identificado com o governo federal, com 12 anos de perpetuação no poder. O PT evoluiu de um partido burocrático de massa, antissistema, socialista e concentrado nas metrópoles para um partido *catchall*, que encabeça coalizações pragmáticas e que concentrou o poder federal por quatro mandatos consecutivos.

Neste primeiro momento, o trabalho descreveu o petismo como um construto analítico que é reconfigurado de acordo com as práticas históricas, sociais e políticas oferece a possibilidade de desvelar as complexidades, descontinuidades e incompletudes do PT contemporâneo. De um lado, sua base social preserva ainda uma visão nostálgica de sua criação como uma “novidade” vinda da sociedade civil organizada, desafiando a oligarquia brasileira; de outro, a imagem atual do partido é distorcida pela sua incorporação pelos funcionamentos do presidencialismo de coalizão do país, afastando as características puristas em função da governabilidade e da acomodação dos diversos setores da sociedade.

O desempenho da administração lulista e seu processo de incorporação ao sistema político institucional brasileiro, passando por um longo período de adaptação e de crescimento, tornam o PT um fenômeno único na literatura nacional. Tal conjuntura suscita um desafio teórico referente à definição do petismo ao final dos oito anos do governo Lula. A progressiva institucionalização inseriu o partido no complexo sistema político brasileiro, que favorece os interesses oligárquicos e impõe a necessidade de acomodar pautas de eixos

ideológicos distintos com a finalidade de obter governabilidade. Além disso, o envolvimento de lideranças histórica em esquemas de corrupção marcaram a imagem ilibada do partido. O PT se tornou um partido, em grande medida, acomodado aos espaços de influência das esferas administrativas, fazendo concessões significativas em seu conteúdo programático e ideológico. A imagem do petismo sedimenta, em diferentes medidas, um passado idealizado, socialista, de estruturas burocráticas rígidas e lealdade parlamentar, com o presente pragmático de contornos *catchall*, incorporação ao governo, condenações por corrupção e doações de grandes empreiteiras e de entidades financeiras.

Por outro lado, o antipetismo não é simplesmente uma antítese do petismo. Sua formação toma vias paralelas que nem sempre reconhecem o desenvolvimento do PT, obedecendo a critérios difusos de acordo com a finalidade e dinâmicas do grupo que se apropria deste discurso. A adequação às forças centrípetas do Estado brasileiro fez com que partido e governo dialogassem com interesses de classes diferentes daqueles da sua base histórica. Mesmo assim, o antagonismo quanto às posições ideológicas e a construção social do PT parece ter tido um efeito de resiliência paradoxal. Talvez referente ao passado esquerdista que ainda alimenta o posicionamento político de muitos de seus militantes. “As mudanças no partido e os dez anos de políticas ‘responsáveis’ à frente do governo federal não parecem ter sido suficientes para reduzir essa desconfiança” (BIROLI, MANTOVANI, 2014, p. 216). Assim, defendemos a hipótese de que o antipetismo nas mídias sociais em 2014 tem uma característica fundamental que chamamos de assimetria histórica, que produz alguns pontos cegos quanto à análise da imagem do partido e da própria política brasileira. Os parâmetros que determinam esse relacionamento contestatório são construídos de acordo com as circunstâncias históricas, havendo dois momentos distintos (1) o antagonismo ideológico da época do PT socialista, que defendia políticas antimercado divergentes dos interesses dos grandes conglomerados midiáticos; e (2) o antagonismo contemporâneo orientado por um discurso moralizante da política e por uma desconfiança resiliente das origens sociais e ideológicas do partido (AZEVEDO, 2011; BIROLI, MANTOVANI, 2014).

CAPÍTULO III A TRÍADE DO ANTIPETISMO: ANTIPARTIDO, ANTIESQUERDA E ANTIESTABLISHMENT

“Lutamos contra a corrupção generalizada e instalada pelo PT e partido aliados, e seus preceitos como o Foro de São Paulo, que pregam a ditadura de esquerda, sonhando direitos fundamentais como o de expressão”⁴² (REVOLTADOS ONLINE, 2014). A Rede Antipetista congrega um grupo de páginas heterogêneo. Unidos pela crença comum de que é preciso tirar o Partido dos Trabalhadores do poder para resolver os problemas do Brasil, estes agentes definem os petistas como terroristas, quadrilha, usurpadores, comunistas e ditadores. Estes canais se diferenciam pelos modos de atuação e diversas agendas subjacentes ao antipetismo, dentre as quais figuram: resistência a políticas de redução à desigualdade, crítica aos direitos humanos, redução da maioria penal, combate à corrupção, descrença no sistema político-democrático, modificação do estatuto do armamento, aumento da repressão ao crime, defesa da família tradicional, dissolução do Congresso Nacional, impeachment, intervenção militar, diretrizes econômicas independentes do Estado, e muitas outras. Neste capítulo, oferecemos como chave de leitura para este fenômeno a tríade do antipetismo, uma perspectiva que explora o antipetismo como um fenômeno multidimensional que deriva do relacionamento entre três aspectos referenciais negativos: o antipartidarismo, o antiesquerdismo e o antiestablishment. Estes são sistematicamente acionados pela ascensão à agenda pública dos temas de corrupção estatal e de crise econômica como modo de desgastar o governo de Dilma Rousseff.

Uma das perspectivas explicativas da ação dos antipetistas é o discurso de ódio⁴³. O conceito de discurso de ódio pode ser definido como: “formas de expressão que espalham, incitam, promovem e justificam ódio racial, xenofobia, antissemitismo e outras formas de ódio baseadas na intolerância, incluindo nacionalismo agressivo, etnocentrismo e discriminação de minorias” (WEBER, 2009, p. 03). Contudo, este conceito é relativizado e instrumentalizado pelos atores de modo interpartidário com o objetivo de desqualificar a atuação do grupo oponente. Isso pode ser exemplificado pela contraposição da fala do gestor das mídias sociais petistas em 2014, Leandro Fortes: “O discurso do ódio nas redes sociais foi

⁴²https://www.facebook.com/revoltadosonline/photos/a.144712112222016.28960.144205978939296/1031523406874211/?type=1&relevant_count=1

⁴³

<http://politica.estadao.com.br/blogs/roldaoarruda/extremadireitaavancacomodioaosdireitoshumanosdizfilosofo/>
http://brasil.elpais.com/brasil/2014/10/08/politica/1412803414_859186.html
<http://www.revistaforum.com.br/blog/2014/10/antipetismo-nordestinos-pobres-para-entender-o-odio/>

construído pela mídia e pela oposição que ela tenta colocar no poder” (FORTES, 2014)⁴⁴ com a do gestor tucano, Xico Graziano: “Bom, primeiro, para mim, o discurso do ódio é o discurso do PT. O discurso deles é uma reação ao ódio contra nós. Quem criou a diferença entre “nós” e “eles” foi o Lula, não fomos nós” (GRAZIANO, 2014)⁴⁵.

Há problemas quanto à adoção do discurso do ódio como via interpretativa, relativos à associação do termo exclusivamente ao adversário político e a confusão entre propósito e estilo discursivo. Se, por um lado, a exaltação dos ânimos, preconceito, racismo, xenofobia, homofobia e a produção constante de mensagens em mídias sociais ofendendo candidatos, partidos e cidadãos estiveram presentes de ambos os lados durante o pleito⁴⁶, por outro, tal perspectiva não é a mais adequada para a abordagem deste trabalho. McCosker (2014) sustenta que formas de expressão afetiva como *trolling*, *flaming* e *hating* são pontos de partida analíticos que frequentemente elidem dinâmicas mais complexas, a serem estudadas em uma conjuntura agonística que intensifica o embate e o conflito. Fazendo uma análise além da função negativa, estes hábitos comunicativos podem ser acionados estrategicamente por simpatizantes de qualquer candidato, partido ou aliança eleitoral como uma estratégia de propaganda negativa. Assim, compreendemos que embora a ideia de discurso do ódio ofereça algumas pistas para estudar o antipetismo nas mídias sociais, sobretudo relativas ao estilo, omite elementos significativos, na medida em que é um conceito situacional, muitas vezes acionado pelo fenômeno da percepção enviesada da hostilidade midiática⁴⁷ (VALLONE, ROSS, LEPPER, 1985).

Outra via investigativa pode ser a adoção do arcabouço teórico da atividade fã, principalmente os trabalhos que tratam da cultura *fandom* política, isto é, lideranças, temas e partidos políticos são entendidos como o objeto da atividade fã, mobilizando a audiência a produzir conteúdo de modo coletivo e afetivo, formando subculturas, identidades e dinâmicas de relacionamento particulares (SANDVOSS, 2012; VAN ZOONEN, 2004). Por essa linha, o antipetismo seria estudado como uma ação de antifãs ou de *haters* políticos, que se mobilizam nos ambientes online contra o PT e seus principais representantes. Ainda assim,

⁴⁴<http://apublica.org/2015/06/o-discurso-do-odio-nas-redes-sociais-foi-construido-pela-midia-e-pela-oposicao-que-ela-tenta-colocar-no-poder/>

⁴⁵ <http://apublica.org/2015/06/todo-mundo-usa-fake/>

⁴⁶<http://www.etc.com.br/tecnologia/2014/10/cuidadocomoquevocecompartilhadenunciasdepaginaspreconceituosacrescem>

⁴⁷ Fenômeno que demonstra que indivíduos muito engajados em determinado grupo social ou identidade coletiva, como partidos, tendem a acionar mecanismos cognitivos que percebem e avaliam a cobertura da mídia como hostil e enviesada a partir de seus próprios sistemas de crenças: “Em vez de perceberem confirmação ou suporte, partidários afirmam perceber vieses hostis, até mesmo em coberturas de notícias que a maior parte dos não partidários acha objetiva e balanceada” (VALLONE, ROSS, LEPPER, 1985, 577-8).

entendemos que a aplicação desta bibliografia carece de maior cuidado analítico e também pode obscurecer, neste momento, o pano de fundo político-partidário subjacente a tais atos comunicativos.

As perspectivas teóricas do discurso de ódio e dos *haters* políticos, em alguma medida, ignoram nuances de suma importância para compreendermos o antipetismo. Isso porque focam no estilo retórico de atuação, sem dar conta do conteúdo e as articulações político-sociais subjacentes deste discurso. Contudo, ambas indicam dois aspectos enriquecedores da abordagem aqui desenvolvida: (1) a ação performática hostil como dinâmica de diferenciação e ênfase de aspectos identitários políticos (MASCHERONI, 2013; VROOMAN, 2002); e (2) o modelo agonístico de construção discursiva a partir da negação e da contraposição de uma imagem projetada e, por vezes, idealizada do PT. Ou seja, o antipetismo não se afirma positivamente a partir da defesa de um conjunto de valores, mas como um discurso antagonista não uniforme, que se estabelece por meio da negação de três referências básicas: partido, esquerda e *establishment*.

O fenômeno analisado reforça a ideia de que o processo de formação de identidade e de posicionamento políticos envolve necessariamente exclusões e o embate de ideias. “A meta aqui é destacar o fato de que a criação de qualquer identidade implica no estabelecimento de uma diferença, que é frequentemente construída em bases hierárquicas” (MOUFFE, 2005, p. 15). Com isso, a política é entendida como uma atividade que se estrutura em facções rivais que disputam o controle do poder público, seja ele simbólico ou material, em espaços definidos como arenas. “O político deve, então, se embasar nas distinções, em relação às quais toda ação com um significado político pode ser encontrada” (SCHMITT, 2007, p. 26). As disputas entre adversários, no entanto, devem ser realizadas dentro do quadro de regras do jogo democrático, respeitando as normas do sistema e as minorias. Atualmente, estas arenas podem ser encontradas também nas mídias sociais, como locais que dão visibilidade a fluxos comunicativos emergentes das relações sociais e políticas de cada grupo.

Buscando pistas para responder os questionamentos e contornar as limitações apontadas, argumentamos que o antipetismo na eleição presidencial de 2014 pode ser estudado por meio de uma chave analítica multidimensional que integra três antagonismos em diferentes graus, a depender da natureza do objeto de análise: antipartidarismo, o antiesquerdismo e o antiestablishment. O capítulo está organizado de modo a explorar cada destas categorias do que chamamos de tríade do antipetismo. Desse modo, o antipartidarismo representa o antagonismo ao sistema partidário brasileiro centrado na figura do PT, isto é, um

entendimento de que os petistas destoam do caráter não representativo dos demais partidos nacionais. Em segundo lugar, vem o componente antiesquerdista subjacente ao antipetismo, dando vazão a discursos ideológicos fechados de múltiplas tradições políticas de direita no Brasil, como o conservadorismo, o liberalismo e o anticomunismo. Em terceiro, a última característica é o antiestablishment, ou seja, a negação da atividade política institucional pela cultura da desconfiança, da crise insatisfação com a efetividade do governo federal, resgatando o senso comum da ineficácia, corrupção e autorreferência das instituições políticas. Por fim, o trabalho discute os entrelaçamentos entre os três elementos que formam o antipetismo como um construto analítico e uma identidade política que se manifesta nas mídias sociais com a finalidade de minar comunicativamente o PT, mas que é ineficaz em oferecer alternativas propositivas em seu lugar.

3.1 “Mandar o PT para o quinto dos infernos”: referência partidária centrada no PT

“ParTido das Trevas, sacrificando a vida dos brasileiros em nome do comunismo, transformando uma nação em idiotas úteis, abastados. omissos cubanos e venezuelanos. Acorda Brasil #ForaPT #ForaDilma #ForaLula #Abaixoocomunismo #ForaForo”⁴⁸ (ORGANIZAÇÃO DE COMBATE À CORRUPÇÃO, 2014). A primeira referência que compõe o que chamamos aqui de tríade do antipetismo é o antipartidarismo. Como elaborado no capítulo anterior, o crescimento e as estratégias de diferenciação identitária e de institucionalização fizeram com que o PT se tornasse um agente de referência, capaz de influenciar na estruturação do sistema partidário e do espectro ideológico brasileiro como uma “espinha dorsal”. “Não só porque ele detém uma fatia dos postos de controle político, mas também porque influencia o comportamento dos demais atores [...] Petismo e antipetismo catalisam segmentos crescentes do eleitorado” (SINGER, 2001, p. 11). Partimos da premissa que o PT é um sujeito político que influencia o comportamento de outras forças, estimulando realinhamentos nas coalizões políticas. Isso porque o movimento dinâmico de constituição do petismo produz significativa influência na própria rejeição do partido e, portanto, na relação das forças opositoras, principalmente na construção da retórica reconhecida como o antipetismo (CARREIRÃO, BARBETTA, 2004). Em suma, este aspecto trata da percepção de parte do público que materializa os sentimentos negativos com a

⁴⁸<https://www.facebook.com/organizaodecombateacorrupcao/photos/a.337665626303939.74124.337610032976165/728388347231663/?type=1&theater>

política – que foram alimentados midiaticamente depois do escândalo do Mensalão em 2005 e seu julgamento em 2012.

Venturi (2010) levanta dados sobre a preferência partidária brasileira nos 30 primeiros anos do PT, demonstrando que desde que a sigla nasceu houve uma curva ascendente, sobretudo no intervalo entre 1989 e 2001 com a expansão para o interior. Nessa época, o PT dividia a faixa de 20% com o PMDB. Contudo, o PMDB teve uma queda drástica desde então, deixando o PT como único agente catalisador do partidarismo brasileiro. São vários os estudos empíricos que apontam essa tendência (BAKER *et al.*, 2010; CARREIRÃO, 2014; PAIVA, BRAGA, PIMENTEL, 2007; RIBEIRO, CARREIRÃO, BORBA, 2011). Veiga (2011) analisa os dados do ESEB entre 2002 e 2010 e indica o descolamento do PT, a resiliência de sua imagem partidária apesar do escândalo do Mensalão e do desgaste das outras siglas.

Tabela 1
Partido com o qual tem identidade, para eleitores brasileiros,
2002/2006/2010 (%)

PARTIDOS	2002	2006	2010
Geral	39	28	39,2
PT	23	18	24,5
PMDB	4	4	2,7
PFL	2	1	0,5
PSDB	4	4	5,7
Outros	6	1	5,8

Fonte: ESEB, 2002, 2006, 2010.

Figura 14 Identidade partidária no Brasil entre 2002 e 2010

Fonte: Veiga (2011)

Samuels (2006) sustenta que o PT é o único partido de massa brasileiro, um ponto fora da tendência de fraca representatividade na política nacional, com preferência partidária, enraizamento social, mobilização de base e larga estrutura organizativa burocrática. Enquanto isso, o partidarismo das demais siglas é fraco e deriva fortemente de vínculos personalistas e clientelistas. Baker e colegas (2010) defendem que há padrões de partidarismo na democracia brasileira, que são moldados pelas redes de relações sociais, inclusive com considerável grau de enraizamento social. No entanto, os dados apontam para diferenças em comparação a democracias mais antigas, na medida em que as identidades políticas formadas são mais fluidas e reféns de flutuações na opinião pública e em avaliações retrospectivas. Em experimento para avaliar a força do partidarismo brasileiro, Samuels e Zucco (2014a) sustentam que vieses *ingroup* e *outgroup* moldam atitudes e opiniões de simpatizantes

partidários, indicando que a competição bipartidária é forte o suficiente para ceder informação para o eleitor compreender minimamente o posicionamento do partido rival. Samuels e Zucco (2014b) explicam que o PT desenvolveu um partidarismo massivo a partir de uma tática de abrir diretórios municipais e desenvolver laços com a sociedade civil organizada e ativista, com ações de engajamento e formação de identidade *top-down* e *bottom-up* de longo prazo.

Neste sentido, apesar de boa parte dos analistas em 2014 tenha defendido a tese da polarização eleitoral crescente em torno do eixo bipartidarista PT/PSDB⁴⁹, acreditamos que seja preciso questionar tal afirmação. Isso porque, embora a competição eleitoral tenha colocado em lados opostos PT e PSDB desde 1994, os peessedebistas não desenvolveram estrutura partidária robusta e com identificação partidária massiva de simpatizantes (COUTO, ABRUCIO, 2003). De fato, os dados evidenciam a considerável indiferenciação entre as siglas de oposição. Há, ainda, análises que apontam os eleitores conservadores como menos propensos a desenvolver laços de preferência estáveis com partidos: “o comportamento das elites políticas promove esta predileção antipartidária entre os eleitores conservadores” (MAINWARING, POWER, MENEGUELLO, 2000, p. 61). Sobretudo, estudos recentes indicam a convergência ideológica (POWER, 2008) e a guinada ao centro (SHIFTER, 2011) da classe política. Isso porque, como Lucas e Samuels (2010) afirmam, apesar da estruturação da competição bipartidária pela presidência, o cenário legislativo aponta uma tendência geral de guinada ao centro ao nível da elite – até mesmo para aumentar a competição pela governabilidade – na medida em que aspectos ideológicos não são fortes preditivos de votações, formações de bancadas e alianças, em detrimento da dicotomia governo/oposição: “a ideologia perdeu peso ao longo do período em que vigora o atual sistema partidário, tornando-o, portanto, pelo menos nesses aspectos, mais incoerente ideologicamente” (CARREIRÃO, 2014, p. 283). Se há uma indiferenciação ideológica em nível das elites políticas e das votações no Congresso Nacional, nos parece razoável deslocar nossa atenção para a polarização entre as massas de eleitores, condicionada de forma ambivalente pela tentativa de afastamento e de diferenciação em relação ao sistema partidário centrado simbolicamente no PT.

Ao investigar o sistema partidário nacional, percebemos uma tendência crescente da institucionalização das organizações e diminuição da volatilidade na competição eleitoral, apontada pela disputa PT/PSDB no âmbito federal. Por outro lado, como elaboramos no

capítulo anterior, historicamente o PT foi a única sigla capaz de desenvolver enraizamento nacional, além de mobilizar a identificação de amplos setores da sociedade. Por isso, o cenário brasileiro indica o crescimento da animosidade da oposição – que se aproveita do desgaste da imagem petista e da crise econômica e moral do governo – sem desenvolver capilaridade social de massa. Embora quase tenha angariado votos suficientes para ganhar a eleição, o PSDB não se tornou o símbolo partidário de oposição. O resultado é que o PT catalisa setores ambivalentes: simpatizantes e detratores. Ou seja, sustentamos que a polarização apresentada pelas massas se direciona em torno do Partido dos Trabalhadores, colocando em lados opostos PT e AntiPT. Essa polarização se dá muito mais em nível das massas do que das elites partidárias.

Uma forma do antipetismo se refere à disputa eleitoral, como já apontado por Dias (2013), a aposta em angariar votos de cidadãos que preferem escolher qualquer outro candidato, que não o petista. Este antipetismo tem função pragmática e oportunista, foi utilizado nas campanhas de 2006, 2010 e 2014. Contudo, o fenômeno que investigamos aqui mostra que o antipetismo não é somente uma negação do PT, mas carrega consigo outros fenômenos complexos da política contemporânea e agendas que vão além da destruição do partido e tudo o que ele significa. Na Rede Antipetista, esse fator é complementado por linhas ideológicas antiesquerdistas e pela ação antiestablishment.

3.1.1 O Antipartidarismo brasileiro

As formulações de antipartidarismo são centrais nesta análise, tendo em vista que o conceito resgata o sistema e as identidades partidárias como elementos que orientam também negativamente na construção de opiniões e o processamento de informações políticas. O termo foi cunhado em pesquisas europeias para definir partidos que acionam a retórica que se opõe ao sistema e aos partidos. Há duas formas de sentimentos antipartidários: (1) a negação dos partidos de forma geral, que os rejeita como entidade representativa do povo; e (2) a oposição seletiva ou populista, que critica determinado grupo de siglas com certa base ideológica, geralmente socialista e de esquerda. “Partidos de massa são acusados de ser ‘máquinas de luta’ fortemente ideologizadas que buscam subordinar os eleitores e o estado a uma combinação de dogmas e autointeresse de elite” (DAALDER, 1992, p. 273).

⁴⁹ <http://blogdosakamoto.blogosfera.uol.com.br/2014/10/13/como-a-polarizacao-das-eleicoes-trouxe-o-medo-para-dentro-da-escola/>

As raízes do pensamento antipartidário são tão antigas quanto o partido em si, segundo Ignazi (1996). Isso porque os elementos culturais primordiais de solidariedade, harmonia e união da civilização europeia ocidental condicionaram um pensamento político refratário à organização de facções de dissenso. Desse modo, revolucionários e contrarrevolucionários viam partidos como um retrocesso político na França do século XVIII, assim como nos movimentos nacionalistas na Alemanha e França de XIX. A aceitação, ainda que vacilante, do partidarismo acontece a partir do liberalismo estadunidense, representado na figura de James Madison, que parte da premissa que conflitos políticos são inevitáveis e devem ser controlados pelo estado a fim de reduzir a violência e preservar as regras democráticas na negociação dos interesses divergentes.

No Brasil, o antipartidarismo também está enraizado no pensamento político. “Na verdade, os partidos políticos, a partir de meados do século 19, passaram a ser mais condenados do que defendidos, mais temidos do que desejados, mais ‘ideologizados’ do que dessecados” (BENEVIDES, 1981, p. 151). São duas as vertentes antipartidárias históricas identificadas por Souza (1976) em 1930: (1) a liberal, que reflete a preocupação das elites com a massificação da política e surgimento de partidos representantes de interesses de classes urbanas populares; e (2) a autoritária, que responsabiliza os partidos pela centralização do poder na oligarquia, burocracia, personalismo, clientelismo, ineficiência e problemas técnicos.

Por outro viés, Mudde (1996b) aponta que a clivagem entre os antipartidários possui dois lados: (1) os extremistas, que se posicionam contrários ao sistema partidário como um todo; e (2) os populistas, que rejeitam um conjunto específico de partidos de acordo com seus programas, métodos de ação política e comportamento. “Ou seja, gostar mais de um ou outro partido não é gostar muito de partidos em geral, assim como não gostar de um partido não é parte de uma rejeição aos partidos em geral” (PAIVA, TAROUÇO, 2011, p. 441-2). Este apelo se apresenta como uma estratégia oportunista que se vale de sentimentos negativos da opinião pública contra os políticos, buscando definir-se como uma antítese dos partidos tradicionais. Isso leva ao que Mudde chama de paradoxo do antipartidarismo, na medida em que os partidos fazem uso deste recurso para chegar ao poder, mas, uma vez eleitos, precisam se enquadrar ao aporte de normas e de valores vigentes, deixando a retórica antissistêmica de lado. Seu posicionamento contrário pode ser motivado por críticas programáticas ou por críticas ao mundo da política, seguindo quatro eixos: centralizador, antidemocrático, corrupto e retrógrado. “Sentimentos populistas antipartidários são parte do discurso de uma ampla

variedade de atores, indo desde partidos de oposição de direita [...] e de esquerda [...] a vozes dissidentes dentro [...] dos partidos estabelecidos” (MUDDE, 1996a, p. 268).

Além disso, há pelo menos dois níveis de sentimento antipartidário: (1) institucional/elite: elaborado pelas organizações que participam do jogo político, sejam elas partidos ou movimentos sociais; e (2) opinião pública/massa: que direciona contra o sistema partidário e, mais especificamente, os partidos e governos sua insatisfação com serviços públicos, políticas programáticas e formas de atuação institucional. “A natureza do antipartidarismo depende do contexto no qual ocorre e as consequências, portanto, podem variar significativamente” (BAQUERO, VASCONCELOS, 2013). Eles sugerem quatro tipos de antipartidarismo: (1) rejeição dos partidos; (2) crítica dos partidos existentes; (3) antipartidarismo cultural; e (4) antipartidarismo reativo; considerando que o antipartidarismo brasileiro é composto por raízes históricas e reações dos eleitores perante o desempenho do sistema partidário.

Outras abordagens acadêmicas exploram o ‘lado esquecido do partidarismo’, isto é, que os indicadores atitudinais relativos à oposição a determinado partido são elementos indispensáveis na medição da identificação partidária e, conseqüentemente, no comportamento eleitoral (CARUANA, MCGREGOR, STEPHENSON, 1996; MAGGIOTO, PIERESON, 1977; MAYER, 2014; POGUNTKE, 1996; ROSE, MISCHLER, 1998). Assim, cabe ressaltar que as avaliações negativas não são diretamente equivalentes às positivas. Ao contrário, são dimensões construídas de forma separada, tendo em vista que a rejeição e a hostilidade são acionadas por diferentes graus de pertença e de identidade política. “Os dois lados do partidarismo trabalham juntos, por dizer, para produzir uma visão pessoal coerente, que determina a escolha do voto” (NOEL, MEDEIROS, 2013, p. 1038).

Nesse sentido, a tentativa de compreender o sistema partidário brasileiro avança no entendimento particular do antipetismo. Isso porque somente o PT destoa da tendência geral da não representatividade social partidária e consegue mobilizar sentimentos significativos em nível nacional e massivo, seja de simpatizantes ou de contestadores. O PSDB, por outro lado, embora tenha desenvolvido um conjunto de políticas e de valores estáveis e reconhecidos como liberais e de responsabilidade fiscal em sua função governativa, é um caso de falha no enraizamento social e na formação de estratégias partidárias unificadas. As demais siglas possuem ligações superficiais, clientelistas e personalistas (SAMUELS, 2006). Assim, entendemos que há sentimentos de insatisfação e de ausência de representação com os partidos estabelecidos que alimentam identidades políticas que se formam pela negação do

sistema partidário de modo geral, mas sobremaneira materializado na figura do PT, especialmente pelo viés anticorrupção.

Contudo, o caso brasileiro apresenta elementos que se diferenciam em certos aspectos do europeu. Isso porque os autores citados tratam dos partidos que utilizam de estratégias antipartidárias como forma de angariar eleitores desencantados com o sistema institucional de representação. Estes partidos vivem, então, o paradoxo de como se posicionar dentro do sistema político. Porém, as mobilizações apartidárias e antipartidárias que se desenvolveram a partir de 2013 não encontraram liderança no sistema partidário brasileiro, mas fazem parte de uma forma política que renega os partidos em função de *outsiders* e de vagas definições da “nova política”. Ou seja, diferentemente dos apontamentos da literatura acadêmica europeia, sustentamos que o antipartidarismo brasileiro é reativo ao desempenho do governo e as movimentações gerais da opinião pública e não adota caráter institucionalizado, operando por vias tangenciais ao sistema político, como, por exemplo, proto-organizações sociais formadas a partir das mídias sociais, como no caso do antipetismo.

O viés antipartidarista do antipetismo, então, orienta uma visão de mundo que reconhece de modo desproporcional o PT como o partido responsável pelo que há de negativo na democracia brasileira, mobilizando organizações que tem como único objetivo tirar o partido do poder e eliminá-lo da competição eleitoral nacional. Segundo Rose e Mishler (1998), uma das funções do partidarismo negativo é nihilista quanto à política em geral: os eleitores identificam um partido pelo qual nunca votariam, sem, contudo, estabelecer ligações com nenhuma outra sigla. As bases da rejeição petista são subjacentes ao antagonismo a um partido de massa que se manteve na presidência por quatro mandatos consecutivos e atraiu um sentimento antipartidário reativo e não institucionalizado. O antipetismo que se manifestou nas mídias sociais em 2014 não é marcado pela sofisticação argumentativa dos apartidários independentes, mas por um entendimento rudimentar dos funcionamentos políticos, seja das classes populares ou da elite, que superdimensiona o papel do PT no sistema político. Dalton e Weldon (2005, p. 948) afirmam que os cidadãos podem chegar a desenvolver imagens antipartidárias extremas, isto é, de profundo cinismo relativo ao sistema político: “é uma rejeição mais radical das políticas partidárias tradicionais que representa um desejo de mudança sem a natureza fundamental da democracia representativa moderna”. Uma parte do antipetismo, portanto, enviesa a visão dos eleitores sobre o mundo da política a partir do antipartidarismo sem, no entanto, se deslocar esse sentimento em grande escala para outro partido, mas para o antiestablishment.

3.2 A direita sai do armário: antiesquerdismo e internet

O segundo elemento que forma o discurso antipetista é o ideológico. Neste sentido, para além da negação ao PT, entendemos que o antipetismo carrega consigo um pano de fundo que resgata ideias conservadoras e direitistas. Contudo, nem sempre este discurso é uniforme, coerente e autodefinido. Ainda assim, faz antagonismo aos programas e práticas implementados no governo petista e identificados como representantes de um ideário de projetado de esquerda. Sendo assim, e pensando no processo centrípeto de moderação ideológica petista, questionamos: a qual esquerda se contrapõem? Quais são as características da direita antipetista não institucional nas mídias sociais? Para isso, avaliaremos brevemente os conceitos de direita e de conservadorismo no Brasil, o papel da virada à esquerda na influência do cenário atual de aparecimento do discurso político que congrega um campo ideológico de múltiplas direitas não-institucionais nas mídias sociais.

Sartori (1969) enfatiza que a ação politicamente ideológica é relativa à mentalidade atitudinal oposta ao pragmatismo, tendo em vista que o autor situa ideologia em referência a um quadro analítico cognitivo e emocional. Dessa forma, ideologias são paixões e estados mentais que mobilizam o ativismo político, mas com lógicas definidas como fortemente afetivas e com “estruturas cognitivas fechadas”, pois são estados dogmáticos que tendem a ignorar evidências e argumentos, em detrimento de um conjunto de ideias e visões de mundo particulares de um determinado agrupamento social. A abordagem de Sartori é importante para estudos empíricos com o intuito de compreender as dimensões que provocam relações de conflito e as práticas de hostilidade no comportamento antipetista: “se os elementos distintivos são não somente fechados, mas retidos apaixonadamente, teremos uma situação de guerra ideológica, uma situação na qual incompatibilidade e conflito são inadmissíveis” (SARTORI, 1969, p. 409). O ponto de Sartori nos ajuda a demonstrar que o antipetismo tem uma função pragmática, quando Aécio se coloca como “libertador do Brasil” em busca de explorar os votos daqueles que não elegeriam Dilma, mas que o fenômeno é muito mais complexo do que isso.

A perspectiva sartoriana lança luz sobre outro elemento do antipetismo das mídias sociais, isto é, a projeção da identidade política rival: “Cada grupo de crenças inevitavelmente está inclinado a projetar sua própria *forma mentis* sobre o grupo antagônico. O resultado é um jogo de cegos, no qual erros interpretativos, perceptivos, frustração e uma espiral de desconfiança vão desempenhar os principais papéis” (SARTORI, 1969, p. 410). Isso pode ser exemplificado pela retórica mais extremista do antipetismo, que toma forma

hiperbólica, paranoica e conspiratória em muitas postagens, como o mito da “Ditadura Comunista do PT”, que tende a superdimensionar o esquerdismo petista. Seguindo esta linha de raciocínio, dinâmicas de relação entre grupos políticos fortemente ideológicos são manifestadas pelo que Hirschman (1991, p. 169) chama de retórica da intransigência: “Ou, se houver discussão, será um típico ‘diálogo de surdos’ – um diálogo que irá, de fato, funcionar como prolongação e substituto da guerra civil”.

O eixo esquerda/direita simplifica e categoriza os posicionamentos ideológicos em uma linha horizontal. A abordagem de Norberto Bobbio considera que a variável fundamental para definir estes posicionamentos é a igualdade (*equality/inequality*). Luna e Kaltwasser (2014) seguem a perspectiva de Bobbio, argumentando que os conceitos de esquerda/direita podem ser organizados em três conjuntos: ideológicos, programáticos e sociológicos: “definimos direita como uma posição política distinguida pela crença de que as desigualdades entre as pessoas são naturais e fora do alcance do estado” (LUNA, KALTWASSER, 2014, p. 04). Eatwell (2004) sugere que a direita pode ter práticas e ideias radicais (hostis à esquerda), reacionárias (contrárias à evolução e ao progresso), extremistas (antidemocráticas e nacionalistas) e populistas (clamam representar o povo, antiestablishment e liderança carismática). Estudando o conceito a partir de uma perspectiva comparativa, Jahn (2010) defende que esquerda e direita devem ser aprofundadas em pesquisas empíricas, delineando especificidades temporais e regionais. Então, realizaremos uma breve revisão bibliográfica a fim de compreender a evolução recente do conceito de direita no Brasil em contexto com as modificações políticas recentes da América Latina e como isso pode enriquecer a abordagem do antipetismo.

3.2.1 Virada à esquerda na América Latina

A chegada de Luiz Inácio Lula da Silva (PT) à presidência do Brasil está inserida em um contexto internacional chamado na literatura de virada à esquerda na América Latina. Acreditamos que os desdobramentos do governo federal petista prepararam o terreno e estabeleceram a conjuntura política que molda parte da formação da direita não-institucional que atuou nas mídias sociais durante a eleição presidencial de 2014. Luna e Filgueira (2009) argumentam que as vitórias da esquerda eleitoral na América Latina derivam da segunda crise de incorporação, isto é, são resultado e formas alternativas de solucionar as falhas provenientes da adoção das políticas neoliberais de agências internacionais, advindas do Consenso de Washington. Nessa abordagem, a virada é uma resposta ao descontentamento da

sociedade civil, combinada com a fraqueza dos Estados frente aos órgãos especuladores estrangeiros e, em certa medida, à alienação dos cidadãos acerca dos partidos e das elites políticas.

A princípio, a esquerda é definida por um viés prático, como formas políticas institucionalizadas que emergiram de bases de movimentos sociais e sindicais que, ao chegarem ao poder, adotam conteúdos programáticos que favorecem o capitalismo igualitário, a participação popular e a legitimação da democracia, além de equilibrar as reformas de mercado e atenuar os efeitos do neoliberalismo com redistribuição de renda, promoção de políticas de inclusão social e defesa da soberania nacional (CASTANEDA, 2006; CAMERON, 2009; CLEARY, 2006; LEVITSKY, ROBERTS, 2013; SCHAMIS, 2006). Neste cenário, o PT tem papel central na *left turn* por ser o partido de centro-esquerda que governa o maior e mais influente país da América Latina. Sua relevância diz respeito tanto à capacidade de negociação e de mediação dos demais atores no contexto internacional, quanto ao impacto no sistema partidário nacional como organização que destoa dos demais partidos no que tange à burocratização, enraizamento social e identificação política (HUNTER, 2007; SAMUELS, 2006).

O PT, de certo modo, se enquadra no eixo moderado/reformista, isto é, nações que buscam desenvolver estratégias de redistribuição de renda, ações afirmativas e redução da desigualdade econômica por meio de compromissos e de concessões do modelo desenvolvimentista do capitalismo (SINGER, 2010). Isso quer dizer que o governo centro-esquerdista petista adota medidas financeiras de continuidade da Era FHC, mas defende uma postura de que apenas a desregulamentação do mercado não é capaz de resolver os problemas crônicos de desigualdade da sociedade brasileira, tendo de ser complementada com políticas afirmativas, inclusivas e redistributivas (AMARAL, KINGSTONE, KRIECKHAUS, 2008; MELO, 2008; WEYLAND, 2010).

3.2.2 Antiesquerdismo: ou reação da direita pós-*virada à esquerda*

No período pós-autoritário, os partidos de direita e conservadores buscaram se afastar do vínculo passado com a ditadura, tomando um posicionamento programático liberal, mais aberto à democracia e às coalizões⁵⁰. “Os conservadores, em geral, sustentam posições

⁵⁰ “Apesar de eles terem se afastado de posições que poderiam incentivar o colapso do regime democrático, os conservadores ainda estão mais propensos a apresentar opiniões restritivas à democracia plena. A extrema direita [...] continua, flagrantemente, a desestabilizar as práticas e as instituições democráticas” (MAINWARING, POWER, MENEGUELLO, 2000, p. 103).

econômicas pró-mercado, são mais abertos ao capital estrangeiro e mais favoráveis ao enxugamento do estado” (MAINWARING, POWER, MENEGUELLO, 2000). Isso foi exemplificado pelo apoio do PFL às políticas neoliberais, ajustes e privatizações do governo FHC. Por outro lado, são resistentes a reformas políticas, econômicas, sociais e agrárias; bem como defensores de uma agenda moral tradicionalista e de repressão policial contra a violência (HINKELAMMERT, 1998; MIDDLEBROOK, 2000).

Nas décadas de 1980 e 90, em São Paulo, a cultura política da direita foi marcada pelo sentimento de ameaça, desorientação, medo e agressividade (PIERUCCI, 1987). É uma base eleitoral, segundo o autor, ativista, que defende a manutenção da ordem, segurança policial e recrudescimento da justiça. São religiosos, censores morais, críticos da banalidade televisiva e pregadores dos bons costumes e da preservação da família. Ele afirma que estão presentes entre parcelas específicas da classe média paulistana sentimentos declarados contra imigrantes pobres das regiões Norte e Nordeste. No que se refere ao conteúdo ideológico do que ele chama de “nova direita paulistana” se divide em classes mais abastadas – que defendem programas neoliberais e antiesquerdistas – e setores populares, com menor escolaridade – que se identificam com os posicionamentos de conservadorismo moral, autoritarismo e estado forte (ALVES, 2000). Além disso, Pierucci também destaca uma grande constelação de camadas médias urbanas que pregam o resgate dos valores e da família. A direita paulista aciona o moralismo para atacar movimentos e propostas que alteram a ordem instaurada ou para diagnosticar a crise dos valores e das maneiras. Segundo ele, na década de 90, as tendências foram da direitização e da volatilização do voto. “Hoje, estão juntas, coligadas, uma direita tradicional, *que permanece*, e uma que flutua” (PIERUCCI, LIMA, 1991, p. 26).

Mais recentemente, a virada à esquerda foi responsável pelo declínio das redes tradicionais dos partidos de direita, sobretudo aqueles com base no Nordeste, como o PFL/DEM, na medida em que o êxito das políticas sociais, entre 2002 e 2010, e a modernização econômica enfraqueceram a dependência dos eleitores das redes clientelistas estabelecidas naquela região e possibilitaram o fortalecimento dos diretórios locais petistas (MONTERO, 2012; VAN DYCK, 2014). Além disso, o posicionamento economicamente integrado do petismo atraiu os interesses do empresariado, agropecuários e investidores, que abandonaram ou se afastaram oportunisticamente dos partidos mais à direita. Nesse sentido, sugere-se a hipótese de que as direitas tradicionais tenham se reformulado, em parte, afastando-se das redes clientelistas tradicionais, em favor de um discurso mais sedutor das

classes média/alta e dos jovens nascidos pós-ditadura, que passaram grande parte de sua vida durante os governos federais petistas.

Por isso, as direitas estão longe de ser impotentes. “Partidos conservadores não são estáticos e demonstram adaptar-se à dinâmica poliárquica” (MAINWARING, MENEGUELLO, POWER, (2000). De fato, os partidos que gravitam em torno do eixo direitista/conservador têm notável controle das esferas de poder, mantendo-se influentes em diversos períodos da política nacional. Por muitos anos, tomaram a forma fisiológica e pragmática das coalizões governistas e de uma agenda legislativa subordinada ao Executivo. Certamente, durante a eleição de 2014 se tornou inegável que as forças de direita se mantiveram resilientes e se recompuseram na oposição. Neste período, portanto, acontece um processo de desgaste da virada à esquerda na América Latina, considerando que o modelo econômico-social mostra sinais de fadiga, solapado por práticas clientelistas, fisiologistas e escândalos de corrupção. Isso lança as bases para a recomposição da oposição que estimula as bases a manifestarem fortes vieses antiesquerdistas.

No rastro destes desdobramentos, está em processo um ciclo de reconfiguração das direitas. Este movimento conservador toma forma no Brasil a partir do antagonismo às políticas do eixo PT/esquerda. A eleição de 2014 é um momento de singular importância para o estudo dos discursos de direita subjacentes ao antipetismo. Isto porque as manifestações de antagonismo à esquerda nas mídias sociais sugerem um processo de descontentamento crescente da opinião pública, derivado, em parte, do esgotamento nas políticas de redistribuição social e da estagnação do crescimento econômico, agravados pelos seguidos escândalos de corrupção na esfera do governo federal.

A bibliografia acadêmica sobre as direitas na América Latina foi tímida durante a *left turn*. Contudo, há uma tendência crescente nos últimos anos, sobretudo após o workshop *Bridging the right back in: exploring the right and democracy in contemporary Latin America*” em Berlim (LUNA, KALTWASSER, 2011). Desde então, a literatura vai se voltando para o fenômeno, como exemplificam os livros *Right-wing politics in the new Latin America; Reaction and Revolt* (DOMINGUEZ, LIEVESLEY, LUDLAM, 2011); *The Resilience of the Latin America Right* (LUNA, KALTWASSER, 2014) e *Direita, Volver* (CRUZ, KAYSEL, CODAS, 2015). Além de dossiês especiais em periódicos como a *Varia História* (BOISARD, 2014; COWAN, 2014) e a *Nueva Sociedad* (GIORDANO, 2014; KALTWASSER, 2014; VILLAZON, 2014).

“Disposições ideológicas situadas no clássico eixo direita/esquerda de fato possuem um impacto significativo nas orientações partidárias para muitos latino-americanos, mas os

contextos nacionais importam bastante” (SELIGSON, 2007, p. 84). Nosso argumento acerca da reconfiguração das direitas se sustenta, em parte, pela evidência de que a *left turn* aconteceu majoritariamente entre as elites políticas e não entre as massas. Seligson (2007) explica que pesquisas de opinião pública não demonstram um realinhamento ideológico robusto da população à esquerda. Muito pelo contrário, entre países da América Latina o centro gravitacional continua associado às ideias, posicionamentos e pautas de direita. Ames e Smith (2010) evidenciam que a distribuição ideológica dos eleitores brasileiros está localizada mais à direita na balança. Considera-se, então, a reconfiguração das direitas como uma onda de resposta à perda de força da virada à esquerda, a fim de retomar o espaço perdido desde 2002. Assim, grupos se unem em reação ao controle de partidos esquerdistas sobre as esferas do governo, avaliando negativamente o governo, revoltando-se contra os escândalos de corrupção e carregando consigo múltiplas agendas direitistas.

Portanto, o fenômeno de reorganização de grupos que ocupam espaço discursivo contemporâneo de antagonismo ao governo federal deriva de matrizes históricas das direitas nacionais, como o udenismo, anticomunismo, antitrabalhismo e antipopulismo⁵¹, em meio a um contexto sociopolítico particular. Nesse sentido, se a cultura política e as preferências ideológicas dos eleitores não seguiram a guinada à esquerda no governo federal, espera-se um movimento de antagonismo vindo dos setores de direita (BOWEN, 2011). De fato, depois do caso do Mensalão houve queda nas taxas de eleitores que se identificavam com temas de esquerda e aumento da rejeição ao PT entre todos os eixos ideológicos (CARREIRÃO, 2007). Com os escândalos de corrupção da Operação Lava Jato e piora nos índices econômicos nacionais, contraposto com a retórica de prosperidade da campanha petista, está colocado o cenário para a exaltação dos setores de direita.

“Se nos parece claro que devemos falar de ‘direitas’ no plural, será necessário definir os marcadores determinantes que permitem caracterizar essa corrente de pensamento: o catolicismo, o anticomunismo, a economia de mercado, o autoritarismo político?” (BOISARD, 2014, p. 99-100). Como delinear as continuidades e rupturas substanciais da direita pós-virada à esquerda no Brasil? Defendemos que o antipetismo reúne e catalisa

⁵¹ O udenismo, como representado por Carlos Lacerda, certamente, traz contribuições interessantes para pensarmos parte da formação do discurso antipetista atual, sobretudo pelo seu caráter liberalista, antiestatal, elitista, tradicional, antipopular e moralista que ataca a corrupção estatal, ao mesmo tempo em que defende a ética da classe média que representa. Ou seja, parte do lastro do antipetismo ressoa “as contradições e ambiguidades do liberalismo, as características do moralismo, do elitismo e do autoritarismo, presentes na herança, na prática e na imagem da UDN” (BENEVIDES, 1981, p. 280); ou do neoudenismo, como adiciona Lattman-Weltman (2015). Por outro lado, a UDN resgata a tradição antipartidarista brasileira por meio de suas ideias elitistas “em torno do ‘primado dos homens de bem’, da ‘autoridade moral’ e da visão do poder como ‘sacrifício pelo bem público’” (Ibid, p. 152).

múltiplas expressões das direitas, durante e a partir da eleição presidencial de 2014. De certo modo, esse discurso político deixa claro o esquecimento da “direita envergonhada”, fenômeno que vincula os movimentos conservadores ao autoritarismo do regime ditatorial nos anos da redemocratização. Também marca o declínio de parte dos partidos e políticos conservadores sobreviventes do regime ditatorial, representados, sobretudo na figura do DEM e do PP⁵². O resultado é uma congregação de forças heterogêneas que se definem pela oposição às políticas identificadas esquerdistas do governo federal petista, a partir de linguagens e de figuras renovadas na internet.

As retóricas de direita voltam a ganhar relevância e visibilidade a partir da primeira gestão de Dilma Rousseff. Elas se caracterizam majoritariamente por um discurso oposicionista heterogêneo que se contrapõe à esquerda governante, resgatando alguns temas das direitas tradicionais. Estudando o perfil ideológico de atitudinal dos eleitores da direita contemporânea na América Latina, Wiesehomeier e Doyle (2014) sustentam que eles demonstram preferência por políticas de livre mercado, suporte a ações rígidas de repressão ao crime e maior aceitação de práticas autoritárias na administração pública. No campo cultural e moral, o conservadorismo da direita é refratário à imigração, à união civil homoafetiva e à descriminalização do aborto, guiando-se por princípios tradicionais de diversas religiões, destacadamente o neopentecostalismo (BOHN, 2007). Além disso, possuem resistência às políticas de justiça social e de redução da desigualdade implementadas durante os mandatos petistas. “O posicionamento à direita se expressa numa forte posição contra as políticas públicas de inclusão social promovidas pelos governos” (TELLES, 2015, p. 29).

3.2.3 A direita contemporânea sai do armário na internet

O enfoque desta dissertação recai sobre as manifestações de canais não institucionais atuam de modo heterogêneo no amplo campo ideológico das direitas. “Devemos expandir nosso quadro analítico estratégico para considerar regras e normas formais e informais quando analisando o comportamento da direita na América Latina contemporânea” (BOWEN, 2011, p. 101). Assim, seguimos a ideia do autor, que sugere desagregar o conceito de direita em veículos eleitorais e não-eleitorais. Luna e Kaltwasser (2014) oferecem um

⁵² “Partidos sucessores do autoritarismo frequentemente herdam um número valioso de recursos das antigas ditaduras que os ajudam a prosperar na democracia, incluindo redes clientelistas, estrutura organizacional, relações privilegiadas com elites empresariais, uma marca partidária conhecida e popular e a coesão da liderança” (LOXTON, 2014, p. 118).

quadro analítico mais nuançado das formas estruturais das direitas na América Latina, no qual a direita não-eleitoral se divide em estatal/tecnocrática; e coalizões conservadoras sociais, que podem ser fragmentadas ou articuladas. Tendo isto em mente, compreendemos que o antipetismo catalisa múltiplos discursos direitistas não-eleitorais, de entidades diversas como de pesquisa/*think tanks*, como o Instituto Millenium e o Instituto Liberal; corporações e lobistas representantes do poder tecnocrata e financeiro; movimentos sociais embrionários, como o Movimento Brasil Livre e o Vem pra Rua; e líderes de opinião, como Olavo de Carvalho, Rodrigo Constantino, Rachel Sheherazade, Felipe Moura Brasil, Reinaldo Azevedo, Danilo Gentili, entre outros. Há, ainda, uma renovação dos porta-vozes e da linguagem, como representado pelo grupo de blogueiros Inimigos Públicos: Kim Kataguiri, Fernando Holiday Frederico, Alexandre Santos, Gabriel Calamari e Renan Santos⁵³.

A Rede Antipetista é, então, uma frente que ganha visibilidade e se mobiliza por meio das ferramentas digitais de modo fragmentado e não-institucional, ressoando abordagens políticas antiesquerdistas. Ela é composta por microblogueiros, colunistas, movimentos sociais e alguns políticos radicais, como Jair Bolsonaro. As mídias sociais são um dos principais veículos de manifestação destes variados discursos na sociedade contemporânea, cedendo espaço a *outsiders* e grupos não articulados, que fizeram campanha negativa contra Dilma e, depois, convocaram os protestos pós-eleitorais por impeachment, com esforços somados a partir de uma agenda comum antipetista⁵⁴.

Entendida a partir de um processo histórico, estas direitas contemporâneas representam diversas rupturas e continuidades na conjuntura política nacional. Dessa forma, carregam consigo elementos já conhecidos, como o udenismo, conservadorismo, anticomunismo, antipopularismo e liberalismo, porém se afastando do vínculo com o regime ditatorial⁵⁵. Seus contornos finais acontecem nos anos de governo petista, na medida em que adota caráter oposicionista, manifestando uma reação contra o PT e suas políticas sociais, a partir de um cenário de desgaste e de enfraquecimento do desempenho econômico do país, somado ao aumento dos escândalos de corrupção política. Por outro lado, o aspecto midiático é central nesta perspectiva, na medida em que as mídias sociais refletem anseios e atitudes

⁵³ http://brasil.elpais.com/brasil/2014/12/12/politica/1418403638_389650.html

⁵⁴ Adotamos o paradigma o sistema de informações híbrido desenvolvido por Chadwick (2010), a partir do qual compreendemos os sites de redes sociais como componentes de um extenso ecossistema midiático que se influencia e agenda de modo complexo.

⁵⁵ Os principais agentes se distanciam do regime ditatorial, ainda que apresentem valores antidemocráticos e autoritários. Um grupo antipetista marginal, contudo, é saudoso da ditadura, pedindo a intervenção militar para depor os políticos do poder.

dos cidadãos por meio de uma dinâmica polarizada (PT/antiPT), fragmentada e com atuação performática.

Um ponto importante é o papel das redes sociais e dos *outsiders* nos protestos. A direita encontra nas redes sociais um espaço para expandir sua clientela. Esta família ideológica renovou suas estratégias: migraram para os espaços on-line – onde se localizam setores de alta escolaridade e que desaprovam o governo –, e neles disseminaram intensamente o tema da corrupção, tratando-a como um escândalo político midiático, concentrado sobre o PT e seus políticos. E, como mostrado, os eleitores que foram às ruas protestar obtiveram informações sobre os eventos em perfis das redes coordenados por líderes *outsiders* que compartilhavam mensagens intolerantes e polarizadas (TELLES, 2015, p. 43).

Lattman-Weltman (2015) avança na compreensão deste complexo fenômeno político-midiático, argumentando que reproduz o modelo de protestos de Junho de 2013, com as características de poderosas ondas que agregam indignações multifacetadas e que rapidamente se dissipam. “No contexto brasileiro atual, mais especificamente, este fenômeno tem facilitado o surgimento de um novo contingente de simpatizantes/militantes que se assumem como sendo de ‘direita’” (LATTMAN-WELTMAN, 2015, p. 19). A Rede Antipetista resgata e reconfigura uma variada gama de ideias direitistas por meio de insatisfações heterogêneas contra o governo federal, ativadas, sobretudo, pelos escândalos de corrupção e pela queda na avaliação retrospectiva.

Para além das pesquisas sobre o antipardarismo e a performance da gestão petista, podemos encontrar a relação entre as manifestações nas mídias sociais e aspectos ideológicos/atitudinais da sociedade nos protestos por impeachment que ocorreram depois da declaração da vitória de Dilma Rousseff. Em estudo realizado em Belo Horizonte, Telles (2015, p. 30) evidencia que “os manifestantes eram, em sua maioria, indivíduos brancos, com alto grau de escolaridade, renda média superior a cinco salários mínimos, muito interessados na política e que usam, especialmente, a internet para se informar sobre a política”. Com gritos de ordem de “Fora Dilma”, “Fora PT”, “Vai pra Cuba” e “Lula mensaleiro devolve meu dinheiro”, os protestos foram o ápice deste desafiador fenômeno político que é o antipetismo.

Paralelamente, avaliando o perfil dos manifestantes dos protestos nos dias 15 de março e 12 de abril de 2015 em São Paulo, Pimentel Jr. (2015) mostra que embora 70% tenha declarado voto em Aécio Neves no primeiro turno, apenas 28% têm alguma preferência partidária. Além disso, 80% afirmaram ser opositores do governo petista e 79% são favoráveis ao impeachment. Há uma diferença entre o processo de impedimento da presidente e 39% que são favoráveis à intervenção militar. “Os dados das pesquisas

demonstram sumariamente que se trata basicamente de um movimento de oposição e não necessariamente de um movimento moralizador da política” (PIMENTEL JR., 2015, p. 21).

3.3 O antiestablishment: corrupção e desconfiança das instituições

O terceiro componente do discurso antipetista é o antiestablishment. Embasamo-nos na literatura que estuda os movimentos de insatisfação política para além do antipartidarismo, passando por conceitos como antipolítica, antissistema, populismo e antiestablishment. O antiestablishment está enraizado no profundo sentimento de desconfiança direcionado aos políticos, ao judiciário e à imprensa, agravado pelos escândalos de corrupção e pelo clima de pressão socioeconômica. Desse modo, agentes não institucionalizados e *outsiders* do sistema político aproximam sua retórica do ponto de vista do cidadão comum, sustentando-se em sistemas de crença do senso comum, muitas vezes refletindo incompreensões sobre o funcionamento das regras democráticas. Este discurso assume tons populistas, moralistas e, até mesmo, conspiratórios, embasando-se em hipérboles e rumores sobre acordos coletivos dos políticos contra o interesse público.

Schedler (1996) define a ação antiestablishment como um duplo conflito: da classe política contra os cidadãos e contra o ator antiestablishment. Neste sentido, a classe política é construída como um conjunto de elite que governa a sociedade, mas que se distanciou de seus problemas cotidianos em função do acúmulo de poder e foi corrompida em busca do benefício próprio. São três as características empregadas pelo antiestablishment: “primeiro, todos os políticos são iguais; segundo, todos são irracionais e, terceiro, eles são poderosos” (SCHEDLER, 1996, p. p. 295). Abedi e Schneider (2004, p.11) também sugerem três critérios para definir partidos antiestablishment: (1) desafiar o status quo; (2) desafiar o sistema partidário; e (3) visão antagônica entre povo/estado.

Schedler cita o ex-presidente, Fernando Collor de Melo, como um representante da política antiestablishment no Brasil, com o seu discurso moralista de “caçador de marajás”. Atualmente, tal classe política é identificada majoritariamente como petista, considerando sua capacidade de se perpetuar no poder federal por quatro mandatos sem alternância. Um aspecto interessante de ser pontuado é a ausência de percepção de diferença entre os partidos ou entre incumbente e oposição. Neste sentido, a Rede Antipetista – símbolo mais radical do antipetismo – por grande parte do pleito eleitoral igualou os candidatos de PT, PV, PSB,

PSOL⁵⁶ e, até mesmo, do PSDB⁵⁷. Os antipetistas demonstraram algum ânimo com Levy Fidelix (PRTB), sobretudo, após suas denúncias contra o suposto controle comunista no Brasil por meio do Foro de São Paulo⁵⁸. No entanto, apoiaram o candidato, Aécio Neves, na reta final do segundo turno como recurso de voto útil, um mal aceitável pela derrota do PT⁵⁹.

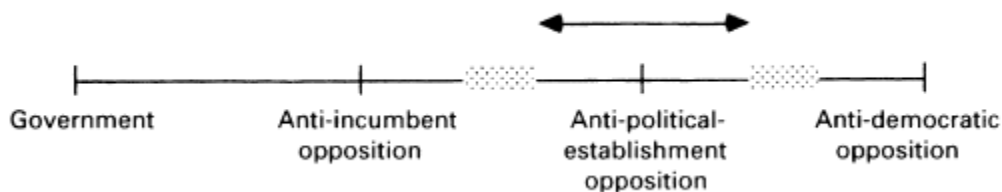


Figura 15 Esquema de Schledler (1996) dos modelos de oposição partidária

Por isso, embora Aécio tenha apostado na retórica antipetista durante grande parte da campanha, o fez apenas a partir de um viés pragmático contrário ao petismo, referente à disputa de segundo turno. Como é um político do meio institucional-eleitoral, no entanto, Aécio não representava as demandas da Rede Antipetista, como Jair Bolsonaro, por exemplo. “Apelos baseados em anti-incumbentes ou termos programáticos pertencem mais a políticas usuais do que a uma reação a elas” (BARR, 2009, p. 38).

Por outro lado, os discursos e os agentes que tangenciam o sistema político se desenvolvem em contextos de institucionalização da regra democrática. Assim, Schledler (1996, p. 297) enfatiza que os *outsiders* assumem um posicionamento de luta contra um regime estabelecido, tido como autoritário por governar contra as virtudes do povo. Suas narrativas tratam de um declínio da democracia, aproximando sua retórica de movimentos antiautoritários. “Eles redefinem as democracias existentes como autoritárias”. O que pode ser exemplificado de forma muito pontual pela luta contra a “Ditadura Comunista do PT”⁶⁰. Desse modo, os antiestablishments se apresentam não só como inimigos da classe política governante, mas também como *outsiders*, adversários do que chamam de corruptos, incompetentes, cínicos, fisiologistas e irracionais. A Rede Antipetista, então, se reconhece de fora do sistema institucional e se apresenta a partir de quatro estratégias da retórica

⁵⁶<https://www.facebook.com/tvrevolta/photos/a.192749844121804.49307.169983389731783/830799580316824/?type=1&theater>

⁵⁷<https://www.facebook.com/organizaodecombateacorrupcao/photos/a.337665626303939.74124.337610032976165/749498971787267/?type=1&theater>

⁵⁸<https://www.facebook.com/140140766087925/photos/a.276260619142605.47869.140140766087925/553674044734593/?type=1&theater>

⁵⁹<https://www.facebook.com/organizaodecombateacorrupcao/photos/a.337665626303939.74124.337610032976165/737838056286692/?type=1&theater>

⁶⁰<https://www.facebook.com/tvrevolta/photos/a.192749844121804.49307.169983389731783/854877044575744/?type=1&theater>

antiestablishment: (1) novidade: pequenos movimentos marginais que são incipientes e não corrompidos pelo poder; (2) hostilidade: estilo de oposição agressivo e confrontacional; (3) vitimização: se colocam como alvo e inocentes, explorados pela classe política governante; e (4) populismo carismático: insere-se em um ponto de vista cotidiano e personalista.

Levando o trabalho de conceituação à frente, Barr (2009) estuda as manifestações de descontentamento nas políticas antiestablishment, populistas e *outsiders*, argumentando que cada um dos termos deve ser investigado levando-se em conta os apelos por suporte, relação com o sistema partidário e as *linkages* entre os cidadãos e o governo. Assim, o apelo antiestablishment se vale da retórica que se opõe à elite concentradora de poder, a partir da compreensão de um conflito social dicotômico: nós/eles. A dimensão locacional é relativa à posição *outsider*, como marginal ou que se sustenta fora dos partidos competitivos. Nesta perspectiva, ser uma novidade não é equivalente funcional dos *outsiders*, que significa a forma de atuação política alheia e antagônica ao sistema político. A *linkage* se refere aos meios pelos quais cidadãos e governos interagem. Ele define populismo, então, como uma combinação específica dos três parâmetros, com grande *accountability* e menor participação: “é um movimento de massa comandado por um *outsider* ou *maverick* em busca de ganhar ou manter poder por meio de apelos antiestablishment e *linkages* plebiscitários” (BARR, 2009, p. 38). Capoccia (2002) afirma que os desdobramentos empíricos mostram que grupos antissistêmicos são responsáveis pelo extremismo e polarização em sistemas multipartidários, com a finalidade de destruir o regime democrático. Ele propõe duas aplicações do termo: a relacional, que indica grande distância ideológica de um partido dos demais e; a ideológica, que indica a oposição à democracia.

No Brasil, embora as instituições democráticas nacionais tenham se desenvolvido de modo satisfatório no período pós-autoritário, ainda persistem na cultura política elementos de desconfiança contra os políticos, orientados por três índices: instabilidade econômica, constantes denúncias de corrupção e instrumentalização dos cargos públicos (POWER, JAMISON, 2005). O funcionamento das normas e das organizações democráticas convive, então, com o descrédito da opinião pública e insatisfação com a atuação do governo, partidos, Legislativo e Judiciário. “A fragmentação da sociedade brasileira é reflexo dos enraizamentos históricos e culturais de práticas clientelistas e corporativas, que têm impedido a coesão desejada” (BAQUERO, LINHARES, 2011, p. 98). Um ambiente de corrupção, submissão dos valores democráticos, ineficácia da gestão e desrespeito pelo interesse público resultam em distanciamento e em desinteresse dos cidadãos em participar das atividades políticas (MOISÉS, CARNEIRO, 2008). Nesse sentido, tal conjuntura estimula a cultura de

afastamento das instituições políticas e o sentimento antiestablishment. “O resultado é um sistema político híbrido, com pouca estabilidade e escassa capacidade de representação. Nesse cenário, a proliferação de atitudes antipartidárias prospera rapidamente” (BAQUERO, VASCONCELOS, 2013, p. 13).

Além do cuidado em definir a emaranhada teia conceitual que trata das atuações políticas negativas e das formas de oposição radical, enfatizamos que a Rede Antipetista é um conjunto heterogêneo de agentes midiáticos não institucionalizados, que disseminam mitos, análises calcados no senso comum. Assim, Converse (1964, p. 247) explica que há grande variação nos níveis de complexidade da sofisticação política dos cidadãos comuns, na medida em que os menos sofisticados possuem menos conhecimento sobre os funcionamentos dos sistemas políticos e dos temas em pauta. “O cidadão comum falha em desenvolver um ponto de vista mais global sobre política”, construindo quadros fragmentados, diversificados e superficiais. Além disso, há grande circulação de rumores e informações falsas, chamada de política da desinformação, que criam percepções coletivas incorretas sobre as atividades políticas (KUKLINSKI et al., 2000). Telles (2015) mostra, ainda, que os protestos por impeachment convocados pela internet em março e abril de 2015 reuniram um conjunto de pessoas que mostravam ter conhecimento parcial das regras políticas e pouco ou nenhum envolvimento prévio em manifestações. Este cenário se mostra fértil para a disseminação de teorias conspiratórias (BRATICH, 2008; OLIVER, WOOD, 2014), as quais foram amplamente compartilhadas pela Rede Antipetista durante a eleição presidencial de 2014.

Ademais, esse cenário é reforçado pela tese da espiral do cinismo de Capella e Jamieson (1997), que dá conta de que a queda na confiança da população nos governantes é alimentada por notícias negativas publicadas pela imprensa. Em linha similar, Miguel (2008, p. 268) esclarece que “A desconfiança em relação aos políticos é elemento de uma desconfiança generalizada, em relação a qualquer discurso de poder, o que, aliás, inclui o próprio discurso da mídia”. Bowler e Karp (2004) mostram que o declínio da confiança nos políticos é um fenômeno multidimensional, que pode ser atribuído aos escândalos de corrupção administrativa, cobertura midiática, performance econômica e baixa sofisticação política. “Pode haver, então, uma assimetria: eleitores tendem a punir comportamento escandaloso mais fortemente do que recompensar bom desempenho” (BOWLER, KARP, 2004, p. 284).

3.4 Apontamentos

Sustentamos neste capítulo que a análise da Rede Antipetista deve ser contextualizada não somente com o processo histórico de desenvolvimento do petismo, mas com elementos do sistema e da cultura política nacionais, bem como com a conjuntura recente. Assim, sugerimos que o conceito de tríade do antipetismo é uma perspectiva multidimensional que opera nas mídias sociais a partir de três posicionamentos negativos: antipartidarismo, antiesquerdismo e antiestablishment. Cada um dos vieses colabora com a elucidação de um fenômeno complexo, multifacetado e que mistura diversos discursos de modo ambivalente. Apesar da dificuldade conceitual que formas políticas não institucionalizadas e a observação empírica impõem, tal análise consegue lançar luz sobre sedimentos importantes da composição do pano de fundo da atuação da Rede Antipetista.

Nesse sentido, o antipartidarismo se justifica pela reação à configuração do sistema partidário brasileiro. Ainda que fragilizado, o PT se sobressai no cenário nacional como única instituição política de massa capaz de representar e de mobilizar níveis comparativamente consideráveis de simpatizantes e de contestadores. Por outro lado, a oposição partidária não possui historicamente a capacidade de representar clivagens sociais numerosas e estáveis em nível nacional. Embora grande parte dos manifestantes do impeachment tenha declarado voto em Aécio Neves (TELLES, 2015), tais eleitores não se identificam com o PSDB como alternativa de oposição ao PT (WINTERS, WELTZ-SHAPIRO, 2014).

Em paralelo, há um processo de convergência ao centro e de desdiferenciação dos partidos. Apesar disso, o PT ainda se sobressai e catalisa simpatizantes e contestadores, gerando um fenômeno de antipartidarismo reativo, massivo e não institucionalizado, ou seja, uma visão antipetista que distorce o entendimento da política, aglutinando todos os problemas e escândalos de corrupção em um partido. É um viés que embasa a estratégia de atuação da oposição, sobretudo de Aécio Neves, na medida em que se aproveita oportunisticamente da hostilidade contra o PT para unificar antagonistas contra um único adversário. Todavia, a radicalização antipetista transcende essa lógica, rompe com o PSDB e busca a diferenciação do sistema partidário centrado no PT e nos valores que os antipetistas acreditam que ele representa: fisiologismo, corrupção e ineficácia. Ou seja, se há uma indiferenciação ideológica em nível das elites políticas e das votações no Congresso Nacional (em menor escala referente ao PT), nos parece razoável deslocar nossa atenção para a polarização entre as massas de eleitores, condicionada de forma ambivalente pela tentativa de afastamento e de diferenciação em relação ao sistema partidário centrado simbolicamente no PT.

O segundo componente é o pano de fundo ideológico antiesquerdista da atuação do antipetismo. Para demonstrar o processo de formação e de modificação dos heterogêneos grupos conservadores e de direita no Brasil, partir do contexto da virada à esquerda na América Latina é ponto chave para entender os desdobramentos recentes das direitas. Isso porque este período condicionou um enfraquecimento de redes conservadoras e clientelistas tradicionais, ao mesmo tempo em que não produziu uma guinada à esquerda na cultura política. No entanto, parece seguro afirmar que há sinais claros de desgaste do modelo econômico implantado. Com isso, ainda que não totalmente fora das esferas de poder, as lideranças de direita somaram forças na oposição a partir de um discurso moralizante da política e antiesquerdista. Para isso, recombinaam traços históricos como o autoritarismo, udenismo, liberalismo econômico, conservadorismo sociocultural, repressão policial e negação das políticas de redistribuição e de reconhecimento de direitos civis das minorias. Esses grupos agem nas mídias sociais de modo descoordenado, mas focando em um objetivo comum: enfraquecer e tirar o PT da presidência.

Finalmente, há a perspectiva antiestablishment, que diz respeito a duas características: (1) relacional, que se refere à posição marginal dos agentes da Rede Antipetista e que tangencia o sistema político; e (2) ideológica: maior inclinação para ignorar as próprias regras do jogo democrático por meio de ataques à legitimidade do regime. Desse modo, os antipetistas protestam com base em que o sistema político não serve os interesses nacionais. Ao contrário, acusam os políticos de corruptos que atuam visando interesses próprios. Por isso, a Rede Antipetista atua contra os desvios, por meio de ações de protesto e de hostilidade que funcionam como “choques corretivos”, um método de ação que releva os meios antidemocráticos em função do objetivo final. A dicotomia nós/eles constrói um antagonismo no qual o PT é visto como grande inimigo. Mas não alimenta esforços positivos pelo PSDB ou pela classe política como um todo. Portanto, eles se tornam eficazes em desestabilizar o governo e disseminar um clima de ansiedade contra o regime, ao mesmo tempo em que não conseguem converter essa habilidade em mobilizar os usuários em direção da construção de uma alternativa viável ao petismo. Assim, a relação da Rede Antipetista com o PSDB é altamente instável, na medida em que os antipetistas fazem o trabalho sujo de disseminar propaganda negativa hostil e rumores contra o PT, ao mesmo tempo em que o PSDB não controla esta máquina de destruição de reputações que, eventualmente, se volta contra os tucanos, cobrando atuação mais contundente na oposição. “Alckmin. Serra e o próprio Aécio Neves são aproveitadores do antipetismo, sem o qual não se elegeriam nem vereadores” (CARVALHO, 2014).

Portanto, o antipetismo é uma forma política que assume contornos radicais nas mídias sociais e opera a partir de lógicas de guerrilha e de construção de um inimigo comum. Seu comportamento comunicativo toma contornos ambivalentes e pouco sofisticados, fazendo uso de recursos como retóricas da intolerância, paranoicas e conspiratórias. Além disso, são eficazes na disseminação de *hoaxes* e rumores sobre as lideranças do governo. Seus estilos expressivos envolvem os chamados: *trolling*, *hating*, *flaming*, *firestorm* e *astroturfing*. É um movimento político que não investe na institucionalização organizativa, mas opera à margem e como contraponto ao sistema institucional.

CAPÍTULO 4 A TRÍADE NO ANTIPETISMO EM FUNCIONAMENTO NA ELEIÇÃO DE 2014

A campanha eleitoral para presidente de 2014 foi uma das mais acirradas do Brasil. Além dos debates aquecidos e da tradicional troca de acusações nas propagandas eleitorais, novos agentes entraram em cena. Ao final da eleição, o PSDB sustentou-se em boatos divulgados nas mídias sociais para requisitar ao Tribunal Superior Eleitoral (TSE) auditoria oficial do resultado das urnas. Em paralelo, grupos formados a partir de plataformas na internet, como o Movimento Brasil Livre, Vem pra Rua e Revoltados Online, convocaram os primeiros protestos por impeachment, ainda no final de outubro. Foi uma eleição que não terminou com o resultado final. O clima de terceiro turno, fraude eleitoral e pedidos pelo impedimento da presidente, Dilma Rousseff, mobilizaram centenas de milhares de pessoas em diversas capitais brasileiras, arrastado a ansiedade e tensão por todo o ano de 2015.

Nos capítulos 2 e 3, desenvolvemos análises sobre as raízes políticas deste sentimento de insatisfação, oferecendo o conceito de tríade do antipetismo como chave de leitura que aborda três referências: antipartidarismo, antiesquerdismo e antiestablishment. Nesta parte final, iremos demonstrar como a Rede Antipetista pode ajudar a elucidar a conjuntura contemporânea da política nacional e a oposição radical na campanha presidencial. Para isso, coletamos dados das publicações de cinco páginas, entre agosto e outubro de 2014, com a finalidade ilustrar os argumentos presentes nas seções anteriores: Olavo de Carvalho, Canal da Direita, Revoltados Online, Bolsonaro Zuero e TV Revolta⁶¹. Além disso, reunimos dados auxiliares, textos jornalísticos, capturas de telas, anotações e descrições que fazem parte de um universo mais amplo sobre as operações da Rede Antipetista. Pretendemos demonstrar a atuação não sistematizada dos agentes antipetistas, com diferentes estilos expressivos e temas. A heterogeneidade, contudo, pode ser compreendida como um esforço comum de desgastar e destruir a imagem do PT, carregando consigo diversos elementos ideológicos conservadores e direitistas. Além disso, a Rede Antipetista evidencia o funcionamento de um espaço político-midiático radical que tangencia o establishment, a imprensa e as elites políticas a partir de uma retórica embasada por sistemas de crença do senso comum.

⁶¹ O critério de elegibilidade para definir estas cinco páginas foi a soma ponderada entre os rankings de curtidas, engajamento e grau de entrada, realizada no Capítulo 1. Contudo, optamos por deixar de fora da análise o

Olavo de Carvalho é chave para compreender a Rede Antipetista e parte da conjuntura política contemporânea, sobretudo os movimentos de direita emergentes. Gozando de algum prestígio como colunista em vários veículos da imprensa tradicional na década de 1990, o autor caiu no ostracionismo a partir dos anos 2000. Desde então, vem construindo um espaço de polemista político quase messiânico por meio da atuação constante em plataformas na internet. Recentemente, Olavo voltou a ganhar atenção, como referência de um pensamento ideológico que representa uma direita radical com alcance considerável nas mídias sociais e poder de mobilização nas ruas. Seus seguidores cultuam sua imagem e se apropriam livremente de suas ideias, formando um posicionamento de enfrentamento que se aproxima de uma seita fundamentalista, atacando pessoalmente os “idiotas” que discordam de seus dogmas.

Muitas das raízes das ideias que circulam na Rede Antipetista apontam para os escritos de Olavo de Carvalho. Mesmo as vertentes que se afastam de seu tom conspiratório e apocalíptico, como parte dos liberais, respeitam suas premissas, o que faz dele um influenciador central do antipetismo. Investigamos seu papel neste cenário por meio da análise de sua trajetória, ação midiática, pensamento e impacto. Em torno dele, surgem diversos atores e seguidores que dão continuidade aos seus pensamentos. Iremos exemplificar como estas ideias estão inseridas na Rede Antipetista por meio dos seguintes pontos: (1) a teoria da ilegalidade do PT; (2) a dominação ideológica e institucional da esquerda na América Latina; (3) o radicalismo antiestablishment; (4) a fraude das urnas eleitorais; e (5) a relação ambivalente com o PSDB.

O capítulo está organizado do seguinte modo: contextualização do cenário da disputa eleitoral de 2014; apresentação dos agentes da rede antipetista, como foco na centralidade de Olavo de Carvalho e suas características de comunicação; e estudo de dados relacionais de compartilhamentos, utilização de links e *hashtags*. Em seguida, investigamos os desdobramentos empíricos da Rede Antipetista, a partir do conceito da tríade do antipetismo sugerido nos capítulos anteriores, enfatizando pontos emergentes na cobertura, como a tese da ilegalidade do PT, o Foro de São Paulo, a Ditadura Comunista do PT, a fraude eleitoral e o papel dos tucanos. Para isso, selecionamos pequenos recortes de postagens de forma heurística, com a finalidade de ilustrar os pontos teóricos desenvolvidos.

4.1 Antipetismo como chave para entender a campanha eleitoral de 2014

No capítulo 2, desenvolvemos uma abordagem histórica com a finalidade de compreender como o PT fez um percurso que deixou para trás suas raízes programáticas, socialistas e antissistema, em função do pragmatismo e da instalação nas esferas de poder nacionais. Argumentamos que esse processo moldou alguns elementos e preparou o terreno para o surgimento do antipetismo contemporâneo. Nesta seção, buscamos contextualizar o objeto desta dissertação com as características peculiares do pleito de 2014. O ponto é que a Rede Antipetista se torna um fenômeno chave para ajudar a compreender a militância digital e a conjuntura política nacional recente. Pretendemos ilustrar isso a partir dos seguintes temas: (1) da forma mais contundente em doze anos, o PT entrava em campanha com sua hegemonia fragilizada, resultando no acirramento da disputa e na vitória apertada; (2) houve um retorno majoritário das forças conservadoras ao Congresso Nacional; (3) pode-se afirmar que a eleição não acabou no segundo turno, na medida em que os pedidos de auditoria e os protestos por impeachment prolongaram a ansiedade por uma reviravolta durante o ano de 2015; (4) a esquerda perdeu a soberania das ruas, dividindo-as com movimentos não enraizados que convocaram mobilizações massivas por meio das mídias sociais, a princípio, e com ampla cobertura da imprensa tradicional, posteriormente.

A corrida eleitoral de 2014 entrou para a história como uma das mais disputadas do Brasil. O PT chegou ao pleito fragilizado por lideranças condenadas e presas pelo julgamento do Mensalão, avanço da Operação Lava Jato, desaceleração da economia e ondas de protestos que se arrastavam desde 2013, sobretudo com o movimento “Não vai ter Copa”. O primeiro turno foi conturbado, com a morte de Eduardo Campos (PSB) e a entrada repentina de Marina Silva como cabeça de chave. Com números de intenção de voto inflados pela comoção nacional, a candidata não resistiu aos ataques e, sem um planejamento de adequado e erros na condução do programa, acabou não indo ao segundo turno. Aécio ganhou sobrevida nos últimos dez dias, considerando que, no pico da ascensão de Marina, chegou a convocar a imprensa para lembrar que ainda era candidato, e começou o segundo turno liderando as pesquisas. Duas de suas falas marcam o tom dos debates e das propagandas televisivas: “Vou libertar o país do PT”, proferida durante comício em Mato Grosso do Sul no dia 21 de outubro; e “Existe uma maneira de acabar com a corrupção: Vamos tirar o PT do governo”, no debate da TV Globo em 24 de outubro. Ao final, Dilma Rousseff venceu com margem reduzida, 51,64% contra 48,36% de Aécio Neves, com os institutos de pesquisa apontando empate técnico até o dia da votação. O clima de hostilidade e acirramento

continuou mesmo depois da divulgação dos primeiros resultados da apuração das urnas, já com a petista, Dilma Rousseff, à frente. Dois exemplos do antipetismo se destacam: as agressões físicas a pessoas de camisetas vermelhas durante os protestos por impeachment; e o atentado a bomba contra a sede do Instituto Lula em São Paulo no dia 30 de julho de 2015. Depois da eleição, o PT contratou uma pesquisa nacional com o objetivo de diagnosticar e avaliar as causas do antipetismo.

Depois do falecimento de Eduardo Campos, cabeça de chapa do PSB, Marina Silva foi lançada como candidata à presidente pelo partido. Marina apostou num discurso de terceira via, ressaltando que representava a renovação na gestão pública, a “nova política” nacional. Em sua argumentação, a nova política seria uma forma de governo que destoa dos vícios das elites políticas patrimonialistas e corruptas. Sua campanha adotou tons antiestablishment e antipartidários ao focar na mobilização popular e em ideias de fortalecimento dos mecanismos de participação. Contudo, os debates e questionamentos da imprensa mostraram que essas ideias ainda não haviam tomado forma. Marina não era clara quanto ao que era, na prática, sua nova política e como pretendia desenvolvê-la. Para além disso, o discurso antiestablishment de Marina passa ao largo do fenômeno investigado nessa dissertação porque a candidata foi vista pela Rede Antipetista como mais uma na linha auxiliar do PT, tendo em vista seu passado de militância pelo partido.

Além da disputa pela presidência, o pleito de 2014 também foi singular porque elegeu o Congresso Nacional com maior representação de políticos conservadores desde 1964, segundo levantamento do Departamento Intersindical de Assessoria Parlamentar (Diap)⁶². Este resultado pode ser compreendido pelo aumento das bancadas ruralista, armamentista e evangélica; redução do agrupamento sindical e crescimento da tendência liberal. O panorama político-partidário da atual legislatura apresenta maior fragmentação, passando de 22 para 28 partidos, e maior participação do baixo clero (políticos de atuação regional que disputam cargos e verbas de emendas parlamentares). Além disso, muitas lideranças conservadoras receberam votações expressivas, como os 464 mil votos de Jair Bolsonaro (PP) no Rio de Janeiro; 398 mil de Marco Feliciano (PSC) em São Paulo; e 162 mil do ruralista, Luiz Carlos Heinze (PP), no Rio Grande do Sul. Alguns resultados foram notados já no ano de 2015, com o avanço de pautas conservadoras em todas as áreas, como: a redução da maioria penal; estatuto que reconhece família como formada apenas por homem e mulher; revisão do Estatuto do Desarmamento; transferência do Executivo para o

⁶² <http://www.diplomatique.org.br/artigo.php?id=1754>

Congresso da prerrogativa de demarcar terras indígenas e a aprovação do projeto de lei da terceirização.

Desde o resultado da eleição, iniciou-se um duradouro terceiro turno na política brasileira. Utilizando-se dos boatos sobre fraude, diversos movimentos convocaram protestos de rua pela suspensão da eleição e pelo impeachment de Dilma Rousseff. Em observação realizada durante a manifestação do dia 15 de novembro de 2015, na Avenida Paulista, percebemos uma nítida separação entre os grupos do Movimento Brasil Livre e Vem pra Rua, dos intervencionistas, representados pelo Movimento Brasileiro de Resistência. Com orientação e pautas difusas, a única unanimidade entre os protestantes foram os gritos: Fora Dilma e Fora PT. Entre os meses de outubro e fevereiro, estas mobilizações ainda tinham caráter localizado e sectário. Contudo, a partir de 15 de março de 2015, com extensa divulgação e cobertura da imprensa tradicional, os protestos se disseminaram por diversas capitais, reunindo centenas de milhares de pessoas contra o partido. Junho de 2013 parece ter sido o ensaio geral das manifestações por impeachment em 2015. Nos protestos daquele ano, já estavam presentes três elementos fundamentais para compreender 2015: (1) fortes vozes antipartidaristas, com agressões físicas a pessoas vestidas de vermelho; (2) perda da hegemonia do PT e da esquerda dentre os movimentos sociais; e (3) resposta nas ruas da histórica crise de legitimidade da democracia brasileira. Estes fatores se intensificaram em 2015, especialmente entre março e agosto, quando, em paralelo, avançavam as prisões da Lava Jato e eram discutidas as tratativas no Congresso Nacional para a abertura do rito de impeachment.

Um último aspecto de suma importância é o protagonismo da Rede Antipetista na mobilização e na convocação dos protestos de 2014 e de 2015. Mais do que em 2013, quando a iniciativa das passeatas foi do Movimento Passe Livre (MPL), as manifestações contra Dilma e o PT foram chamadas primordialmente por meio das mídias sociais. As três organizações que tomaram a frente dos protestos, Movimento Brasil Livre, Vem pra Rua e Revoltados Online, utilizam a internet como seu principal repertório de ação, sem constituir laços fortes, movimentos de base e de ação coletiva enraizada. Apenas a partir de março de 2015, a atividade iniciada na internet ganhou ampla cobertura da imprensa tradicional, com aumento substancial na participação e diversificação das pessoas que aderiram. Ainda assim, os protestos foram marcos da atuação da Rede Antipetista e de seu poder de mobilização de seus seguidores para além das mídias sociais.

4.2 Os agentes antipetistas: atuação, estilos e funções

No Capítulo 1, apresentamos a estrutura da Rede Antipetista, uma abordagem geral sobre os padrões de conexões estabelecidos entre as *fan-pages* e identificamos seis subgrupos, com diferentes lógicas políticas: miscelânea de direita, liberais, anticorrupção, institucionais, intervencionistas e *trolls*. Aqui, o objetivo é afunilar o escopo do estudo. Partindo deste panorama amplo, analisaremos as dinâmicas de atuação dos antipetistas focando em cinco páginas: Olavo de Carvalho, Canal da Direita, Revoltados Online Bolsonaro Zuero e TV Revolta. Para isso, entendemos a Rede Antipetista como um agrupamento de atores heterogêneos que se dedica a desconstruir o PT, mas diverge quanto ao *modus operandi* e às estratégias políticas. Defendemos que há a formação de pactos de ação informais, não sistematizados, a partir dos quais tentamos entender o papel desempenhado por cada página. Olavo de Carvalho é agente central para compreender o antipetismo, pois assume posição de influenciador das ideias que são apropriadas pelos demais atores. A partir da compreensão de Olavo, situamos o Canal da Direita como um espaço de repercussão de seu pensamento; o Revoltados Online como o braço de mobilização passional; o Bolsonaro Zuero como o representante da retórica humorística que idolatra a família Bolsonaro, ao mesmo tempo em que persegue adversários como Jean Wyllys; e, por fim, a TV Revolta, como o representante automatizado e descoordenado.

4.2.1 #OlavotemRazão: Olavo de Carvalho, o filósofo do antipetismo

O antipetismo funciona como um quadro tático de ação política, dado que situa sua estratégia discursiva a partir de um panorama de oposição que soma forças dos insatisfeitos com o governo petista. Ademais, ele também é um conceito guarda-chuva, que agrega diversos movimentos e ideias contra um adversário comum. Olavo de Carvalho é a chave para compreender estas dinâmicas complexas. Isso porque ele foi pioneiro e centro influenciador do que podemos chamar de antipetismo contemporâneo, resgatando e reconfigurando matrizes de pensamento mais antigas, como o anticomunismo, no cenário atual. A partir de Olavo, atores multifacetados se apropriam de suas ideias de forma heterogênea – ora ratificando ora contestando alguns pontos olavistas com diferentes níveis de sofisticação – em direção a modelos de atuação que podem ser genericamente classificados como de direita e que tem em comum a militância antiesquerdista e a negação do PT. Olhando mais de perto estes agentes unificados sob o rótulo de direita por uma agenda

de pautas convergente, há uma separação mais nítida entre dois subgrupos: os conservadores e os liberais. Além disso, há três formas de relacionamento. Uns seguem algumas premissas de Olavo, colocando diversos parênteses em seu pensamento. Outros reproduzem por completo o conteúdo de seus escritos, autodenominando-se “olavettes”. Um terceiro grupo vai mais além e faz de suas ideias uma seita fundamentalista, agindo passionalmente, personificando a cruzada do bem contra o mal e, os mais extremistas, pedindo intervenção militar. O ponto é que, de modo geral, Olavo assume uma posição central de influenciador e de precursor – manifesta no grito de ordem “Olavo tem Razão” – destes atores reunidos estrategicamente pelo antipetismo. Importante entender que Olavo teve vivência e leitura dos textos marxistas, comunistas e socialistas. Ele não apenas ataca estes autores, como utiliza alguns deles para sustentar o antagonismo de seus próprios textos a partir de uma reinterpretação bem peculiar. Iremos demonstrar como funciona sua cadeia de argumentação e seu papel inserido no universo da Rede Antipetista, com a seguinte ordem: o componente ideológico fundamental antiesquerdista por via conservadora; o PT como agente do esquema internacional comunista; e a distorção do conservadorismo pelo choque contra o establishment.



Figura 16 Felipe Moura Brasil com faixa Olavo tem Razão em protesto por impeachment no Rio de Janeiro em 15 de março de 2015⁶³

4.2.1.1 Trajetória e ação midiática

Olavo Luiz Pimentel de Carvalho nasceu em Campinas em 1947. Sua trajetória pessoal é obscura e não foi compilada em formato de biografia ou por fontes confiáveis. Há

⁶³ <http://veja.abril.com.br/blog/felipe-moura-brasil/cultura/15-de-marco-olavo-tem-razao/>

diversas versões diferentes, dependendo da inclinação ideológica de quem está relatando, indo de um fracassado que não conseguiu se formar na universidade, ao gênio que se afastou de aparelhos pedagógicos esquerdistas para construir seu pensamento de forma independente. Reunimos diversos artigos de seu próprio site em busca de tentar compreender seu percurso intelectual que nega o conhecimento acadêmico e científico, em função de dogmas católicos e leituras de bibliografias diversas. Em seu site, ele se autoapresenta como filósofo, “um dos mais originais e audaciosos pensadores brasileiros”⁶⁴ e se reconhece como representante da alta cultura erudita nacional. Olavo, contudo, não teve formação acadêmica tradicional. Abandonou a escola ainda no ensino fundamental e dedicou-se ao autodidatismo, interessado em filosofia, astrologia, política, religião e simbolismo. Em sua curta biografia no site, não menciona formação acadêmica. Contudo, frequentou o curso de filosofia da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, sem conclusão. Trabalhou como articulista, professor e consultor de astrologia em diversos jornais e faculdades. Além disso, possui formação católica tradicional e conservadora. Um aspecto importante de sua formação é que teve envolvimento com movimentos e ideias comunistas durante a juventude. Afastando-se da esquerda, construiu algo similar a um retalho diversificado de leituras conservadoras e um posicionamento de combate aos socialistas e comunistas. Coordena o Seminário de Filosofia, site com o Curso Online de Filosofia (COF), que aborda os temas: religião comparada, letras, ciências humanas, ciências da natureza e comunicação.

Olavo possui dezenas de livros publicados. Sua obra mais vendida é *O mínimo que você precisa saber para não ser um idiota*, editada em 2013 pela Record. O compêndio de mais de 600 páginas foi organizado pelo colunista da Revista Veja, Felipe Moura Brasil, e reúne artigos escritos por Olavo em eixos temáticos, entre cultura, juventude, educação, ciência, religião, socialismo, petismo, feminismo e gayzismo. Desde o título, percebe-se uma retórica que separa os cidadãos iluminados pelo saber de Olavo da imbecilidade coletiva das pessoas enganadas por esquemas manipuladores dos esquerdistas infiltrados na universidade, na imprensa e na política.

Se estou chamando você de idiota? Claro que não. Estou convidando você a escapar desse estado, ainda que futuro, conhecendo para isso, entre outras coisas, a influência de canalhas (ou imbecis) sobre “a nossa vida, os nossos costumes, as nossas ideias”, “as nossas leis, a nossa moral, a nossa conduta”, através da obra de um (hum) sujeito formidável, que vale por dez (BRASIL, 2013, p. 17).

⁶⁴ <http://www.olavodecarvalho.org/bio.htm>

Olavo de Carvalho pode ser considerado o pioneiro do que tratamos aqui como o discurso antipetista contemporâneo, principalmente pelo alcance de suas ideias e pelo uso da internet. Ele teve exposição pública em órgãos da imprensa tradicional, como *Época*, *Folha de São Paulo*, *Jornal do Brasil*, *Jornal da Tarde*, *O Globo*, *Planeta*, *Bravo!*, *Primeira Leitura*, *Veja* e *Zero Hora*. No entanto, depois dos anos 2000 e da demissão de vários periódicos, investiu na divulgação de seus pensamentos em plataformas online e cursos de filosofia à distância. A partir deste momento, faz ataques hostis às organizações de mídia, acusando-as de dominação ideológica da esquerda. Segundo ele: “A esquerda, enfim, não só nunca foi expulsa da grande mídia, mas dominou praticamente sem adversários a profissão jornalística no Brasil”.⁶⁵ Em outro artigo, ele defende o financiamento soviético da imprensa brasileira: “Sem o apoio do movimento comunista internacional, nada do que os jornalistas de esquerda fizeram no Brasil e no exterior teria sido jamais possível”⁶⁶.

De fato, Olavo foi pioneiro na criação de espaços discursivos ideológicos antiesquerdistas na internet. Em 2002, fundou o site de *media watch* *Mídia sem Máscara*, que compila artigos de diversos autores de direita, criticando a hegemonia das ideias de esquerda nas instituições brasileiras, sobretudo na imprensa: “é um website destinado a publicar as idéias e notícias que são sistematicamente escondidas, desprezadas ou distorcidas em virtude do viés esquerdista da grande mídia brasileira”.⁶⁷ Morando nos Estados Unidos, Olavo reforçou sua função de líder do pensamento conservador por meio da militância constante na internet. Conduz o *talk show* *True Outspcak*, programa em que responde a dúvidas e sugestões de seus fãs. Em 2015, motivado pelos constantes bloqueios de sua conta por transgredir políticas de conteúdo do Facebook, Olavo de Carvalho fundou o *Real Talk*, um site de redes sociais próprio. “É um lugar onde a informação pode circular de acordo com os interesses de todos aqueles que acreditam em liberdade e independência, sem manipulação e sem controle social”.⁶⁸ Possui duas contas no Facebook, seu perfil oficial⁶⁹ e canal,⁷⁰ além de *Twitter*⁷¹ e *Youtube*.⁷²

Um olhar mais atento logo nota que, em sua ação midiática, Olavo possui duas personas. Uma é o filósofo, representado em seus cursos, livros e artigos publicados. Nesta,

⁶⁵ <http://www.olavodecarvalho.org/semana/111124dc.html>

⁶⁶ <http://www.olavodecarvalho.org/semana/111125dc.html>

⁶⁷ <http://www.midiaseम्मascara.org/home/quem-somos.html>

⁶⁸ <https://therealtalk.org/#features>

⁶⁹ <https://www.facebook.com/olavo.decarvalho?fref=ts>

⁷⁰ <https://www.facebook.com/carvalho.olavo>

⁷¹ <https://twitter.com/OdeCarvalho>

⁷² <https://www.youtube.com/channel/UC3Jvzijl5hdQ01F1PL8OnhA>

modera o tom polemista e busca demonstrar um lado culto, estudioso e, como diz, virtuoso. Geralmente, seus textos são provocantes e incisivos, frequentemente fazendo contextualizações históricas, comparações entre diversos países e mencionando muitos autores. Não segue, porém, o rigor acadêmico de comprovar suas fontes ou explicar as citações. Sua outra persona é o militante caricato e foclórico. Nesta outra, utiliza-se de seus canais nas mídias sociais para realizar performances carregadas, xingando oponentes, debochando de autores que criticam seu pensamento, ironizando personagens e acontecimentos gerais.

4.2.1.2 Principais ideias e posicionamentos

A principal finalidade desta seção é tentar compreender parte de seu pensamento que influenciou os agentes da Rede Antipetista e os temas emergentes na cobertura da eleição no Facebook em 2014. Para tanto, realizamos leituras sistemáticas de artigos publicados em seu site oficial e no livro *O mínimo que você precisa saber para não ser um idiota*, além de anotações provenientes de entrevistas concedidas à imprensa e programas gravados de seu *talk show*. O objetivo é elucidar a produção de sentido a partir dos escritos do próprio autor, analisando como se posiciona em relação a correntes ideológicas e suas principais ideias. Para isso, levamos em conta dois pontos: o conjunto de princípios conservadores que defende; e a sua visão da revolução esquerdista que combate. Em primeiro lugar, apresentamos seu ponto de partida e as ideias que defende, para, depois, lançar luz sobre o que combate.

Olavo se considera um conservador tradicional que dedicou sua obra à leitura e desconstrução da revolução de esquerda. Este seu posicionamento é adotado com coerência e fundamentação em suas leituras. Por conservador, ele entende “a aversão a qualquer projeto de transformação abrangente, a recusa obstinada de intervir na sociedade como um todo, o respeito quase religioso pelos processos sociais regionais, espontâneos e de longo prazo, a negação de toda autoridade aos porta-vozes do futuro hipotético” (CARVALHO, 2013, p. 178-9). Fica clara a perspectiva de Olavo que contrapõe a revolução de ideias e a contrarrevolução, defendendo os valores tradicionais clássicos da religião e da cultura: “Nesse sentido, o autor destas linhas é estritamente conservador [...] porque acredita que só o ponto de vista conservador pode fornecer uma visão realista do processo histórico, já que se baseia na experiência do passado e não em conjeturações de futuro” (IBID, p. 178).

Importante salientar, também, que Olavo não se considera um liberal, ao ponto de fazer um texto explicando suas razões, intitulado “Por que não sou um liberal”. Para ele, liberalismo e conservadorismo se aproximam na forma de direita em contraposição às ideias de esquerda e possuem alguns traços semelhantes, como a liberdade individual e o livre comércio, mas, quanto aos dogmas, são essencialmente diferentes: “ou você fundamenta o Estado de direito numa concepção tradicional da dignidade humana, ou você o reinventa segundo o modelo do mercado, onde o direito às preferências arbitrárias só é limitado por um contrato de compra e venda livremente negociado entre as partes” (IBID, p. 568). É por acreditar nos dogmas advindos dos valores religiosos católicos que Olavo se afasta do liberalismo em função do conservadorismo moral:

O conservadorismo é a arte de expandir e fortalecer a aplicação dos princípios morais e humanitários tradicionais por meio dos recursos formidáveis criados pela economia de mercado. O liberalismo é a firme decisão de submeter tudo aos critérios do mercado, inclusive os valores morais e humanitários. O conservadorismo é a civilização judaico-cristã elevada à potência da grande economia capitalista consolidada em Estado de direito. O liberalismo é um momento do processo revolucionário que, por meio do capitalismo, acaba dissolvendo no mercado a herança da civilização judaico-cristã e o Estado de direito (IBID, p. 569).

Nesse sentido, o que está em jogo para Olavo de Carvalho é uma disputa de valores e da virtude clássica judaico-cristã. Não somente as ideias esquerdistas são contestadas por Olavo, mas a própria intenção de seus autores. Sua análise é investida da superioridade moral da direita, contra a vulgaridade da esquerda: “Mas, numa comparação entre os personagens maximamente influentes dos dois campos, não é possível deixar de notar a superioridade moral dos direitistas e a ausência completa de um só tipo moralmente bom entre os esquerdistas: são todos maus, sem exceção” (IBID, p. 139). Assim, sua atuação é compreendida como uma missão do bem contra o mal, na qual a virtude judaico-cristã e os valores tradicionais estão em jogo:

Em suma, o panteão dos ídolos do esquerdismo universal era uma galeria de deformidades morais de fazer inveja à lista de vilões da literatura universal [...] Em contrapartida, os representantes das correntes opostas, conservadoras ou reacionárias, conforme fui descobrindo com ainda maior surpresa, eram quase invariavelmente seres humanos de alta qualidade moral, atestada não só na idoneidade do seu trabalho intelectual (IBID, p. 138).

Além disso, devemos entender como se posiciona em relação ao eixo esquerda e direita. De acordo com Olavo, o eixo é utilizado no debate político brasileiro como uma simplificação arbitrária que leva ao automatismo mecânico e à redução racional em favor de clichês e duelos emocionais. Para ele, a única forma de definir os conceitos é em relação à

dualidade revolucionários/contrarrevolucionários presente na Revolução Francesa: “De um lado, a esquerda é a revolução em geral, e a direita a contrarrevolução” (IBID, p. 177). Além disso, em sua visão binária do mundo político, contrapõe revolucionários e contrarrevolucionários, defendendo a missão de destruir os revolucionários: “do ponto de vista das suas relações com o inimigo, ela é estritamente ‘reacionária’. Ser reacionário é reagir da maneira mais intransigente e hostil à ambição diabólica de mandar no mundo” (IBID, p. 178).

Normalidade democrática é a concorrência efetiva, livre, aberta, legal e ordenada de duas ideologias que pretendem representar os melhores interesses da população: de um lado, a “esquerda”, que favorece o controle estatal da economia e a interferência ativa do governo em todos os setores da vida social, colocando o ideal igualitário acima de outras considerações de ordem moral, cultural, patriótica ou religiosa; de outro, a “direita”, que favorece a liberdade de mercado, defende os direitos individuais e os poderes sociais intermediários contra a intervenção do Estado e coloca o patriotismo e os valores religiosos e culturais tradicionais acima de quaisquer projetos de reforma da sociedade (IBID, p. 99).

Ele acredita que a direita deve cumprir dois objetivos fundamentais: “1) livrar-se do resíduo ideológico ‘politicamente correto’, adotando um discurso conservador sem concessões nem atenuações; (2) denunciar incansavelmente a aliança criminoso de partidos comunistas e quadrilhas de narcotraficantes — o Foro de São Paulo” (IBID, p. 246). Segundo ele, com raras exceções, esta direita não tem representação no sistema político tradicional, controlado pela esquerda radical e pela oposição de esquerda. Algo que é, em geral, considerado como direita na política tradicional, é apontado por Olavo como um grupo de políticos fisiologistas que abrem mão da coerência ideológica e fazem o jogo dominante da esquerda em troca de cargos, de prestígio e de verbas: “Ademais, se critico a esquerda é porque hoje só existe esquerda. Não há direita nenhuma no Brasil. Há direitistas, mas cada um fechado nas suas convicções privadas, sem qualquer ação de conjunto [...] Hoje o establishment é esquerdista, a oposição também” (p. 567-8). Em outro trecho, elabora sobre a direita ter se tornado um termo de conotação negativa e extremista, sendo perseguida pela esquerda: “a direita, como tal, não existe mais. Os ideais que a caracterizavam são cada vez mais criminalizados como extremismo, espalhando entre os políticos o medo de encarná-los em público por um instante sequer, para não ser tachados de golpistas, racistas, nazistas, o diabo” (IBID, p. 100).

Segundo ele, a esquerda e a imprensa o classificam como de direita como uma forma de análise adestrada pelo comunismo, que simplifica qualquer crítica às esquerdas como de direita, mas que isto não reflete a complexidade de seu pensamento. Ele dispensa o rótulo,

mas acredita possuir uma missão de denunciar o controle de esquerda, o que o faz ocupar o espaço de direita. No texto “Direitista à força”⁷³ explica parte deste paradoxo: “É com profundo desprezo que ouço gente dizendo que o objetivo dos meus esforços é ‘criar um movimento de direita’”. No entanto, ele encara sua missão como a restauração das condições intelectuais e morais necessárias ao debate político contra a esquerda nacional.

O que me colocou contra a esquerda nacional desde o início dos anos 90 não foi nenhuma tomada de posição "liberal" ou "conservadora", mas a simples constatação de dois fatos: 1) a instrumentalização política das instituições de cultura e ensino pela "revolução gramsciana" estava acabando com a vida intelectual no Brasil e em breve iria reduzi-la a zero, como de fato veio a acontecer; 2) a opção preferencial dos partidos de esquerda pelo lumpenproletariat, tomado erroneamente como sinônimo de "povo" por influência residual de Herbert Marcuse, estava destinada a transformar a existência cotidiana dos brasileiros no carnaval sangrento que hoje vemos por toda parte (IBID).

Assim, ele se considera um direitista forçado, com o objetivo de desconstruir a esquerda:

Até o momento nenhum partido de esquerda deu o menor sinal de arrependimento. Ao contrário, cada um se esmera na autoglorificação como se fosse uma plêiade de heróis e santos. Assim, não me deixam remédio senão estar na direita, no mínimo porque esta, no momento, não tem os meios de concorrer com a esquerda na prática do mal (IBID).

Em outro texto “Para que serve a direita?”⁷⁴, ele afirma que há duas formas políticas vagamente similares à direita no Brasil. A primeira é a burguesia,

A segunda coisa que se parece vagamente com uma direita política são os jornalistas e blogueiros que criticam ao mesmo tempo o governo e os arruaceiros, a esquerda oficial e a oficiosa. Sem nenhuma conexão partidária, sem subsídios de qualquer espécie e sem nenhum plano nem mesmo hipotético de tomada do poder, eles são uma oposição meramente cultural sem meios nem desejo de ação política. Mas, como dizem o que pensam, e o que pensam ecoa alguma insatisfação popular difusa, é claro que as duas esquerdas apontam neles a arma polêmica do interesse capitalista e advertem que são “uma ameaça às liberdades civis”

No artigo “A luta de classes no Brasil”⁷⁵, Olavo elabora melhor sobre este componente midiático e as exceções políticas de direita:

A outra facção – isto é, o restante da população brasileira – encontra apoio em mais ou menos uma dúzia de jornalistas, radialistas e blogueiros execrados pelo restante da sua categoria profissional, entre os quais eu mesmo, o Reinaldo Azevedo, a Rachel Sheherazade, o Felipe Moura Brasil, o Rodrigo Constantino, a Graça Salgueiro. Tem também algum respaldo – tímido – nas polícias estaduais, em alguns púlpitos evangélicos isolados e ainda em dois ou três parlamentares, como

⁷³ <http://www.olavodecarvalho.org/semana/140519dc.html>

⁷⁴ <http://www.olavodecarvalho.org/semana/140206dc.html>

⁷⁵ <http://www.olavodecarvalho.org/semana/140209dc.html>

Jair Bolsonaro e Marcos Feliciano, que na Câmara Federal imitam João Batista pregando aos gafanhotos. That's all, folks.

Grosso modo, esta definição de Olavo de Carvalho do espaço de militância que ele chama de direita é equivalente à Rede Antipetista. Ou seja, um conjunto de atores que atua à margem dos sistemas político e midiático tradicionais, com uma agenda que privilegia o antiesquerdismo, em nível internacional e nacional, se opõe ao PT, entendido como figura e ator principal do esquema de dominação socialista, e nega o establishment, manipulado pelos valores e ideias esquerdistas. A Rede Antipetista é o ambiente de ação comunicativa destes atores nas mídias sociais, compreendendo que muitos deles atravessam outros campos, como o político, jornalístico, social e cultural. Além destes, há um extenso universo de “agentes independentes”, seguidores de Olavo, blogueiros, fãs e comentaristas que ganham visibilidade apenas na internet como disseminadores das premissas antipetistas.

4.2.1.3 A militância antiesquerdista

Com esta breve revisão do posicionamento e das ideias principais de Olavo de Carvalho, nos dedicamos a elucidar sobre as políticas que ele combate, elemento central de sua atuação. Seu antagonismo parte das leituras e da vivência marxista de seu passado. É uma ação que visa a criticar as ideias de esquerda e socioculturalmente progressistas. Os escritos de Olavo apontam para duas perspectivas principais: as articulações institucionais por meio de aparatos internacionais comunistas; e a apropriação de dois conceitos: hegemonia cultural de Antonio Gramsci e aparatos ideológicos de Louis Althusser, este último sem referência direta. Nesse sentido, o modelo de discurso político de Olavo interpreta um arcabouço teórico tradicionalmente acionado por movimentos esquerdistas, invertendo os valores por outras matrizes. Em sua leitura, não foi o capitalismo que se instalou hegemonicamente nas elites e no senso comum, mas o comunismo e a destruição da moral judaico-cristã tradicional, marginalizando as direitas até o seu sufocamento ou desaparecimento.

O primeiro elemento é a articulação de organizações internacionais comunistas em função da revolução esquerdista. Esta é definida por Olavo como: “uma proposta de mutação integral da sociedade vem acompanhada da exigência da concentração do poder nas mãos de um grupo dirigente como meio de realizar essa mutação” (IBID, p. 147). O socialismo, para ele, “é uma doutrina hedionda, macabra, nem um pouco melhor que a ideologia nazista, e que, para cúmulo de cinismo, ainda ousa falar grosso, em nome da moral, quando condena os excessos e violências” (IBID, p. 114). Este projeto é articulado por meio de duas frentes: as

organizações comunistas internacionais, representadas na América Latina pelo Foro de São Paulo, e o capital financeiro: “Quem quer que tenha estudado a história do movimento revolucionário sabe que comunistas e banqueiros vivem em simbiose, comprovadamente, desde há pelo menos um século” (IBID, p. 464).

De acordo com Olavo, no Brasil, essa articulação internacional se manifesta nos vínculos entre o Partido dos Trabalhadores, o Movimento dos Sem Terra (MST) e o Foro de São Paulo. “O que aí escapa à visão desses falsos espertos é que tais movimentos, ao menos a longo prazo, desempenham na implantação da nova ordem mundial socialista um papel ainda mais decisivo que o da esquerda nominalmente radical” (IBID, p. 149). É a Olavo que podemos remeter a máxima repetida na Rede Antipetista de que o PT tem ligação com o Primeiro Comando da Capital (PCC) e as Forças Armadas Revolucionárias da Colômbia (Farc). Para isso, ele faz o relacionamento entre uma ideologia permissiva ao desenvolvimento do crime organizado e sua instalação no sistema político:

No Brasil, a íntima colaboração entre a esquerda revolucionária e o banditismo, da qual já se viam amostras esporádicas desde os anos 1930, começou a existir de forma mais organizada durante o regime militar, quando os terroristas adestrados em Cuba, na Coreia do Norte e na China passaram a transmitir seus conhecimentos de estratégia e tática da guerrilha urbana aos delinquentes comuns com os quais compartilhavam o espaço no Presídio da Ilha Grande, no Rio de Janeiro. Foi daí que nasceram as megaorganizações criminosas, o Comando Vermelho e depois o PCC. [...] Mais tarde os terroristas subiram na vida, tornaram-se deputados, senadores, desembargadores, ministros de Estado, tendo de afastar-se de seus antigos companheiros de presídio. Estes não ficaram, porém, desprovidos de instrutores capacitados. A criação do Foro de São Paulo, iniciativa daqueles terroristas aposentados, facilitou os contatos entre agentes das Farc e as quadrilhas de narcotraficantes brasileiros — especialmente do PCC —, dos quais logo se tornaram mentores, estrategistas e sócios [...] os homens das Farc transitam livremente pelo país, têm toda a proteção da militância esquerdista em caso de prisão e até são recebidos como hóspedes de honra por altos próceres petistas (IBID, p. 507).

Para além dos esquemas internacionais do socialismo, Olavo recebeu críticas ao defender a existência de um suposto controle socialista e comunista na América Latina depois da queda do Muro de Berlim. Em resposta, ele escreveu o texto “A lógica da canalhice”: “Somente um canalha induziria o povo a ignorar essas coisas, para que, quando a revolução que se prepara no Brasil com dinheiro do narcotráfico tomar o poder, ninguém perceba estar revivendo a tragédia da Rússia, da China e de Cuba”. Então, para justificar este posicionamento, ele retoma conceitos gramscianos e althusserianos para afirmar que existe uma hegemonia dos valores de esquerda no Brasil, implantada por meio de aparelhos ideológicos de estado, como a imprensa, as escolas e universidades. Vale uma citação mais longa do próprio autor fundamentando esta análise:

a democracia brasileira é um doente em estado quase terminal. O jogo normal de esquerda e direita, que permite a continuidade do processo democrático e mantém os extremismos sob rédea curta, foi substituído por um sistema de controle monopolístico não só do poder estatal como da cultura e da mentalidade pública; controle tão eficiente que já não é percebido como tal, de modo que, quanto mais patológica é a situação, mais confortavelmente todos se acomodam a ela, acreditando piamente viver na mais pura normalidade democrática. A facção que domina o governo controla também o sistema de ensino, as universidades e instituições de cultura, o meio editorial e artístico e a quase totalidade dos órgãos de mídia. A mais mínima falha nesse controle, o mais leve sinal de descontentamento, mesmo parcial e apolítico, desperta ou alarma as hostes governistas, que então se apressam a mobilizar seus militantes para o combate a “ameaças golpistas” perfeitamente inexistentes. A facção dominante compõe-se da aliança indissolúvel entre a esquerda e a extrema esquerda, sendo esta última, então, legitimada como parte da esquerda normal, digna do respeito e da consideração dos eleitores. Tão perfeito é o controle hegemônico que essa aliança exerce sobre a sociedade, que já nem a esquerda nem muito menos a extrema esquerda têm de se apresentar francamente como tais: os eleitores tornaram-se como peixes que, jamais tendo estado fora da água, ignoram a existência de algo que não seja água e, portanto, não distinguem entre a água e o universo em geral. Nessas condições, está perfeitamente realizado o ideal de Antonio Gramsci, em que o partido revolucionário desfruta “da autoridade onipresente invisível de um imperativo categórico, de um mandamento divino”. Tão paradoxal é a situação que os únicos que insistem em exibir sua identidade de esquerdistas, com muito orgulho disso, são justamente os membros da “oposição”, colhidos entre facções da esquerda moderada ou entre oportunistas sem ideologia nenhuma. Uns e outros têm com o governo divergências pontuais e, é claro, disputa de cargos. Nada mais (IBID, p. 99-100).

Em entrevista à Revista Veja, Olavo remeteu esta hegemonia cultural da esquerda no Brasil ao regime militar e ao período de redemocratização, quando se intensificou o processo silencioso de dominação ideológica de esquerda com articulações internacionais de controle do governo, imprensa, movimentos sociais e universidades:

O governo militar se ocupou de combater a guerrilha, mas não de combater o comunismo na esfera cultural, social e moral. Havia a famosa teoria da panela de pressão, do general Golbery do Couto e Silva. Ele dizia: ‘Não podemos tampar todos os buracos e fazer pressão, porque senão ela estoura’. A válvula que eles deixaram para a esquerda foram as universidades e o aparato cultural. Na mesma época, uma parte da esquerda foi para a guerrilha, mas a maior parte dela se encaixou no esquema pregado por Antonio Gramsci, que é a revolução cultural, a penetração lenta e gradual em todas as instituições de cultura, mídia etc⁷⁶.

Nesse sentido, para além de temas políticos e econômicos, Olavo foca sua concepção de direita e de conservadorismo em torno de valores da conduta moral judaico-cristã. Por isso, atua contra organizações de política identitária, como feminismo e gênero, que dissolvem as identidades nacionais tradicionais. O resultado, segundo ele, é a marginalização do conservadorismo:

Abortismo, desarmamento civil, sex-lib, feminismo, gayzismo, criminalização da moral religiosa, controle estatal da vida privada e tópicos similares são hoje infinitamente mais importantes para a estratégia revolucionária do que as

⁷⁶ Entrevista concedida à Revista Veja, publicada online em 03 de abril de 2011. Acesso em 20 de novembro de 2015. <http://veja.abril.com.br/noticia/brasil/olavo-de-carvalho-esquerda-ocupou-vacuou-pos-ditadura/>

divergências estereotipadas entre políticas econômicas “populistas” e “elitistas” (ou “progressistas” e “neoliberais”). Onde essas divergências monopolizam o espaço das discussões públicas, como acontece no Brasil, é precisamente porque servem para camuflar o essencial, para expulsar da vida pública o conservadorismo genuíno fundado em valores morais e religiosos e para dividir todo o espaço político e cultural entre a esquerda e uma “direita” postiça, criada especialmente para isso, uma articulada à outra de tal modo que, seja pela via “populista” ou “elitista”, indiferentemente, a mutação revolucionária do mundo continue avançando (IBID, p. 465).

Como consequência, é interessante atentar para as opiniões de Olavo, guiadas pela premissa da vulgarização dos valores conservadores pela ação da revolução cultural de esquerda, em torno dos seguintes temas: ciência, gayzismo, aborto, feminismo, desarmamento, ações afirmativas, ecologia e liberação das drogas. De acordo com o autor, estas políticas são uma imposição internacional da Organização das Nações Unidas (ONU) em articulação com as redes bancárias internacionais:

Abortismo, casamento gay, quotas raciais, desarmamento civil, regulamentos ecológicos draconianos, liberação das drogas, controle estatal da conduta religiosa, redução da idade de consentimento sexual para 12 anos ou menos: tais são, entre alguns outros, os ideais que fazem bater mais forte o coração de estudantes, professores, políticos, jornalistas, ongueiros, empresários “esclarecidos” e demais pessoas que monopolizam o debate público neste país. Nenhuma dessas propostas veio do povo brasileiro ou de qualquer outro povo. Nenhuma delas tem a sua aprovação. Isso não importa. Elas vêm sendo e continuarão sendo impostas de cima para baixo, aqui como em outros países, mediante conchavos parlamentares, expedientes administrativos calculados para contornar o debate legislativo, propaganda maciça, boicote e repressão explícita de opiniões adversas e, *last not least*, farta distribuição de propinas, muitas delas sob a forma de “verbas de pesquisa” oferecidas a professores e estudantes sob a condição de que cheguem às conclusões politicamente desejadas.

A abordagem olavista de controle ideológico internacional também é aplicada ao conhecimento científico. “Aquilo que hoje se chama orgulhosamente de ‘ciência’ [...] nem é uma entidade univocamente reconhecível, nem muito menos um conhecimento que tenha em si seu próprio fundamento” (IBID, p. 379). Nesse sentido, ele afirma que a teoria gravitacional de Isaac Newton é “um projeto abrangente de destruir o cristianismo trinitário e substituí-lo por uma religião da ‘unidade absoluta’, de inspiração esotérica” (IBID, p. 383). E a teoria da evolução das espécies de Charles Darwin foi “adotada com ligeiras modificações pelos dois regimes totalitários que disputavam o poder no mundo no início do século XX, serviu de fundamento ideológico à matança organizada de uns 200 milhões de seres humanos” (IBID, p. 383). Assim, sua perspectiva é contrária à aceitação do conhecimento científico e trata os pesquisadores como vigaristas e charlatães a serviço da ideologia revolucionária. “Há muito tempo já compreendi que os cientistas são ainda menos dignos de

confiança do que os políticos” (IBID, p. 386). Por isso, descredencia e ignora todo conhecimento produzido pelas universidades brasileiras.

Um último ponto a ser considerado é o paradoxo do posicionamento conservador de Olavo, que se coloca contra o status quo. Compreendendo a perspectiva olavista de que o establishment está controlado pelos valores esquerdistas e vulgares, fica mais nítida a sua ação em antagonismo a este status quo como forma de restabelecer as tradições virtuosas. Ou seja, é uma atuação política que se reflete no pensamento particular de Olavo em relação à conjuntura nacional e internacional. Por isso, sugerimos que a Rede Antipetista, influenciada pelo pensamento de Olavo em diversos níveis, defende “choques corretivos” no sistema político brasileiro, com a finalidade de restabelecer um ideal tradicional de valores. “Nem é revolucionária a simples derrubada de um regime tirânico com o objetivo de nivelar uma nação às liberdades já desfrutadas pelos povos em torno. Mesmo que esses empreendimentos empreguem recursos bélicos” (IBID, p. 176).

4.2.1.4 Seguidores, apropriações e críticas

A influência de Olavo de Carvalho está baseada na premissa de que suas ideias são fonte de inspiração para uma série de agentes que milita no campo da oposição por meio do antipetismo em 2014. A Rede Antipetista é a manifestação destes atores nas mídias sociais, espaços nos quais eles conseguem ampliar seu alcance discursivo. Estes agentes podem ser segmentados em dois grupos: (1) aqueles que possuem visibilidade e capital social obtidos previamente à sua militância digital, por meio da imprensa tradicional, institutos, *think tanks* e outras organizações, como Rodrigo Constantino e Reinaldo Azevedo; e (2) grupos que existem essencialmente a partir das plataformas de internet e de mídias sociais, como o Canal da Direita. Nesse sentido, iremos investigar o primeiro ponto, seguidores de Olavo de Carvalho que utilizam a internet para ampliar seu alcance, compreendendo quem são e como se apropriam dos escritos do autor. Quanto aos agentes que existem majoritariamente na internet, objeto principal desta dissertação, desenvolveremos nas seções seguintes.

Analisar a influência das ideias de Olavo de Carvalho é um trabalho extenso. Resumimos o lastro de alcance olavista ao campo da imprensa tradicional e aos movimentos pelo impeachment. Na TV, enfatizamos a atuação de dois jornalistas. Rachel Sheherazade, paraibana e, à época, âncora do telejornal SBT Brasil, se notabilizou por colunas de opinião de tom religioso e de críticas acerca da segurança pública, sobretudo representando a perspectiva moralista da repressão do estado contra aqueles que atentam contra os valores e

os “cidadãos de bem”. Na Rádio Jovem Pan, Sheherazade cita Olavo de Carvalho sobre a teoria da ilegalidade do PT e sua ligação com o Foro de São Paulo: “Para o colunista [Olavo], o partido é ilegal, porque é filiado a organização estrangeira, o Foro de São Paulo, uma entidade estratégica das esquerdas na América Latina, fundada pelo ditador, Fidel Castro, e cujas resoluções são cumpridas pelo Partido dos Trabalhadores”.⁷⁷ Já Paulo Eduardo Martins, comentarista de afiliada do SBT do Paraná, é crítico agressivo do PT nos termos olavistas, comunista e ditatorial, e indicou o livro *O mínimo que você precisa saber para não ser um idiota* em seu programa. Foi demitido em fevereiro de 2014.

É na Revista *Veja* que estão os principais articuladores das ideias de Olavo de Carvalho, alguns deles demitidos. Entre eles, o ex-colunista, Diogo Mainardi, que coordena o site *O Antagonista*, chamado de “brilhante e bravo”⁷⁸ por Olavo de Carvalho; a ex-apresentadora da TV *Veja*, Joice Hasselmann, que o entrevistou em seu programa; o cantor, compositor e colunista Lobão, que dedicou a Olavo o primeiro capítulo de seu livro *Em busca do rigor e da misericórdia*: “é natural especular sobre a improbabilidade do encontro entre um roqueiro tido como doidão e Olavo de Carvalho dar certo. Porém, [...] percebi que falava com alguém doce, afetuoso, atencioso, engraçadíssimo e, como já sabia, absolutamente brilhante”.⁷⁹ Já o colunista Felipe Moura Brasil é seguidor devoto de Olavo e organizador da coletânea *O mínimo que você precisa saber para não ser um idiota*.

Se as universidades formam habitantes de cada departamento, Olavo orienta você a ser um habitante da cultura. Se as escolas fabricam um exército de militantes, Olavo indica o caminho para voltar a ser gente, de preferência madura. Se a mídia encobre a realidade com eufemismos, Olavo alfabetiza você de novo, chamando as coisas pelo nome, doa a quem doer. Se o empresariado dá provas de ódio ao conhecimento, Olavo dá receitas de como alcançá-lo, inculcando ao mesmo tempo este desejo. (BRASIL, 2013, p. 18).

Talvez os dois colunistas que mereçam maior destaque sejam Reinaldo Azevedo e Rodrigo Constantino. Reinaldo Azevedo é jornalista político autodefinido como liberal de princípios morais conservadores, antagonista constante do governo petista em suas colunas na *Veja* e no livro *O país dos petralhas*. Trabalhou junto com Olavo de Carvalho quando foi editor da revista *Bravo!*. É um dos seguidores que faz críticas às abordagens do autor: “concordo com muita coisa que ele [Olavo] escreve, temos discordâncias [...] a gente não é uma igreja, não pensa como ordem unida”.⁸⁰ Uma das fontes de discordância entre eles é a

⁷⁷ cbn.globoradio.globo.com/home/HOME.htm Acesso em 05 de dezembro de 2015.

⁷⁸ <http://www.olavodecarvalho.org/semana/130731dc.html>

⁷⁹ <http://blogs.oglobo.globo.com/lauro-jardim/post/lobao-homenageia-olavo-de-carvalho-e-bate-em-medalhoes-da-mpb-em-novo-livro.html>

⁸⁰ <https://www.youtube.com/watch?v=Jyx5NRiLs5Y> Acesso em 05 de dezembro de 2015.

forma de oposição ao PT, tendo em vista que Olavo criticou Reinaldo por ignorar o totalitarismo do partido: “um recado ao Reinaldo de Azevedo: você está preocupado em preservar a democracia. Pare com isso. Você sabe que essa democracia não existe há muitos anos. Nós estamos sob um regime de controle total de todos os canais de ação possíveis”⁸¹. Outro racha entre eles foi acerca das ofensas de Jair Bolsonaro (PP-RJ) contra Maria do Rosário (PT-RS) nos corredores do Congresso Nacional, quando o deputado disse que “não estuprava você porque você não merece”.⁸² Antes mesmo do fato, Reinaldo Azevedo já havia se mostrado crítico de Bolsonaro:

Este senhor brutaliza qualquer debate. Tem o dom especial de transformar em lixo autoritário teses que podem até estar corretas na essência. Faltam-lhe preparo intelectual, estudo, talento, tolerância e espírito democrático. Engana-se quem acha que ele é direitista. Ele só é abobalhado (AZEVEDO, 2011)⁸³

Em relação ao episódio envolvendo Bolsonaro e Rosário, Reinaldo afirmou: “é chegada a hora de dar um ‘Basta!’ às boçalidades de Bolsonaro”,⁸⁴ considerando que o parlamentar valoriza e faz apologia à violência. Em resposta, Olavo diz que não é seguidor de Bolsonaro, mas que as críticas de Azevedo são indefensáveis, seguindo a linha da esquerda politicamente correta: “Sob qualquer ângulo que se examine, a investida geral da mídia contra o sr. Bolsonaro está acobertando a conduta criminosa da sra. Maria do Rosário e falsificando a realidade do que se passou”.

A maior divergência se dá entre Olavo e Rodrigo Constantino, representando os pontos de afastamentos ideológicos entre conservadores e liberais. Constantino é economista, presidente do Instituto Liberal e um dos fundadores do Instituto Millenium. Escreveu para Mídia sem Máscara (coordenado por Olavo), Valor Econômico, O Globo e Veja (demitido desta em 2015). Entre seus livros, publicou Liberal com Orgulho, em 2011, e Esquerda caviar: a hipocrisia dos artistas e intelectuais progressistas no Brasil e no mundo, em 2013. O racha entre eles aconteceu em 2007 por meio de textos em seus sites e discussões relacionadas à religião e ao cristianismo em fóruns do Orkut. Olavo publicou uma série de seis artigos desconstruindo Constantino, intitulados “Rodericus Constantinus Grammaticus, o anti-estudante ou: O Homem do Mim”:

⁸¹ <https://www.youtube.com/watch?v=iLMnkcqeX0M> Acesso em 05 de dezembro de 2015.

⁸² <http://www1.folha.uol.com.br/poder/2014/12/1559815-para-rebater-deputada-bolsonaro-diz-que-nao-a-estupraria.shtml>

⁸³ <http://veja.abril.com.br/blog/reinaldo/geral/elenaodireitistanaoeleeumabobalhadoeasesquerdasadoramtelocomoadversario/>

⁸⁴ <http://veja.abril.com.br/blog/reinaldo/geral/e-chegada-a-hora-de-dar-um-basta-as-bocalidades-de-bolsonaro-hoje-o-mais-importante-aliado-da-esquerda-bocal-ambos-se-alimentam-e-se-merecem/>

Humilhado e enraivecido, ele agora apela ao expediente supremamente calhorda de fingir que não argumentei contra suas asneiras presunçosas, mas contra ‘a ciência’. Em matéria de disfarce, o sr. Constantino não é um lobo em pele de cordeiro. É um mico em pele de jumento.⁸⁵

Em uma das respostas do embate que durou anos, Constantino escreveu “O desespero de Olavo”⁸⁶:

Olavo criou uma seita, explorando o desespero dos outros, tal como Bispo Macedo fez. Vaidoso, ele busca puxa-sacos que não questionam, mas apenas aplaudem como focas. A falta de argumentos é diretamente proporcional aos elogios feitos ao "mestre". [...] Mas, uma vez desmascarado, entrou em desespero. A ameaça de processo foi a gota d’água, o ato desesperado de alguém que sabe não ter mais argumentos para rebater as críticas que recebe (CONSTANTINO, 2008).

Contudo, mais recentemente, Constantino buscou se reaproximar de Olavo a fim de reunir os antipetistas contra Dilma Rousseff. Chegou a indicar seu livro em coluna na Revista Veja e participaram de um *hangout* juntos, encontro por videoconferência na internet. No texto, “Não seja um idiota: leia o livro de Olavo de Carvalho”⁸⁷, Constantino escreve:

Olavo tem muitas qualidades, não resta dúvida. Li vários de seus artigos no passado, e gostei da imensa maioria (mesmo quando discordava da conclusão). Seu conhecimento, sua cultura e até seu estilo (à exceção do programa semanal de “talk show” que tinha) são notáveis, sou obrigado a reconhecer. Se é a ocasião que me leva a superar as barreiras pessoais (sou uma “paródia” dele, segundo o próprio), pois o país vive uma fase delicada onde nossas liberdades jamais estiveram tão ameaçadas pelos inimigos e táticas que Olavo denuncia (CONSTANTINO, 2013).

Um último ponto da relação de Olavo de Carvalho com seus seguidores é relacionado aos grupos que convocaram os protestos por impeachment em 2015. Olavo se manifestou em favor dos protestos, mas acredita que sua eficácia seja reduzida caso não foque no Foro de São Paulo, na extinção do PT e na prisão de Lula. Contudo, ele fez duras críticas a líderes dos movimentos. O líder do Vem pra Rua, Rogerio Chequer, foi hostilizado pela falta de contundência de seu grupo no combate dos esquemas denunciados por Olavo. O filósofo foi mais agressivo contra o Movimento Brasil Livre (MBL), seu líder, Fábio Ostermann, e porta-voz, Kim Kataguirí. Para ele, o MBL prega um impeachment de esquerda, porque não questiona ou desafia a hegemonia esquerdista e transferiu o protagonismo do protesto do povo para a classe política por meio da Marcha para Brasília.⁸⁸

Se nós pegarmos os agentes que criaram esta situação, como por exemplo o professor Fábio Ostermann e outros. Não vou nem falar de Kim. Esqueça isso. Esse

⁸⁵ <http://www.olavodecarvalho.org/textos/mico.html>

⁸⁶ <http://rodrigoconstantino.blogspot.com.br/2008/02/o-desespero-de-olavo.html>

⁸⁷ <http://veja.abril.com.br/blog/rodrigoconstantino/democracia/naosejaumidiotaleiaolivrodeolavodecarvalho/>

⁸⁸ Marcha de São Paulo a Brasília dos integrantes do Movimento Brasil Livre em abril para protocolar um pedido de impeachment.

é um mosquito. Eu no começo pedi para que não falassem mal do Kim, embora ele estivesse errado, defendi o rapaz. Mas, assim, é caridade o que eu estou fazendo. Apenas isso [...] Eu dei uma esmolinha para o Kim e ele começou a achar que era importante. Vamos esquecer o Kim. Vamos concentrar em quem dê um pouco mais de autoridade ao MBL, como o chefe Fábio Ostermann. Este homem está capacitado para fazer uma análise política? Obviamente, não⁸⁹.

Contudo, Olavo se mostra mais brando com relação ao Revoltados Online. São raras as menções sobre o grupo de Marcello Reis, possivelmente por ser o mais contundente na denúncia do Foro de São Paulo e com ação mais radicalizada. Em julho de 2015, houve um *hangout* que reuniu Beatriz Kicis e Marcello Reis do Revoltados Online, Jair Bolsonaro, Bolsonaro Zuero e Olavo de Carvalho, o que eles chamaram de Panela da Direita⁹⁰.



Figura 17 Olavo de Carvalho e Beatriz Kicis do Revoltados Online⁹¹

Olavo de Carvalho pode ser considerado a principal referência da Rede Antipetista. Primeiramente, há uma concentração estrutural, na medida em que sua página possui o maior grau de entrada, ou seja, é a que possui mais seguidores antipetistas. Além disso, a #OlavotemRazão aponta para sua função como pensador do conjunto de atores. Diversas postagens, textos e vídeos compartilhados pelos canais são fundamentados nos ensinamentos de Olavo e repercutem suas ideias. Obviamente, também há cisões e desentendimentos entre

⁸⁹ Fala de Olavo de Carvalho em seu talk show. Acesso em 05 de dezembro de 2015.

<https://www.youtube.com/watch?v=iYIAqp551g8>

⁹⁰ <https://www.youtube.com/watch?v=Rr6OdEhphAg>

os antipetistas. Mais à frente, iremos demonstrar a constelação de agentes que são citados e são fontes da rede. Algumas facções internas, representadas pelos *clusters*, discutem suas ideias. Parte dos liberais, por exemplo, são críticos ao estilo dogmático de Olavo. Outros questionam a validade de suas teses sobre o totalitarismo de esquerda no Brasil. Ainda assim, os fundamentos elementares do antipetismo – antipartidarismo, antiesquerdismo e antiestablishment – são relacionados aos seus textos.

4.2.2 Canal da Direita – uma construção ideológica

Grande parte da Rede Antipetista é composta por canais de disseminação de mensagens curtas e memes que repercutem as ideias de Olavo e seus seguidores. Um deles é o Canal da Direita, a maior *fan-page* do Facebook de conteúdo gerado por usuários autodefinida no eixo ideológico como de direita. Isso pode ser notado logo nas frases de descrição: “Sim, somos reacionários; nossa reação é contra tudo que não presta” e “O Brasil não será uma nova Cuba”. O Canal da Direita cumpre função de produzir conteúdo de referência ao campo ideológico contemporâneo de direita, mesclando sátira e opinião. É um dos muitos agentes anônimos de disseminação do discurso de direita nas mídias sociais, representando diversos traços pontuados nos capítulos anteriores, como anticomunismo, antiesquerdismo, nacionalismo, exaltação dos militares, conservadorismo sociocultural e antagonismo às políticas de justiça social do governo federal petista, como o Bolsa Família e o Mais Médicos. A *fan-page* circula informações sobre Foro de São Paulo, a ilegalidade do PT e a ditadura comunista do Brasil. Ela passou de 114.636 seguidores para 145.170, variação de 123% durante a eleição. Também possui um canal no Youtube⁹² com mais de 60 mil seguidores.

⁹¹ Vídeo do Revoltados Online acesso em 05 de dezembro de 2015:
<https://www.facebook.com/revoltadosonline/videos/1280015352025014/>

⁹² <https://www.youtube.com/user/Anonyvox/videos>



Figura 18 Capa e descrição da página Canal da Direita

O Canal da Direita é um espaço de comentário político que constrói um posicionamento político de direita alinhado ao que chamamos de tríade do antipetismo. Durante a campanha, não encontramos na página apoio a partidos políticos deste lastro ideológico, como o PP ou o DEM. Em geral, a ação de suporte e campanha positiva se limitou ao vínculo personalista com políticos da família Bolsonaro. Ainda assim, posicionou-se a favor de Aécio Neves momentaneamente na reta final do pleito, inclusive pedindo votos a seus seguidores. No entanto, para além das estratégias relacionadas à competição eleitoral, percebemos que as pautas do Canal da Direita extrapolavam o conteúdo programático de Aécio Neves.

Boa parte desta retórica, como mostra a própria capa da *fan-page*, remete ao discurso anticomunista da década de 1960. Porém, há novos elementos que são situados pela conjuntura política externa contemporânea. A *fan-page* enfatiza o domínio das doutrinas comunistas, socialistas e bolivarianas na América Latina. Uma de suas postagens traz a mensagem: “América Latina vermelha, de cabeça para baixo. A ‘Pátria Grande’, nome dado pelos ditadores latino-americanos para um espelho do que foi a União Soviética”.⁹³ Esta construção de um quadro analítico de direita referenciado pela virada à esquerda na América Latina aponta para o papel da ideologia como condicionante da ação comunicativa de agentes anônimos nas mídias sociais, ainda que sejam referências hiperbólicas, exageradas e com inclinação conspiratória. Nesse sentido, um termo central para elucidar o antagonismo de direita do antipetismo é o bolivarianismo, entendido como um projeto integrado de poder das esquerdas da América Latina, comandado por Argentina, Brasil, Bolívia e Venezuela, com a aproximação de Cuba por meio do Foro de São Paulo.

⁹³<https://www.facebook.com/CanalDaDireita/photos/a.268763386601533.1073741828.262104660600739/544318179046051/?type=3>



Figura 19 Postagem Canal da Direita

Além disso, é notável o posicionamento do Canal da Direita de naturalização das desigualdades socioeconômicas. Este é um ponto que, em geral, permeia grande parte do discurso antipetista, ou seja, uma retórica que evita ou minora o favorecimento histórico das classes dominantes e apaga as práticas de discriminação, preconceito e luta de classes. Estes quadros analíticos são interpretados como produções do discurso de esquerda, contrário aos ideais nacionais de integração e de igualdade. Interessante que, segundo a perspectiva do antipetismo, este argumento é acionado de forma relativista, na medida em que defende a autonomia do nordestino, desde que seja consciente e vote contra o PT. Caso contrário, os eleitores nordestinos são enquadrados como cúmplices, aproveitadores, preguiçosos e cooptados pelos programas petistas. Uma de suas postagens elucida como é criado o quadro interpretativo que sugere que a esquerda tenha produzido discursivamente as desigualdades e conflitos de classe, raça e gênero:

A esquerda fomenta o ódio. É o seu modo de agir. Não é de hoje que Lula e o PT promovem a animosidade entre Ricos x Pobre, Homo x Héteros, Mulheres x Homens, Negros x Brancos, etc.... Agora assistimos a essa nojenta tentativa de fecundar o conflito Nordeste x Sudeste, como se existissem "dois Brasis" inimigos. Foi o próprio PT que, por intermédio de políticas populistas e uma poderosa máquina de produção de mentiras e difamações, covardemente capturou o imaginário do sertanejo mais humilde (e forte) e desmantelou sua capacidade de iniciativa. O Nordeste é grande e rico sob todos os aspectos, principalmente o cultural. Faço votos de que o nosso querido povo nordestino se liberte da armadilha

petista que tanto o humilha e diminui. O Nordeste é maior que o PT. O Nordeste merece mais que o PT⁹⁴

A *fan-page*, portanto, ocupa espaço de comentário político a partir de um lugar de fala anônimo, mas que é autodenominado de direita. Assim como as demais páginas, segue diversos pensamentos e interpretações da conjuntura nacional e internacional a partir das falas e ensinamentos de Olavo de Carvalho. Seu antagonismo faz parte de uma composição ideológica ampla, contrária aos governos de esquerda na América Latina, como mostram as citações à Argentina, Bolívia e Venezuela.

4.2.3 Revoltados Online – ação passional nas ruas

Criado em 2004 e presente nas mídias sociais a partir de 2010, o Revoltados Online se aproxima de um modelo peculiar de protomovimento social⁹⁵ – considerando que foi um dos principais agentes que convocaram os protestos pelo impeachment. O movimento cumpre a função afetiva e, até mesmo, fundamentalista da Rede Antipetista, radicalizando o antipetismo nas ruas. Segue os escritos e teorias de Olavo de Carvalho como dogmas que fundamentam grande parte das publicações. Um dos motes do grupo é a “luta do bem contra o mal”, resgatando o discurso moralizador da política por via do molde antipetista.

O Revoltados Online recebeu atenção da mídia tradicional e da imprensa de esquerda, sobretudo a Blogosfera Progressista, por seus atos radicais contra o governo federal. Esta visibilidade foi adquirida, em parte, pelas ações hostis durante e depois da eleição, atraindo atenção da mídia e fazendo o canal crescer de 109.755 para 303.549 curtidas totais. O último registro realizado, em novembro de 2015, mostra que a página já havia superado 1,1 milhões de seguidores, mais expressiva nesta métrica do que a soma dos dois outros principais grupos que convocaram os protestos pelo impeachment, Vem Pra Rua

⁹⁴ Texto compartilhado pelo Canal da Direita e atribuído a Rodrigo Mezzomo, candidato a deputado federal no Rio de Janeiro pelo PSDB e colunista do Instituto Liberal e do Instituto Millenium.

⁹⁵ Não é objetivo deste trabalho discutir uma tipologia acerca da classificação dos movimentos antipetistas. Acreditamos que a diversidade de suas estruturas organizacionais e repertórios de atuação suscitam desafios de suma importância para estudos posteriores. Apontamos que os elementos encontrados nesta dissertação embasam um entendimento de que eles se afastam de características da literatura tradicional e recente acerca de movimentos sociais, aproximando-se de estruturas personalizadas, centralizadas e sem transparência que convocam protestos e utilizam ferramentas digitais para produzir e circular conteúdo radical, mobilizar seu público e captar fundos. Contudo, pouco se sabe sobre suas relações com instituições políticas tradicionais, principalmente com a oposição e empresários.

(682.059) e Movimento Brasil Livre (243.580). Possuem página no Facebook⁹⁶, Twitter⁹⁷, Youtube⁹⁸ e blog.⁹⁹



Figura 20 Postagem do Revoltados Online

O líder do Revoltados Online, Marcello Reis, é um empresário demitido de agência de publicidade que se dedicou à militância antipetista mais feroz na internet, inclusive pedindo intervenção militar: “Desde junho de 2013, ele e seus aliados defendem o impeachment sob a alegação de que governo deve ser responsabilizado pelo ‘crime de responsabilidade lesa pátria’ por repassar, sob segredo de justiça, verbas a países africanos e Cuba”.¹⁰⁰ Além de Marcello Reis, a advogada Beatriz Kicis é outra liderança do grupo. Todavia, há poucas fontes confiáveis sobre a organização e estrutura do movimento. Grande parte delas é proveniente de blogs de esquerda que garimpam informações em protestos e nas mídias sociais¹⁰¹. Assim, não há transparência sobre formação, histórico, quem são seus

⁹⁶ <https://www.facebook.com/revoltadosonline>

⁹⁷ <http://twitter.com/revoltadoonline>

⁹⁸ <https://www.youtube.com/user/revoltadosonline>

⁹⁹ <http://revoltadosonline.blogspot.com.br/>

¹⁰⁰ <http://veja.abril.com.br/noticia/brasil/quais-sao-e-como-pensam-os-movimentos-que-vaio-para-a-rua-contradilma-no-domingo/>

¹⁰¹ <http://limpinhoecheiroso.com/2013/02/08/saiba-quem-sao-os-nazifascistas-do-grupo-revoltados-on-line/>

organizadores e qual é a fonte de financiamento. Em entrevistas, Marcello se limita a declarar que o Revoltados Online é mantido pela venda de camisetas, adesivos, bonés e brindes, além de doações de apoiadores anônimos. Chegaram a vender camisetas a R\$ 99 reais, kits por 195 reais e adesivos a 3,50.¹⁰² Em seu website, as abas “Quem Somos” e “Apoiadores” não funcionam.

Em entrevista ao portal IG, Marcello deu algumas pistas sobre as lideranças do Revoltados Online: “Para se tornar coordenador do grupo são necessárias três características primordiais: naturalmente, ter como objetivo a derrubada da chefe do Executivo; não ser filiado a nenhum partido político, já que o movimento se define como apartidário; e, por fim, seguir o cristianismo”.¹⁰³ Nota-se que é parte primordial da estratégia de apresentação e de credibilidade dos revoltados enfatizar a distância a partidos e à política institucional. Por isso, mantém relações ambivalentes com partidos como o PSDB e o DEM, sendo que apoiaram Aécio Neves contra Dilma, mas criticaram sua postura não tão incisiva em relação ao impedimento do mandato da petista: “Dá vontade de vomitar. Ou é quente ou é frio. Morno, não dá. A gente não aguenta mais. Ele tem que tomar um posicionamento com rigidez. [...] Tenho certeza que a população brasileira deve estar envergonhada”.¹⁰⁴

Dentre os canais da Rede Antipetista, o Revoltados Online é o mais engajado na luta contra o PT via organização de protestos e pressão junto ao Congresso Nacional. Seguindo o pensamento de Olavo, as principais pautas do Revoltados Online são: o impeachment de Dilma Rousseff – eles se afastaram dos movimentos intervencionistas a partir de 2015 – além da extinção total do PT, o combate às ideologias de esquerda e a eliminação da corrupção na política brasileira. Segundo Marcello, “Quem educa é pai e mãe e, a partir do momento em que governantes começam a interferir na educação dos lares, já podemos dizer que estamos em uma ditadura comunista”.¹⁰⁵ O cristianismo é traço fundamental do Revoltados Online e influencia na tomada de posições políticas, na medida em que consideram sua atuação como uma “guerra do bem contra o mal”, em defesa da nação, da moral, da família e das tradições conservadoras.

4.2.4 Bolsonaro Zuero – a versão troll do antipetismo

¹⁰² http://brasil.elpais.com/brasil/2015/02/20/politica/1424462061_394158.html

¹⁰³ <http://ultimosegundo.ig.com.br/politica/2015-04-01/grupo-anti-dilma-so-permite-cristaos-na-lideranca-do-movimento.html>

¹⁰⁴ <http://www.revistaforum.com.br/blog/2015/05/em-brasilia-mbl-e-revoltados-online-voltam-a-atacar-aecio-sem-personalidade/>

¹⁰⁵ Marcello Reis em declaração para o IG.

A Bolsonaro Zuero 3.0¹⁰⁶ é a principal página no Facebook de fãs do deputado federal, Jair Messias Bolsonaro (PP-RJ). Da amostra, é a que cumpre função mais enfaticamente marcada pelos recursos estilísticos do humor, ironia, escárnio e exaltação. Também é a representante mais popular entre o *cluster* Troll, ou seja, nós de inclinação antipetista de direita ou conservadores que acionam retórica do humor, ironia ou escárnio em suas publicações. Um exemplo deste foco expressivo humorístico é o número 3.0 presente junto ao nome, um indicativo de quantas vezes o canal foi recriado após ter sido bloqueado por transgredir as políticas de conduta do Facebook. Esta é uma prática recorrente entre um grande conjunto de páginas de comunicação política, que convocam seus seguidores a atacar comunidades rivais com pedidos de suspensão da conta. A própria capa da Bolsonaro Zuero é uma homenagem a Bolsonaro, retratado com adoração como BolsoMito, e a presença do “selo antipedas Fluminense”¹⁰⁷. A curta descrição “pagina com conteudo de zuera pura zuasao” indica o tom do conteúdo do canal durante a eleição, composto de publicações humorísticas contra Dilma Rousseff e exaltação da família Bolsonaro, inclusive lançando a campanha #BolsoMitoPresidente2018. O canal dobrou o número de seguidores no período eleitoral, passando de 111.077 curtidas para 221.390. Não há informação sobre quem gerencia a Bolsonaro Zuero no Facebook, considerando que também há uma conta no Twitter¹⁰⁸ e no Youtube¹⁰⁹.



Figura 21 Capa e descrição da página Bolsonaro Zuero

¹⁰⁶ https://www.facebook.com/bolsonarozuero3.0/info?tab=page_info

¹⁰⁷ Referência a um elemento específico, reconhecido entre fãs de futebol, sobre a reversão na instância jurídica dos rebaixamentos do Fluminense, famoso “tapetão”.

¹⁰⁸ twitter.com/bolsonarozuero

¹⁰⁹ https://www.youtube.com/channel/UC5rNj1-jpQeylsr4KdYo_FA

Há dois personagens principais na *fan-page*: Jair Bolsonaro e Jean Wyllys. Bolsonaro é apresentado como um *outsider* de direita, reserva moral da política brasileira e líder a ser cultuado, inclusive com pedidos para que seja candidato a presidente em 2018. Páginas como Bolsonaro Zuero e Canal da Direita foram as mais ativas na exaltação da imagem do deputado federal, uma das poucas lideranças que goza de consenso na Rede Antipetista, inclusive recebendo apoio de Olavo de Carvalho. Por outro lado, a cobertura sobre Jean Wyllys é diametralmente oposta, considerando que ele é perseguido e assediado agressivamente por seu posicionamento em favor das minorias de gênero. O deputado psolista é alvo de constantes xingamentos e acusações sobre supostos projetos de cunho fundamentalista. Percebemos que a Rede Antipetista possui espaços de construção diádica e maniqueísta do mundo político, resumindo os posicionamentos em dois polos extremos e rivais na luta do bem contra o mal. Esse fenômeno aponta para o papel da ideologia na disputa agonística entre adversários nas mídias sociais, pois grupos com forte enviesamento político-ideológico tendem a se envolver em disputas orientadas por eixos polarizados entre apropriações livres dos conceitos de esquerda e direita.



Figura 22 Assédio contra Jean Wyllys, pagina Movimento Brasil Consciente; e culto a Jair Bolsonaro, página Fora PT

Um dos temas mais presentes no canal é relativo à “ideologia gayzista”, ou seja, o argumento de que o governo, a imprensa, a universidade e os movimentos sociais impõem um sistema de pensamento contrário à família tradicional. Os beijos entre casais de mesmo sexo exibidos em novelas da TV Globo são acusados de servir a um esquema nacional de destruição dos valores e da moral conservadora: “É tanto gayzismo nas novelas, nos programas de TV, na política, no esporte, que eu tô achando que tem um surto maior do que o

de Ebola. É o surto de Érola”¹¹⁰. Segundo a retórica de Bolsonaro Zuero, Jean Wyllys possui representação parlamentar para criar instrumentos legais contrários aos héteros. Por isso, diversas publicações se dirigem à difamação e ridicularização de Wyllys, são inseridas em quadro de referência mais amplo contra a esquerda. A ideia é que os preconceitos, a desigualdade e a luta de classes são produzidos artificialmente e estimulados pela esquerda como método para dividir a nação e capitalizar politicamente.

Outros pontos na agenda da Bolsonaro Zuero durante a eleição foram: a redução da maioria penal, os direitos humanos e a pena de morte. Nesses temas, o canal segue fielmente diversas falas de Bolsonaro em favor do recrudescimento dos mecanismos institucionais de repressão do estado, expressos na famosa máxima: “bandido bom é bandido morto”. Assim, de acordo com a página, os direitos humanos são retratados como uma série de medidas de esquerda elaboradas para proteger criminosos que atentam contra a segurança da família e do cidadão de bem. É uma construção maniqueísta e conservadora da sociedade que contrapõe um virtuoso “nós”, contra os transgressores “outros”.

Legal essa esquerda brasileira: Critica o sistema carcerário por não devolver adequadamente o bandido à sociedade mas vai votar na continuação da gestão atual. Aí critica o Regime Militar, que teve o melhor sistema de ressocialização de vagabundos, dando a oportunidade de vários bandidos se tornarem figuras importantes na sociedade, como: Genoíno, Dilma, Dirceu, Lula.¹¹¹

O chororô da esquerda diante da primeira queda do decreto bolivariano já está maior do que a tristeza que reinou em meu coração na noite de domingo. É incrível como são histéricos, e como eu amo tudo isso! Minha vida voltou ao normal. A esquerda mal ganhou e já voltou a chorar, e vai chorar mais ainda. A oposição está se levantando, dessa vez é de verdade, viemos para ficar!¹¹²

A Bolsonaro Zuero é a representante do estilo expressivo humorístico do antipetismo. Por meio da ironia e do *trolling*, ela lança diversos marcadores ideológicos que compõem o pano de fundo da Rede Antipetista. Isso fica claro na composição diádica e maniqueísta de mundo que contrapõe Jair Bolsonaro e Jean Wyllys. Bolsonaro é cultuado tanto pelo seu posicionamento político, quanto pelo enfrentamento frequente contra a esquerda. O canal reúne centenas de milhares de seguidores que se comportam como fãs do deputado federal, exaltando de modo entusiasmado suas declarações. Por outro lado, fazem perseguição hostil e intolerante contra Wyllys, um contraponto de esquerda que faz referência a modelos de valores e parâmetros socioculturais que vão de encontro à agenda do antipetismo.

¹¹⁰ <https://www.facebook.com/751020531581260/posts/935679493115362>

¹¹¹ <https://www.facebook.com/751020531581260/posts/960749860608325>

4.2.5 TV Revolta – a máquina de guerra

A TV Revolta pode ser retratada como uma máquina de guerra montada para destruir a imagem de seus oponentes. Alcançando variações sem precedentes entre março e abril de 2014 (mais robusta, inclusive, do que Dilma e Aécio), o canal criado por João Vitor de Almeida Lima passou por processo de estagnação e retrocesso nos meses seguintes. Ainda assim, foi a *fan-page* com maior número de postagens, com 7.615 publicações entre setembro e outubro. Em comparação, a Revoltados Online, segunda em quantidade de publicações, realizou 1.195. O acompanhamento realizado entre março e novembro de 2014 indica que a TV Revolta foi planejada como uma máquina de guerrilha contra a candidatura petista, com a função de espalhar rumores, xingamentos e conteúdos raivosos contra Dilma e Lula.

Um conjunto de dados que nos ajuda a compreender a queda no alcance da TV Revolta é a diferença de seguidores de cada canal, visualizado na Figura 23. Para isso, registramos o número total de curtidas em dois momentos: antes da corrida eleitoral (27 de Julho) e depois (31 de Outubro), a fim de compreender a variação durante o pleito. Há uma curva fora do padrão da TV Revolta, com algo em torno de 3,6 milhões de seguidores. Interessante notar que, como exploramos no Capítulo 1, há um crescimento desproporcional do canal entre abril e maio, com 1,5 milhões de novas curtidas. Contudo, embora a TV Revolta tenha sido a página mais ativa em número de postagens, foi a única a representar um decréscimo de público (descurtidas) durante a eleição. Este número caiu para 3,4 milhões em medição realizada em novembro de 2015. As demais *fan-pages* apresentaram tendência oposta, com aumento substancial de seguidores e de engajamento no período, chegando a quase triplicar o número total de curtidas.

¹¹² <https://www.facebook.com/751020531581260/posts/965349106815067>



Figura 23 Variação de Curtidas

Dentro da conjuntura estratégica de comunicação eleitoral digital, ela assumiu a função de dar vazão aos ataques mais agressivos contra o PT, sem defender nenhum outro candidato. Assim, não poderia ser diretamente ligada a um posicionamento político peessedebista, por exemplo, livrando a oposição dos ônus da propaganda negativa. Seu desempenho numérico sugere a organização de uma grande equipe de produção ou robôs automatizados, considerando que, em momentos de pico, havia postagens de cinco em cinco minutos, geralmente uma imagem e a frase “Curta a TV Revolta”. O personagem principal, João Revolta, protagonizou vídeos em que destila mensagem revoltosas contra os políticos em geral e o PT em particular. A linguagem simula uma versão ainda mais extrema dos programas policiais populares/sensacionalistas de televisão, explorando o baixo custo de responsabilidade legal que a divulgação anônima oferece. Possui Facebook¹¹³, site¹¹⁴ e Youtube¹¹⁵.

¹¹³ <https://www.facebook.com/tvrevolta>

¹¹⁴ <http://www.tvrevolta.com.br/>

¹¹⁵ <https://www.youtube.com/user/canaltvrevolta>



Figura 24 João Revolta, reprodução Youtube

A TV Revolta é um marco que aponta para a complexificação da pesquisa em comunicação eleitoral digital. Entre todos os canais mapeados há poucas informações sobre autoria e financiamento. Ainda assim, é a *fan-page* com maior alcance que representa parte da estratégia de multiplicação de robôs, perfis falsos e bolhas criadas por agências de publicidade para aquecer os debates nas mídias sociais e criar um exército de disseminação de rumores e propaganda negativa. Reportagem da Agência Pública sobre o tema assinala que: “Depois de uma campanha agressiva, marcada pelo uso de robôs, perfis *fake* e fabricação indiscriminada de boatos por todos os lados, o debate que hoje domina as redes segue o mesmo padrão virulento, chegando até, por vezes, ao discurso do ódio”.¹¹⁶ Por isso, pesquisadores devem redobrar a atenção sobre a organicidade dos discursos de blogueiros que circulam nas mídias sociais e as práticas de mobilização de redes falsas ou compradas, utilizadas pelos comitês de campanhas e agências de marketing político. Distinguir militantes treinados pelas centrais partidárias, comentaristas políticos e movimentos sociais, de robôs (automatizados ou não) e do *astroturfing*¹¹⁷ será um grande desafio.

4.3 Análise de estruturas relacionais associativas

Além da descrição das características gerais dos atores, é interessante elucidar com quem e como eles se relacionam. Para isso, utilizamos três técnicas: análise de

¹¹⁶ <http://apublica.org/2015/06/adireitaabracaarede/>

¹¹⁷ Fenômeno de mobilização de redes falsas, não orgânicas e automatizadas. Refere-se à metáfora da diferença entre grama natural e sintética, considerando movimentos de base enraizados (*grassroots*) e artificiais (*astroturf*).

Além do envolvimento com outras páginas, interessa-nos saber quais são as principais fontes de informação da Rede Antipetista. Para isso, criamos uma rede com as ligações entre os canais e os links presentes em suas postagens, representada na Figura 25. Grosso modo, os links são utilizados como base para disparar ataques ou reforçar algum argumento que se aproxima do enquadramento de crise nacional. O estudo dos links sugere pistas relevantes acerca de quais são as fontes de informação dos antipetistas. Os achados ratificam a heterogeneidade dos cinco atores estudados nessa seção, tendo em vista que a rede de links não apresenta uma estrutura centralizada. Como elaboramos no capítulo 3, o antipartidarismo pode assumir diversas funções, inclusive, indo além de sua característica primordial: a negação do partido ou do sistema partidário. O padrão de conexões revelado nos permite argumentar que a rede de links reforça a ideia de que há, ao menos, dois estilos de oposição antipetista: uma mais tradicional, que se utiliza de notícias da imprensa tradicional que retratam informações negativas – recurso muito utilizado em propagandas televisivas – e o antipetismo radical, que rompe com as instituições tradicionais, em busca de fontes alternativas que desafiam o *establishment*. Tendo isso em mente, a imagem evidencia que Folha Política e Política na Rede são os sites mais citados. Uma breve análise destas páginas indica que são centrais de divulgação de boatos, com a função de repositórios de links antipetistas focados em espalhar rumores e propaganda negativa de cunho sensacionalista e apelativo. Os nós periféricos indicam que cada página formou seu próprio reduto de fontes, alternando entre veículos tradicionais como Folha de São Paulo, Estadão, Terra, Uol, Exame e G1; e alternativos, como Moralidade Brasil, Revolta Brasil, Implicante, Portal Correio e Turma do Chapeu. Apesar de não ser tão citada quanto a Folha Política, a Revista Veja assume a posição mais central no grafo, evidenciando que suas notícias transitam entre todos os canais.

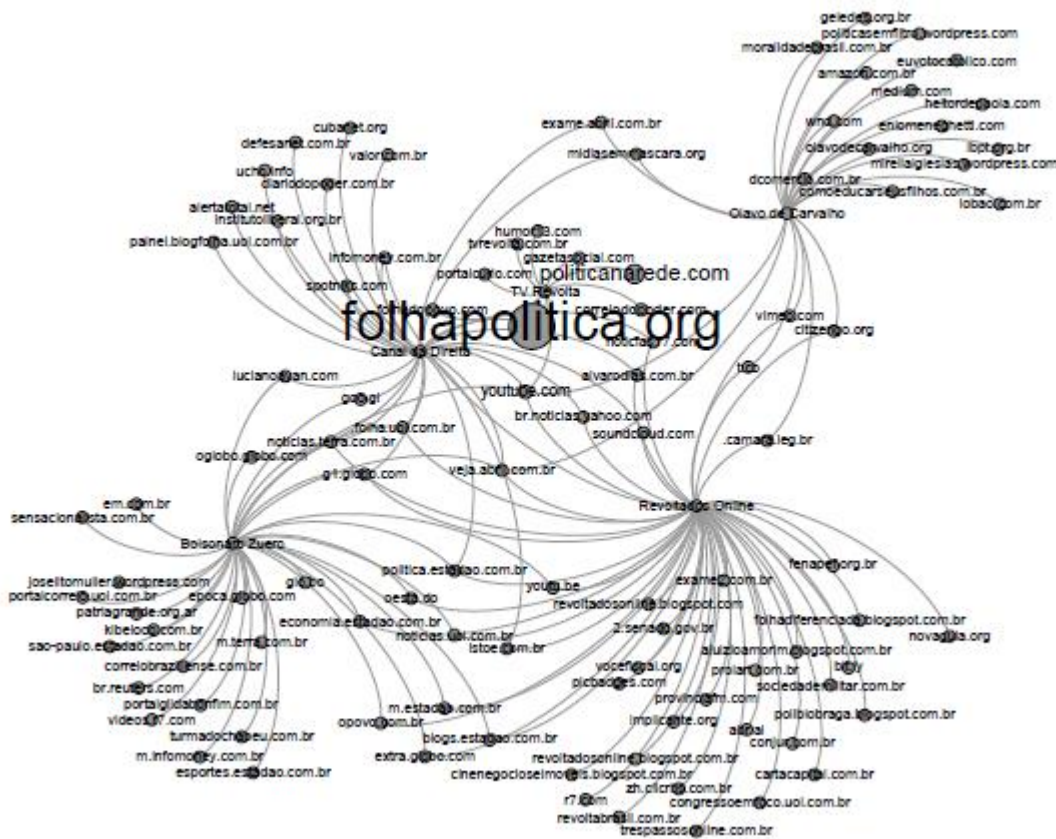


Figura 26 Rede de Links

O último ponto de análise foi criar ligações entre as páginas a partir das *hashtags* utilizadas. Recuero e colegas (2015) defendem que as *hashtags* assumem diversas funções comunicativas em contextos políticos, como mobilização, motivação, localização, direcionamento da audiência, reforço, reivindicação e interpretação. “O uso de *hashtags* é uma importante forma de ativismo político e mobilização por diferentes audiências e narrativas” (RECUERO *et al.*, 2015, p. 12). Estudando o uso de *hashtags* políticas por usuários canadenses, Small (2011) sugere que são instrumentos de expressão política online, com categorias como informação, comentário, conversação, atualização e relato. Tendo isso em mente, registramos manualmente todas as *hashtags* e geramos uma rede de utilização das *tags* por canais, representada na Figura 27:

do PT uma extensa gama de insatisfações e ressentimentos com o sistema político nacional e internacional. Pretendemos retomar aquelas discussões e demonstrar como a tríade do antipetismo foi acionada pelos agentes analisados da Rede Antipetista. O propósito é compreender pontos emergentes da campanha antipetista que entrelaçam as três categorias trabalhadas. A análise elucida que os elementos antipartidarismo, antiesquerdismo e antiestablishment estão conectados por fios condutores, com variados graus de ênfase dependendo do autor e do contexto. Nosso objeto possui um pano de fundo que gravita em torno de um conjunto de crenças originalmente propostas por Olavo de Carvalho, que produz interpretações como a ditadura comunista do PT, o papel conspiratório e secreto do Foro de São Paulo e o controle do establishment e da cultura política por uma ideologia latino-americana de esquerda.

Esta cobertura da Rede Antipetista é centrada em ideias, no mínimo, controversas e que não estão contempladas na imprensa tradicional. À primeira vista, sustentar que há algum tipo de pensamento ideológico antipetista fundamentado pode parecer irracional, considerando o distanciamento dos dogmas antipetistas do cotidiano empírico. Parte do problema diz respeito ao meio: a internet e, sobretudo, as mídias sociais são plataformas essencialmente difíceis para organizar informações e gerar um ordenamento linear das falas. Outra parte diz respeito à imensa quantidade de atores que se apropria e altera estes discursos de forma heterogênea e peculiar. A linguagem e o formato também não ajudam, considerando que as postagens são imagéticas, com retórica hiperbólica e apocalíptica, poucos textos e explicações. Contudo, um olhar mais atento ao objeto indica que há diversas camadas de complexidade subjacentes às ideias que sedimentam o antipetismo. Epistemologicamente, entendemos que boa parte da retórica antipetista está fundamentada nos escritos de Olavo e seus seguidores, além de mitos que encontram terreno fértil para disseminação no senso comum, como boatos e teorias conspiratórias que, pela própria natureza, tangenciam e negam discursos universitários e midiáticos. Por isso, dedicaremos esta seção para tentar demonstrar os temas emergentes na Rede Antipetista durante a eleição de 2014, fazendo o esforço de contextualizar de onde surgem estas ideias. As seções focam na tríade: antipartidarismo, antiesquerdismo e antiestablishment; além da denúncia de fraude eleitoral e o papel dos tucanos.

4.4.1 Antipartidarismo: a teoria da ilegalidade do PT

O primeiro ponto aqui é o antipartidarismo, isto é, a negação dos partidos em geral e do PT em particular. Derrotar Dilma Rousseff na eleição de 2014 e exterminar o PT é o objetivo que une agentes tão diversos como os da Rede Antipetista. O PT é o inimigo comum, a ser eliminado a qualquer custo. No capítulo 3, defendemos que o PT influencia as demais forças políticas, ocupando o centro de referência do sistema partidário nacional. Por isso, o partido atrai agentes de lógicas opostas: simpatizantes e detratores. Em 2014, o PT completava 12 anos de hegemonia no governo federal, chegando à eleição desgastado pela perpetuação no poder, com uma presidente com índices de aprovação em queda, economia em desaceleração e um governo desgastado por escândalos de corrupção. Sustentamos a ideia de que o PT recebe críticas e ataques difusos, como a má qualidade dos serviços públicos, corrupção, insatisfação com as instituições políticas e o antiesquerdismo. Iremos demonstrar como esses pontos se desdobraram durante a campanha de 2014 na Rede Antipetista, focando na teoria da ilegalidade do PT.



Figura 28 Montagens contra o PT na Rede Antipetista

Durante a campanha, a Rede Antipetista utilizou de diversas montagens radicais para atacar os líderes petistas, podemos citar: doença, parasitas, terroristas, usurpadores, ditadores, ladrões, nazistas, entre muitos outros. De fato, a retórica destes agentes foi agressiva, hostil e revestida pelo ódio. No entanto, dentre os conteúdos, um nos chamou a atenção: circulou na rede um pedido de cassação do PT junto ao Tribunal Superior Eleitoral (TSE) por ilegalidade.

Fica evidente que o objetivo não era apenas derrotar Dilma na eleição, mas destruir o partido e tudo o que ele representa¹¹⁸.

A raiz da teoria da ilegalidade do PT – peça conspiratória repetida à exaustão pela Rede Antipetista – remete a Olavo de Carvalho. Em suas palavras: “o PT é um partido ilegal, que não tem o direito de existir nem muito menos de apresentar candidatos à presidência da República, aos governos estaduais ou a qualquer câmara estadual ou municipal”.¹¹⁹ O argumento é que o PT transgride a constituição ao reconhecer e ser subordinado ao Foro de São Paulo, “a mais vasta, mais poderosa e mais rica organização política que já existiu no continente”; financiada e ligada a “narcotraficantes e sequestradores como as Farc e o MIR chileno”. A consequência é a revogação da soberania nacional e o controle dos rumos do país por meio das reuniões secretas do Foro de São Paulo. Durante a eleição, Olavo chegou a afirmar que a campanha era uma disputa interna do Foro de São Paulo e que todos os candidatos tinham alguma vinculação com esquemas comunistas e socialistas.



Olavo de Carvalho

27 de outubro de 2014 · 🌐

A fraude, na verdade, já estava vitoriosa desde antes da apuração, desde antes até do início da campanha eleitoral. A partir do momento em que um partido vinculado a um comando estratégico internacional junto com quadrilhas de narcotraficantes e seqüestradores, portanto um partido indiscutivelmente ilícito segundo a Lei Eleitoral de 1995, é aceito como concorrente normal nas eleições presidenciais, a fraude já não pode sequer ser reconhecida como tal, porque ela se tornou o sistema, a lei, a ordem vigente. Se o sr. Aécio Neves quisesse realmente destronar o esquema petista, ele teria de começar por denunciar, antes dos atos de corrupção pontuais, antes da má administração, antes da inépcia da sua concorrente, a ilegitimidade de um jogo sujo do qual só participava porque não tinha alternativa senão submeter-se a tal humilhação ou consentir no reinado ostensivo do partido único. De que adianta criticar a sujeira de um governo corrupto se as regras do jogo sujo que este impôs continuam intocáveis e sacrossantas no momento mesmo de criticá-lo?

Figura 29 Olavo de Carvalho – Ilegalidade do PT

Existe nesta retórica um elemento de ressentimento crônico com o sistema político nacional. Tal característica influencia a adesão de diversos seguidores. Essa insatisfação gera diversas consequências para uma variada gama de atores. Talvez a principal delas seja a mobilização de um sentimento antipartidário reativo que se coloca à margem do conjunto

¹¹⁸ Não queremos inferir que todo o antipetismo é baseado nesta abordagem. Por isso, salientamos que há a negação do PT como voto útil e as teses que extrapolam essa abordagem, que são propagadas na Rede Antipetista.

¹¹⁹ <http://www.olavodecarvalho.org/semana/141028dc.html>

institucional e focaliza todos os problemas do país no PT. Ao mesmo tempo, ignora ou releva o argumento petista utilizado na campanha sobre os avanços socioeconômicos dos últimos 12 anos, atribuídos, pelos antipetistas, ao *boom* das commodities, ao populismo e à estabilidade da economia possibilitada pelas administrações tucanas. É a partir deste quadro de interpretação que é construída a ideia de que a corrupção nasceu com o PT, um agente exógeno que se instalou para desvirtuar a conjuntura política nacional. Em última análise, a ação expressiva dos antipetistas leva a crer que os problemas da nação começam a ser resolvidos assim que o partido sair do governo federal.

A tríade do antipetismo se manifestou de diferentes maneiras na Rede Antipetista, dependendo do ator, do contexto e da retórica utilizada. Defendemos que o discurso antipetista mobiliza, de várias formas, os três antagonismos: antipartidarismo, antiesquerdismo e antiestablishment. Como a fala de Olavo ilustra, acreditamos que o antipetismo é a manifestação de uma cultura política particular que nega os partidos, as ideias de esquerda e as próprias regras e instituições do jogo político. A teoria da ilegalidade do PT perpassa pelos três fatores, pressupondo a ausência de soberania nacional, a fraqueza das normas democráticas e o projeto de poder internacional da esquerda. Podemos acrescentar, ainda, que este ponto de vista é centrado fundamentalmente na construção de uma normatividade eurocêntrica, na medida em que é uma reação à articulação de blocos de cooperação multilateral, como a União de Nações Sul-Americanas (Unasul), que visam à diminuição da influência econômica e geopolítica dos Estados Unidos, da Europa e do Fundo Monetário Internacional (FMI) na América Latina.

4.4.2 Vai pra Cuba! Antiesquerdismo e controle bolivarianista na América Latina

Na rasteira do primeiro elemento, está o antiesquerdismo. No capítulo 3, defendemos que a formação das direitas não institucionais e midiáticas contemporâneas tem relação com o processo de virada à esquerda em governos da América Latina. Demonstramos que o PT assume posicionamento central nessa conjuntura, pelo seu papel internacional e por ter realizado um movimento centrípeto que se aproveitou dos objetivos pragmáticos de setores conservadores e liberais. Com isso, acabou por desmontar redes de influência das direitas partidárias clientelistas. Apesar dessa inclinação pragmática à esquerda no governo, restringida pelo presidencialismo de coalizão, não houve realinhamento ideológico da população. Uma consequência disso é a reação de setores com ideologia radical, aproveitando do desgaste petista, dos escândalos de corrupção e da desaceleração econômica para assumir

protagonismo na oposição e alargar o eixo ideológico para além de partidos tradicionais, como o PP e o DEM, construindo uma identidade agressivamente antiesquerdista.

Nesse sentido, duas ideias veiculadas pela Rede Antipetista durante a eleição de 2014 são importantes para ilustrar estes pontos: (1) há um projeto internacional de implantação da ditadura socialista na América Latina, que se apropria do contexto da virada à esquerda e está articulado com Cuba de Fidel Castro; e (2) o PT é o principal agente deste esquema no Brasil, desenvolvendo, desde 2003, suas políticas em território nacional. A primeira teoria sustenta que o antiesquerdismo da Rede Antipetista tem como premissa a resiliência do passado socialista do PT em conjunto com um projeto de integração ideológica internacional; e a segunda, a aplicação de políticas públicas subordinadas a esta lógica, como o Bolsa Família e o Mais Médicos. Nesta seção, iremos elaborar sobre estes elementos a partir de publicações da Rede Antipetista e de elementos secundários.

Nesta linha de argumentação, o primeiro ponto do antiesquerdismo diz respeito ao controle da esquerda na América Latina, que passa pelo projeto do bolivarianismo, do Foro de São Paulo e da Pátria Grande. Os três elementos compõem a retórica de perda da soberania nacional, em função da Pátria Grande, uma espécie de União Soviética latina. Segundo Felipe Moura Brasil, “a Unasul é uma fachada do Foro, criada para estender um manto de legalidade aparente sobre a autoridade transnacional, supranacional, ante a qual as nações se curvam com obediência reverente e silenciosa, não resta a menor dúvida”.¹²⁰ Em sua coluna na Revista Veja, Felipe organizou uma espécie de dossiê do Foro de São Paulo – Conheça o Foro de São Paulo, maior inimigo do Brasil – com muitas fontes e vídeos sobre os encontros e projetos¹²¹. Por isso, a questão não é a existência do órgão, mas a sua apropriação peculiar pela Rede Antipetista. Ou seja, como e por que um espaço de encontro e troca de ideias de movimentos sociais, partidos e demais agentes da esquerda da América Latina e do Caribe se tornou, para os antipetistas, um projeto secreto de poder totalitarista à semelhança da União Soviética?

O objetivo deles é instituir o socialismo em cada país sul americano ao mesmo tempo que faz a integração destes mesmos países em todos os campos, para depois fundir tudo num único bloco, como foi feito no projeto da União Europeia, que também se inspirou no projeto de bloco soviético da revolução bolchevique russa do Lênin¹²².

¹²⁰ <http://veja.abril.com.br/blog/felipe-moura-brasil/cultura/como-o-pt-quer-garantir-o-poder-com-a-unasul-fachada-do-foro-de-sao-paulo-por-meio-de-mais-exercitos-e-eleitores/>

¹²¹ <http://veja.abril.com.br/blog/felipe-moura-brasil/america-latina/conheca-o-foro-de-sao-paulo-o-maior-inimigo-do-brasil/>

¹²² <http://averdadequeamidianaomostroa.blogspot.com.br/2015/08/la-patria-grande-bolivariana-integracao.html>

Estamos longe de dar uma resposta final a esta pergunta. No entanto, uma das hipóteses é que, esta análise criada por Olavo de Carvalho emprega um revisionismo histórico, na medida em que exalta a “democracia” do regime militar, reescreve ou legitima moralmente os escândalos de corrupção, torturas e inúmeros abusos de poder cometidos e denuncia a suposta continuidade entre o comunismo de 1960 e os partidos de esquerda da Nova República, recriando o ambiente de Guerra Fria e ignorando o movimento de incorporação do PT. Este revisionismo histórico, aliado ao antagonismo e à hostilidade, são elementos centrais do discurso e da identidade política da Rede Antipetista, influenciando, também, as direitas contemporâneas. Neste sentido, o antipetismo carrega marcadores ideológicos de direita que são operados a partir da hostilidade contra a tradição histórica socialista do PT como “fantasmas do passado”, reconfigurando este posicionamento com o cenário internacional de virada à esquerda na América Latina nos anos 2000. Por isso, para a esquerda, o Foro de São Paulo é uma iniciativa de organizar seminários e encontros com o fim de articular uma espécie de frente de esquerda pós-queda do Muro de Berlim, em busca de alternativas ao neoliberalismo; porém, os antipetistas se apropriam desta ideia como um projeto de continuidade soviética e de dominação ideológica criminosa e secreta, que tem como cúmplice a imprensa e as universidades públicas no plano sociocultural. Durante a eleição, além das publicações “conscientizadoras” sobre o Foro de São Paulo, encontramos esta perspectiva na crítica ao programa Mais Médicos, ao decreto de regulamentação dos Conselhos Populares e aos empréstimos do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES) para a construção do Porto de Mariel em Cuba.

Consciente ou não desta conjuntura, o segundo elemento do antiesquerdismo é o desprezo pelas políticas nacionais de igualdade social desenvolvidas pelos governos petistas, ao menos em duas áreas: social e cultural. Ou seja, há um componente estritamente nacional na formação do antiesquerdismo que é o antagonismo aos programas de redistribuição de renda, ação afirmativa, intervenções estatais e proteção de minorias de gênero em geral. Durante a eleição, as duas principais críticas dos antipetistas foram: o Bolsa Família, como um programa institucionalizado de compra de votos; e o que chamaram de “ideologia de gênero”, ou seja, políticas de destruição da família e dos valores tradicionais, por meio da hegemonia cultural socialista e pelos programas educacionais do governo federal. Nesse sentido, a Rede Antipetista fez campanha hostil contra as políticas públicas desenvolvidas pelos governos petistas e contra a atuação dos movimentos sociais, sobretudo, os pautados por questões emancipacionistas e de identidade. Por isso, é evidente no

antipetismo o lastro do conservadorismo sociocultural e um certo corte de classe específico que milita pelo estado mínimo e pela suspensão de mecanismos redistributivos e afirmativos.

4.4.3 Antiestablishment: radicalismo contra o autoritarismo petista

A terceira característica do antipetismo é o antiestablishment. Nesse sentido, compreendemos que os antipetistas demonstram profunda insatisfação com praticamente todas as instituições da democracia (com exceção ao poder repressivo), a partir de um viés antipartidário e antiesquerdista. Eles apresentam-se como atores que negam as organizações políticas e midiáticas tradicionais que não combatem o PT. Assim, a Rede Antipetista configura-se como um espaço anti-institucional, defendendo uma posição de resistência popular contra, conforme sua retórica, o autoritarismo do governo federal. Na prática, é uma postura que se assemelha, de modo geral, a estratégias de movimentos sociais da extrema-esquerda, pela construção do estado e da mídia como adversários. A diferença está na raiz da fundamentação ideológica que sustenta a instrumentalização dos conceitos em uma estratégia de radicalização do discurso e de rompimento com a política institucionalizada que leva aos pedidos de intervenção militar e impeachment. Tal retórica antipetista apropria-se, até mesmo, de conceitos inicialmente adotados pela esquerda marxista, como a ideia gramsciniana de hegemonia cultural¹²³ e o conceito althusseriano de aparatos ideológicos de estado. Esta premissa do antipetismo defende que as universidades e a imprensa são dominadas pelo discurso comunista de esquerda. Por isso, tais entidades e o conhecimento que produzem são questionados e combatidos.

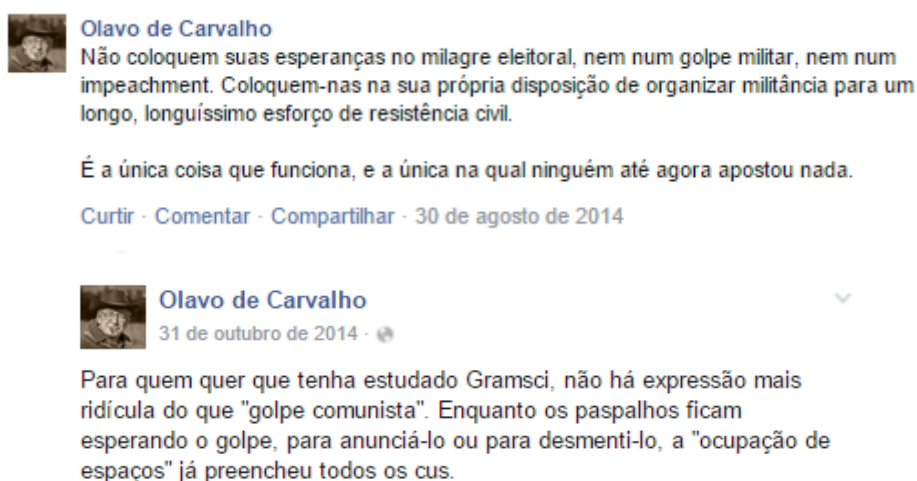


Figura 30 Postagens de Olavo de Carvalho

¹²³ <http://lucianoayan.com/2015/09/19/a-urgencia-do-pensamento-gramsciano-para-a-direita/>

É neste contexto que se problematiza a “Ditadura Comunista do PT” como um elemento revisionista por meio de um quadro ideológico dogmático. No capítulo anterior, utilizamos diversos autores para descrever características da política antiestablishment, como novidade, hostilidade, vitimização e populismo. Acreditamos que a Rede Antipetista preencha todos estes critérios, como uma mobilização emergente e *outsider*, que desafia o governo federal, afirma proteger o povo controlado pelo estado e aciona quadros interpretativos do senso comum. Ou seja, eles constroem seu posicionamento político como distante e conflitante com o sistema político, segundo o argumento de que este é subserviente aos interesses particulares das elites políticas. Em nosso caso, a classe governante petista, em contexto com a virada à esquerda na América Latina. Interessante notar que, ao mesmo tempo em que militam contra o “totalitarismo e autoritarismo petista” são favoráveis à utilização de instrumentos antidemocráticos para impedir o governo de Dilma. Esse recurso tem relação com o efeito de “choque corretivo” que sugerimos no capítulo 3, ou seja, a compreensão de que o país já vive sob um regime ditatorial e que somente uma ação extrema pode trazer de volta a “democracia”.



Figura 31 Montagens antiestablishment na Rede Antipetista

O aspecto interessante e irritante dos discursos anti-políticos-establishment é que eles se desenvolvem sob condições democráticas. Este ponto merece ênfase especial. Nós estamos falando sobre movimentos eleitorais na política que são comumente classificados como democráticos liberais. Ainda assim, apesar da diferença drástica de contextos, partidos anti-política-establishment aproximam-se de retóricas que são similares àquelas de movimentos antiautoritários. Enquadrando seus ataques em narrativas da decadência democrática, eles não somente

demonstram os déficits democráticos, mas seu regime não democrático. *Eles redefinem a política democrática como autoritária* (SCHEDLER, 1996, p. 297). Grifo meu.

Por isso, compreendemos que o acionamento da política antiestablishment passa, em diversos graus, pelo revisionismo antipetista que reconfigura o argumento já conhecido do anticomunismo, de acordo com o cenário da virada à esquerda na América Latina. A negação do sistema político, portanto, se dá a partir de um esquema de pensamento que se distancia das instituições e da normatividade democrática, mas que, ao mesmo tempo, é profundamente ideológico. Horwitz (2013) faz um ponto semelhante quando demonstra que apoiadores do movimento Tea Party nos Estados Unidos acusam as políticas de Barack Obama de socialistas, por meio de uma retórica de estilo conspiratório e paranoico, apontada anteriormente por Hofstadter (1996). “A perspectiva paranoica afetou substantivamente o conteúdo político, transformando disputas políticas legítimas em acusações fervorosas de traição, violação da lei natural de Deus e resultou num clima político envenenado” (HORWITZ, 2013, p. 11).



Figura 32 Postagem Revoltados Online

Portanto, a Rede Antipetista nega e tangencia as instituições democráticas, sob o argumento de terem sido corrompidas pela ideologia de esquerda na América Latina. Ao mesmo tempo, defendem que houve um lento processo de instalação da hegemonia de

esquerda no Brasil, por meio do que chamam de marxismo cultural¹²⁴ e do controle dos aparatos ideológicos de estado, como as escolas, universidades e imprensa. Os antipetistas constroem o dogma do totalitarismo e do terrorismo do governo federal, em conjunto com a marginalidade e resistência da direita. Por isso, eles se aproximam de *outsiders* como o deputado federal, Jair Messias Bolsonaro, e Levy Fidelix, mais inclinados a adotar suas agendas e repertórios de ação.

4.4.4 Teoria da conspiração – fraude eleitoral

Tal conjuntura peculiar da Rede Antipetista constitui um quadro interpretativo fértil para a elaboração e disseminação de teorias da conspiração. A ideia de teoria conspiratória “é motivada por uma narrativa estruturante da maior parte das teorias, particularmente numa visão de mundo maniqueísta, (...) uma narrativa sobre eventos ou fenômenos políticos atuais com atitudes preditas por sentimentos supernaturais, paranormais e maniqueístas” (OLIVER, WOOD, 2014, p. 954). Os antipetistas veicularam diversos rumores, informações truncadas, especulações e mentiras durante a campanha eleitoral de 2014. Contudo, uma conspiração em particular se destaca: a fraude das urnas eletrônicas. Desde antes da primeira votação, já havia profunda desconfiança das máquinas. Na véspera do segundo turno, os antipetistas estavam certos de que Aécio venceria. A única razão plausível para sua derrota foi a fraude das urnas, compra de votos e alteração dos resultados. No dia do pleito, as mídias sociais foram inundadas por depoimentos e imagens, independente de procedência, sobre mau funcionamento das urnas. O boato se tornou unanimidade entre os antipetistas assim que Dilma Rousseff foi vencedora do segundo turno, desencadeando diversos protestos e ações judiciais.

¹²⁴ www.olavodecarvalho.org/semana/06082002globo.htm



Figura 33 Postagem do Movimento Brasil Consciente sobre a fraude eleitoral

A teoria da fraude eleitoral, logo, foi utilizada como principal argumento de ação oficial do PSDB junto ao TSE pela auditoria das urnas, com o fim de garantir a confiança da população no processo eleitoral. Para isso, o documento se baseia nas denúncias de cidadãos na internet. De acordo com entrevista do deputado federal, Carlos Sampaio (PSDB-SP): “não tem nada a ver com pedido de recontagem dos votos nem estamos questionando o resultado. Só queremos evitar que esse sentimento de que houve fraude continue a ser alimentado nas redes sociais”.¹²⁵ Ou seja, o partido do principal desafiante de Dilma Rousseff sustentou-se em reclamações generalizadas entre os eleitores derrotados para questionar o sistema eleitoral e abrir um procedimento de auditoria oficial. A Rede Antipetista assume papel central, na medida em que foi um espaço que disseminou constantemente material contrário ao TSE e às urnas brasileiras. Iremos demonstrar brevemente como se desenvolveu a tese da fraude eleitoral das urnas durante outubro de 2014.

Para compreender os boatos sobre a fraude nas urnas, é indispensável entender que os antipetistas alimentam um descrédito, centrado no senso comum, contra os métodos científicos. Mais importante, esse descrédito foi acionado de forma seletiva, condescendente com fatos e dados que prejudicavam Dilma, independentemente da fonte. Isso pode ser ilustrado pela desconfiança com os levantamentos de opinião realizados pelos institutos de pesquisa. Durante todo o primeiro turno, período em que o tucano esteve atrás nas medições de intenção de voto, os resultados foram contestados pela Rede Antipetista. Houve dois

pontos principais de crítica: o método e a credibilidade dos institutos. Os ataques ao método eram essencialmente embasados por especulações e experiência pessoal, na medida em que as postagens perguntavam se alguns de seus seguidores já havia sido entrevistado por alguma pesquisa. A segunda crítica é relacionada aos resultados, sendo que as páginas da Rede Antipetista realizavam “pesquisas online” e entre seus círculos de conhecidos e constatavam que não havia possibilidade de Dilma Rousseff estar liderando, já que conheciam poucas pessoas que votariam na presidente.



Figura 34 Postagens Fraude nas Urnas e Pesquisas

O descrédito com as pesquisas de intenção na Rede Antipetista preparou um cenário de descrença quanto à vitória de Dilma. Isso foi reforçado pelo acirramento da disputa no segundo turno e pela oscilação entre os candidatos. Previamente, os antipetistas acreditavam que, se Aécio perdesse, a única explicação seria a fraude. Assim, já havia grande predisposição para denunciar a fraude, mesmo antes da votação ou de quaisquer provas. Bastava um resultado negativo. Então, as páginas organizaram centrais de monitoramento e denúncia, solicitando de seus seguidores o envio de depoimentos e possíveis provas das fraudes. Foi criado um clima de afobação geral que teve seu pico na divulgação da vitória de Dilma Rousseff no final da noite. Imediatamente, os antipetistas reforçaram a teoria da fraude e convocaram protestos nas ruas. O texto do Canal da Direita resume a tônica geral do boato e vale ser reproduzido na íntegra:

¹²⁵ <http://g1.globo.com/politica/noticia/2014/10/psdb-pede-ao-tse-auditoria-para-verificar-lisura-da-eleicao.html>



Canal da Direita com Paulo Roberto

27 de outubro de 2014 · Editado ·

ESTAMOS DIANTE DA MAIOR FRAUDE DA HISTÓRIA DO BRASIL

Conforme exaustivamente dito, somente uma fraude tiraria a vitória do candidato Aécio Neves. Todas as pesquisas e trackings sérios apontavam para a vitória do tucano. Dilma só ultrapassou Aécio com 88,8% dos votos apurados. Qual teria sido a impressão do povo ao ver o candidato, que chegou a abrir 18 pontos de vantagem aos 60/70% das urnas apuradas, se tivesse acompanhado a apuração em tempo real? Pedimos que **LEIAM ATENTAMENTE** aos dois links que seguem e que comprovam a total falibilidade do sistema eleitoral, o descaso do TSE e seu aparelhamento.

As eleições precisam ser contestadas, pois fazem parte de um sistema fraudável que teve total e criminoso cumplicidade da base aliada, da imprensa e dos institutos fraudulentos de pesquisa. Procurem saber sobre quem o PT botou no mais alto escalão do TSE, ninguém menos do que um advogado do partido! Perguntem-se o motivo pelo qual não houve testes nas urnas neste ano e do hiato de 30 minutos em relação a divulgação do resultado.

O que está sendo feito em relação as inúmeras falhas apresentadas? Como alguém oficializa um pleito com máquinas que votam sozinhas, com pessoas que já tiveram seus votos registrados em nome de outras, com um programa que apresenta um software embutido e que pode mudar o resultado dos votos? Isso não é um discurso de "derrotados", e sim a denúncia do esquema eleitoral criminoso mantido pelo FORO DE SÃO PAULO e que repete o mesmo padrão em todos os países em que opera.

Será mesmo que o PSDB vai se prestar a aceitar os resultados dessas eleições sem contestar o sistema? Se isso ocorrer, estaremos diante de um imenso teatro eleitoral criado pelo Foro de São Paulo (representado pelo PT) e pelo Diálogo Interamericano (representado pelo PSDB) cuja estratégia de falsa oposição realizada através do Pacto de Princeton ainda está em vigor. Não esqueçam de que **TODO PLANO TOTALITÁRIO NECESSITA DE UMA FALSA OPOSIÇÃO**, motivo pelo qual a própria esquerda criou a "direita da esquerda" e até hoje ilude seus militantes e o eleitorado mentindo que o PSDB é um partido de direita.

Senhores tucanos, pronunciem-se!

Figura 35 Canal da Direita denuncia fraude eleitoral

Percebe-se que a retórica da fraude eleitoral está relacionada com os três elementos do antipetismo, sendo condicionada por estes. É um exemplo que ilustra o modo de operação da Rede Antipetista, a partir de sistemas de crença baseados no senso comum, disseminação de boatos e informações não confirmadas; e enviesamento antipartidário, antiesquerdista e anti-institucional. O resultado da auditoria do PSDB não trouxe nenhuma prova de que havia, de fato, qualquer violação ou alteração das urnas, mas alimentou uma onda de insatisfação com o resultado. Além disso, o quadro interpretativo da fraude foi gatilho para as primeiras manifestações por impeachment ou intervenção militar, ainda nos primeiros meses depois da reeleição de Dilma Rousseff.

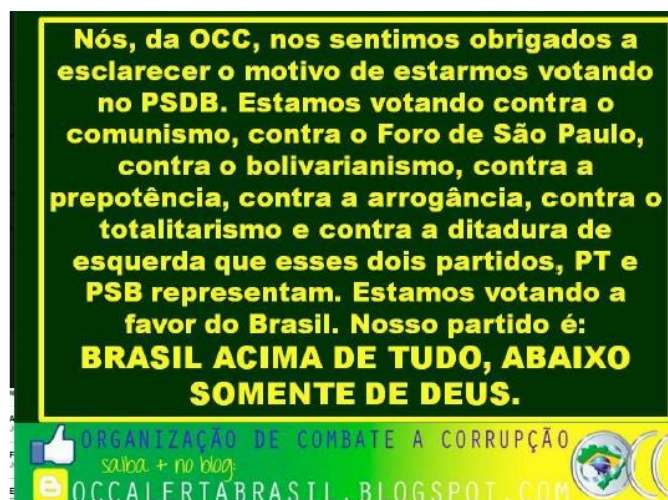
4.4.5 PSDB como um mal menor: Aécio Neves, FHC e Xico Graziano

A última característica importante para compreender a atuação da Rede Antipetista na eleição presidencial de 2014 é o posicionamento em relação ao PSDB. Apesar dos tucanos terem se utilizado pontualmente do apoio e da ação destrutiva dos antipetistas, isso não quer dizer que eles militem juntos. Na prática, seus objetivos são bem diferentes, o que os faz entrar em colisão em vários momentos. Em geral, o partido quase não foi citado pelos antipetistas. Por outro lado, ainda que de modo heterogêneo, o petismo ocupa um lugar determinado para estes agentes, sendo referenciado como um conjunto de políticas e comportamentos a ser combatido. Já sua contraparte é pouco referenciada como organização política. Tal ausência é significativa, considerando a baixa representatividade social do PSDB.

A oposição foi personificada por Aécio Neves, único desafiante do PT em 2014 com chances reais de vencer o pleito. Contudo, a relação dos antipetistas com o candidato de oposição foi ambivalente, intercalando momentos de apoio e de crítica. Com a finalidade de elucidar o papel dos tucanos para a Rede Antipetista, analisamos o tratamento dedicado a três agentes: Aécio Neves, Fernando Henrique Cardoso e Xico Graziano. Argumentamos que os antipetistas estrategicamente e momentaneamente pediram votos para Aécio apenas como recurso de voto útil para derrotar o PT. Contudo, o PSDB e seus líderes – com exceção, em menor medida, a membros mais radicais como Carlos Sampaio, Álvaro Dias e Coronel Telhada – não representam a radical agenda antiesquerdista e antiestablishment do antipetismo, o que aponta para discursos que se situam como *outsiders* do sistema político-midiático constituído.

Durante a corrida eleitoral, o principal objetivo das páginas investigadas neste trabalho foi disseminar campanha hostil contra Dilma Rousseff. Até o segundo turno, porém, Aécio Neves quase não aparece como competidor. Na prática, Marina Silva e Luciana Genro são figuras mais presentes, devido ao seu passado no PT e inclinações esquerdistas. O vácuo deixado pelo oponente só é preenchido durante o segundo turno. Ainda assim, não são todos os canais que pedem votos e mobilizam seus seguidores em favor de Aécio Neves, isto é, alguns não se posicionam e outros impõem algumas condições, como a revelação do Foro de São Paulo. Entre os cinco estudados, Canal da Direita e Revoltados Online fazem campanha pró-Aécio; Bolsonaro Zuero e TV Revolta quase não se manifestam; e Olavo de Carvalho elogia o competidor algumas vezes, atacando-o depois do resultado. Além disso, com a derrota, o principal tema da Rede Antipetista se tornou a fraude eleitoral. A postura de Aécio

quanto ao tema foi interpretada como vacilante e condescendente com a fraude, o que despertou a revolta dos antipetistas.



Olavo de Carvalho

28 de outubro de 2014 · 🌐

Aécio Neves parecia ser o líder de que o povo brasileiro precisava. Não era ou desistiu de ser. O candidato que, derrotado por uma fraude, se apressa em legitimá-la e ainda pede "conciliação", só quer uma coisa: abdicar do amor que o povo lhe dedicou e sair da História pelo ralo. A vida é dele, não temos nada a ver com isso. Vamos cuidar da nossa.

Figura 36 Organização de Combate à Corrupção e Olavo sobre o PSDB

O cuidado em declarar apoio a Aécio Neves evidencia que a Rede Antipetista enquadra o PSDB e sua história mais à esquerda em seu eixo ideológico. Nesse sentido, os tucanos possuem elementos conflitantes com as ideias antipetistas, sobretudo relativos à fundação e raízes do partido. Ao mesmo tempo, percebemos novamente a prática do revisionismo e do dogmatismo dos antipetistas ao ignorar o movimento à direita do PSDB de 1994 em diante. Nesse ponto, as referências a Fernando Henrique Cardoso são mais claras. As poucas vezes em que o ex-presidente é mencionado, há uma clara conotação de ataque contra seu passado marxista. Por isso, para os antipetistas, a compreensão é a de que, no fundo, PT e PSDB, ainda hoje, são partidos com ideologias de esquerda semelhantes. Segundo Olavo de Carvalho:

O PFL poderia ser um partido de direita, mas, como só quer cargos e não tem nenhuma perspectiva de poder, consentiu em tornar-se uma filial do PSDB. O PMDB é esquerdista desde a origem e está repleto de comunistas. O PSDB, a “direita da esquerda”, é a boca de funil para onde converge o que possa restar de direito hipotético nesses outros partidos. Tal como o PT, esse partido nasceu na USP, e sua única função no conjunto da estratégia comunista uspiana é impedir que os descontentes com o PT acabem se aglutinando numa direita genuína¹²⁶.

¹²⁶ <http://www.olavodecarvalho.org/semana/060901zh.html>



Figura 37 FHC na Rede Antipetista

Neste ponto, fica evidente que a construção do eixo ideológico em que os antipetistas situam os atores e instituições parte de um balanço radicalmente à direita, que não reconhece nem mesmo o DEM como representante de suas ideias. Um último caso que nos ajuda a compreender a relação conflituosa da Rede Antipetista com o PSDB aconteceu depois da eleição. Durante as primeiras manifestações por impeachment de Dilma Rousseff, ainda no começo de novembro, o coordenador da campanha digital de Aécio Neves e ex-deputado federal pelo PSDB, Xico Graziano, chamou o movimento de “absurdo e antidemocrático” em uma publicação de sua conta no Facebook. Rapidamente, houve uma enxurrada de comentários hostis a Graziano, como “esquerdopata, comunista, linha auxiliar do PT e traíra”. O conflito foi tamanho que virou notícia na imprensa tradicional¹²⁷ e pauta da Blogosfera Progressista. O texto que Graziano escreveu em resposta é esclarecedor acerca da análise do PSDB sobre o antipetismo:

Existe no Brasil uma ideologia própria da direita que se encontra desamparada do sistema representativo, quer dizer, sem partido político. Sua força se mostra na rede da internet. Essa corrente luta para destruir o PT, acusando-o de querer implantar o comunismo por aqui. Defendem as liberdades individuais, combatem tenazmente a corrupção organizada no poder, desprezam totalmente as lutas sociais, mostrando-se intolerante com o direito das minorias. O Deputado Bolsonaro e o ensaísta Olavo de Carvalho são seus expoentes. Tudo bem. Acontece que, no período das eleições presidenciais, essa tendência se articula no seio do PSDB, trazendo para nosso partido suas causas. É normal existirem as alianças eleitorais, e para tal existe o segundo turno. O problema surge quando os militantes da direita exigem que nós,

¹²⁷ <http://g1.globo.com/politica/noticia/2014/11/no-facebook-aliado-de-fhc-critica-protesto-pelo-impeachment-de-dilma.html>

os sociais democratas, encampemos sua ideologia, o que seria um absurdo (GRAZIANO, 2014)¹²⁸.

Portanto, podemos melhor entender a ambivalência no tratamento de Aécio Neves. O candidato foi visto como mal necessário para vencer Dilma, mas não a alternativa para desenvolver vínculos políticos. Logo, o PSDB voltou a ser criticado pelo seu posicionamento menos incisivo quanto ao impeachment. Tanto é que Aécio participou apenas uma vez dos protestos de rua, já em agosto de 2015, quando o movimento teve grande cobertura da imprensa tradicional e ficou maior do que o antipetismo radical. Assim, elucidamos que a Rede Antipetista realiza uma militância político-midiática que se coloca às margens do sistema político tradicional do país, motivada pela projeção e afastamento do que considera como esquerda socialista; e fortemente influenciada pelas ideias de Olavo de Carvalho. Elucidar a tríade do antipetismo como uma perspectiva multidimensional e heterogênea possibilita dar um passo à frente na investigação de um fenômeno complexo e desafiador.

4.5 Apontamentos

Neste capítulo, analisamos as dinâmicas de atuação dos principais canais da Rede Antipetista no Facebook durante a eleição de 2014. Mostramos que a conjuntura político-eleitoral do pleito combinou diversos fatores que colocaram em cheque a hegemonia petista em campanhas, pouco ameaçada desde 2002. O Brasil enfrentou uma das disputas eleitorais mais acirradas de sua história, com posterior contestação do resultado das urnas em pedido oficial de auditoria apresentado pelo PSDB ao Tribunal Superior Eleitoral (TSE). A ação do partido teve sustentação em denúncias realizadas nas mídias sociais e no clima de desconfiança no processo eleitoral, agudizado entre os derrotados. Em seguida, ainda no mês de novembro de 2014, grupos formados na internet convocaram os primeiros protestos pelo impeachment da presidente, Dilma Rousseff, iniciando um ciclo de tensão que se prolongou por todo o ano de 2015. Em paralelo, avançaram as apurações da Operação Lava Jato, prendendo os petistas: tesoureiro do partido, João Vaccari Neto, e o líder da articulação do governo no Senado Federal, Delcídio Amaral. A consequência deste processo de judicialização foi desgastar ainda mais a imagem petista.

A conjuntura de hostilização antipetista é manifestada de formas heterogêneas nas mídias sociais. A partir da Rede Antipetista, um conjunto multifacetado de agentes não

¹²⁸ <http://www.cartacapital.com.br/politica/tucano-critica-pedido-de-impeachment-contradilma-e-e-chamado-de-comunista-5297.html>

institucionalizados que se dedicaram a produzir conteúdo no Facebook contra a candidatura de Dilma, realizamos um recorte para ilustrar algumas das funções assumidas pelos canais. Nesse sentido, defendemos que o articulista, Olavo de Carvalho, ocupa posição central nesse cenário por sua capacidade de influenciar os quadros discursivos dos demais atores. Olavo possui uma cadeia de pensamento muitas vezes não linear e segmentada entre suas opiniões, análises e performances verborrágicas. Contudo, podemos resumir sua atuação como um viés peculiar do pensamento conservador nacional, resgatando quadros interpretativos como o anticomunismo, de acordo com o contexto contemporâneo. Parte desta visão é reflexo de sua trajetória de negação do socialismo, a partir da apropriação de conceitos tradicionalmente utilizados pela esquerda, como a hegemonia de Gramsci e os aparelhos ideológicos de Estado de Althusser. Porém, essa apropriação é feita com marcadores ideológicos invertidos e extrapolação para alardear e combater um suposto cenário totalitarista. Assim, Olavo destoa do conservadorismo pró *status quo*, por entender que o establishment foi tomado pela vulgaridade e pelas intenções não virtuosas da esquerda. A saída, segundo ele, é uma espécie de cruzada contra o que, na sua visão, constitui a dominação institucional, ideológica e cultural do comunismo internacional no Brasil, operado por via do Partido dos Trabalhadores, em articulação na América Latina com o Foro de São Paulo.

Em torno de Olavo, há uma variedade de seguidores, com diferentes níveis de sofisticação e de aceitação de suas ideias. Entre eles, um grupo que consegue atravessar espaços específicos da imprensa tradicional, especialmente na Revista Veja, como Rachel Sheherazade, Reinaldo Azevedo, Felipe Moura Brasil e Rodrigo Constantino. Contudo, há ampla gama de atores que surgem e são reconhecidos nas mídias sociais como comentaristas e debatedores da política nacional por meio dos escritos olavistas. Assim, demonstramos como antipetistas apropriam-se livremente de seu discurso com diferentes práticas expressivas. O Canal da Direita assume função de construção ideológica, marcando um território de ação direitista e conservador; o Revoltados Online é o grupo mais próximo de Olavo que mobilizou protestos de rua pelo impeachment, radicalizando o discurso antipetista e pedindo intervenção militar em novembro; o Bolsonaro Zuero é a inflexão mais voltada para o humor ácido e o assédio, a partir de uma contraposição binária entre o ídolo, Jair Bolsonaro, e o adversário, Jean Wyllys; por fim, a TV Revolta é um importante ator, mas que está alheio aos demais, aproximando-se a um modelo artificial e terceirizado de propaganda negativa e niilismo político na internet.

Nas últimas seções, nos dedicamos a elucidar os principais temas emergentes da cobertura realizada por estes cinco agentes da campanha eleitoral de 2014. Todos eles

carregam a interpretação da conjuntura política olavista: a teoria da ilegalidade do PT; o controle esquerdista da América Latina pelo Foro de São Paulo, a radicalização contra a ditadura comunista; as denúncias de fraude eleitoral e a ambivalência em relação ao PSDB. Em suma, é um discurso peculiar que realiza um revisionismo histórico, a partir da continuidade e da revolução silenciosa da esquerda durante a Ditadura Militar, que culminou no controle cultural comunista/socialista/bolivariano no Brasil e na América Latina. Assim, os quadros argumentativos da Rede Antipetista em muito se assemelham aos movimentos antitotalitários de esquerda, embora com outros inimigos.

Por isso, defendemos que a Rede Antipetista representa um espaço midiático que tangencia e combate o sistema político nacional, por meio de insatisfações generalizadas que são despertadas pelo aumento da visibilidade dos escândalos de corrupção e da recessão econômica. A conjuntura explorada com mais detalhes nos capítulos 2 e 3 prepara o terreno para a instalação e disseminação de uma retórica política triádica com referências antagonistas e hostis: antipartidarismo, antiesquerdismo e antiestablishment. Este discurso ganhou espaço nas mídias sociais pela ação de atores híbridos com considerável alcance de público, acirrando o debate eleitoral e produzindo um cenário de descontentamento que foi o gatilho inicial das manifestações por impeachment.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesta dissertação, demonstramos que o antipetismo surge em meio a diversos processos sociopolíticos que se entrelaçam e que ganham formato e substância peculiares de acordo com os acontecimentos políticos contemporâneos. A abordagem proposta evidencia as relações entre aspectos institucionais do sistema político, processos históricos, características atitudinais e recursos comunicativos nas mídias sociais. Argumentamos que o antipetismo não se limita à negação do PT ou o voto útil no adversário. A oposição hostil ao partido é o fator que catalisa uma diversa gama de discursos políticos de modo heterogêneo e não linear. Assim, defendemos a hipótese de que o antipetismo nas mídias sociais em 2014 tem uma característica fundamental que chamamos de assimetria histórica, que produz alguns pontos cegos quanto à análise da imagem do partido e da própria política brasileira. Para lançar luz sobre o pano de fundo multifacetado que compõe a Rede Antipetista, oferecemos uma chave de leitura que enfatiza três pontos referenciais antagônicos: o antipartidarismo, o antiesquerdismo e a antiestablishment. O gatilho da tríade do antipetismo é o clima de ansiedade da população provocado pela queda na avaliação retrospectiva do governo federal, situando um cenário de crise econômica e de escândalos de corrupção. As chaves de leitura elaboradas são essenciais para a compreensão de fenômenos recentes e de grande complexidade da comunicação política, além de parte da conjuntura da política nacional, o papel da oposição e os protestos pelo impeachment da presidente, Dilma Rousseff. Discutiremos os principais resultados e elaboraremos problematizações sobre os desafios suscitados para pesquisas posteriores.

Um dos principais achados é a complexificação do ecossistema de comunicação política na campanha presidencial de 2014 por meio da diversificação dos agentes e das lógicas que influenciam no processo de debate, de disseminação de informação e de organização política. Para além dos blogs jornalísticos já investigados pela bibliografia especializada, a Rede Antipetista é um ambiente composto por agentes heterogêneos e de natureza híbrida, no qual convivem e disputam espaço personagens tradicionais, como a imprensa, jornalistas, políticos profissionais, movimentos sociais e institutos; bem como atores que só existem nas mídias sociais, como *fan-pages* anônimas, robôs, coletivos, protomovimentos, protopartidos e muitos outros. É importante considerar este ecossistema a partir de uma perspectiva híbrida, integrada e interrelacionada, na qual estes objetos não existem de forma estanque, mas interagem de modo dinâmico entre si.

O processo de convocação dos protestos pelo impeachment de Dilma Rousseff em 2015 é um caso interessante para problematizar estes pontos. As demonstrações de rua começaram ainda no mês de novembro de 2014. Contudo, as passeatas daquele ano foram localizadas e não passaram de 10 mil pessoas. Grosso modo, foram três coletivos que organizaram as manifestações: Revoltados Online, Vem pra Rua e Movimento Brasil Livre. Os três fazem parte da Rede Antipetista, mas se inserem e se relacionam com os demais agentes de modo diferente. Enquanto que o Revoltados Online assumiu atuação central na radicalização da campanha contra Dilma Rousseff, seguindo as teses de Olavo de Carvalho à risca, os demais foram criados no final de 2014, possuem outras referências e não foram peças fundamentais da oposição antipetista durante o pleito.

Em entrevista à IstoÉ, o empresário e líder do Vem pra Rua, Rogério Cherquer, afirmou que criou o movimento como uma forma de se indignar contra o governo federal e que não possui nenhum vínculo partidário.¹²⁹ Já o Movimento Brasil Livre está fundamentado em teóricos liberais e é organizado pelo cientista político, Fábio Ostermann. O MBL investe na militância digital de oposição por meio da produção de vídeos e de peças humorísticas por um grupo de jovens, com destaque para Kim Kataguirí.¹³⁰ Em comum, os três grupos possuem ancoragem online, falta de transparência quanto à gestão, pouca capilaridade social e rejeição do sistema político. Suas divergências e atuação durante o segundo mandato de Dilma são pontos interessantes para novas investigações.

A convocação dos protestos foi feita primordialmente pelas mídias sociais, com pouca coordenação fora da cidade de São Paulo. Contudo, os primeiros atos tiveram participação limitada. Somente com a ampla cobertura e divulgação da imprensa tradicional que as manifestações cresceram, atingindo um pico de cerca de 200 mil pessoas na Avenida Paulista em 15 de março de 2015. Por isso, estes grupos emergentes, que realizam um modelo de ação conectiva, devem ser investigados em relação às particularidades dos sistemas político e midiático nacionais. Isso quer dizer que eles existem em interface com outros agentes, principalmente a imprensa e o sistema político. Aparecem aqui questões sobre novos modelos de movimentos sociais, repertórios de divulgação e de organização de manifestações.

Do ponto de vista político, analisando estes fenômenos contemporâneos de modo mais abrangente, podemos problematizar a existência de duas formas políticas que atuam no

¹²⁹ http://www.istoe.com.br/colunas-e-blogs/coluna/409231_OS+MOVIMENTOS+DE+RUA+VIERAM+PARA+FICAR+

campo ideológico da direita de modo distinto. De um lado, há um conjunto de atores direitistas que se inserem nos meios institucionais, sobretudo pela representação no Congresso Nacional das bancadas de cunho religioso, armamentista, ruralista e empresarial. São personagens provenientes de desdobramentos dos processos históricos de desenvolvimento do sistema político nacional, frequentemente vinculados a legendas sem identidade partidária ou capilaridade social. De outro, há outra direita que ganhou visibilidade recentemente depois de Junho de 2013. São representantes de uma cultura política conservadora e liberal, rejeitam a participação em movimentos de ação coletiva tradicionais, como partidos e sindicatos, e orientam sua militância de forma difusa contra a corrupção do sistema político. As lideranças dessa segunda direita, além de carregar os valores e as ideias tradicionais, são marcadas pela atuação radical contra o establishment, seguindo um entendimento particular de que este é controlado por políticos de esquerda e socialistas. Nesse sentido, nosso trabalho se dedicou ao estudo de características desta segunda direita, que tem como principais características o antagonismo e o tangenciamento do establishment.

As dinâmicas de relacionamento entre estas duas direitas não foram sistematicamente estudadas no Brasil. Alguns poucos textos tratam do fenômeno como recrudescimento das opiniões políticas extremas e do fascismo. Defendemos que estas análises elidem aspectos centrais do problema. Estes se referem a manifestações da cultura política que são condicionadas pelo percurso histórico do próprio sistema político nacional. Suspeitamos que o surgimento desta nova direita seja reflexo da incapacidade do sistema partidário de representar as demandas da população, somada à crise do PT como única sigla que demonstra algum enraizamento e identidade política. Por consequência, o espaço de disputa política pode ser ocupado por lideranças *outsiders* com o discurso de reunificar a nação para além de facções partidárias e sindicais. Os movimentos que convocaram os protestos pelo impeachment de Dilma Rousseff seguem estas lógicas.

Assim, demonstramos as relações ambivalentes entre a Rede Antipetista e o PSDB durante diferentes momentos do pleito. Pontualmente, suas agendas convergiram no segundo turno com a finalidade de derrotar Dilma Rousseff. No entanto, os personagens possuíam variados graus de aceitação de Aécio Neves como liderança viável. De um lado, muitos antipetistas possuíam agendas irreconciliáveis com a oposição instituída no sistema político, de outro, alguns canais apresentaram indícios de terem sido cooptados ou persuadidos a exercer um papel de linha auxiliar partidária com o objetivo de veicular propaganda negativa.

¹³⁰ <http://veja.abril.com.br/noticia/brasil/quais-sao-e-como-pensam-os-movimentos-que-vaio-para-a-rua-contra->

Estas dinâmicas instáveis tendem a aumentar as interfaces entre os objetos institucionais e não institucionais, ou, até mesmo, a questionar a própria validade desta distinção.

Demonstramos que Olavo de Carvalho é um influenciador central das ideias que circulam na Rede Antipetista. Mesmo sendo visto como lunático, irracional e intolerante por grande parte do público, ele conseguiu atrair milhares de seguidores fiéis e fazer com que seus discursos atravessassem veículos da grande imprensa e o parlamento. É imprescindível investigar de modo contundente o papel desempenhado por personagens como Olavo, sobretudo tendo em vista que o modelo de ação conectiva e de ativismo político na internet é apropriado tanto pela esquerda, quanto pela direita. Fica a hipótese de que as direitas tenham utilizado de forma mais eficiente o potencial conectivo das mídias sociais, enquanto que as esquerdas têm enfrentado dificuldades em criar redes de relacionamentos difusas e descentralizadas. Compreender os discursos direitistas de forma profunda pode, até mesmo, ser uma chave para elucidar a crise recente das esquerdas e apontar direcionamentos futuros.

Além disso, outra problematização que podemos fazer em relação aos achados do último capítulo é: qual o modelo de direita emergente e como se relaciona com os processos históricos de formação da esquerda e do sistema partidário nacional? Isso porque, como afirmamos, a principal característica desta direita é o antagonismo. O antiesquerdismo – manifesto na negação das políticas do governo petista e de qualquer militância que vagamente carregue tons e traços de esquerda – é o elemento identitário mais enfatizado por estes agentes, muito mais do que uma tentativa de construção de imagem coletiva que represente um “nós” coeso, com objetivos e *modus operandi* claros.

Um achado curioso indica que Olavo de Carvalho se apropria e interpreta termos que são referências clássicas da esquerda – como a hegemonia cultural de Gramsci e os aparelhos ideológicos de estado de Althusser – o que conduz os quadros de ação que invertem valores de modelos acionados pela própria esquerda que combate. Assim, estão presentes os temas do combate à mídia, à política e ao establishment, sob o prisma oposto, ou seja, de que foram tomados pelos valores socialistas e não capitalistas. Uma breve observação empírica constata que os atos de fala e os repertórios de ação são, grosso modo, similares.

Podemos desenvolver hipóteses para pesquisas futuras conjecturando se esta semelhança é derivativa do processo de formação histórica de parte dos direitistas. Olavo de Carvalho, Aloysio Nunes, José Serra, Fernando Henrique Cardoso, Reinaldo Azevedo, Fernando Gabeira, Roberto Freire e muitos outros militaram contra a ditadura em grupos

esquerdistas ou comunistas em sua juventude. No período democrático, estes militantes se afastaram das ideias de esquerda em direção a pensamentos conservadores e de direita. Interessante notar que, nos Estados Unidos, houve processo semelhante, na medida em que diversos ex-trotskistas fundamentaram as bases do pensamento neoconservador em meados do século XX (HEILBRUNN, 2009). Fica como questionamento quais são as influências desta migração de ex-comunistas para eixos ideológicos de direita na política e na imprensa?

Além dos desafios que concernem a comunicação política, temos outros referentes à metodologia e as audiências participativas. Escolhemos as mídias sociais, mais especificamente, o Facebook como fonte de dados deste trabalho. As plataformas de redes sociais são arenas discursivas, nas quais ganham visibilidade diversos fenômenos da comunicação política. Indo além dos blogs, elas diminuem o custo de aprendizado de requisitos técnicos necessários à produção de conteúdo amador e oferecem espaços de ampliação do alcance para veículos que são constituídos primordialmente em outros meios. Ademais, estimulam a circulação de mensagens em rede, por meio do engajamento do público na avaliação, crítica e disseminação das postagens. O resultado é um espaço dinâmico e multifacetado que pode ser rastreado e organizado pelos pesquisadores. Estas funções de arquivo e de buscabilidade dos conteúdos se tornam fundamentais na descoberta e na investigação de fenômenos que, até hoje, são pouco estudados. Exemplo disso, são os comportamentos das audiências na criação, apropriação e recirculação de informações políticas. Trataremos brevemente dos desafios metodológicos e de chaves de leituras teóricas que podem, em trabalhos futuros, oferecer outras abordagens destes fenômenos das audiências políticas nas mídias sociais.

As mídias sociais são um imenso banco de dados que pode ser coletado para compor amostras de pesquisas acadêmicas. Contudo, o grande volume de informações suscita problemas metodológicos de primeira ordem. Alguns estudos avançaram na tentativa de aplicar técnicas automatizadas, como a análise de sentimentos. Ainda assim, nos parece que estas opções devem ser complementadas com estratégias de composição de amostras, checagem e codificação de dados por humanos, tendo em vista a dificuldade de lidar com informações multimodais, expressões de internet, ironia, *emoticons* e muitos outros recursos. O campo de investigação ainda é recente e está em rápido crescimento. Devemos investir em ferramentas metodológicas que deem conta do grande volume de dados não estruturados, relacionais e multimodais, com foco em, ao menos, três dimensões: estrutural, semântica e pessoal.

Por fim, estes fenômenos advindos da participação da audiência de comunicação política na avaliação, crítica, apropriação e interpretação de sentido podem ser analisados pela chave de leitura da teoria fã. Nesse sentido, entendemos que parte do público se comporta como fãs de política nas mídias sociais, a partir de comunidades interpretativas com forte engajamento afetivo na formação de identidades políticas e da renegociação de sentido dos textos. Percebemos esse padrão ao acompanhar as repercussões dos debates entre os candidatos à presidência, quando os seguidores se aproximavam de recursos comunicativos entusiasmados de torcidas de futebol ao exaltar o desempenho de seu político favorito e atacar o oponente. Contudo, este fenômeno é muito mais extenso do que isso e envolve a ampla participação dos cidadãos de forma expressiva na produção de conteúdo político e na manutenção de relações de sociabilidade e de afetividade, relativas a partidos, causas ou lideranças de esquerda e de direita. Por isso, apostamos que a chave de leitura da bibliografia fã contribui com um passo à frente na compreensão destes objetos recentes que ganham visibilidade nas mídias sociais.

REFERÊNCIAS

ABEDI, Amir; SCHNEIDER, Steffen. Adapt, or Die! Organizational Change in Office-Seeking Anti-Political Establishment Parties. In: **Annual meeting of the Canadian Political Science Association, University of Manitoba**. Winnipeg, Manitoba. 2004.

ADAMIC, Lada A.; GLANCE, Natalie. The political blogosphere and the 2004 US election: divided they blog. In: **Proceedings of the 3rd international workshop on Link discovery**. ACM, p. 36-43, 2005.

AGGIO, Camilo De Oliveira. Os candidatos ainda evitam a interação? Twitter, Comunicação Horizontal e Eleições Brasileiras. **E-compós**, v.18, n.1, 2015.

ALTMAN, David, CASTIGLIONI, Rossana, LUNA, Juan Pablo. Uruguay. A role model for the left?. In: CASTANEDA, Jorge, MORALES Marco Morales (orgs.), **Letfovers: Tales of the Latin American Left**, New York/London: Routledge, 2008.

ALVES, Maria Teresa Gonzaga. Conteúdos ideológicos da nova direita no município de São Paulo: análise de surveys. **Opinião pública**, v. 6, n. 2, p. 187-225, 2000.

AMARAL, AD, KINGSTONE, P. KRIECKHAUS, J. The Limits of Economic Reform in Brazil. In KINGSTONE, Peter, POWER, Timothy (orgs). **Democratic Brazil Revisited**. University of Pittsburgh Press, 2008.

AMES, Barry; SMITH, Amy Erica. Knowing left from right: ideological identification in Brazil, 2002-2006. **Journal of politics in Latin America**, v. 2, n. 3, p. 3-38, 2010.

ÅSTRÖM, Joachim; KARLSSON, Martin. Blogging in the shadow of parties: exploring ideological differences in online campaigning. **Political Communication**, v. 30, n. 3, p. 434-455, 2013.

AZEVEDO, Fernando Antônio. Eleições Presidenciais, Clivagem de Classe e Declínio da Grande Imprensa. **Revista USP**, n. 90, p. 84-101, 2011.

BAKER, Andy et al. The Sources and Dynamics of Mass Partisanship in a New Democracy. In: **APSA 2010 Annual Meeting Paper**. 2010.

BAQUERO, Marcello. Eleições e capital social: uma análise das eleições presidenciais no Brasil (2002-2006). **Opinião Pública**, vol. 13, no. 2, p. 231-259, 2007.

BAQUERO, Marcello; DE FREITAS LINHARES, Bianca. Por que os brasileiros não confiam nos partidos? Bases para compreender a cultura política (anti) partidária e possíveis saídas. **Revista Debates**, v. 5, n. 1, p. 89, 2011.

BAQUERO, Marcello; VASCONCELOS, Camila de. Crise de representação política, o surgimento da antipolítica e os movimentos apartidarismo no Brasil. **V Congresso da Compolítica**, Curitiba/PR, 2013.

BARR, Robert R. Populists, outsiders and anti-establishment politics. **Party Politics**, v. 15, n. 1, p. 29-48, 2009.

BAUM, Matthew A.; GROELING, Tim. New media and the polarization of American political discourse. **Political Communication**, v. 25, n. 4, p. 345-365, 2008.

BEER, David. Social network (ing) sites... revisiting the story so far: A response to danah boyd & Nicole Ellison. **Journal of Computer-Mediated Communication**, v. 13, n. 2, p. 516-529, 2008.

BENEVENUTO, Fabio., et. al, Explorando redes sociais online: Da coleta e análise de grandes bases de dados às aplicações. Mini-cursos do Simpósio Brasileiro de Redes de Computadores (**SBRC**), 2011.

BENEVIDES, Maria Victoria. **A UDN e o udenismo: ambiguidades do liberalismo brasileiro, 1945-1965**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.

BENKLER, Yochai; SHAW, Aaron. A tale of two blogospheres: Discursive practices on the left and right. **Berkman Center Research Publication**, n. 6, p. 10-33, 2010.

BENNETT, W. Lance; SEGERBERG, Alexandra. The logic of connective action: Digital media and the personalization of contentious politics. **Information, Communication & Society**, v. 15, n. 5, p. 739-768, 2012.

BENTIVEGNA, Sara. Beppe Grillo's dramatic incursion into the Twittersphere: talking politics in 140 characters. **Contemporary Italian Politics**, v. 6, n. 1, p. 73-88, 2014.

BIMBER, Bruce. **Information and American democracy: Technology in the evolution of political power**. Cambridge University Press, 2003.

BIROLI, Flávia; MANTOVANI, Denise. A parte que me cabe nesse julgamento: a Folha de S. Paulo na cobertura ao processo do "mensalão". **Opinião Pública**, v. 20, n. 2, p. 204-218, 2014.

BLONDEL, Vincent D. et al. Fast unfolding of communities in large networks. **Journal of Statistical Mechanics: Theory and Experiment**, v. 2008, n. 10, p. P10008, 2008.

BOHN, Simone R. Contexto político-eleitoral, minorias religiosas e voto em pleitos presidenciais (2002-2006). **Opinião pública**, v. 13, n. 2, p. 366-387, 2007.

BOISARD, S. Thinking the Latin American right-wing scientific object, actors and temporalities. **Varia Historia**, v. 30, n. 52, p. 85-100, 2014.

BOWEN, James D. The Right in "New Left" Latin America. **Journal of Politics in Latin America**, v. 3, n. 1, p. 99-124, 2011.

BOWLER, Shaun; KARP, Jeffrey A. Politicians, scandals, and trust in government. **Political Behavior**, v. 26, n. 3, p. 271-287, 2004.

BRAGA, Maria, PASQUARELLI, Bruno. Significados da chegada do PT à Presidência da República: reflexões iniciais. **Idéias**, vol. 1, no.3, 2011.

BRAGA, Sérgio; ROCHA, Leandro Caetano; CARLOMAGNO, Márcio Cunha; A Internet e os partidos políticos brasileiros; **Cadernos Adenauer**, v. 16, n.3, p. 47-74, 2015.

BRATICH, Jack Z. **Conspiracy panics: Political rationality and popular culture**. SUNY Press, 2008.

BRUERA, Hernán F. Gómez. **Lula, the Workers' Party and the Governability Dilemma in Brazil**. Routledge, 2013.

CAMERON, Maxwell A. Latin America's Left Turns: beyond good and bad. **Third World Quarterly**, v. 30, n. 2, p. 331-348, 2009.

CAPOCCIA, Giovanni. Anti-System Parties A Conceptual Reassessment. **Journal of Theoretical Politics**, v. 14, n. 1, p. 9-35, 2002.

CAPPELLA, Joseph N.; JAMIESON, Kathleen Hall. **Spiral of cynicism: The press and the public good**. Oxford University Press, USA, 1997.

CARREIRÃO, Yan de Souza. Identificação ideológica, partidos e voto na eleição presidencial de 2006. **Opinião Pública**, v. 13, n. 2, p. 307-339, 2007.

_____. O sistema partidário brasileiro: um debate com a literatura recente. **Revista Brasileira de Ciência Política, nº14. Brasília, maio-agosto**, p. 255-295, 2014.

_____; BARBETTA, Pedro Alberto. A eleição presidencial de 2002: a decisão do voto na região da Grande São Paulo. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 19, n. 56, p. 75-93, 2004.

CARUANA, Nicholas J.; MCGREGOR, R. Michael; STEPHENSON, Laura B. The Power of the Dark Side: Negative Partisanship and Political Behaviour in Canada. **Canadian Journal of Political Science**, p. 1-19, 2014.

CARVALHO, Olavo de. **O mínimo que você precisa saber para não ser um idiota**. Record, 2013.

CASTAÑEDA, Jorge G. Latin America's left turn. **Foreign Affairs**, v. 85, n. 3, p. 28, 2006.

CHA, Meeyoung et al. Measuring User Influence in Twitter: The Million Follower Fallacy. **ICWSM**, v. 10, n. 10-17, p. 30, 2010.

CHADWICK, Andrew. Digital network repertoires and organizational hybridity. **Political Communication**, v. 24, n. 3, p. 283-301, 2007.

CHAIA, Vera. Internet e eleições: as comunidades políticas no Orkut nas eleições de 2006. **Logos**, v. 14, n. 2, p. 127-140, 2007.

CLEARY, Matthew R. Explaining the left's resurgence. **Journal of Democracy**, v. 17, n. 4, p. 35-49, 2006.

CONTRI, André Luis. Uma avaliação da economia brasileira no Governo Dilma. **Indicadores Econômicos FEE**, vol. 41, no. 4, p. 9-20, 2014.

CONVERSE, Phillip. The Nature of Belief Systems in Mass Publics. In: APTER, David (org.). **Ideology and Discontent**, New York: Free Press. 1964.

CORSI, Francisco Luiz, As razões do baixo crescimento e os limites do governo Dilma, In> CORSI, Francisco Luiz, et al. (orgs.). **Economia e Sociedade: o Brasil e a América Latina na conjuntura de crise do capitalismo global**, p. 275-288, 2014.

COUTINHO, Marcelo; SAFATLE, Vladimir. Internet and municipal elections in 2008: use of electronic community sites in São Paulo. **Revista de Sociologia e Política**, v. 17, n. 34, p. 115-128, 2009.

COUTO, Cláudio G., ABRUCIO, Fernando. O segundo governo FHC: coalizões, agendas e instituições. **Tempo social**, vol. 15, no. 2, p. 269-301, 2003.

COWAN, Benjamin Arthur. Nosso Terreno” crise moral, política evangélica e a formação da ‘Nova Direita’ brasileira. **Varia Historia**, v. 30, n. 52, p. 101-125, 2014.

CRUZ, Sebastião Velasco; KAYSEL, André; CODAS, Gustavo (orgs.). Direita, Volver: o retorno da direita e o ciclo político brasileiro. Fundação Perseu Abramo, 2015.

CURRAN, James. Rethinking internet history. In: CURRAN, James, FENTON, Natalie, FREEDMAN, Des. **Misunderstanding the Internet**. London: Routledge, p. 34-65, 2012.

DAALDER, Hans. A Crisis of Party?*. **Scandinavian Political Studies**, v. 15, n. 4, p. 269-288, 1992.

DALTON, Russell J.; WELDON, Steven A. Public images of political parties: A necessary evil?. **West European Politics**, v. 28, n. 5, p. 931-951, 2005.

DAVIS, Richard et al. The Internet in US election campaigns. In: CHADWICK, Andrew; HOWARD, Philip N. **Routledge handbook of Internet politics**, p. 13-24, 2009.

DIAS, Marcia Ribeiro. Nas brumas do HGPE: a imagem partidária nas campanhas presidenciais brasileiras (1989 a 2010), **Opinião Pública**, vol. 19, nº 1, p.198-219, 2013.

DOMINGUEZ, Francisco; LIEVESLEY, Geraldine; LUDLAM, Steve. **Right wing politics in the New Latin America-reaction and revolt**. Zed Books, 2011.

DYLKO, Ivan; MCCLUSKEY, Michael. Media Effects in an Era of Rapid Technological Transformation: A Case of User-Generated Content and Political Participation. **Communication Theory**, v. 22, n. 3, p. 250-278, 2012.

EATWELL, R. Introduction: the New Extreme Right Challenge. In: EATWELL, R MUDDE, C (orgs.) **Western Democracies and the New Extreme Right Challenge**, Routledge, 2004.

ELLISON, Nicole B.; BOYD, Danah. Social network sites: Definition, history, and scholarship. **Journal of Computer-Mediated Communication**, v. 13, n. 1, p. 210-230, 2007.

FARRELL, Henry. The consequences of the internet for politics. **Annual Review of Political Science**, v. 15, p. 35-52, 2012.

_____; DREZNER, Daniel W. The power and politics of blogs. **Public Choice**, v. 134, n. 1-2, p. 15-30, 2008.

FERNÁNDEZ, Ariadna M. **Monitoring Political Extremism through Social Media: taking the temperature of intolerance in Spain.** Dissertação de Mestrado, Amsterdã, 2014.

FIGUEIREDO, Argelina Cheibub. Government coalitions in Brazilian democracy. **Brazilian Political Science Review**, vol. 1, no.2, p. 182-216, 2011.

FORMISANO, Ron. Interpreting Right-Wing or Reactionary Neo-Populism: A Critique. **Journal of Policy History**, v. 17, n. 02, p. 241-255, 2005.

FRENCH, John, FORTES, Alexandre. Nurturing hope, deepening democracy, and combating inequalities in Brazil: Lula, the workers' party, and Dilma Rousseff's 2010 election as president. **Labor**, vol. 9, no. 1, p. 7-28, 2012.

GARRETT, R. Kelly. Troubling consequences of online political rumoring. **Human Communication Research**, v. 37, n. 2, p. 255-274, 2011.

GIBSON, Rachel K. et al. Party organizational change and ICTs: The growth of a virtual grassroots?. **New media & society**, v. 15, n. 1, p. 31-51, 2013.

_____ ; NIXON, Paul G.; WARD, Stephen J. (Ed.). **Political parties and the Internet: net gain?**. Routledge, 2003.

_____ ; WARD, Stephen. Parties in the digital age—a review article. **Representation**, v. 45, n. 1, p. 87-100, 2009.

GIGLIETTO, Fabio; ROSSI, Luca; BENNATO, Davide. The open laboratory: Limits and possibilities of using Facebook, Twitter, and YouTube as a research data source. **Journal of Technology in Human Services**, v. 30, n. 3-4, p. 145-159, 2012.

GIORDANO, Verónica. ¿ Qué hay de nuevo en las ‘nuevas derechas’?. **Nueva sociedad**, n. 254, p. 46-56, 2014.

GOLDFARB, Jeffrey C. **Reinventing political culture: the power of culture versus the culture of power.** Polity, 2011.

GOMES, Wilson et al. Politics 2.0: A campanha online de Barack Obama, **XVIII Encontro Anual da Compós**, Belo Horizonte, 2009.

GUREVITCH, Michael; COLEMAN, Stephen; BLUMLER, Jay G. Political communication—Old and new media relationships. **The ANNALS of the American Academy of Political and Social Science**, v. 625, n. 1, p. 164-181, 2009.

HARTLEB, Florian. Anti-elitist cyber parties?. **Journal of Public Affairs**, v. 13, n. 4, p. 355-369, 2013.

HEILBRUNN, Jacob. **They knew they were right: the rise of the neocons.** Anchor, 2009.

HENDRICKS, John Allen; DENTON JR, Robert E. Political. **Communicator-in-chief: How Barack Obama Used New Media Technology to Win the White House.** Lanham, MD: Lexington Books, 2010.

- HINDMAN, Matthew. **The myth of digital democracy**. Princeton University Press, 2008.
- HINKELAMMERT, Franz J. Democracia y nueva derecha en América Latina. **Informe R**, v. 9, 1988.
- HIROI, Taeko. Governability and Accountability in Brazil: Dilemma of Coalitional Presidentialism. **The Journal of Social Science**, vol. 75, p. 39-59, 2013.
- HIRSCHMAN, Albert O. **The rhetoric of reaction**. Harvard University Press, 1991.
- HOCHSTETLER, Kathryn. Organized Civil Society. IN KINGSTONE, Peter, POWER, Timothy (orgs). **Democratic Brazil Revisited**, p. 33, 2008.
- HOFSTADTER, R. *The Paranoid Style in American politics*, Harvard. 1996.
- HUNTER, Wendy. The normalization of an anomaly: the workers' party in Brazil. **World Politics**, v. 59, n. 03, p. 440-475, 2007.
- _____. The Workers Party: Still a Party of the Left? In KINGSTONE, Peter, POWER, Timothy (orgs). **Democratic Brazil Revisited**. Pittsburgh University Press, p. 15-32, 2008.
- _____. The PT in Power. In LEVITSKY, Steven, ROBERTS, Kenneth, **The Resurgence of the Latin American Left**. Johns Hopkins University Press, p. 306-325, 2012.
- _____, POWER, Timothy J. **Lula's Brazil at midterm**. *Journal of Democracy*, vol. 16, no. 3, p. 127-139, 2005.
- _____; POWER, Timothy J. Rewarding Lula: executive power, social policy, and the Brazilian elections of 2006. **Latin American Politics and Society**, v. 49, n. 1, p. 1-30, 2007.
- _____, SUGIYAMA, Natasha Borges. Democracy and social policy in Brazil: Advancing basic needs, preserving privileged interests. **Latin American Politics and Society**, vol. 51, no. 2, p. 29-58, 2009.
- IGNAZI, Piero. The intellectual basis of right-wing anti-partyism. **European Journal of Political Research**, v. 29, n. 3, p. 279-296, 1996.
- JACOMY, Mathieu et al. **A Graph Layout Algorithm for Handy Network Visualization**. 29 ago. 2011. Disponível em: <http://webatlas.fr/tempshare/ForceAtlas2_Paper.pdf>. Acesso em: 20 out. 2014
- JAHN, Detlef. Conceptualizing Left and Right in comparative politics: Towards a deductive approach. **Party Politics**, v. 17, n.6, p. 745-765, 2010.
- KAHN, Richard; KELLNER, Douglas. Oppositional politics and the Internet: A critical/reconstructive approach. In KELLNER, M. Douglas; DURKHAM, Gigi Meenakshi. **Media and cultural studies**. Blackwell Publishers Ltd, p.703-735, 2001.
- KALTWASSER, Cristóbal Rovira. La derecha en América Latina y su lucha contra la adversidad. **Nueva sociedad**, n. 254, p. 34-45, 2014.
- KECK, Margaret. **PT: a lógica da diferença**. São Paulo: Ática, 1991.

KINGSTONE, Peter, POWER, Timothy (orgs). **Democratic Brazil Revisited**. University of Pittsburgh Press, 2008.

_____, PONCE, Aldo Ponce. From Cardoso to Lula: the triumph of pragmatism in Brazil. IN WEYLAND, Kurt, RAUL,. Madrid, HUNTER, Wendy, **Leftist Governments in Latin America: Successes and Shortcomings**, p. 98-123, 2010.

KINZO, Maria D.'Alva G. A democratização brasileira: um balanço do processo político desde a transição. **São Paulo em perspectiva**, v. 15, n. 4, p. 3-12, 2001.

KLEINBERG, Jon M. Authoritative sources in a hyperlinked environment. **Journal of the ACM (JACM)**, v. 46, n. 5, p. 604-632, 1999.

KLINGER, Ulrike; SVENSSON, Jakob. The emergence of network media logic in political communication: A theoretical approach. **New media & society**, p.1-17, 2014.

KREISS, Daniel. Acting in the public sphere: the 2008 Obama campaign's strategic use of new media to shape narratives of the presidential race. **Media, Movements, and Political Change**, v. 33, p. 195-223, 2012.

KUKLINSKI, James H. et al. Misinformation and the currency of democratic citizenship. **Journal of Politics**, v. 62, n. 3, p. 790-816, 2000.

LARSSON, Anders Olof; MOE, Hallvard. Studying political microblogging: Twitter users in the 2010 Swedish election campaign. **New Media & Society**, v. 14, n. 5, p. 729-747, 2012.

LATTMAN-WELTMAN, Fernando. Democracia e revolução tecnológica em tempos de cólera: Influência política midiática e radicalização militante. **Compólitica**, Rio de Janeiro/RJ, 2015.

LEVITSKY, Steven, ROBERTS, Kenneth. **The Resurgence of the Latin American Left**. Baltimore: Johns Hopkins University, 2012.

LICIO, Elaine Cristina, RENNO, Lucio R., CASTRO, Henrique Carlos. Bolsa Família e voto na eleição presidencial de 2006: em busca do elo perdido, **Opinião Pública**, vol. 15, no. 1, p. 31-54, 2009.

LOXTON, James. The Authoritarian roots of new party success in Latin America, In: LUNA, Juan Pablo; KALTWASSER, Cristóbal Rovira (Ed.). **The Resilience of the Latin American Right**. JHU Press, p. 117-143, 2014.

LUCAS, Kevin; SAMUELS, David. The Ideological "Coherence" of the Brazilian Party System, 1990-2009. **Journal of Politics in Latin America**, v. 2, n. 3, p. 39-69, 2010.

LUNA, Juan Pablo; FILGUEIRA, Fernando. The left turns as multiple paradigmatic crises. **Third World Quarterly**, v. 30, n. 2, p. 371-395, 2009.

LUNA, Juan Pablo; KALTWASSER, Cristóbal Rovira. Las derechas gobernantes en América Latina: hacia una caracterización preliminar. In: **LASA Forum**. p. 16-19, 2011.

_____ ; _____ (Ed.). **The Resilience of the Latin American Right**. JHU Press, 2014.

LYCARIÃO, D., DOS SANTOS, M. A. Bridging Semantic and Network Analysis in SNS: the Case of the Hashtag #vamosfalarsobreaborto (let's talk about abortion) in an Ego Network on Twitter, **Wapor**: Buenos Aires, ARG, 2015.

MAGALHÃES, E.; ALBUQUERQUE, A. Jornalistas sem jornal: a blogosfera progressista no Brasil. **Anais do XXIII Encontro Anual da Compós, Belém/PA**, 2014.

MAGGIOTTO, Michael A.; PIERESON, James E. Partisan identification and electoral choice: The hostility hypothesis. **American Journal of Political Science**, p. 745-767, 1977.

MAINWARING, Scott; MENEGUELLO, Rachel; POWER, Timothy Joseph. **Partidos conservadores no Brasil contemporâneo: quais são, o que defendem, quais são suas bases**. Paz e Terra, 2000.

MANCINI, Paolo. Media fragmentation, party system, and democracy. **The International Journal of Press/Politics**, v. 18, n. 1, p. 43-60, 2013.

MARQUES, Francisco Paulo Jamil Almeida; SAMPAIO, Rafael Cardoso. Internet e Eleições 2010 no Brasil: Rupturas e continuidades nos padrões mediáticos das campanhas políticas online. **Galáxia**, n. 22, 2011.

MASCHERONI, Giovanna. Performing citizenship online: identity, subactivism and participation. **Observatorio (OBS*)**, v. 7, n. 2, 2013.

MATTOS, Amana. On Sluts, Teachers, and Black Blocs: The Street and the Construction of Political Dissent in Brazil. **Signs**, vol. 40, no.1, p. 69-74, 2014.

MAYER, Sabrina. Negative Partisanship within the Social Identity Approach Effects of Out-Group Derogation on Vote Choice in Germany. **ECPR**, 2014.

MCCOMBS, Maxwell. A Teoria da Agenda: a mídia e a opinião pública. **Petrópolis: Vozes**, 2009.

MCCOSKER, Anthony. Trolling as provocation YouTube's agonistic publics. **Convergence: The International Journal of Research into New Media Technologies**, v. 20, n. 2, p. 201-217, 2014.

MEDEIROS, Mike; NOËL, Alain. The Forgotten Side of Partisanship Negative Party Identification in Four Anglo-American Democracies. **Comparative Political Studies**, v.47, n.7, p. 1023-1046, 2013.

MELO, Carlos Ranulfo, SANTOS, Manoel Leonardo. Y la nave va: Brasil bajo Dilma Rouseff. **Revista de ciencia política (Santiago)**, vol. 33, no. 1, p.55-81, 2013.

MELO, Carlos. O Governo Lula e o Sistema Político: inércia econômica, ativismo social e inação política-avaliando e buscando hipóteses. **Revista Liberdade e Cidadania**, p. 1-23, 2009.

MELO, Marcus André. Unexpected successes, unanticipated failures: Social policy from Cardoso to Lula. IN KINGSTONE, Peter, POWER, Timothy (orgs). **Democratic Brazil Revisited**, p. 161-84, 2008.

MENEGUELLO, Rachel. **PT: a formação de um partido, 1979-1982**. Paz e Terra, 1989.

_____. O impacto do PT no sistema partidário: alinhamentos, arranjos políticos e movimentação de elites em torno do eixo petista. Paper presented in the workshop **The PT from Lula to Dilma: Explaining change in the Brazilian Workers' Party**, Brazilian Studies Programme, Oxford University, 2012.

_____, AMARAL, Oswaldo. Ainda novidade: uma revisão das transformações do Partido dos Trabalhadores no Brasil. **BSP Occasional Papers**, vol. 2, p. 1-25, 2008.

MEYERS, Erin A. 'Blogs give regular people the chance to talk back': Rethinking 'professional' media hierarchies in new media. **New Media & Society**, v. 14, n. 6, p. 1022-1038, 2012.

MIDDLEBROOK, Kevin J. **Conservative Parties, the right, and democracy in Latin America**. JHU Press, 2000.

MISCHE, Ann. 'Come to the Streets, but Without Parties': The Challenges of the New Brazilian Protests." Mobilizing Ideas, Disponível em <<http://mobilizingideas.wordpress.com/2013/09/04/come-to-the-streets-but-without-parties-the-challenges-of-the-new-brazilian-protests>>, Acesso em 03 de Fevereiro de 2014.

MISHAL, Shaul; ROSENTHAL, Maoz. Al Qaeda as a dune organization: Toward a typology of Islamic terrorist organizations. **Studies in Conflict & Terrorism**, v. 28, n. 4, p. 275-293, 2005.

MOISÉS, José Álvaro; CARNEIRO, Gabriela Piquet. Democracia, desconfiança política e insatisfação com o regime: o caso do Brasil. **Opinião Pública**, v. 14, n. 1, p. 1-42, 2008.

MONTERO, Alfred P. A Reversal of Political Fortune: The Transitional Dynamics of Conservative Rule in the Brazilian Northeast. **Latin American Politics and Society**, v. 54, n. 1, p. 1-36, 2012.

MOUFFE, Chantal. **On the political**. Psychology Press, 2005.

MOY, Patricia et al. Transnational Connections| Shifting Contours in Political Communication Research. **International Journal of Communication**, v. 6, p. 8, 2012.

MUDDE, Cas. The Paradox of the Anti-Party Party Insights from the Extreme Right. **Party Politics**, v. 2, n. 2, p. 265-276, 1996.

_____. The war of words defining the extreme right party family. **West European Politics**, v. 19, n. 2, p. 225-248, 1996.

NEGRINE, Ralph; PAPATHANASSOPOULOS, Stylianos. The transformation of political communication. In: PAPATHANASSOPOULOS, Stylianos (Ed.). **Media perspectives for the 21st century**. Routledge, 2011.

NORRIS, Pippa. Preaching to the converted? Pluralism, participation and party websites. **Party politics**, v. 9, n. 1, p. 21-45, 2003.

O'SULLIVAN, Patrick B.; FLANAGIN, Andrew J. Reconceptualizing 'flaming' and other problematic messages. **New Media & Society**, v. 5, n. 1, p. 69-94, 2003.

OLIVER, J. Eric; WOOD, Thomas J. Conspiracy theories and the paranoid style (s) of mass opinion. **American Journal of Political Science**, v. 58, n. 4, p. 952-966, 2014.

PAIVA, Denise; BRAGA, Maria do Socorro S.; PIMENTEL JR, Jairo Tadeu Pires. Eleitorado e partidos políticos no Brasil. **Opinião pública**, v. 13, n. 2, p. 388-408, 2007.

_____; TAROUCO, Gabriela da Silva. Voto e identificação partidária: os partidos brasileiros e a preferência dos eleitores. **Opinião Pública**, v. 17, n. 2, p. 426-451, 2011.

PANEBIANCO, Angelo. **Modelos de partido: organização e poder nos partidos políticos**. Martins Fontes, 2005.

PANIZZA, Francisco. Neopopulism and its limits in Collor's Brazil. **Bulletin of Latin American Research**, v. 19, n. 2, p. 177-192, 2000.

PEIXOTO, Vitor, RENNO, Lucio. Mobilidade social ascendente e voto: as eleições presidenciais de 2010 no Brasil. **Opinião Pública**, vol. 17, no. 2, p. 304-332, 2011.

PENTEADO, Cláudio Luis; PIMENTEL, Marcelo Burgos; ARAÚJO, Rafael de Paula Aguiar. Metodologia de pesquisa de blogs de política: análise das eleições presidenciais de 2006 e do movimento "Cansei". **Revista de Sociologia e Política**, v. 17, n. 34, 2009.

PFEFFER, Jürgen; ZORBACH, T.; CARLEY, K. M. Understanding online firestorms: Negative word-of-mouth dynamics in social media networks. **Journal of Marketing Communications**, v. 20, n. 1-2, p. 117-128, 2014.

PIERUCCI, Antônio Flávio. As bases da nova direita. **Novos Estudos Cebrap**, v. 19, p. 26-45, 1987.

_____; LIMA, Marcelo C. A direita que flutua: o voto conservador na eleição de 1990 em São Paulo. **Novos Estudos Cebrap**, 1991.

PIMENTEL JR., Jairo. Impeachment, oposição e autoritarismo – o perfil e demanda dos manifestantes em São Paulo. **Em Debate**, v.7, n.2 p.15-22, 2015.

SCHEDLER, Andreas. Anti-political-establishment parties. **Party politics**, v. 2, n. 3, p. 291-312, 1996.

POGUNTKE, Thomas. Anti-party sentiment-Conceptual thoughts and empirical evidence: Explorations into a minefield. **European Journal of Political Research**, v. 29, n. 3, p. 319-344, 1996.

POWER, Timothy. Centering democracy? Ideological cleavages and convergence in the Brazilian political class. In: **Democratic Brazil Revisited**. Pittsburgh: University of Pittsburgh, 2008.

_____. J. Brazilian democracy as a late bloomer: reevaluating the Regime in the Cardoso-Lula Era. **Latin American Research Review**, vol 45, no.4, p. 218-247, 2010a.

_____. Optimism, pessimism, and coalitional presidentialism: Debating the institutional design of Brazilian democracy. **Bulletin of Latin American Research**, v. 29, n. 1, p. 18-33, 2010b.

_____. **Political Right in Postauthoritarian Brazil: Elites, Institutions, and Democratization.** Penn State Press, 2010c.

_____. Para seguir cambiando al Brasil: La Transición de Lula a Dilma. **De Política**, vol. 1, no.1, p. 102-127, 2013.

_____. JAMISON, Giselle D. Political mistrust in Latin America. **Comparative Sociology**, vol. 4, no. 1, p. 55-80, 2005.

_____. TAYLOR, Matthew MacLeod, (orgs.). **Corruption and democracy in Brazil: the struggle for accountability.** University of Notre Dame Press, 2013.

PRIOR, Markus. **Post-broadcast democracy: How media choice increases inequality in political involvement and polarizes elections.** Cambridge University Press, 2007.

_____. Media and political polarization. **Annual Review of Political Science**, v. 16, p. 101-127, 2013.

RAILE, Eric D.; PEREIRA, Carlos; POWER, Timothy J. The executive toolbox: Building legislative support in a multiparty presidential regime. **Political Research Quarterly**, 2010.

RAYNAULD, Vincent. **The perfect political storm? The Tea Party movement, the redefinition of the digital political mediascape, and the birth of online politicking 3.0.** 2013. Tese de Doutorado. Carleton University Ottawa.

RECUERO, Raquel. Contribuições da Análise de Redes Sociais para o estudo das redes sociais na Internet: o caso da hashtag# Tamojuntodilma e# CalaabocaDilma. **Fronteiras-estudos midiáticos**, v. 16, n. 2, p. 60-77, 2014.

_____. BASTOS, Marco; ZAGO, Gabriela; Análise de Redes para Mídia Social, Ed. Sulina, 2015.

REIS, Guilherme Simões, The Workers' Party of Brazil: The pragmatic trap. In: BUTLER, Anthony, PARK, Auckland. **Remaking the ANC: Party change in South Africa and the global South**, Jacana Publishers, p. 69-83, 2014.

RENNO, Lucio, CABELLO, Andrea. As bases do lulismo: a volta do personalismo, realinhamento ideológico ou não alinhamento? **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, vol. 25, no.74, p. 39-60, 2010.

RIBEIRO, Ednaldo; CARREIRÃO, Yan; BORBA, Julian. Sentimentos partidários e atitudes políticas entre os brasileiros. **Opinião Pública**, v. 17, n. 2, p. 333-368, 2011.

RIBEIRO, Pedro José Floriano. O PT sob uma perspectiva sartoriana: de partido anti-sistema a legitimador do sistema. **Política & Sociedade**, vol 2, no.3, p. 45-70, 2003.

RIEDER, Bernhard. Studying Facebook via data extraction: the Netvizz application. In: **Proceedings of the 5th Annual ACM Web Science Conference.** ACM, p. 346-355, 2013.

ROGERS, Richard. **Information politics on the Web.** MIT Press, 2004.

_____. **Digital methods**. MIT press, 2013.

ROSE, Richard; MISHLER, William. Negative and positive party identification in post-communist countries. **Electoral Studies**, v. 17, n. 2, p. 217-234, 1998.

SAMUELS, David. As bases do petismo. **Opinião Pública**, v. 10, n. 2, p. 221-241, 2004.

_____. From Socialism to Social Democracy Party Organization and the Transformation of the Workers' Party in Brazil. **Comparative Political Studies**, v. 37, n. 9, p. 999-1024, 2004.

_____. Sources of mass partisanship in Brazil. **Latin American Politics and Society**, v. 48, n. 2, p. 1-27, 2006.

_____. A evolução do petismo (2002-2008). **Opinião Pública**, v. 14, n. 2, p. 302-318, 2008.

_____; ZUCCO, Cesar. Crafting Mass Partisanship at the Grass Roots. **British Journal of Political Science**, p. 1-21, 2014a.

_____; _____. The Power of Partisanship in Brazil: Evidence from Survey Experiments, **American Journal of Political Science**, vol. 58, no.1, p. 212-225, 2014b.

SANDVOSS, Cornel. Enthusiasm, trust and its erosion in mediated politics: On fans of Obama and the Liberal Democrats. **European Journal of Communication**, v. 27, n. 1, p. 68-81, 2012.

SANTOS, Fabiano; VILAROUCA, Marcio Grijó. Political Institutions and Governability from FHC to Lula. In: POWER, Timothy; KINGSTONE, Peter. (orgs.). **Democratic Brazil Revisited**. Pittsburgh: University of Pittsburgh Press, p. 57-80, 2008.

SARTORI, Giovanni. Politics, ideology, and belief systems. **American Political Science Review**, v. 63, n. 02, p. 398-411, 1969.

SCHAMIS, Hector E. Populism, socialism, and democratic institutions. **Journal of Democracy**, v. 17, n. 4, p. 20-34, 2006.

SCHMITT, Carl. **Theory of the Partisan: Intermediate Commentary on the Concept of the Political**. Telos Press Publishing, 2007.

SELIGSON, Mitchell A. The rise of populism and the left in Latin America. **Journal of Democracy**, v. 18, n. 3, p. 81-95, 2007.

SHAH, Dhavan V.; CAPPELLA, Joseph N.; NEUMAN, W. Russell. Big Data, Digital Media, and Computational Social Science Possibilities and Perils. **The ANNALS of the American Academy of Political and Social Science**, v. 659, n. 1, p. 6-13, 2015.

SHIFTER, Michael. A Surge to the Center. **Journal of Democracy**, v. 22, n. 1, p. 107-121, 2011.

SILVA, Pedro Luiz Barros, BRAGA, Jose Carlos de Souza, COSTA Vera Lucia Cabral. Lula's administration at a crossroads. IN Weyland, Kurt, MADRID, Raul, HUNTER, Wendy, **Leftist Governments in Latin America: Successes and Shortcomings**, 2010.

SINGER, André. O PT-Folha Explica. **São Paulo: Publifolha**, 2001.

_____. Raízes sociais e ideológicas do lulismo. **Novos estudos-CEBRAP**, vol. 85, p. 83-102, 2009.

_____. A segunda alma do Partido dos Trabalhadores. **Novos Estudos-CEBRAP**, n. 88, p. 89-111, 2010.

_____. **Os sentidos do lulismo**. Editora Companhia das Letras, 2012.

SOARES, Gláucio Ary Dillon, TERRON, Sonia Luiza. Dois Lulas: a geografia eleitoral da reeleição (explorando conceitos, métodos e técnicas de análise geoespacial). **Opinião Pública**, vol. 14, no. 2, p. 269-301, 2008.

SOON, Carol; KLUVER, Randy. Uniting political bloggers in diversity: Collective identity and web activism. **Journal of Computer-Mediated Communication**, v. 19, n. 3, p. 500-515, 2014.

SOUZA, Maria do C. Campello de. **Estado e Partidos Políticos no Brasil/1930-1964**. Alfa-Omega, 1976.

STROUD, Natalie Jomini. Polarization and partisan selective exposure. **Journal of Communication**, v. 60, n. 3, p. 556-576, 2010.

SUNSTEIN, Cass R. **Going to extremes: How like minds unite and divide**. Oxford University Press, 2009.

TELLES, Helcimara; Corrupção, Legitimidade Democrática e Protestos: O Boom da Direita na Política Nacional? **Interesse Nacional**, n.30, p. 28-46, 2015.

THOMPSON. John. B. **Ideologia e cultura moderna** Teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa. Editora Vozes. 7ª Ed. Petrópolis, RJ. 2007.

VALDEZ, André Calero et al. Using mixed node publication network graphs for analyzing success in interdisciplinary teams. **Active Media Technology**, v. 7.669, p. 606-617, 2012.

VALLONE, Robert P.; ROSS, Lee; LEPPER, Mark R. The hostile media phenomenon: biased perception and perceptions of media bias in coverage of the Beirut massacre. **Journal of personality and social psychology**, v. 49, n. 3, p. 577, 1985.

VAN DIJCK, José. Users like you? Theorizing agency in user-generated content. **Media, culture, and society**, v. 31, n. 1, p. 41, 2009.

_____; POELL, Thomas. Understanding social media logic. **Media and Communication**, v. 1, n. 1, p. 2-14, 2013.

VAN DYCK, Brandon Philip. **The Paradox of Adversity: New Left Party Survival and Collapse in Latin America**. Tese de Doutorado, 2014.

_____. Why Party Organization Still Matters: The Workers' Party in Northeastern Brazil. **Latin American Politics and Society**, v. 56, n. 2, p. 1-26, 2014.

VAN ZONEN, Liesbet. Imagining the fan democracy. **European journal of communication**, v. 19, n. 1, p. 39-52, 2004.

VEIGA, Luciana Fernandes. O partidatismo no Brasil (2002/2010). **Opinião Pública**, v. 17, n. 2, p. 400-425, 2011.

VENTURI, Gustavo. PT 30 anos: mudanças na base social. **Teoria e Debate**, nº 88, 2010.

VERGEER, Maurice; HERMANS, Liesbeth; SAMS, Steven. Online social networks and micro-blogging in political campaigning The exploration of a new campaign tool and a new campaign style. **Party Politics**, v. 19, n. 3, p. 477-501, 2013.

VILLAZÓN, JULIO CÓRDOVA. Viejas y nuevas derechas religiosas en América Latina: los evangélicos como factor político. **Nueva sociedad**, n. 254, p. 112-123, 2014.

VON BULOW, Marisa, LASSANCE, Antonio. Brasil después de Lula:¿ Más de lo mismo?. **Revista de ciencia política** (Santiago), vol. 32, no. 1, p.: 49-64, 2012.

VROOMAN, Steven S. The art of invective Performing identity in cyberspace. **New Media & Society**, v. 4, n. 1, p. 51-70, 2002.

WAISBORD, Silvio. Between the rock of the state and the hard place of the market. IN PARK, MJ., CURRAN, J., **De-Westernizing media studies**, p. 43, 2000.

WALKER, Edward T. Privatizing participation: Civic change and the organizational dynamics of grassroots lobbying firms. **American Sociological Review**, v. 74, n. 1, p. 83-105, 2009.

WALLSTEN, Kevin. Political blogs and the bloggers who blog them: Is the political blogosphere and echo chamber. In: **American Political Science Association's Annual Meeting. Washington, DC September**. p. 1-4, 2005.

WEBER, Anne. **Manual on hate speech**. Council of Europe, 2009.

WEYLAND, Kurt. The performance of leftist governments in Latin America. IN Weyland, Kurt, MADRID, Raul, HUNTER, Wendy, **Leftist Governments in Latin America: Successes and shortcomings**, p. 1-27, 2010.

WIESEHOMMEIER, Nina; DOYLE, David. Profiling the Electorate: Ideology and Attitudes of Right-wing Voters. **The Resilience of the Latin American Right**, 2014.

WILLIAMSON, Vanessa; SKOCPOL, Theda; COGGIN, John. The Tea Party and the remaking of Republican conservatism. **Perspectives on Politics**, v. 9, n. 01, p. 25-43, 2011.

WINTERS, Matthew S., WELTZ-SHAPIRO, Rebecca. Partisan Protesters and Nonpartisan Protests in Brazil, **Journal of Politics in Latin America**, vol. 6, no.1, p. 137-150, 2014.

ZUCCO, Cesar. The president's 'new' constituency: Lula and the pragmatic vote in Brazil's 2006 presidential elections. **Journal of Latin American Studies**, vol. 40, no. 01, p. 29-49, 2008.

_____. When payouts pay off: Conditional cash transfers and voting behavior in Brazil 2002–10. *American Journal of Political Science*, vol. 57, no.4, p. 810-822, 2013.

ANEXO 1 LISTA DE PÁGINAS DA REDE ANTIPETISTA

Tabela com ordem definida pelo índice estrutural Grau de Entrada

Página	Curtidas
Olavo de Carvalho	112.065
Aécio Neves	4.524.538
Bolsonaro Zuero 3.0	221.390
Jair Messias Bolsonaro	912.123
Canal da Direita	145.170
Direita Política	41.760
Eu era esquerdista mas a zuera me curou 1.0	63.511
FORA PT	333.579
Exército Brasileiro	1.934.353
Este é um idiota útil	42.383
Direita Realista	22.437
VEJA	5.660.665
Movimento Contra Corrupção	1.393.806
Jovens de Direita	26.099
Super Reaça	13.691
Reinaldo Azevedo	148.695
Resistência anti-socialismo (nazismo comunismo e doutrinas vermelhas)	34.150
RADIO VOX	24.642
Danilo Gentili	10.434.571
OCC - Organização de Combate à Corrupção	192.000
Liberalismo da Zoeira	71.978
Marx da Depressão	40.933
Garotas Direitas	24.663
A Direita Vive	8.638
Comando de Caça aos Corruptos	63.338
Libertroll	25.290
Revoltados ON LINE	303.549
Paulo Eduardo Martins	83.839
Mídia Inversa	15.407
Orgulho de ser Reaça	16.400
No Comuna	15.171
TV Revolta	3.662.407
Capitalismo Opressor	31.214

Direita já	9.281
Folha de S.Paulo	4.763.434
Mídia Sem Máscara	40.289
Ronaldo Caiado	190.204
Rachel Sheherazade	1.210.273
Eu sou o Capitalismo	14.768
O Reacionário	11.024
PSDB	1.246.386
Direita Politicamente Incorreta	14.799
É Mentira do PT	141.488
Dilma Rousseff NÃO	92.931
Brasil conservador	7.154
Contra Comunismo	8.893
Alvaro Dias	406.409
Campanha do Armamento	219.954
Flavio Bolsonaro	42.298
Resistência Nacionalista	32.474
Instituto Mises Brasil	97.584
O mínimo que você precisa saber para não ser um idiota	27.356
Direita Zuera	13.983
Conservadorismo Brasil	7.964
Padre Paulo Ricardo	749.186
AnonymousBrasil	1.448.171
Libertarianismo	35.261
Movimento Viva Brasil	68.802
Porco Capitalista	13.376
Stalin da depressão	14.413
Logos Apologética	20.469
Marxismo Cultural	12.530
Brasil com Bolsonaro	21.893
Ronald Reagan Realista	8.811
Bolsonaro Zuero 4.0	28.358
Comunista de Rolex	17.927
Segura o Che	6.749
Movimento Brasil Livre	30.365
Paulo Batista	37.813
Reçonaria	14.220
Humor Reacionário	7.241
Libertários	55.030
Flatuff	9.771
A Crítica	3.382
Admiradores da Rachel Sheherazade	757.142
Carlos Bolsonaro	26.276
Vanguarda Popular	9.535

Geraldo Alckmin	714.096
Partido Novo	708.027
Ursinhos Bolivarianos	9.131
Brasil Patriota	4.582
Conservadorismo & Direita Política	3.631
MEC DA DEPRESSÃO	13.660
Comunista deprê	8.686
Pensamento Limpo	9.015
Esquadrão Conservador	4.037
Movimento Brasil Consciente	145.647
Política na Rede	311.762
Alexandre Borges	15.201
O Pesadelo de Qualquer Político	151.513
Anti-Neo Ateísmo.	46.479
Meu professor de História mentiu pra mim	21.994
Eduardo Bolsonaro	40.679
Romeu Tuma	17.702
Flavio Morgenstern	14.039
Estudantes Pela Liberdade	41.770
FocoLiberal	16.313
Comuninhas Camaradas	5.471
Folha Política	841.985
Revista Época	1.251.163
Luciano Ayan	13.788
Casa de Repouso Petista Camarada (CRPC)	30.064
Genius à Esquerda	10.167
Parada Hetero Brasil	17.529
Família Bolsonaro	13.038
Leis Burras - Muito Ajuda Quem Não Atrapalha	25.738
Escola Sem Partido	7.434
Indireitas do Karl	11.909
Olavo da Depressão	11.739
Direita Cristã do Brasil	5.008
União da Direita Brasileira	7.295
G1 - O Portal de Notícias da Globo	4.417.764
Marina Silva	2.462.123
Implicante	319.894
Rua Direita	15.174
Fascista opressor	6.214
Lobão Entrevista	27.302
Anti-Comunismo	11.928
Esquerda Escocesa Caviar	6.192
Reaças Zueiros	4.678
Partido Conservador	3.864

Comunismo Tá Fora	21.892
Raquel Sheherazade - Opinião	184.741
Dilma Ralada	29.883
Metendo a Real	35.874
Manifestação Contra o Foro De São Paulo	7.488
Movimento Contra Corrupção - São Paulo	257.325
Felipe Moura Brasil	16.536
Juventude Contra Corrupção	73.400
Passando um Trotsky	113.971
Marcus Vinicius Motta	11.231
FORA Dilma e leve o PT junto	18.963
Vista Direita	23.847
Reacionários	13.144
Ficha Social	11.646
Olavo de Carvalho - Livros	5.772
Eu era esquerdista mas a zuera me curou 3.0	3.809
Desmascarando Professores Embusteiros	3.426
Lógica Socialista	3.219
Raio Privatizador	22.086
Best Quotes Ever	192.046
Eu não voto em Dilma #Eleicao2014 Brasil sem PT	31.482
Este é alguém do PT	45.069
Eu queria ser de direita mas sou pobre. 1.0	10.691
Conversa com petistas	24.987
Liberzone	16.275
Resistência Anti-Feminismo Marxista	8.383
Acadêmicos de Milton Friedman	4.499
Damas da verdade	4.903
Movimento Queromedefender	268.260
Politicamente Irado	27.205
Augusto Nunes	57.224
Yusnaby Parez	36.808
O Retrógrado	7.824
LOBÃO	44.357
Não aprova Dilma Lula e PT?.Curte aqui.	36.243
Quem Não Gosta Da Polícia É Bandido	33.309
Antonio Anastasia	21.469
Rodrigo Gurgel	9.777
Vide Editorial	6.987
Direita: O Retorno	3.450
Fiat Libertatis	3.864
Amazing Cars	4.189
Exército dos Coxinhas	2.187
Tratamento de Choque	2.709

Faca na Caveira	225.951
Canal do Otário	1.121.135
Povo Valente	10.527
Gazeta Social	127.246
LulaMensaleiro	9.486
Fora PT	27.918
Hipocrisia Feminista	27.510
Antiateísmo - Antiatheism	11.247
Geração Conservadora	3.708
Batalhão de Operações Virtuais	4.765
O Brasil pede Jair Bolsonaro	4.235
Esquerda Burra	3.460
Tradicionalíssima	3.175
Os EUA e a Nova Ordem Mundial - Olavo de Carvalho e Alexandre Dugin	2.621
Reacionários	1.829
Nordeste SEM petralhas	863
Ana Amélia Lemos	134.820
Soldado Brasileiro	111.395
Ter Opinião Não É Crime	26.284
SOS Venezuela	213.076
União da Direita Brasileira contra o Bolívarianismo	14.897
Brasil sem PT	88.367
Vem Pra Direita Brasil	10.294
Dizer a Verdade NÃO à Homofobia	9.515
São Paulo contra PT	9.486
Calendário de Escândalos e Inconsequências do Governo Dilma	7.494
Tomando Partido	4.831
31 de março	6.570
PeTralhas	1.439
Maquiavel ou a Confusão Demoníaca - Olavo de Carvalho	2.648
Apoteose da Vigarice - Olavo de Carvalho	1.962
Departamento de Polícia Federal - MJ	1.073.732
Beto Richa	232.397
Luiz Carlos Prates	161.615
Conexão Denise Abreu	10.553
Direita Nacional Brasileira - DNB	4.516
PARE a Islamização	6.552
Dilmá	11.015
CONSERVADORES	1.353
Direitas JÁ	5.505
Veritas	4.917
Mídia Latina	2.023
A Filosofia e Seu Inverso - Olavo de Carvalho	2.031
Visões de Descartes - Olavo de Carvalho	1.630

UOL Notícias	1.955.612
Admiradores Rota	491.409
Humor 13	369.162
CGU - Controladoria-Geral da União (oficial)	175.097
Sou fã do Willian Bonner desde que ele humilhou Dilma	224.599
Admiradores de Jair Bolsonaro	7.667
Brasil contra o PT	10.899
Eu NAO quero Dilma Rousseff Presidente do Brasil	46.354
Impeachment Dilma Rousseff	25.537
Ordem dos Médicos do Brasil	24.628
Brasil contra a impunidade	19.638
Boicote Nacional ao PT	17.321
Homens de Verdade	16.615
Sou tão de Direita Que amputei o meu braço esquerdista.	12.637
Direita Nacionalista	2.699
GECCOR - Grupo de Estudos para o Combate à Corrupção	4.743
Comédia da Vida Pública	4.713
Nacionalismo Brasileiro	3.436
Assassinato de Reputações	2.711
Pelo FIM do Banco dos Ricos	3.060
Nacionalistas	1.743
Direita Política Brasileira	2.850
UFSC Conservadora	2.138
Direto de Direita	1.581
Aristóteles em Nova Perspectiva - Olavo de Carvalho	2.204
Tradutores de Direita	431
Super Reaçã 2.0	1.485
Vem Pra Rua Brasil	15.978
Carlos Sampaio	58.868
Sargento Fahur	275.318
Onyx Lorenzoni	32.264
Instituto Liberal de São Paulo	13.539
Impeachment do Renan Calheiros	75.263
Radar On-line - Lauro Jardim	135.558
Brazilian Air Force	122.031
Abajo el CastroComunismo	39.053
Brigada paraquedista	8.988
Zé Oswaldo	6.160
Ricardo Setti	25.407
Movimento Brasil Contra Corrupção	31.692
Essa é a liberdade neoliberal tucana?	3.706
Bolsonaro Frases	8.122
Direita Pernambuco	2.461
Direita Unida	3.944

EU Voto contra Dilma	23.749
A Verdade Sufocada	9.913
Verdade Oculta Política	15.588
Não vai ter Dilma	12.777
Musas Olavettes	8.254
Brasil Sempre Não a ideologias Exóticas	3.419
Maldade Destilada	5.761
A culpa é do capitalismo	4.056
Raio Estatizador	4.007
Esquerda Caviar	3.476
Endireitando	2.490
Nova Direita Brasileira	1.292
Por culpa dos esquerdistas da Fatos Desconhecidos eu não como mais sa	1.206
Das Liberal	852
Israel Defense Forces	1.505.383
Diário Tucano PSDB	35.433
Marcel van Hattem	18.097
ORGULHO 32	8.046
Academia da Força Aérea Brasileira	83.098
Folha do Povo	84.581
Dilma Bolada	143.054
Os cara de pau	12.495
Faca na Caveira	25.452
Made In Socialismo.	40.071
Roberval Conte Lopes	67.370
Impeachment da Presidente Dilma	25.039
Este é um Esquerdista	6.128
Editora Ecclesiae	32.038
Fora PT	19.251
Blog do Reinaldo Azevedo	13.481
Marcelo Madureira	25.575
Fabio Ostermann	10.443
Partido Liberal Libertario	29.457
Repensando a Idade Média	7.363
Meu Professor de História Mentiu Pra Mim / Homenagem	6.730
Milicia da Paz	12.163
Fã Clube Paulo Martins - Jornal da Massa	4.938
Arnold Realista	9.120
Somos mas del 46 % - Venezuela	14.944
O Reacionário	5.308
JPSDB MG	10.520
Humor Tucano	10.801
A Civilização Ocidental	5.975
Brasil NÃO quer o PT	8.298

Politicamente Incorreto	2.689
Portal Social do Brasil	5.052
Liberdade Econômica	6.311
Criei essa página pra ver se o Bolsonaro me paga pela Zueira	5.672
Este é um idiota útil 2.0	4.282
Partido Da Direita Nacional	2.191
Central da Opressao	2.541
Reaçã de Carteirinha	2.740
CCC - Comando Sudeste	1.196
Conservadores de Direita	1.453
Contragolpe Conservador 2015	1.254
Cartilha Anti-Tirania	252
Movimento Brasil de Verdade	62.019
Aécio Zuero	33.182
Advogados Ativistas	110.937
Anc Brasil - Constituinte.	5.976
Noticias das forças armadas brasileiras	56.886
Brasil Melhor	7.284
deputado federal Rodrigo de Castro	48.108
Canal TV Revolta	40.508
Senador Mário Couto	52.469
Amigos da Guarda Civil	34.783
Sonho de um Militar	16.329
Turma do Chapéu	15.081
Contas Abertas - Oficial	26.181
Brasil Militar	16.932
Rachel Sheherazade	9.702
José Aníbal	7.627
Fora Padilha entregue seu CRM.	13.442
Spotniks	21.925
FORA DILMA	23.465
Mulheres da Força Aérea	8.775
Esquerda Autozoativa	9.593
Spidey Antifeminista	3.335
Esquerda Caviar	6.835
Movimento Contra Corrupção - Minas Gerais	7.748
Força Armada Brasileira	15.412
Paraquedista	11.075
Direita Asnica	2.939
Nova Ordem Mundial	6.211
Menos Marx mais Mises	4.887
Ministério Público do Distrito Federal e Territórios - MPDFT	5.095
Movimento pelo asilo político da cubana Ramona Matos Rodriguez	9.678
Assuntos Militares	5.259

Portal Curió	4.811
Jogador Bolsonaro	3.099
Tonho da Lua Revoltado	4.562
Instituto Conservador Brasileiro	2.778
Pela Legítima Defesa	3.788
Alcatéia Associação Brasileira de Neo-atecas facínoras e intolerantes	3.692
Gerador de comunices	2.625
Falácias dos Movimentos Sociais	2.160
Minas contra o PT	714
Resistência Nacionalista do Brasil	1.849
Sentinela Realista	1.202
Blog do Roberto Lacerda Barricelli	1.214
The Noite Com Danilo Gentili	1.581.633
Diário Policial	49.713
O Brasil acordou	226.790
ConJur	203.099
Brasil sem Máscara	18.307
Militantes de Direita	5.463
Humor Político	138.967
#cosa Nostra	36.984
FORA DILMA	25.828
É Segredo	66.436
Margaret Thatcher - Reacionária até os dentes	4.768
Nilson Leitão	12.558
Quero Aécio	25.765
Indignados Venezuela	61.492
Dilmá	48.300
A esquerda me enganava até eu conhecer essa página	5.832
Casca Grossa Casca Grossa	3.950
Mundo das armas	17.449
Oposição Reunida	4.773
Blog do Coronel	22.878
Fora Dilma.com	21.947
Poder Militar Do Brasileiro - PMB	14.870
MJ - Mudança Já	9.718
Militares No Poder Já	14.463
Sou a Favor Da Araupel.	13.724
Maromba Reacionário	3.402
Brasil Sem Aborto	12.436
Asas que protegem o país	5.263
Blog da Nariz Gelado	12.405
Impeachment para Presidanta Dilma	8.470
Os Aloprados	11.167
Movimento Contra Corrupção - Distrito Federal	4.535

Movimento Contra Corrupção - Rio Grande do Sul	5.712
Castelo Histórico	2.529
familiaevida.org	5.719
Direita Politicamente Incorreta 2.0	3.801
Rumo à EEAR	1.962
2014-Hora da Virada	2.510
Movimento Contra Corrupção - Mato Grosso	4.343
TERNUMA	4.049
Blog do Doutrinador	4.341
Historiadores de direita	1.833
Vlogoteca	3.826
BLACK MIKES	3.517
Porto Alegre Acordou ?	1.531
Esquerda Patológica	2.802
Catolicismo Anti-comunista	2.060
O Comunista Não	1.118
O Mundo Como Jamais Funcionou - Olavo de Carvalho	2.128
Esquadrão Conservador II	1.248
Partido Patriota Brasileiro	1.497
Rumo à Espcex	1.142
O Conto - Teoria e Prática por Rodrigo Gurgel	1.184
Pérolas de Esquerdistas	978
Diz que é de esquerda mas bebe coca cola	842
Sou Hétero	367
Dilma Rousseff NÃO - Espãrito Santo	614
Legião Brasileira dos Patriotas	302
Plantão Policial	1.171.256
Os mitos nunca morrem apenas descansam para mitarem novamente	222.833
Joaquim Barbosa	225.721
Radar Transmissor	548
Joice Hasselmann	66.614
Dennis Prager	71.619
Homi de Férru 2.0	68.176
Todos contra Jean Wyllys	10.777
Anuário da Corrupção Brasileira	2.089
CIGS - Centro de Instrução de Guerra Na Selva	31.967
Aticamicina5mg - Tá vendotudo	24.502
Moça você é vitimista 2	4.515
Os jornalistas mais burros do Brasil	5.541
[Humor polêmico] Sportanos Da Zoeira	35.994
Eleições 2014: Oposição	33.864
Faz uma musiquinha Chico	8.520
Ministério Público do Estado do Rio de Janeiro - MPRJ	14.288
OSP - Organização dos Sem Partido	19.844

Mulher Militar	16.580
Estilo Militar	13.178
Palmirinha Zika	14.576
Mulher de um Militar	14.953
Mises para Crianças	4.957
Colégio Naval	9.995
Brasileiros em Portugal	15.070
Movimento Democracia Participativa	9.343
Grupo de Operações Táticas Especiais GCM	11.676
Raça Patriótica Brasileira	2.675
Homens da Força Aérea	4.920
Zuera Sem Limites	8.865
MCC - Movimento Contra Corrupção	7.110
Exército Brasileiro	8.995
Bumboubii	8.781
Mafia do Pastel	7.607
Francisco Razzo	4.426
Enéas Carneiro Imortal	4.532
Forças Armadas Brasil	2.546
Movimento Contra Corrupção - Espírito Santo	5.230
PSTAL - Partido Stalinismo e Liberdade	4.270
A VIRADA CONTRA CORRUPÇÃO	5.734
Bebê Capitali\$ta	5.997
Canal Brasil sem PT	1.845
O que você tem a ver com a corrupção?	5.105
Movimento Contra Corrupção - Mato Grosso do Sul	4.289
Dilma Vaiada	2.543
Militarismo	3.202
Optms Prmie	4.817
Futuros Militares .	2.605
Hipocrisia Comunista	2.065
Liberalismo da Zoeira 2.0	3.738
Esquerdopata Insano	1.754
Ceticismo Político	2.596
Zoeiros da direita	802
Esquerdopatia	1.145
Erros do PT. Dez anos de malfeitos	544
Militância de Direita	255
Frases da Força Aérea Brasileira	219
Dilma Rousseff NÃO- Bahia	235
Marcos Do Val	351.861
Diario de Pernambuco	638.205
Rush Limbaugh	1.766.743
Politicamente Incorreto	1.453.031

Izalci	17.251
Diário do Nordeste	385.928
Maria Corina Machado	318.938
Cid4de Al3rta d4 zOeira 2	147.954
O Brasil Real	11.161
Época Negócios	282.378
BandPage	346.726
Pastor Everaldo	313.382
VOCÊ S/A	223.082
Chaves Católico	34.553
ADPF - Associação Nacional dos Delegados de Polícia Federal	114.058
Esposas de Militares	29.871
Avança Brazil	53.064
Época São Paulo	92.704
Foice de São Paulo	3.148
Deputado Federal Anderson Ferreira	66.328
Senador Pedro Simon	9.374
Paulinho da Força	19.821
Mais Médicos Fail	20.959
FORA Dilma leve o PT junto com você	16.347
Menes do Jurandir	16.730
Fernanda Richa	18.601
Campo Novo Falando a Verdade	5.143
Entendeu? Ou quer que desenhe?	9.697
Resistencia Anti-Comunista Brasileira	9.805
No Castelo Com Sua MãE 3.0	19.155
A verdade sobre os movimentos no Rio	27.319
SOS SUS	21.200
Sua mãe aquela dlça	21.962
AOFA - Associação de Oficiais das Forças Armadas	5.551
Não Mereço Ser Roubado	5.230
Estadão da Notícia	14.021
Corrupção da Depressão	19.662
Deputado Federal Genecias Noronha	11.218
Banidos pela Dilma	14.716
Coisas Idiotas	17.015
Chega de Corruptos	6.285
Istatus	7.094
UFC de Direita	3.136
Cala Boca Dilma	6.507
Educação Familiar	13.314
Movimento Brasileiro de Resistência	5.461
Garoto Caótico do Terceiro Mundo	12.710
Conde de Kakflour	3.301

Aviões da Segunda Guerra Mundial	10.361
Movimento Contra Corrupção - Paraná	6.283
Ovelhas Negras	7.518
Histórias Militares	4.216
Vida Militar	6.029
Brazilian Social Democracy Party	10.605
Deputado Federal Aureo	8.453
Sou fã do cinegrafista desde que ele bateu com a câmera no black block	9.781
Movimento Contra Corrupção - Santa Catarina	4.162
Comunismo Jamais	3.150
Clube Militar	4.283
SOS Militares	674
Paulo Fernando	4.402
Movimento Contra Corrupção - Pernambuco	5.868
Movimento Contra Corrupção - Ceará	6.062
Movimento Contra Corrupção- Rondônia	3.075
Acorda povo.	4.489
Movimento Contra Corrupção - Bahia	4.732
Militar	5.615
Movimento Contra Corrupção - Amapá	3.770
Nessahan Alita	3.505
O Conservador	2.553
Amigos da Direita	2.065
Movimento Contra Corrupção - Amazonas	2.808
Machismo é Amor	4.371
Liberdade Em Foco	1.764
Movimento Contra Corrupção - Alagoas	3.800
Olavismo Cultural	3.426
Guardas Municipais Juntos Somos Fortes	1.986
Movimento Contra Corrupção - Goiás	3.201
Orgulho Brasileiro Imigrante	4.187
PtrevolutionTV	3.404
Crítica Política	3.520
Vox Brasileira	1.197
Oposição Brasil	2.300
Observatorio Latino	1.759
Brigada de inserção de anti-capitalistas no mercado de trabalho	2.521
Haters of Datena	2.418
Eu apoio o Frei Evaldo	2.078
A Política da Prudência	1.437
PARA-SAR	801
Major Rondon	659
Reacionario Detona Tudo	811
Jefferson Lemes	733

Shop Militar	1.379
Militares do Rio	1.322
Deputados de direita para votar em 2014	1.080
Casa das Aranhas	1.018
Guardas Municipais	923
Chega de Pão e Circo	713
Endireita Mato Grosso do Sul	132
MAV da Zuera 1.0	902
Enfermagem Federal juntos pelas 30 horas	831
Família Militar	489
Cristianismo Sim - Comunismo NÃO	685
Somos Ixquerda	678
Cristãos Politizados	302
Disse von Mises	565
Liga Reacionária	538
Revista Forças Armadas	418
Quero meu País de volta	399
Forças Armadas	341
Dilma Rouseff NÃO. Juventude Unida	351
Carlos Alberto reaçã	153
MADE IN BRAZIL	143
Nacional-Centrismo	126
Carreira Militar	95

ANEXO II A REDE ANTIPETISTA

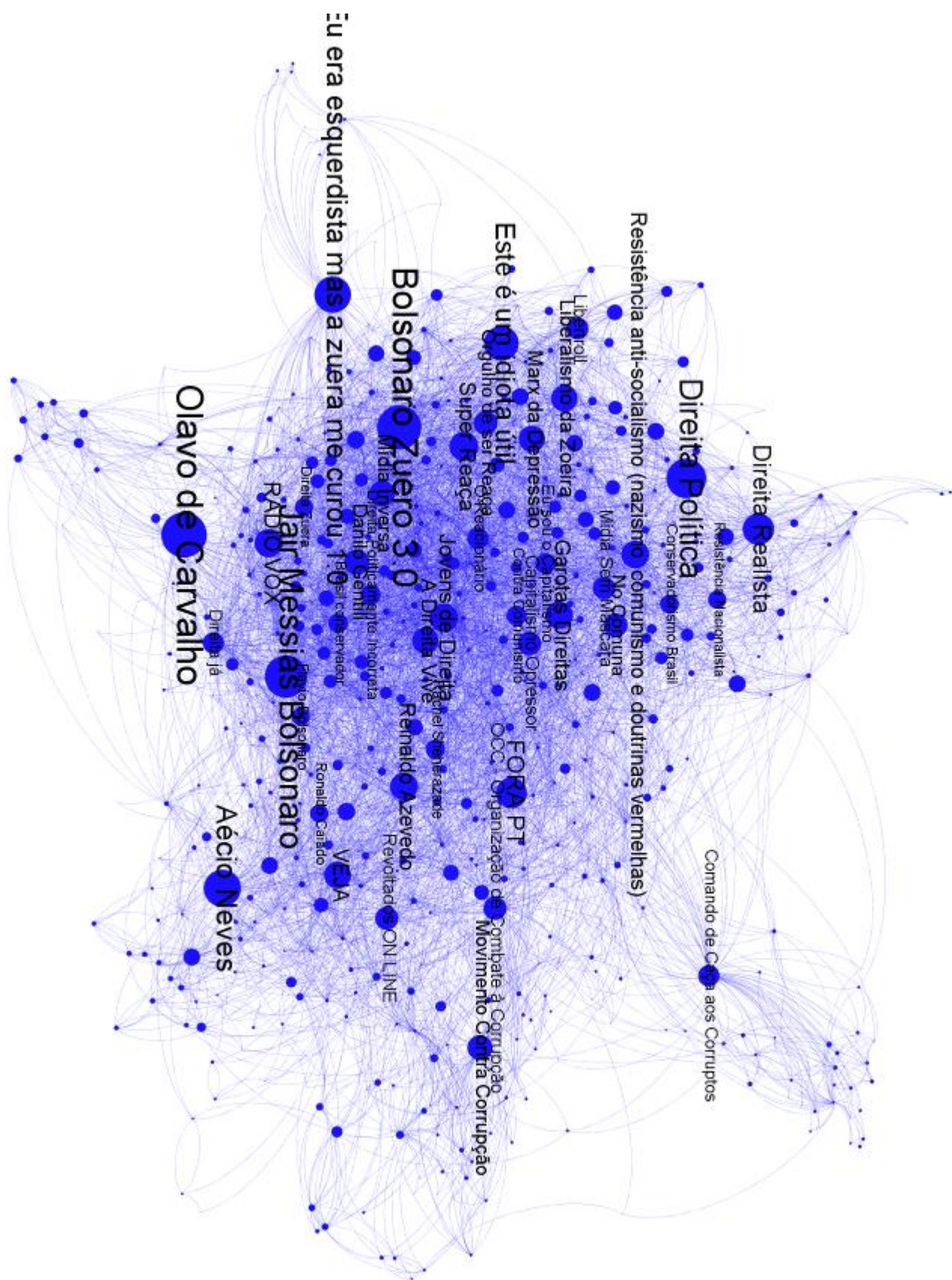


Figura 38 Rede Antipetista